

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

AFRANIO PEIXOTO Prof. da Faculdade de Medicina do Rio	A antiga e a nova medicina: a hygiene	353
CARLOS CHAGAS Director do Inst. "Oswaldo Cruz"	A doença do "barbeiro" (com illustrações)	362
MARIO DE ALENCAR da Academia Brasileira	Poesias	387
VICENTE DE CARVALHO da Academia Brasileira	Luizinha (comedia).	392
MARTIM FRANCISCO	Viajando	406
RODOLPHO THEOPHILO	O bebedouro	426
ALBERTO FARIA	Poema de Cava	432
ANTONIO SALLES	Alguns autographos	439
MIGUEL OSORIO DE ALMEIDA	Uma iniciativa de D. Pedro II	452
ROQUETTE PINTO	Notas de Sciencia	463
COLLABORADORES	{ Bibliographi	466
	{ Revista das Revistas	473
	{ Resenha do mez	479

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 32 - ANNO III

VOL. VIII

AGOSTO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ: — O jubileu de Ruy Barbosa: discurso do sr. Coelho Netto; resposta de Ruy Barbosa; discurso de Ruy Barbosa na Bibliotheca Nacional; Ruy e Cicero (*Plinio Barreto*) — Ruy, o campeador (*A. Chateaubriand*) — A oratoria de Ruy Barbosa (*José Maria Bello*) — Ruy e Evaristo da Veiga (*Osorio Duque-Estrada*) — Outros trabalhos sobre Ruy Barbosa, dos srs. Humberto de Campos, João Ribeiro, Victor Vianna, Antão de Moraes e Heitor de Moraes — Alcoolismo e loucura (*Franco da Rocha*) — O ensino da linguagem (*Afranio Peixoto*) — O fallecimento de Alcindo Guanabara — Uma carta de D. Luiz de Bragança — Jorge Washington (*Lafayette Rodrigues Pereira*) — A Avenida (*José Maria Bello*) — A guerra e o problema financeiro — Collecionadores (*Constancio Alves*) — Notas — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Largo da Sé em 1906, e largo de S. Bento, no mesmo anno, desenhos de Wasth Rodrigues. A doença do barbeiro (numerosas gravuras).

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario-gerente: PINHEIRO JUNIOR.

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
„ „ de luxo	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA
nesta Capital, e LUCINDA, na estação
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerisados

*Compradores de Algodão em
Caroço em grande escala, com
machinas e AGENCIAS nas
seguintes localidades, todas
do Estado de S. Paulo:*

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva. Pyramboia, Monte Mor, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

*GRANDES NEGOCIANTES
de Algodão em rama neste e nos demais Estados algodoeiros. com Representações e Filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul*

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central
Caixa postal n. 931

Proprietarios
da conhecida
Agua Mineral

PLATINA

Cognominada
A VICHY
Brasileira

A melhor agua de mesa
Acção medicinal
A PLATINA, cuja FONTE
CHAPADÃO, está situada na
estação da PRATA, é es-
crupulosamente captada, sen-
do fortemente radio-activa e
bicarbonatada sodica como
a WICHY e é como esta
agua franceza

Vendida em
garrafas escuras

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO, ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

Guaraná

IDO-KOLA
(GRANULADO)
SUPERIOR AOS IODURETOS
E COALHADA

GUARANÁ
IDO-KOLA
GRANULADO



MOLESTIAS DO CORAÇÃO
MOLESTIAS DO ESTOMAGO
MOLESTIAS DO INTESTINO
MOLESTIAS NERVOSAS :: ANEMIA
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA
ARTERIO-SCLEROSE

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C^{ia} ♦

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

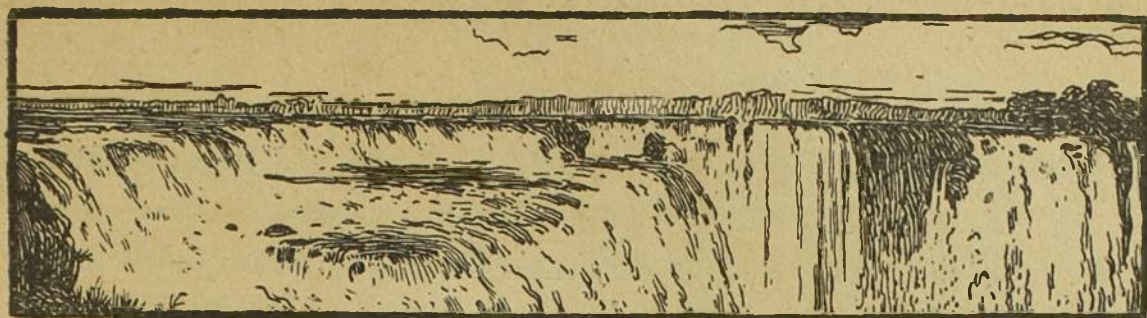
EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO
:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



A ANTIGA E A NOVA MEDICINA: A HYGIENE

O progresso constante da sciencia humana tem como razão, menos a nossa curiosidade do que o nosso incuravel scepticismo. Desejamos sempre saber mais, certamente, porém, como os caminhos não são faceis de trilhar, como ás vezes se embaraçam as pistas da verdade, ficaríamos attonitos, marcando o passo, se não occorresse a outra tendencia. Não podemos ir por diante, por enquanto: teremos andado bem até aqui? E essa duvida nos faz recapitular o passado, repisar o sabido, investigar de novo, repetindo experiencias, obtendo resultados diversos não raro, descobrindo erros que nos escaparam, approximando-nos mais perto da certeza, ganhando um novo rumo, caminho mais approximado do exacto conhecimento.

Nada é definitivo, existe sempre a duvida e, graças a ella, a sciencia é uma revisão continua dos factos e noções adquiridas, ajustadas ás novas experiencias e concepções. Desde os primeiros estudos modernos da chimica que se conhecia perfeitamente a composição do ar atmospherico. Pois bem, nem este mesmo facto basico merece fé e procurando avaliar o azoto, que é a maior parte delle, outros chimicos recentemente descobrem na quota que lhe fôra attribuida, o argonio, o neonio, o criptonio, o helio, o xenonio, isto é, parte consideravel da mistura, gases da maior importancia scientifica.

Esse scepticismo é a condição mesma do progresso scientifico: se não fôra elle, o erro seria perpetuo e não nos bastaria a curiosidade para o progresso. Ora, graças a Deus, não ha maiores incrêos na sua sciencia, do que os medicos, por isso a medicina se faz e se refaz a cada cem annos; por isso o seu vertiginoso progresso assombra, como resultado, a todos os outros pesquisadores da verdade. A medicina progride, mas os medicos, que são homens, sujeitos a todas as contingencias naturaes, nem sempre progridem com ella, inveterados no erro, no interesse, na paixão, com que dão o espectáculo lastimoso das dissidencias. Por isso, a cada momento, ha uma velha e uma nova medicina, ha decepções e esperanças, mas, apesar de tudo, a despeito de uns, com os outros, ha o progresso scientifico.



A velha medicina — ainda ahí presente, recalcitrante, impenitente e por força de rotina sobrevivente durante muitas decadas ainda — é a medicina curativa, remedieira, therapeutica. A nova medicina — já installada e propagada, de mais em mais, embora a credice, a ignorancia, o misoneismo, — é a medicina preventiva, a hygiene, a prophylaxia. Pois que o conflicto se passa aos nossos olhos, convem apreciar as razões delle.

A antiga medicina, segundo os conceitos que foi fazendo das doenças, contra ellas foi empregando os seus meios. Praticas animistas, exorcismos e rezas, depois remedios buscados ás tontas na natureza, mais tarde intervenções cruentas e dolorosas, de sangria, vesicatorio, cirurgia mutilante, até as curas dieteticas, estações de aguas, altitude, meios physicos, cirurgia conservadora e orthopedica, que subsistem no tempo que corre. Domina a todos esses a noção mais arraigada, do remedio, isto é, do antidoto, do “contra”, do especifico ás mazellas adquiridas. Essa concepção se arraigou de tal sorte no espirito humano, que a maior parte da medicina é a chimica, é a pharmacia, que preparam remedios, a therapeutica e a clinica que prescrevem os remedios. Cada um dos diversissimos agentes naturaes de maleficio teria o seu antagonista, cada cellula e cada orgão do corpo teriam

as suas defezas naturaes em uns tantos remedios, symptomaticos, ou especificos decididos de cura. O organismo humano podia nascer deficiente, criar-se defeituosamente, adquirir e manter vicios de alimentação, de intemperança, de vida desregrada, sujeitar-se a abusos e entregar-se a excessos, ser acommettido então de quaesquer infestações, infecções, intoxicações... não importa, haveria sempre nas drogarias alguma substancia com que prover, decisivamente, no momento azado do alarme, ao mal declarado. Seria grande o mal, maior o remedio: e então a estrychnina, a atropina, a hyociamina, a morphina, a cocaina, o mercurio, o arsenico, o estroncio, o baryo, a platina, o rubidio... interviriam para um resultado decidido. Estava envenenado o organismo por peçonha, toxina ou toxico, envenenava-se com um outro veneno, supposto contrario a este. Professor de therapeutica e dos maiores medicos modernos, Hayem, inaugurando o seu curso em Paris, resumiu assim o libello: "a proporção dos casos de envenenamento chronico pelos medicamentos na clientela das cidades é, tomando em bloco todas as doenças chronicas, de 80 o|o"... Para concluir: "a therapeutica fundada sobre o uso dos medicamentos é uma therapeutica combatida, que já fez o seu tempo." Ainda não, infelizmente; não passam tão depressa os erros.

Alguns destes venenos — rarissimos, contados, talvez sobrem para os enumerar os dedos da mão — curam, embora matem ás vezes; muitos desses venenos aliviam, embora façam males menores ou mais despercebidos; todos esses venenos consolam, permitem esperar e, muitas vezes, sinão quasi sempre, recolhem gabos de salvação, quando a natureza, a despeito do medico e dos medicamentos, conseguiu, a custo, dar ao doente saude.

Essa ultima virtude das drogas, o merito psychico, é o maior e, dada a infinita credulidade humana, credulidade que augmenta ainda desproporcionalmente no soffrimento e no desespero, é a razão principal da sua sobrevivencia, mesmo á evidencia de seu maleficio. Appareça uma droga qualquer, venenosa ou inoffensiva, explorada por experto que saiba clamar e reclamar, e não haverá mãos a medir no exito, porque os medicos a receitam, os doentes a procuram e tomam. O mais admiravel é que se curam. E se curam, ao menos durante os primeiros tempos.

Trousseau, grande medico e professor em Paris, disse-o, com subtil ironia, desses medicamentos, que se deve aproveitar em usal-os, em quanto curam. Por que o prestigio lhes passa com a moda. Moda de medicos ou de doentes, que todos são homens, susceptiveis de novidade e de esperança, não impede que o principio dessa therapeutica seja empirico, porque é totalmente cego... não se lhe negará que conseguiu algumas, muitas medicações symptomaticas, ás vezes do maior valor, innumeras outras totalmente imprestaveis e, não raro, quasi sempre perigosas e toxicas, apenas duas ou tres verdadeiramente especificas...

Uma comparação diz melhor dessa arte de curar. Imaginai uma bella arvore que viçava magnifica, quando, certo dia, lhe depõe uma ave do ceu, nos galhos, damninho parasita. Foi uma semente de herva de passarinho, que brotou, introduziu os seus tentaculos no cortex e começou a sugar a outra. Enramava e crescia, enquanto a expoliada emurchevia e desfolhava. Que fazer para salv-a? A medicina ocorreu a esta doença, diante de taes symptomas, revolvendo a terra e ás vezes maguando as raizes, pondo-lhe nitro, guano, esterco, que lhes queimaram radículas e se lhe deram mais alento depois, não o impediram de continuar a perder-se. A arvore, essa continuava a definhar. Que fazer? Diante da impotencia therapeutica, começou-se a procurar inatingiveis responsaveis pelo desastre: o clima seria certamente o culpado, taes e quaes concurrencias de temperatura, humidade, talvez a ruindade da terra, talvez a qualidade decadente do vegetal, raça degenerada e incapaz de subsistir...

Ahi está; com os homens é o mesmo raciocinio: apenas o guano e o nitro que nos dão é mercurio, estrichnina, e outros que taes... que nos ajudam a morrer.

A velha medicina, se entende, porque a nova, desesperada de não poder ocorrer com remedios aos males naturaes, procurou reconhecer-lhes as causas, para as supprimir, curando as doenças, para as evitar, evitando os doentes, assegurando a posse da saude.

Na comparação, conhecido que a herva de passarinho é um parasita, afastal-o da arvore, como que radicalmente a curamos, das outras arvores todas infestadas, porque então as aves do ceu já

não terão como se proverem de más sementes para as semearem com os seus dejectos.

*

A nova medicina funda-se, pois, no conhecimento da causa ou etiologia das doenças, de onde a opposição que a corrige ou supprime, a prevenção que a evita e faz desapparecer. E' a ella que pertence toda essa maravilhosa eclosão de sciencias da familia da Hygiene — a Microbiologia, a Parasitologia, a Immunochimica, a Chimiotherapia, a Dietetica, a Physiotherapia, a Eugenica... que representam as forças novas de acção contra a doença, inventadas pelo genio humano. Remanescente do antigo vêzo está ainda hoje para cada mazella procurar um "contra" especifico, sôro ou vaccina, como se não fosse mais simples emprehender de vez a exterminação do mal, pelo processo mais summario. A raiva hydrophobica era uma doença cruel, a que os bromuretos, a morphina, o chloral da antiga medicina não davam sequer o allivio para morte mais benigna; a nova medicina se lhe oppoz, graças ao genio de Pasteur, com a prevenção das inoculações de medulas rabidas attenuadas, impedindo assim a raiva de se manifestar: nos quatro cantos do mundo semearam-se institutos Pasteur para o tratamento preventivo da raiva.

Não seria mais simples matar todos os cães damnados, sem tardança, sem piedade, resoluta e decididamente?

Não teriamos mais outros cães damnados, gente damnavel mordida por elles, institutos Pasteur para os tratar e impedir de se damnarem. Foi o que fez a Inglaterra. E' o que, apesar disso, tanto a rotina tem força, nós outros ainda não o soubemos fazer...

Essa mesma Inglaterra, mãe da cultura sanitaria contemporanea, vive no seu territorio, nos seus portos, com um exercito de medicos e serviçaes, capazes de a defenderem contra a invasão das doenças pestilenciaes exoticas; permite no Golfo Persico e no Mar Vermelho installações de lazaretos e purgação de quarantenas ás procedencias infectadas das suas colonias asiaticas, para que a Europa se preserve de mazellas, que consente entre tanto aos seus tutelados asiaticos. Não seria mais commodo, e,

talvez mais barato, extinguir a cholera nas Indias, a peste no Indo-China?

Assim não comprehenderam ainda os Europeus, talvez pelo preconceito de clima e de raça, que até hoje lhes mantem a vista curta. Se para elles é o "*cholera asiatico*," a "*peste oriental*", a febre amarella "*typho americano*"...

Felizmente o advento dos Estados Unidos da America do Norte nos negocios do mundo tende a mudar completamente esta estreiteza de opinião em clareza de proposito. A salubridade tornou a Cuba, permittiu o canal do Panamá, conquistou as Philipinas, e graças á fundação Rockefeller promove a extincção das doenças infectuosas nos seus focos actuaes de propagação. Isto feito, já não haverá mais as prevenções europeas, a diffamação europeia contra o resto do mundo, a paz armada sanitaria em que elles vivem, sem comprehender que essas doenças evitaveis de que se alarmavam e com que nos insultam, podiam e deviam ser por elles evitadas. Para nossa honra já os imitamos: saneando as cidades littoraneas de febre amarella, abastecendo-nos de agua no Xerem, construindo a Estrada de Ferro Madeira e Mamoré, contra a malaria.

Realizado isto, não está ultimado o programma da nova medicina. Evitaveis não são apenas as doenças parasitarias e infectuosas, evitaveis são todas as que podem ser evitadas, isto é, quasi todas as doenças. Sei que não é esta a concepção nem dos sabios, nem dos tratados, nem dos medicos-praticos: estou convencido de que será um logar commum dentro de alguns annos. Se eliminarmos as doenças parasitarias, infectuosas e toxicas, teremos eliminado logo immediatamente quota immensa daquellas que lhes são consecutivas. Para não perder tempo no debate basta indagar: quantas doenças organicas, constitucionaes, hereditarias, cardiopathias, cirrhoses, nephrites, epilepsias, degenerações, não se supprimirão, acabando com o alcoolismo? Só a syphilis é metade da pathologia: noventa e cinco por cento dos aneurismas dos grandes vasos são dessa causa especifica... As leis de previsão do trabalho, do transito publico, de educação technica, podem, immediatamente, reduzir cincoenta por cento dos accidentes mortaes ou mutiladores que são um terço da mortalidade nor-

mal. A morte violenta é da alçada da policia preventiva e da educação dos costumes.

Que resta mais? Restam muito, mas tudo possivel de prevenção. Restam as doenças de nutrição, — pelo excesso, intoxicações, atrasos do metabolismo, gotta, diabetes, arterio esclerose, obesidade... — por deficiencia, denutrição, miseria physiologica, malária, escorbuto, beriberi, tuberculose... Occasiões ou concorrências.

Restam as doenças sociaes do vicio, do excesso de trabalho, da fadiga profissional, nervosa ou cerebral, que trazem a neurastenia e a loucura... Não é tudo isto evitavel, com organização social, economica, scientifica, technica e educadora, que nos faltam, mas que podemos ou devemos adquirir?

Restará talvez apenas o gasto lento da vida, pelo facto de viver, que nos levará a um fim demorado, até o tédio da vida, se não áquelle instincto da morte, termo da orthobiose, com que sonhou Metchnikoff. Nesse dia estarão suppressos os remedios — enganar inuteis e perigosos — e os medicos — enganadores e enganados bemfazejos, mas inuteis: uns e outros suppridos pelas regras de bem viver, que é a hygiene, publica e individual, pelos higienistas, que serão directores de saude dessa nova humanidade.



Essa previsão não é uma utopia. Para ella caminhamos lentamente, mas orientados, embora com as condescendências da rotina e as remissões da pouca vontade. Mao grado delles, porém havemos de chegar. Basta olhar para o caminho percorrido nesses poucos annos, para nos animarmos do muito, que ainda nos falta percorrer.

A hygiene é uma nova medicina, de menos de um seculo. Se a Grecia e Roma tiveram-lhe o alvorecer, como que a presciencia della, foi-lhe fugaz e sem systema a cultura, e logo os barbaros destruíram o pouco que se conquistara. Na idade-media, o desprendimento religioso deste mundo, para a perfeição de além-tumulo, permittiu todas as gafeiras. Os homens não tomavam banho, as cidades não tinham esgoto, andava-se sobre as montureiras mais repugnantes, sujeito a receber sobre a cabeça os enxurros mais escandalosos: foi o que acanteceu a S. Luis, passando

certa noite por uma das ruas de sua capital. Não admira que ao apparecerem a peste, a variola, a febre typhica, a syphilis, fosse, nessa humanidade preparada para a doença, tão espantosa a mortalidade que só em quatro annos pereceram 77 milhões de vidas, victimas de epidemias...

No seculo de Luis XIV, no Paris e no Versailles encantados, das memorias literarias, havia fossas fixas, descobertas, ignobeis á vista e ao olphato, cumulos de immundicie pelos cantos dos parques, nas escadarias e nas bacias de marmore... Nos palacios reaes nem um banheiro ou uma latrina, porém, distribuidos pelos aposentos, mais de trezentas cadeiras furadas ou bancas, de asseio, onde o decoro não privava o rei, suas amantes e cortezãos, de viverem sentados.

Proximo de nós é a mesma coisa, nem agua, nem esgoto, nem conforto. Depois da morte do Principe Alberto, consorte da Rainha Victoria, já em 1861, dos patios do Castello de Windsor foram retirados 48 depositos de materias fecaes, attestados de dejectos em decomposição, ahi pacientemente colleccionados. Isto num palacio real e na Inglaterra, a patria da medicina sanitaria... Que seria do resto do mundo?

Mas a Hygiene appareceu, tornou-se moda, impoz-se como habito e se vae impondo como necessidade. A vaccina salva milhões de vidas.

O terror da febre typhica impõe os abastecimentos de aguas e as canalizações de esgotos. O advento da microbiologia, procurando o conhecimento da causa das doenças, altera a face do mundo. dando a esperanza e já a certeza da victoria sobre a doença. A diphteria, a raiva, a peste, a febre typhica, o tetano, o carbunculo... são prevenidos; ellas mesmas e outras tantas são curadas; todas são aggredidas pela notificação compulsoria, o isolamento, a desinfecção...

A vida humana que em França, antes da Revolução (1789), era apenas de 28 annos em media, em 1825 já é de 32, em 1850 de 37, de 40 em 1890, attinge a 50 na primeira decada deste seculo. No Brasil, onde Haddock Lobo, ha menos de um seculo, a calculava em 8 annos apenas, podemos nós apresentar numerosos centenarios em 1906 e, por equidade, fazer baixar todos os premios

dos seguros de vida, hoje em dia. O Tonkin que na epocha da conquista tinha obituario de 256 o|oo, dez annos depois o vê reduzido a 16 o|oo. Havana, cujo dizimo antes do saneamento era de 91 o|oo, não só o vê baixar depois a 19 o|oo, como verifica que a sobrevivencia dos recém-nascidos é mais facil e mais prodiga, para as familias hespanholas, do que na propria Hespanha. O canal do Panamá que a França não logrou perfurar, por causa da malarria e da febre amarella, em que não cuidara, conseguiu-o fazer a Norte-America, cuidando principalmente em vencer aquellas calamidades.

Ha trinta annos apenas Chadwick, o hygienista americano, calculou em 10 o|oo o tributo mortuario minimo, irreductivel, a que chamou "a morte necessaria": já agora, é esta a quota de Sidney e de Adelaide, cidades australiânas, que não ultimaram entretanto as suas conquistas sanitarias... Em vez de Faculdades de Medicina, a velha medicina curativa, fundam-se nos Estados Unidos Faculdades de Medicina Preventiva, isto é, de hygiene e de saude publica... Hontem era o caso das Universidades de Harvard e de Philadelphia, as mais notaveis da America, hoje é o da conceituadissima Universidade John Hopkins, em Baltimore, cujo prospecto acabo de receber, neste mesmo instante... Faculdades de Saude, em vez de faculdades de medicina, não é um signal dos tempos?

Houve uma credence supersticiosa, "ultima religião," dizia o meu sceptico amigo José Verissimo, com que o empirismo e a credulidade, inconsciente ou interessada, abusava dos devotos e dos afflictos... Haverá uma sciencia nova, uma nova fé, sem prejuizos, sem outras preocupações que a felicidade humana, que por toda a parte do mundo vae levar e vae levando a saude e a felicidade de viver... Como da astrologia sahiu a astronomia, da alchimia sahiu a chimica, sahe da medicina a hygiene... Não é má sorte das larvas produzirem borboletas...

AFRANIO PEIXOTO

TRYPANOSOMIASE AMERICANA

SYNONYMIA: DOENÇA DO BARBEIRO

INTRODUÇÃO

Data de alguns annos apenas o conhecimento de uma das doenças ruraes de acção mais malefica em diversas regiões do interior do Brasil. E os trabalhos da escola de Oswaldo Cruz, relativos a esse novo capitulo da pathologia humana, já evidenciaram de sobra a importancia pratica do assumpto, quanto ao seu alto interesse scientifico.

A trypanosomiase americana, ou doença do barbeiro, foi primeiro verificada em regiões do norte de Minas Geraes onde, em companhia de Belisario Penna, realisavamos uma campanha de prophylaxia anti-malarica.

A primeira noção adquirida foi a da existencia do barbeiro, um insecto hematophago, domiciliado nas residencias humanas, e que á noite, após apagadas as luzes, sugava vorazmente os individuos. No intestino posterior d'elle verificámos a presença de um flagellado, que poderia representar phase evolutiva de trypanosoma de um vertebrado ou ser parasito do proprio insecto.

Nessa indecisão enviámos exemplares do hematophago a Oswaldo Cruz, afim de que fosse tentada a infecção de pequenos animaes de laboratorio pela picada do insecto. Posteriormente, no sangue de saguis (*Callithrix pennicillata*), sugados demoradamente pelos exemplares remettidos ao Instituto, verificámos a existencia de um trypanosoma.

Novas experiencias foram desde logo iniciadas e dellas resultou a noção segura de ser aquelle trypanosoma inoculado pelas picadas do hematophago, e, mais ainda, de representarem os flagellados no intestino posterior do barbeiro phases evolutivas de um trypanosoma de vertebrado.

Simultanea destas pesquisas iniciaes foi a nossa difficuldade no interpretar aspectos morbidos dos habitantes de regiões infestadas pelo insecto. Alguma cousa havia de novo na pathologia daquella gente, porquanto da interpretação dos signaes clinicos, colhidos em numerosos doentes, nada resultava que pudesse ser identificado a condições conhecidas na nosologia.

D'ahi, dessa difficuldade no interpretar os factos que se apresentavam a nosso criterio clinico, resultou a directriz de outras pesquisas conducentes á descoberta da nova doença.

Houve de favoravel, no caso, a verificação previa do parasito no hematophago transmissor, e havia ainda a indicação valiosa do habitat essencialmente domiciliario do barbeiro, cuja alimentação preferida era o sangue humano.

Combinado esse facto ultimo com a segurança adquirida de representar o flagellado, no intestino do barbeiro, phase evolutiva de um trypanosoma de vertebrado, surgia naturalmente a suspeita de que fosse o homem o hospedador do parasita.

Nada de acaso, portanto, nas resultantes felizes de trabalhos que levaram ao conhecimento da nova doença, e nem o acaso poderá ser admittido numa verificação provocada, resultado ultimo de deducções e experiencias, que obedeceram á logica de um determinismo exacto.

E insistindo em referir, com absoluta verdade, a orientação seguida nesses estudos, não visámos, nem de longe, enaltecer a sua feitura, ou contrariar interpretações que levam á conta de um feliz accidente o exito final; queremos, ao invés disso, apenas indicar uma via nova em trabalhos experimentaes, destinados ao esclarecimento de factos pathologicos.

Aqui, ao conhecimento da doença precedeu o do parasita que a determina, e foi de essencial valia o estudo previo do hematophago transmissor, com a verificação de formas parasitarias em seu tubo digestivo. Além de que, faltava interpreta-

ção possível, de accordo com os factos previamente estabelecidos, aos aspectos morbidos dos habitantes de casas infestadas pelo hematophago.

Em casos similares, quando houver oportunidade de procurar esclarecer condições morbidas desconhecidas, será de proveito, sem duvida, relembrar o historico dessa descoberta, e applicar, no caso concreto, especialmente no que respeita ao papel de hematophagos, methodo identico ao adoptado no estudo da trypanosomiase americana.

Cumpre salientar que, de regra, em pathologia a doença é primeiro reconhecida em todos os seus aspectos symptomaticos, antes que della se adquira a noção etiologica; na trypanosomiase tudo foi de modo diverso, e a systematização clinica da doença veio depois, realisada de modo progressivo, com fundamentos solidos tirados das localizações anatomicas e das propriedades biologicas do parasito.

HEMATOPHAGO TRANSMISSOR E PROCESSO DE INOCULAÇÃO DO PARASITO

O insecto transmissor da trypanosomiase americana é um Reduvidio do genero *Triatoma*. Deste diversas especies podem exercer o papel transmissor; a que, porém, reputamos de importancia preponderante na diffusão da doença, é o *Triatoma megistus*, por nós observado sempre em maior abundancia, nas zonas de alto indice endemico, especialmente nas regiões do Estado de Minas, onde foi a doença estudada.

Os *Triatomas infestans* e *sordidus* abundam tambem em diversas zonas do Brasil, predominando em algumas, de modo sensivel, sobre o *megistus*; e tambem no tubo digestivo delles foi verificada a presença do parasito, cuja transmissão podem sem duvida realisar.

Barbeiro é a denominação mais vulgar do hematophago, e a justifica essa função do insecto de retirar quantidade relativamente grande de sangue, similar áquella dos officiaes de barbearias (barbeiros), que se incumbem, no interior do Paiz, de realisar sangrias e applicar sangue-sugas. *Chupão* e *fincão* são tambem vocabulos usuaes e, em algumas zonas, denominam chupão ás nymphas, e barbeiro ao insecto adulto.

Os triatomas são encontrados, em maior abundancia, nas residencias primitivas, de paredes simplesmente barreadas e não rebocadas (paredes de sopapo) em cujas fendas se occultam, e onde tem logar a sua procreação. Só atacam o homem para d'elle retirar a propria nutrição, na obscuridade, quando em repouso o individuo. Si, porém, mesmo em pleno dia alguem se apoia n'uma parede habitada pelo insecto, vem elle rapido sugar.

Além das paredes, nas residencias mal tratadas outros esconderijos encontra o insecto nas coberturas de capim, nos telhados, nas cavidades do assoalho, frestas do rodapé, e outros logares escuros em que se possa furtar á perseguição. E' um insecto de grande astucia, fugindo com rapidez á caça e occultando-se de modo tão seguro a tornar, não raro, bastante difficil sua verificação nos domicilios humanos, maxime quando a quantidade d'elle não é demasiada.

Em algumas residencias a infestação pelo hematophago é consideravel, e em pequena superficie de uma parede são encontradas muitas dezenas. Tivemos oportunidade de colher, n'um metro quadrado de parede, afastando os torrões de barro, 235 exemplares de nymphas e adultos.

Não só as residencias primitivas (cafu'as) constituem os habitats do barbeiro; póde elle ser encontrado em casas de construcção melhor, uma vez verificada a possibilidade da sua procreação pela existencia de esconderijos favoraveis. Nas fazendas do interior, os aposentos internos pouco illuminados, contendo moveis antigos e em relativo abandono, constituem, muitas vezes, focos de insecto. Habitat frequente, e que merece ser referido, é constituido pelos gallinheiros, em cujas paredes vive o insecto, nutrindo-se do sangue de gallinhas, mesmo quando ausente dos edificios onde pernoitam os individuos.

E' admittido o habito actual exclusivamente domiciliario do *Triatoma megistus*. E as mais demoradas pesquisas, tendentes a verificar sua existencia no mundo exterior, têm sido até agora, em nossos trabalhos, negativas. Entretanto, é unanime o conceito dos habitantes de regiões infestadas pelo insecto, no que respeita sua existencia fóra das casas, mesmo a

grandes distancias dellas; e a infestação dos domicilios teria logar, naquelle conceito, pela invasão do insecto á noite, atraído pela luz. E' na realidade de surprehender o facto, muitas vezes verificado, da presença de numerosos barbeiros em ca-fu'as construidas a grandes distancias de outras pre-existentes, e, em data relativamente recente (um ou dous annos).

A presença do insecto seria explicada, nestes casos, pela sua conducção nas roupas, moveis e utensilios dos habitantes, vindos de casas infestadas; apesar disso, e considerando sobretudo a grande quantidade de barbeiros, algumas vezes verificada em taes occurrencias, temos actualmente fundamentada indecisão relativamente ao habito domiciliario exclusivo do hematophago. Não terá logar a sua procreação no mundo exterior, em logares continuadamente frequentados por quaesquer vertebrados?

E, verificada essa hypothese, serão os buracos de tatú (*Tatus novemcinctus*) o habitat preferido do barbeiro no mundo exterior? Temos razões para essa suspeita, fundamentada, entre outros factos, pelo papel do tatú na epidemiologia da doença. E procuramos orientar pesquisas no sentido de esclarecer esse ponto, de apreciavel importancia. Cumpre salientar que a existencia domiciliaria exclusiva do insecto traduz apenas habito adquirido e attribuivel á maior facilidade de nutrição; ora, verificada, no mundo exterior, identica facilidade a hypothese emittida tornar-se-ia bastante provavel.

O triatoma é transmissor da doença em qualquer de suas phases evolutivas de larva, nympha e insecto adulto. E realisando-se em periodo maior de um anno o desenvolvimento completo do insecto, sendo ainda bastante prolongada a vida do adulto, quando em condições favoraveis de nutrição, é de alta monta, pela extensão no tempo, o papel de cada insecto na epidemiologia da doença.

O processo normal de inoculação do parasito é a picada do barbeiro. Esse facto foi objecto de pesquisas demoradas de Magarinos Torres, que poudes, excluindo toda possibilidade de transmissão pela fezes, infectar pequenos animaes de laboratorio por picadas de barbeiros.

As fezes do insecto são também contaminantes; necessario, porém, será sejam ellas directamente depositadas nas mucosas para que a infecção se realise, porquanto, depositadas na pelle, e, sendo muito rapido seu dissecamento com a morte immediata do protozario, raro será possível, nas condições naturaes, ter logar por esse meio a penetração do parasito.

Além de que, adoptar o conceito de Brumpt, para quem a infecção pelas fezes seria a regra, fora abandonar a normalidade biologica, aliás demonstrada, preferindo-lhe um facto accidental.

Quanto á verificação do parasito nas glandulas salivares, tem ella apresentado, até agora, difficuldades reaes; de uma feita, porém, a conseguimos com toda evidencia, apresentando-se o parasito, nas glandulas, com a morphologia de *trypanosoma*, mais delgado e muito mais curto do que as fórmulas observadas no sangue dos vertebrados.

O PAPEL DO TATÚ (*TATUS NOVEMCINCTUS*)
COMO DEPOSITARIO DO PARASITO NO MUNDO EXTERIOR.
SUA IMPORTANCIA NA EPIDEMIOLOGIA DA DOENÇA

Os tatús, colhidos em regiões de trypanosomiase endemica, apresentam no sangue, em percentagem muito elevada (45 a 50), um *trypanosoma*, que foi identificado á especie transmittida ao homem pelo barbeiro. Esta verificação foi feita não só em tatús colhidos proximo de habitações humanas, porém ainda n'aquelles encontrados a grandes distancias, mesmo em zonas completamente deshabitadas.

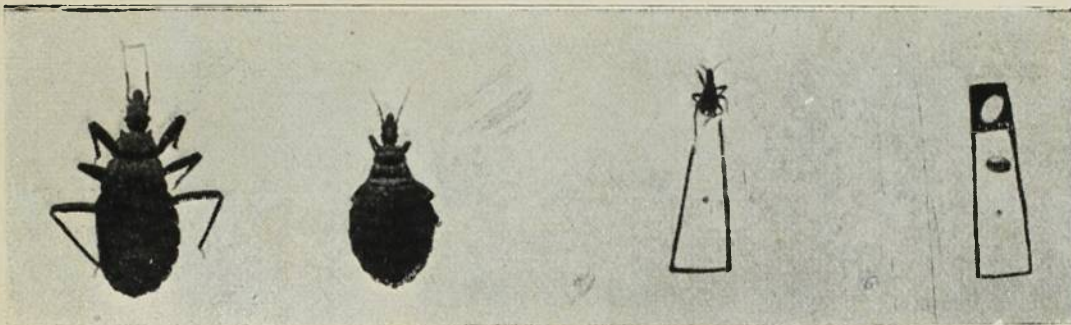
Quasi simultanea com a verificação do *trypanosoma* no sangue peripherico do tatú, foi a da existencia, nos buracos deste mamifero, de uma especie de triatoma, o *geniculatum*, em cujo tubo digestivo foi encontrado um *trypanosoma*.

Nenhuma duvida em que seja esse triatoma o transmissor da infecção entre os tatús, e, dada a presença, algumas vezes observada, do triatoma *geniculatum* nos domicilios humanos, é muito de admittir seja essa especie o vehiculador do parasito do tatú ao homem.

De alto interesse biologico é a solução do problema que resulta dessa dualidade de vertebrados portadores do mesmo parasito, o homem e o tatú: qual delles o hospedador natural e primitivo do protozoario? Em vista da alta percentagem de tatu's infectados, mesmo entre aquelles colhidos em regiões deshabitadas, e, levando ainda em conta o facto de ser o tatú um dos typos mais primitivos de mammiferos nas Americas Central e do Sul, acreditamos seja elle o hospedador ancestral do parasito, representando a infecção humana um facto de adaptação posterior. E devemos aqui accentuar o alto alcance biologico da adaptação ao homem, com propriedades pathogenicas, de um protozoario seguramente inoffensivo para um animal silvestre.

Admittido assim, com os melhores fundamentos, seja o tatú depositario do *Trypanosoma cruzi* no mundo exterior, fica, desde logo, evidenciada a importancia daquelle mammifero na epidemiologia da doença.

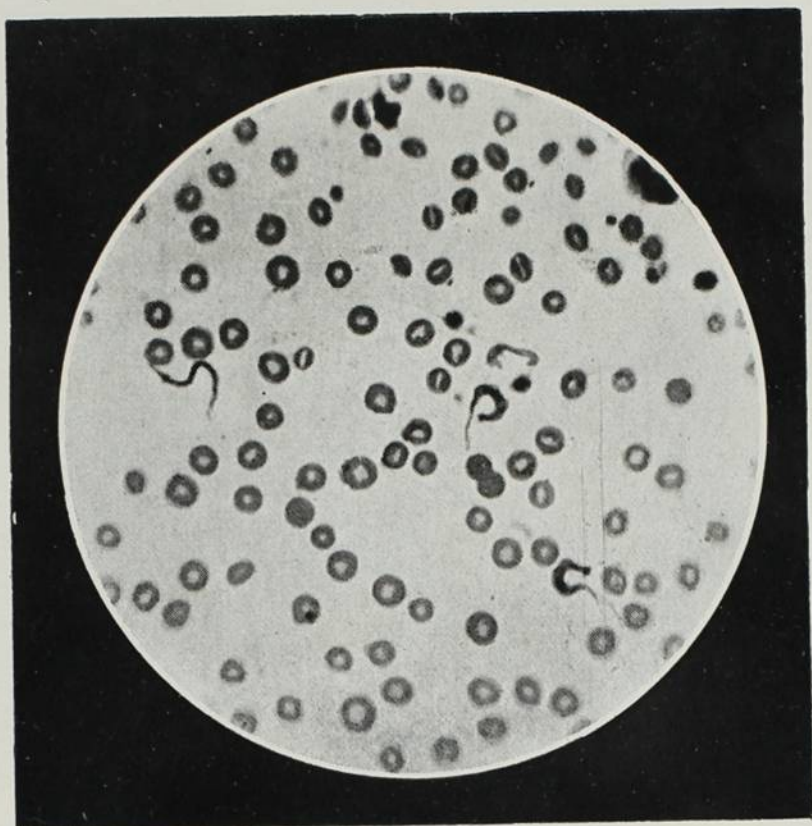
As observações realizadas em zonas diversas do interior do Brasil tem trasido confirmação apreciavel ao conceito referido. De facto, nas zonas de trypanosomiase intensa temos observado, até agora, abundancia excepcional de tatús, e, por outro lado, já nos foi opportuno colher observação negativa, traduzida pelo baixo indice endemico da doença, coincidente com um pequeno numero daquelle mammifero no mundo exterior. Não se faz mister salientar a importancia deste aspecto epidemiologico da trypanosomiase americana: as consequencias de ordem prophylactica dahi resultantes muito significam e fazem desse assumpto, no que respeita medidas de ordem pratica, um dos problemas de maior relevancia nessa endemia. Aliás, não apresenta, seguramente, facto isolado a verificação de um depositario do agente da trypanosomiase americana, no mundo exterior: em doença similar, qual seja a trypanosomiase africana, *molestia do somno* ou *lethargia dos negros*, tudo indica a existencia tambem de um reservatorio, até agora desconhecido, do trypanosoma gambiense. E' que realmente, sem esse factor, difficil fôra explicar a infecção de individuos em determinadas regiões do continente africano,



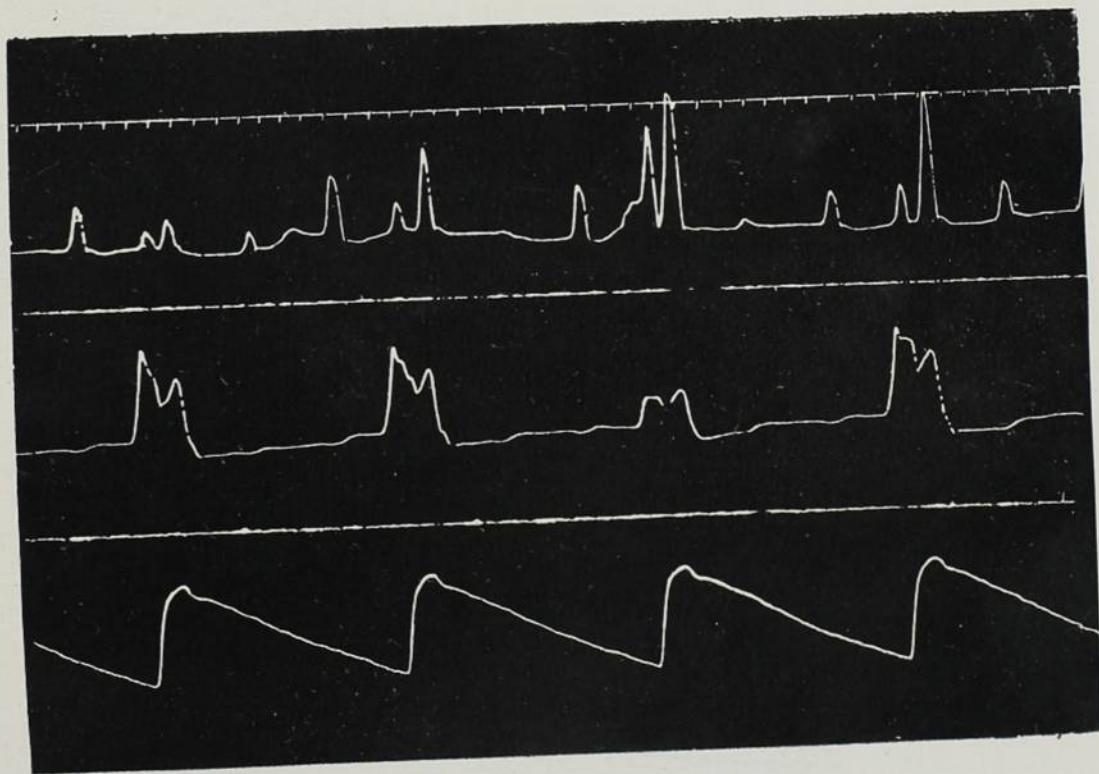
Evolução completa do *Triatoma megistus*, de larva a insecto adulto



Especies de barbeiros: 1.º) *Triatoma geniculatus* (dos buracos de tatú).
2.º) *Triatoma infestans*. 3.º) *Triatoma sordidus*



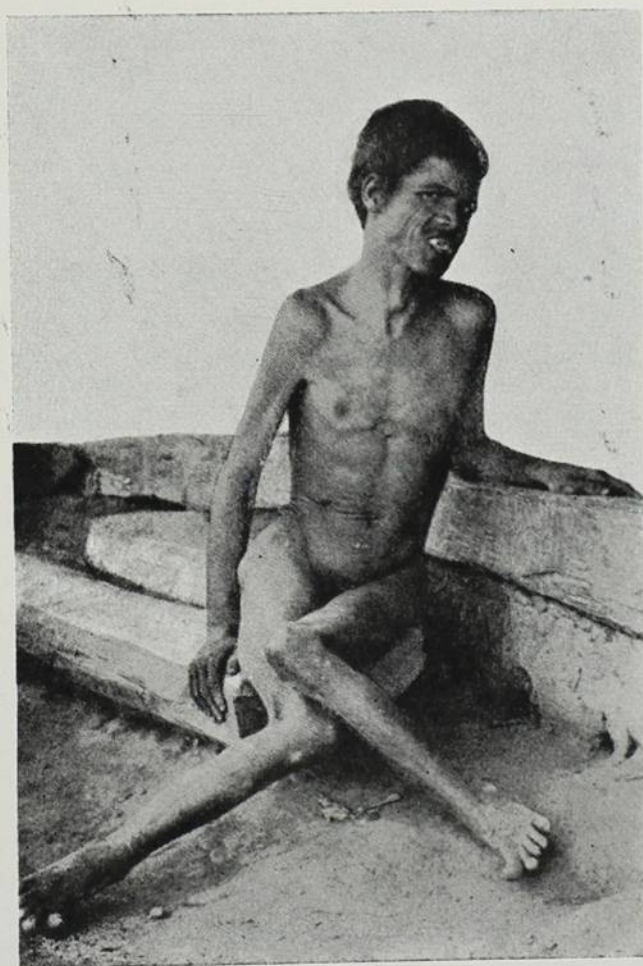
O parasito da doença no sangue humano



Traçado simultaneo da veia jugular, do coração e do pulso radical. — Pulso lento



Caso agudo de trypanosomiase-Mixedema e Keratite esquerda



Forma nervosa — Diplegia cerebral

inteiramente deshabitadas, mesmo de naturaes, nos quaes as picadas das glossinas são infectantes. E não será extensiva a outras doenças de protozoarios essa condigão epidemiologica, verificada para a trypanosomiase americana?

O PARASITO CAUSADOR DA DOENÇA

E' um trypanosoma o parasito causador da nova doença. E em homenagem a Oswaldo Cruz foi a especie denominada *Trypanosoma cruzi*.

Além de características morphologicas muito salientes, quaes sejam o grande tamanho de seu blepharoplasto e a sua posição exactamente na extremidade posterior, o seu nucleo com dualidade de aspecto, apresenta esse protozoario propriades biologicas notaveis, que bem o distanciam das outras especies do mesmo genero. E' elle encontrado no sangue peripherico do homem, sob a fôrma de flagellado, facilmente verificavel pelo exame a fresco, apenas na phase febril da doença, isto é, em media, durante o prazo de quinze a trinta dias depois de iniciados os symptomas. Passada essa phase, quando os doentes se tornam apyreticos, o trypanosoma desaparece do sangue circulante, e o diagnostico parasitario da doença, praticavel ainda nos primeiros tempos pela inoculação de animaes sensiveis, offerece mais tarde grande difficuldade, tornando-se, não raro, impossivel. E' que o *Trypanosoma cruzi* torna-se, durante a evolução chronica da doença, um histo-parasito exclusivo, localizado agora na intimidade dos tecidos. Ahi, uma das condições biologicas exclusivas da especie, que, ao contrario das outras, não soffre divisão binaria no sangue circulante, e tem para séde de multiplicação os tecidos organicos.

E é no interior do proprio elemento anatomico, dentro das fibras cardiacas, da cellula de nevroglia, de cellulas epitheliaes etc, que se vae localisar e multiplicar o protozoario. Muitos orgãos têm sido verificados sédes do parasito; das localizações organicas, porém, sobrelevam de importancia, pela alta hierarchia funcional dos respectivos orgãos, aquellas observadas no

systema nervoso central (encephalo e medulla), no coração, nas capsulas suprarenaes, nos testiculos, ovarios e glandula thyreoide. Nessas localisações, sob o aspecto de grandes agglomerações parasitarias, soffre o protozoario mudança radical na sua estrutura, transformando-se, de parasito flagellado que o era, em corpusculo arredondado ou piriforme, munido apenas de nucleo e blepharoplasto, e sem flagello. E' que, na condição estatica de agora, tornam-se dispensaveis ao protozoario os órgãos locomotores activos, isto é, o flagello livre e a membrana ondulante.

A essas localisações organicas do parasito e aos processos histopathologicos, por ellas determinados, correspondem aspectos clinicos, hoje bem definidos da doença.

No insecto transmissor o protozoario é encontrado, em permanencia no intestino posterior, sob a fôrma de crithidia ou de trypanosoma typico. O hematophago retira o parasito do homem, e de outros vertebrados infectados, e só se torna contaminante por picada, após decorrido um prazo de tempo necessario á sua evolução, talvez sexuada, no organismo do hemathophago.

Colhidos nas residencias humanas de zonas infestadas, os barbeiros apresentam parasitos no tubo digestivo em percentagem elevadissima, sendo frequente, em algumas residencias a infecção da totalidade de insectos. As fezes do barbeiro, quando inoculadas em animaes sensiveis, reproduzem a infecção e constituem, sem duvida, um elemento infectante para o homem, quando directamente dejectadas nas mucosas.

EPIDEMOLOGIA

A trypanosomiase americana é uma doença principalmente dos campos, e é verificada com maior intensidade nas cafu'as isoladas e nos nucleos populosos, nos quaes as residencias humanas offerecem condições propicias á procreação do insecto. E' uma infecção domiciliaria, só adquirida no interior de casas infestadas pelo barbeiro. As formas agudas são observadas, de preferencia, em crianças nos primeiros mezes, ou, quando mui-

to, nos primeiros annos de idade. E assim é porque, desde o nascer, ficam os individuos sujeitos á picada do insecto, bem depressa adquirindo a infecção, que perdura indefinidamente. Deste modo, nas regiões infestadas, os adultos representam casos chronicos da trypanosomiase, e as formas agudas febris são quasi exclusivamente observadas na infancia.

Como factores epidemiologicos dessa doença, além do tatu', já referido como depositario do parasito no mundo exterior, representam papel de importancia os animaes domesticos, especialmente aquelles que permanecem á noite nas residencias humanas. Destes o gato constitue elemento perigoso, em virtude da frequencia de sua infecção, o que d'elle faz um reservatorio do parasito, favoravel a manter a condição contaminante do barbeiro. Nesse ponto as nossas verificações têm sido valiosas, porquanto demonstraram a extrema frequencia da infecção de gatos, e chegámos mesmo á segurança de que, nas casas infestadas pelo barbeiro, sempre que existem gatos novos, estes apresentam parasitos no sangue peripherico; ao contrario, porém, do que acontece com o tatú, o trypanosoma é fortemente pathogenico para os gatos.

ASPECTO CLINICO DA DOENÇA

Embora multiforme em sua physionomia clinica, a trypanosomiase americana é nitidamente caracterisada por algumas syndromes essenciaes, resultantes da localisação do parasito em orgãos e systemas organicos diversos. Da predominancia de determinadas syndromes resultam as modalidades clinicas em que foi a doença systematizada.

Vamos aqui esboçar, de accôrdo com as contingencias do espaço, os principaes aspectos da doença, abandonando minucias que se furtam á descripções summarias.

O coração é um dos orgãos preferidos para as localisações parasitarias, e poder-se-á talvez affirmar que estas são constantes. D'ahi resultam alterações funcçionaes profundas, constitutivas da syndrome cardiaca, que caracteriza a fórmula mais frequente da doença. Nesse aspecto dominam o quadro sympto-

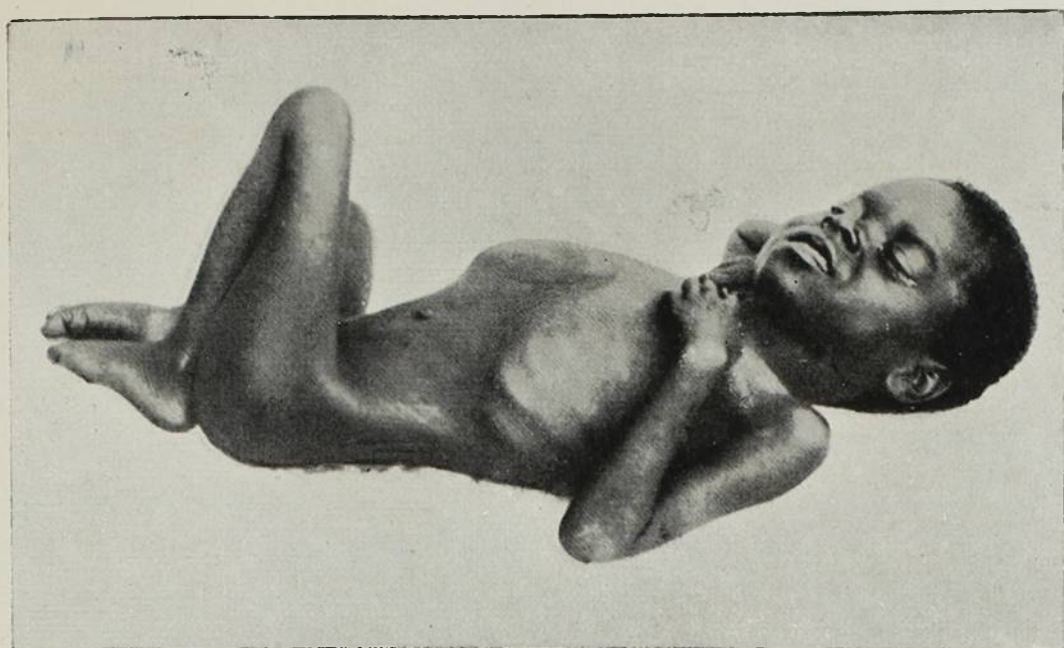
matico as alterações do *rhythmo cardiaco*, que se traduzem pela *arythmia perpetua*, pela *extrasystole*, pelo pulso lento permanente, etc.

No ponto de vista scientifico, como curiosidade de *cardiopathologia*, nada existe de comparavel ao que verificamos ahi, nessas alterações cardiacas da *trypanosomiasse*. E basta referir, para evidenciar o interesse desse capitulo da doença, o elevado numero de observações, que possuimos relativas ás alterações da conductibilidade, muitas dellas colhidas em creanças até de 8 annos!

A insufficiencia cardiaca, traduzida pelo conjuncto de seus signaes clinicos, é resultante frequente do ataque do protozoario ao *myocardio*; — e della á *asystolia* caminham depressa os affectados, que veem a fallecer, muitas vezes, com edema generalisado, congestões visceraes, etc., sem o elemento essencial do *brightismo*, isto é, sem a *nephrite*. Morrem pelo coração, de *asystolia cardiaca pura*.

Notavel é ainda a frequencia de morte subita, determinada pela forma cardiaca da doença, nas zonas de *trypanosomiasse*. E a quem tenha percorrido regiões infestadas pelo barbeiro, perquerindo este ponto, não faltarão informações apavorantes relativas ao elevado numero de pessoas que morreram subitamente, em plena mocidade, victimadas pela doença. Qual o mecanismo exacto dessa morte subita? As alterações profundas do *myocardio*, que attingem não só o elemento nobre, a fibra cardiaca, mas ainda o tecido intersticial, de sobra fundamentam a frequencia do facto; de sua razão pathogenica, porém, não podemos cuidar aqui, deixando-a para melhor oportunidade, quando serão cabiveis os argumento de ordem *physio-pathologica* que a evidenciam.

A forma cardiaca constitue, desse modo, uma das feições clinicas mais nefastas da doença do barbeiro. Della advem a maior lethalidade, e os affectados do *myocardio*, quando em condições de equilibrio, permanecem em *myopragia accentuada*, impossibilitados, portanto, de grande actividade, obrigados a medir o esforço pela tolerancia de um musculo cardiaco degenerado.



Forma nervosa — Diplegia geral com contractura



Forma nervosa — Syndroma de Little



Forma nervosa—Diplegia cerebral

Desse aspecto da doença as nossas observações contam-se hoje por centenas e trazem todas o esclarecimento necessario da semiotica physica, muitas dellas completadas pelas verificações histo-pathologica e parasitaria.

Nem pairam mais sobre esse capitulo quaesquer divergencias, no conceito de quantos sabem e querem apreciar os factos á luz da razão scientifica, instruidos pela evidencia de uma demonstração decisiva. Existem contradictores? Não importa; o arbitrio de opiniões individuaes é de pouca valia em assumptos dessa natureza, nos quaes a verdade exacta deve constituir o objectivo unico de todo o esforço, a resultante de pesquisas executadas sob normas de uma das nossas melhores escolas de trabalho e de probidade scientifica. As alterações cardiacas da trypanomiase brasileira não admittem hoje alterações estereis, tendentes a negar sua interpretação etio-pathogenica; offerecem, porém, farta messe de noções novas sobre cardiopathologia e poderão occupar, por muito tempo ainda, nas minucias e interpretações de seu mechanismo, a actividade de nossos estudiosos. E para reconhecer sua importancia pratica, mais não se faz mister que uma pequena permanencia em zonas de barbeiros, onde as arhythmias do coração representam facto generalizado, e podem ser verificadas em percentagem elevadissima dos habitantes regionaes.

De par com os da fórmula cardiaca, caminham os meficios da fórmula nervosa dessa doença. No systema nervoso central localisa-se tambem o parasito. Localisa-se alli, e determina processos inflammatorios de irrecusavel evidencia, verificados nos casos agudos e chronicos da infecção. No aspecto clinico o equivalente de taes processos morbidos vem traduzido nas perturbações da motilidade, da intelligencia e da linguagem, apanagio das zonas de trypanosomiase endemica. Os paralyticos e idiotas, em todas as variantes de intensidade das respectivas syndromes, constituem uma das characteristics mais apavorantes das regiões infestadas pelo barbeiro e denunciam, de modo exuberante, um dos maiores males de nossos sertões.

Encontramol-os, os affectados dessa natureza, na maioria das habitações regionaes, abandonados á permanencia de um estado

morbido definitivo, antes monstros humanos do que creaturas da nossa especie, evidencia dolorosa de um dos mais urgentes problemas sanitarios de nossa Patria!

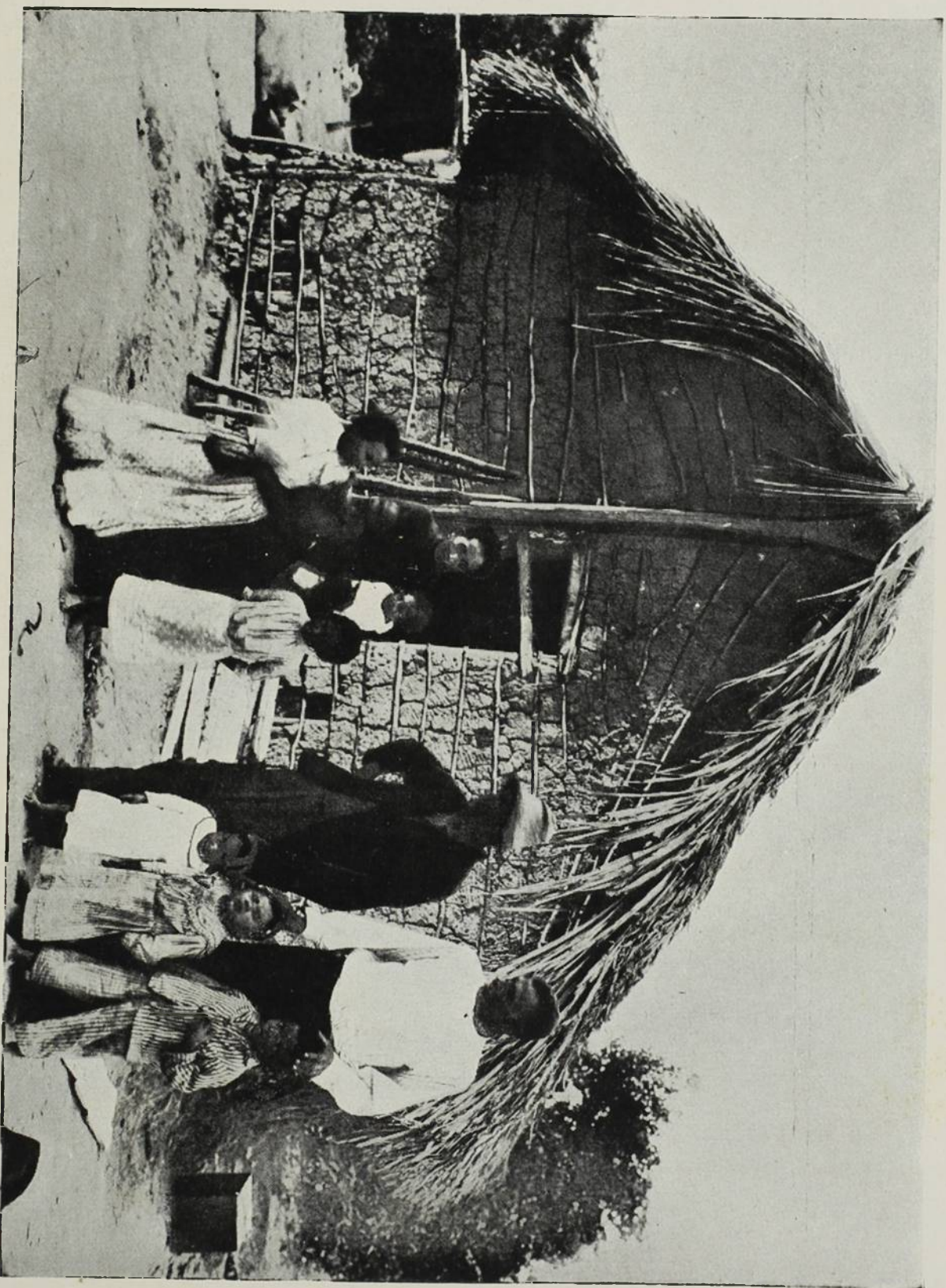
Nas alterações motoras predominam os factos de diplegia cerebral, característicos das localisações diffusas e bilateraes do parasito no encephalo; ahi, porém, observam-se todas as variantes na intensidade da paralysis, desde as simples dysbasias, até os casos de immobibilidade completa. Frequentes, e dos mais impressionantes são os individuos privados da estação vertical, e forçados pela contractura á attitude de cocaras, arrastando-se pelo sólo a modo de quadrupedes.

Nos paralyticos observam-se ainda deformações osseas, atrophias musculares, movimentos anormais, etc., condições que mais aggravam o feio aspecto de taes doentes.

As alterações psychicas apresentam-se tambem com aspectos muito varios, no que respeita á sua intensidade. Os simples deficientes mentaes, passíveis ainda de educação pedagogica bem orientada, abundam nas regiões de barbeiros e representam a concorrência de mecanismos pathogenicos diversos, ligados á trypanosomiase; mais alto, porém, chegam, muitas vezes, aquellas alterações, que se expressam commumente na idiotia completa, e fazem dos affectados creaturas definitivamente condemnadas á vida vegetativa, automatos humanos sem destino, finalidade pathologica de todas as energias e de todas as aspirações da nossa propria raça! E, desgraçadamente, ao invés de constituírem excepções, os factos dessa natureza apresentam-se como banalidade clinica nas zonas de barbeiros, onde caracterizam um dos problemas medico-sociaes de maior relevancia.

Ahi, nesse aspecto aterrador das fórmulas nervosas da trypanosomiase americana, felizmente, limitado a determinadas regiões do Paiz, encontramos um dos melhores fundamentos do valioso e efficiente conceito de Miguel Pereira, quando soube synthetisar as indicações sanitarias mais urgentes em nossa Patria, e quando pôde orientar a consciencia medica nacional para a mais humana e civilisadora de todas as campanhas!

A idiotia aqui, na maioria das vezes, é de causa organica, ligada ás localisações do parasito no encephalo e aos processos



Casebre infestado de barbeiros. Todos os seus moradores estão infectados

histopathologicos consequentes; pelo que, os idiotas apresentam alterações motoras simultaneas, ás mais das vezes traduzidas na diplegia, outras em monoplegias variadas, tudo evidenciando a razão anatomica da syndrome psychica.

Ao lado das duas formas chronicas referidas, fundamentadas nos melhores elementos de demonstração experimental, e hoje illustradas na exuberancia de casos clinicos bem pesquisados, outras se veem collocar, que denunciam mecanismos pathogenicos para o lado das glandulas de secreção interna.

Figuram nesse grupo os casos clinicos em que predominam as syndromes supra-renal e thyreoidiana da doença.

Constituem signaes clinicos da acção do parasito sobre as capsulas supra-renaes a melanodermia, a asthenia neuro-muscular, a hypotensão arterial etc. E tambem as verificações histopathologicas demonstraram ahi as localisações do parasito e as lesões do parenchyma por elle occasionadas.

No que respeita á glandula thyreoide, revestem-se os factos de grande complexidade e não facultam discussão summaria, senão simples referencia aos pontos essenciaes:

Não é licito duvidar de alterações especificas da glandula nos casos agudos da doença. Nelles, entre os signaes clinicos constantes, e dos mais salientes, figura o mixedema, equivalente pathologico de lesões anatomicas ou de perturbações funcçionaes da thyreoide. E nas vesiculas da glandula, localisado inicialmente nas respectivas cellulas, e determinando processos morbidos de apreciavel intensidade, tem sido verificado o parasito.

Nas fórmas chronicas, de accôrdo com demoradas observações em zonas de alto indice endemico, a hypertrophia da thyreoide constitue signal de grande frequencia; será, porém, essa hypertrophia um processo apenas simultaneo, independente da acção do *Trypanosoma cruzi*?

Esse o ponto discutido na historia clinica da nova doença e sobre o qual pairam ainda controversias no conceito de medicos e de experimentadores. O bocio endemico se desligaria, na sua interpretação etiopathogenica, da trypanosomiase americana, e iria constituir, nas zonas infestadas pela doença, um processo

morbido simultaneo, de natureza identica ao bocio de outros paizes.

Razões nos sobram para discordar desse conceito, e para interpretar o bocio endemico das regiões de barbeiro como um elemento morbido da trypanosomiase, ligado á acção inicial do protozoario sobre a thyreoide e expressando alterações consecutivas. Os factos epidemiologicos fundamentam de sobra essa convicção; de maior valia, porém, é o argumento pathogenico, trazido pela infiltração mucoide constante dos casos agudos. E desse assumpto temos cuidado com demora, proseguindo ainda em trabalhos que melhor e definitivamente o venham esclarecer. Cumpre, entretanto, admittir aqui a possibilidade, que seria absurdo recusar, de outros factores etio-pathogenicos para o bocio endemico, em regiões do Brasil livres da trypanosomiase americana. Toda a tendencia dos trabalhos modernos, concernentes á etiologia do bocio, é no sentido de affirmar sua natureza parasitaria. E si assim é, como recusar ao trypanozoma cruzi, de acção pathogenica multiforme, de localizações verificadas na glandula thyreoide, esse papel na etiologia do bocio? Como fazel-o, deante de tantos argumentos valiosos no que concerne á epidemiologia e á pathogenia da doença? E, por outro lado, não podemos, desde logo, afastar a hypothese de que em nosso paiz, além do factor verificado, outro exista, de natureza parasitaria ou não, determinando o bocio endemico. Aliás, cumpre affirmar, não nos foi ainda opportuno syndicar desses pontos com a necessaria demora, e nem sabemos, com segurança, de regiões de bocio, nas quaes tenha sido verificada a ausencia do hematophago transmissor do trypanosoma cruzi.

Relacionados com mecanismos pathogenicos diversos, especialmente com processos verificados para o lado das glandulas de secreção interna (supra-renal, órgãos genitales, thyreoide hypopnyse) figuram no quadro clinico da trypanosomiase americana dystrophias bem accentuadas, entre ellas merecendo aqui referencia o infantilismo.

Abundam nas zonas de barbeiro os infantis, que ahi representam residuos pathologicos de infecções adquiridas nas primeiras idades, quando o desenvolvimento organico fora desvia-

do de sua normalidade, pela acção do protozoario. Encontramos nesse infantilismo os mais variados grãos, e verificamos ainda que o seu typo morphologico bem se distancia do infantilismo thyreoidiano e traduz a concorrência de factores diversos, referidos, com os melhores fundamentos, ás alterações do aparelho endocrinico.

E' esse, o do infantilismo, um dos grandes capitulos abertos da doença do barbeiro, e nelle muito ha ainda que adquirir em noções valiosas de physio-pathologia. No ponto de vista social, o numero elevadissimo desses degradados physicos traduz os effeitos aterradores da nova doença, e mais salienta a importancia do problema sanitario respectivo. .

Não seria cabivel, no objectivo da presente publicação, maior demora nesse capitulo dos symptomas da trypanosomiasse. E, para terminar, vamos resumir os aspectos clinicos da doença na seguinte synthese:

A trypanosomiasse brasileira apresenta duas phases evolutivas bem distinctas, e caracterisadas por signaes clinicos e syndromes facilmente verificaveis: uma phase aguda e outra chronica. Na phase aguda o parasito é observado no sangue peripherico, em quantidade variavel com a gravidade da infecção, e entre os signaes clinicos mais salientes figuram a febre, ás mais das vezes com reacções thermicas continuas, a infiltração mucoide (mixedema) do tecido sub-cutaneo, a splenomegalia, etc. De accôrdo com grande numero de casos observados, esta phase inicial da doença tem uma duração media de 15 a 30 dias, sendo sua terminação caracterisada pelo desaparecimento da febre e pela ausencia de flagellados no sangue circulante. E' frequente o ataque do protozoario ao systema nervoso central, nessa phase da infecção; e essa occorrença determina processos inflammatorios meningo-encephalicos, bem caracterisados no ponto de vista clinico e bem fundamentados em verificações histo-pathologicas. Os casos assim complicados, nos quaes os signaes de meningite passam a dominar o quadro clinico, apresentam extrema gravidade, e, ás mais das vezes, terminam pela morte.

Na phase chronica a trypanosomiasse é caracterisada por diversas syndromes, de cuja predominancia resulta a possibilida-

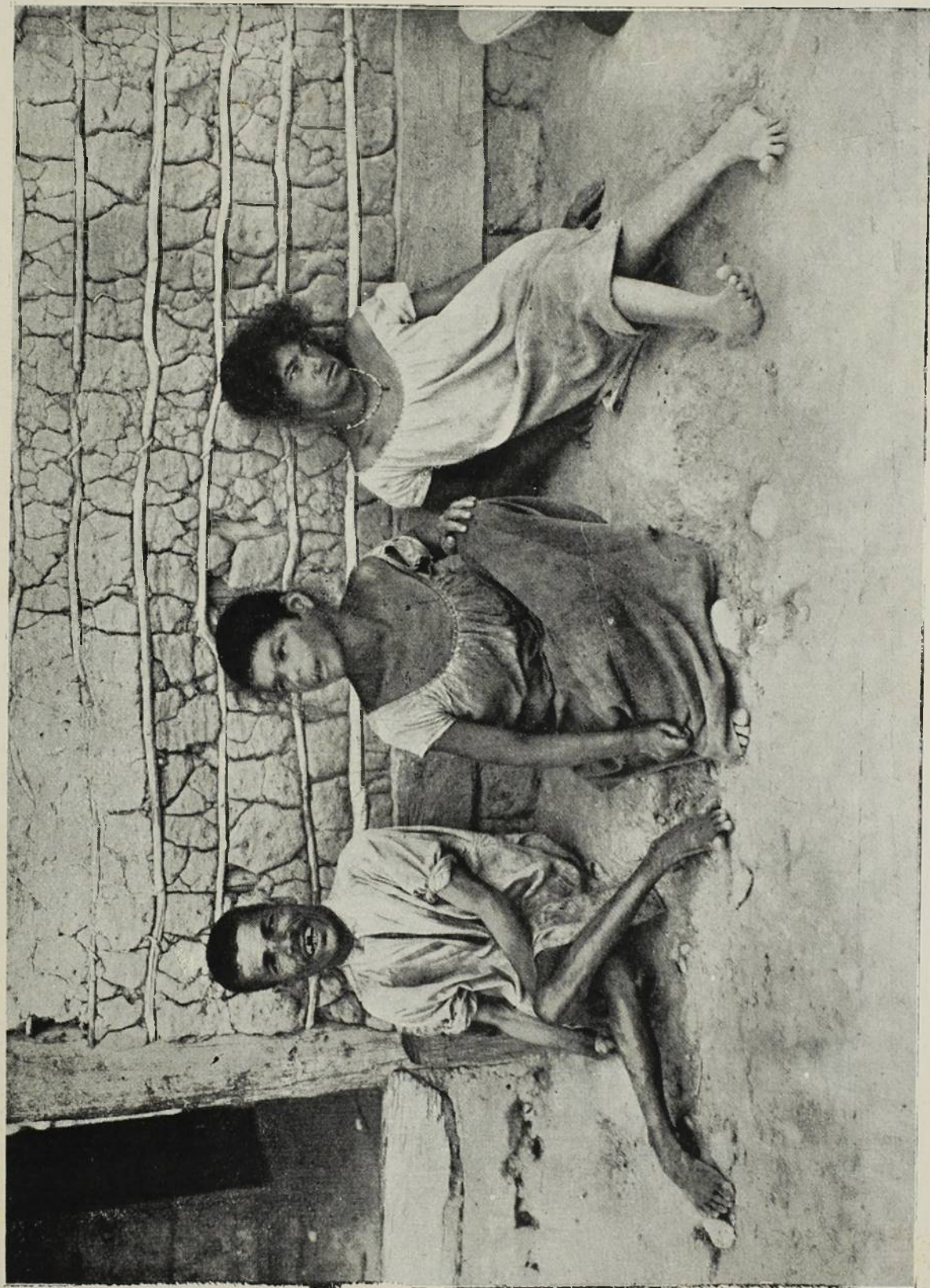
de de systematizar a doença em fórmulas clinicas. Destas as de maior saliencia são as fórmulas cardiaca e nervosa, que abrangem o maior coefficiente morbido das zonas infestadas pelo barbeiro, e que ahi determinam maiores maleficios. Além disso, syndromes glandulares figuram no quadro da trypanosomiase, entre ellas a syndrome supra-renal e thyreoidiana, e outras ligadas ás alterações dos órgãos genitales.

PROPHYLAXIA

A prophylaxia da nova doença consta essencialmente do combate ao insecto transmissor. Este, de habitos domiciliarios talvez exclusivos, abrigado ás frestas das paredes e a outros esconderijos das residencias humanas, poderá ser evitado ou destruido com facilidade relativa, apenas observados cuidados elementares no que respeita ás construcções. Cumpre, antes de tudo, afastar toda a possibilidade de procreação do insecto nas casas, cujas paredes devem ser rebocadas e livres de fendas e cujas coberturas devem obedecer a cuidados visando o mesmo objectivo. Nas zonas infestadas, as casas apenas barreadas (paredes de sopapo), e cobertas de capim, são absolutamente condemnaveis, visto constituirem os grandes focos de barbeiros, que ahi encontram condições as mais propicias de existencia.

E mesmo em casas de construcção melhor, o insecto poderá encontrar abrigo seguro em dependencias mal cuidadas, ou aproveitar para esconderijos o assoalho estragado, moveis velhos e outras condições defeituosas. Os gallinheiros, no geral exteriores ao domicilio humano, constituem séde frequente do hematophago, que poderá, á noite, fazer excursões até onde permanecem os individuos, e exercer seu papel de sugador.

Nas viagens em zonas infestadas, cuidados especiaes devem ser observados, no intuito de evitar a doença. A permanencia, á noite, nas residencias dos regionaes, offerece os maiores perigos de contaminação, e é sempre preferivel pernoitar no exterior, em barracas ou em qualquer outro abrigo, mesmo precario, á contingencia de soffrer picadas contaminantes. Dever-se-á tambem, mesmo durante o dia, evitar o contacto demora-



Forma nervosa. Diplegia cerebral e idiotia completa

do com as paredes das casas, o que seria oportunidade para as picadas do insecto.

Nas zonas de barbeiro é de aconselhar a ausencia de animaes domesticos, cães e gatos, nas residencias humanas, afim de impedir sejam elles transformados em depositarios do parasita, elementos favoraveis portanto á contaminação do insecto. E como medida prophylactica auxiliar, devemos tambem lembrar a extincção de tatús nas regiões visinhas dos domicilios humanos, visto ser aquelle mamifero o hospedador ancestral e o depositario do trypanosoma no mundo exterior.

CONSIDERAÇÕES GERAES

O combate á trypanomiase americana representa, em nosso paiz, um dos problemas sanitarios de maior relevancia, ligado aos mais altos interesses economicos e ao aperfeiçoamento progressivo da nossa raça, nas zonas ruraes. A condição domiciliaria dessa doença e a activa proliferação do insecto nas residencias humanas, occasionam o alto indice endemico das zonas infestadas, nas quaes a quasi totalidade dos habitantes mostram signaes clinicos da trypanosomiase.

E accresce, para mais aggravar os maleficios desse processo morbido, ser a infecção, ás mais das vezes, adquirida nas primeiras idades, o que determina a acção atrophiante do parasito na phase de desenvolvimento organico e, como consequencia, esse numero elevadissimo de creaturas degeneradas, definitivamente condemnadas á inutilidade, ou, quando menos, inferiorizadas no ponto de vista physico e mental. E isso em vastas regiões dos nossos sertões, alli onde maior valia representam a robustez e a resistencia do homem, votado ao trabalho de cultivar os campos, occupado em misteres que exigem, antes de tudo, a normalidade da vida organica. E haverá exaggero quando assim apreciamos as consequencias da nova doença? Haverá ahi, acaso, o objectivo de mais prestigiar os trabalhos da nossa escola, com sacrificio, embora, da verdade exacta?

Mais alto que a inconsciencia dos demolidores profissionaes falla ahi a realidade dos factos, e a quem possa aprecial-os com o necessario criterio scientifico, não faltarão elementos de con-

vicção valiosa para sancionar, em seus grandes traços, essa pagina de literatura medica nacional, escripta pelos discipulos de Oswaldo Cruz, sob a orientação e graças aos ensinamentos do mestre.

A trypanosomiasse americana não é uma doença exclusiva do Brasil; foi verificada, de modo insophismavel, na America Central, de onde vieram para o Instituto Oswaldo Cruz laminas de sangue parasitado e insectos com protozoarios no tubo digestivo. Em outros paizes da America do Sul, têm sido verificada a presença do insecto transmissor e no intestino delle o Trypanosoma cruzi; infelizmente, porém, os trabalhos experimentaes não foram ainda orientados no sentido de interpretar, com segurança, condições pathologicas que poderiam levar a admittir a existencia da doença em outras nações da America latina.

CARLOS CHAGAS.



POESIAS

ALBERTO I DA BELGICA

(No seu anniversario)

J'ai enseigné pendant longtemps que l'histoire était une école d'immoralité. Je ne le dirai plus après l'exemple que la Belgique vient de donner au monde. Un acte comme celui-là rachete les plus grandes vilenies de l'humanité et fait qu'on se sent plus fier d'être un homme.

BERGSON.

*Viva o Rei bom e sabio, que fez o povo de um paiz pequeno
Na paz viver contente, na horrenda guerra combater heroico.
Ante a feroz ameaça do inimigo foi altivo e sereno;
Na peleja foi bravo; e no infortunio soffre impavido e estoico.*

*Veu o guerreiro ruivo; tonto de força anciava espalhar morte.
— "Dá-me por teu paiz, ó Rei, passagem. Sou amigo e vizinho.
Quero esmagar os Francos. Abre-me o espaço livre que sou forte."
Responde o Rei sem medo: — "Meu paiz é nação, não é caminho."*

*— "Se não cedes por bem, cedes á força!" clama o guerreiro ruivo.
E desdenhoso e agigantado investe contra a terra pacifica.
Assim no adormecido aprisco acorda manso cordeiro ao uivo
De famelica fêra que á noite em salto á cerca assoma horrifica.*

*Mas a virtude é tambem força, e o brio não teme a sanha céga.
O pio e sabio Rei surge ao combate; falla ao seu povo. E unida
Na honra e no amor da patria, toda a nação a voz do Rei congrega,
Braços feitos um braço, todas as vidas feitas uma vida.*

*De audacia tanta assombra-se o guerreiro. Dobra-lhe o assombro a sanha.
Mas sobe o animo aos Belgas, que o amor da patria guia e o Rei sublime.
Vence o numero; embora ! cada corpo que tomba é gloria ganha;
E o sangue heroe, germina vingadores da fereza e do crime.*

Cedem os Belgas, lentos, passo a passo, não ao guerreiro, á lava

*Que irrompe das crateras subito abertas na encantada terra.
Cedem somente á morte, cedem, mas cada passo, atraz, entrava
Como um vallo o caminho do guerreiro para o gozo da guerra.*

*Rebrama, ferve, estoura, rabida a sanha do ruivo guerreiro.
Lastra-lhe o incendio a marcha, cobre-lhe os rastros o estupor do nada.
Mas o Rei, a quem a honra fez soldado, combate sombranceiro,
Maior do que o perigo; vibra-lhe o coração no aço da espada.*

*Assiste o mundo á pugna e accorre á pugna; na terra e no oceano
Fremente a furia da morte; rubro de sangue o mar á terra atira
Cadaveres sem conta; revolve em rio ao mar o sangue humano.
E espanta á natureza a força bruta que na estruição delira.*

*Mas dentre o estrondo horrivel que ensurdece de innumeradas batalhas,
O echo resoa ainda o som primeiro dos canhões de Liége.
E, mais alto que esse echo, soa a voz com que ao estalo das metralhas
Fallou primeiro o Rei, salvando a terra, que elle ama, e serve e rege.*

*Hoje é só num pedaço dessa terra que rege o Rei perfeito;
Mas alli vive a Patria, que elle de longe pelo amor governa.
Vive e cresce immortal, e esculpe e erige, no sacro solo, ao geito
Lento da gloria, a Alberto o Grande, immensa, fulgida estatua eterna.*

8 de Abril de 1917.

PERDÔA

*Perdôa se eu não soube nunca dar-te
O bem que mereceste e eu te queria,
Todos os bens, por este que eu sentia,
Todos, em paga, eram pequena parte.*

*Mas no amor que te amava não puz arte;
Não calculei effeitos, nem previa;
Nem de mim mesmo nada mais sabia
Que esta confusa sensação de amar-te.*

*E assim por te querer, causei-te pena.
Envolvi teu destino em meu destino,
E hoje soffres do mal que me envenena,*

*Por culpa deste coração mofino,
Que na propria ventura me condemna
A um cégo e amargurado desatino.*

*Dia a dia mais magro; a côr se esvae
No rosto áquelle tom amarelento
Da folha exhausta que á mercê do vento
Espera o instante de cahir, e cae...*

*Olhar amigo em que me espelho, trae
A impressão do semblante macilento.
Nem causará surpresa o acabamento
Do pobre corpo que acabando vae.*

*Affeições, livros meus, em obra e em plano,
Que tempo ainda os lograrei? um anno?
Em que differe, mais que em grau, de mim*

*O condemnado á morte por sentença?
Elle morre num dia; é a differença.
Eu todo dia vou morrendo assim.*

VERSOS QUE FAÇO...

*Versos que faço, não sei
Se os outros lhes dão valia;
Eu no fazel-os achei
Uma illusão de alegria,
E da vida me esquecia.*

*E esquecendo-me da vida,
Não me lembrava o morrer;
Que a morte mesma sentida
Dava a materia invertida
Para o engano de viver.*

*Só com meus versos já fiz
Muita viagem ao sonho,
E fizeram-me feliz.
E eis porque versos componho
E o meu animo os bemdiz.*

*Poucos vos têm por ventura,
Ou a ninguém agradaes.
Que importa? a bocca não cura
De que outros achem doçura
Na doçura que lhe apraz.*

*De que cuida no cantar
O canoro passarinho?
Na infinidade do ar
Basta-lhe o calor de um ninho
E uma voz para o escutar.*

*Uma voz com que elle sinta
Habitada a solidão.
E quando essa voz é extincta,
Que á propria voz já lhe minta
De echo em echo uma illusão.*

ANTES SEMPRE HAVER SOFFRIDO

*Antes sempre haver soffrido
Que o não ter, e vir a ter
Um pesar desconhecido,
Que ao que só teve prazer,
Por novo é mais de doer.*

*Quem viveu no soffrimento
Acaba do seu costume
Por não pôr o pensamento
Na alegria, nem presume
Que haja alguém de dor isento.*

*Tal ao cégo por ventura
Que os olhos sem luz abriu,
A luz mesma se affigura
Que é para todos escura,
Como elle sempre a sentiu.*

*Mas o que a sabe, se um dia
Vem a perdel-a, na treva
Que a vida então lhe agonia,
Com que saudade do dia,
Seus tristes olhos eleva!*

*Antes cego de nascença !
Antes velho soffredor !
Em ser feliz não se pensa,
E a dor, se é menos intensa,
Já parece não ser dor.*

MARIO DE ALENCAR.

LUIZINHA

COMEDIA EM DOIS ACTOS

ACTO I

SCENA I

Luizinha e Sara

(Ao subir o panno, Luizinha canta ao pianc. Sara borda, junto á mezinha do centro).

LUIZINHA. *(Cantando)*

E' tão pouco o que desejo
Mas é tudo o que me falta
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

De rama tão alta... *(Voltando-se para Sara)* Você nunca viu um galho de roseira curvado ao peso da flor?

SARA *(Sorrindo)*. Vejo-o todos os dias. E' pessoa muito do meu conhecimento...

LUIZINHA Indiscreta... E vamos á lição que por causa desta cantiga estudei tão pouco. E' preciso cumprir a obrigação...

SARA. Ainda que não seja sinão depois da devoção...

LUIZINHA. Devoção... que suave palavra! Mas esta canção... *(cantando)*.

Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta...

Esta canção é muito bonita, não é?

SARA. Muito. Você já me perguntou quatro vezes... E eu já respondi...

LUIZINHA. Quatro vezes? E' por isso que já sei de cór a sua resposta. Vamos ao estudo de Debussy. *(Inicia a Aquarelle. Depois de algumas phrases interrompe o canto)*. E' muito complicado. E não me diz nada. Vocês que gostam desta musica rebuscada têm de certo um terceiro ouvido... Eu não a entendo. Mas é preciso que a estude. Disci-

pula que não canta Debussy compromette o mestre (*Recomeça a Aquarelle. Ao fim de algumas phrases*). Não vae mesmo. Acudamos á minha garganta (*Faz soar o timpano*). Hoje não quero que ella falte.

SARA. Na musica de Debussy?

LUIZINHA. Não, na outra. Na que eu entendo.

SARA. Com relação a essa é que eu creio que você tem um terceiro ouvido...

SCENA II

As mesmas e Jesuina

JESUINA (*entrando*). A menina chamou?

LUIZINHA. Traga-me um copo d'agua, e assucar.

JESUINA. Um copo com agua e assucar?

LUIZINHA. Sim, creatura. Um copo. Agua filtrada. O assucareiro. Uma colher. Tudo numa salva. Entendeu?

JESUINA. Entendi, menina. Uma salva num copo filtrado com agua e o assucareiro com assucar numa colher... Vou por elles. (*sae*).

SCENA III

LUIZINHA. E' um trapalhona. Atrapalha-se com tudo que se lhe diz numa lingua que, afinal, se parece bastante com a della. Tambem, coitada! com tres dias de Brasil... e apenas vinte e quatro horas de creada...

SARA. E era uma rustica, que só aprendeu a lavrar a terra, e só conhecia as beiradas da sua aldeia...

LUIZINHA. E' preciso ter paciencia com ella... Que seria eu como criada?

SARA. Você?...

LUIZINHA. Não acabava o dia. Punham-me na rua...

SARA. Por falar em rua... (*olhando o relógio da pulseira*). São horas de sair com miss Gribble. Vou pôr o chapéu. Até já (*sae*).

SCENA IV

Luizinha e Jesuina

JESUINA (*apresentando-lhe a salva*) Tome lá.

LUIZINHA. Não diga assim, — Tome lá! — que é feio, Jesuina (*Põe-se a preparar a agua com assucar*).

JESUINA. Que heide então dizer?

LUIZINHA. Diga — "Está aqui o que pediu" — por exemplo.

JESUINA. Digo, digo, que não custa dinheiro: Está aqui o que pediu por exemplo.

LUIZINHA. Ou não diga nada, que é melhor. Quando se lhe mandar fazer alguma coisa, faça-o calada. E só responda ao que se lhe perguntar. (*Depois de tomar a agua com assucar, volta ao piano e recomeça o canto*).

JESUINA (*com a salva nas mãos*). A menina está a cantar?

LUIZINHA. Parece. Porque?

JESUINA (*hesitando*) Porque...

LUIZINHA. Diga.

JESUINA. Porque a mim me não parecia. Este é canto cá do Brasil?

LUIZINHA (*rindo*) E'. Você, está-se vendo, gosta mais dos da sua terra? Eu também.

JESUINA. Os cantos que se lá cantam são outros. Mas tudo é cá diferente.

LUIZINHA. Será você capaz de cantar este fado? (*Tóca*).

JESUINA. Ai que não sou! Logo o fado liró.

LUIZINHA. Pois então, cante (*toca o fado*).

JESUINA. (*Largando a bandeja sobre a mezinha do centro, canta*):

Guitarra, guitarra, geme,
Que o meu peito todo freme
Quando chóras pianinho.
Nem ha fado com mais alma
Que o liró, pois leva a palma
Té ao fado choradinho.
Vou pedir a Deus que deite
Trinta gotinhas de leite
Numa concha de carmim.
Verás como se assemelha
A' tua bocca vermelha,
Aos teus dentes de marfim.

SCENA V

(*Miss Gribble e Sara apparecem á porta e estacam*)

MISS GRIBBLE (*escandalizada*) Oooh!...

JESUINA (*cantando*) Oh, oh, oh, oh...

MISS GRIBBLE (*avançando energicamente. Para Luizinha*). Oooh!
Não é bonito. *Improper*. Na sua sala de estudo. Uma criada. Cantando.
Você acompanhando. (*Para Sara*) *Improper*, não acha?

SARA, (*sorrindo*) Realmente. Luizinha... Miss Gribble tem razão.

MISS GRIBBLE. (*para Jesuina*) Vae para seu serviço. La dentro.
No seu logar. (*para Luizinha, que sorri*) Você é sempre como quando estava assim (*indicando altura de creança*).

LUIZINHA. (*rindo e abraçando-a*) Tem razão, minha bôa Miss Gribble. Atura-me desde que eu era (*reproduzindo o gesto de Miss Gribble*) assim... E ainda não se acostumou com as minhas travessuras. Mas acaba sempre perdoando... e rindo. Eu estava suffocada de musica sabia. O fado liró é bonito, não é? (*canta, acompanhada de guitarras na orchestra*).

Perguntei á minha amada
Si ao romper da madrugada
Ella a porta vinha abrir.
Mas ella, sempre furtiva,
Fingindo-se pensativa,
Nada mais fez que sorrir...

MISS GRIBBLE. Oooh!

LUIZINHA. E então vão á cidade, enquanto a pobre de mim fica á voltas com Debussy?

SARA. Você não quer incumbir-nos de nada?

LUIZINHA. Quero. Quero que vão á casa Mappin e tomem lá chá por mim. Com torradas, e pouco assucar. E Miss Gribble, a quem compete instruir-me, repare bem nas toilettes para me contar qual é a moda hoje. (*Fingindo fallar no ouvido de Sara, mas de modo que miss Gribble ouça*). Arranje e traga-me um noivo... para miss Gribble. Jurei que a havia de casar...

MISS GRIBBLE. Sempre alegre. *Terrible* Luizinha!

LUIZINHA. *Terrible* miss Gribble, é por vingança. Não socego emquanto não a vir com um noivo a quem diga, não Oooh!... como a mim, mas... (*com derretimento comico*) Oooh, my dear! (*Abraça miss Gribble, que ri desenzabidamente*).

SARA. Até logo.

LUIZINHA. Até logo. (*Para miss Gribble*). Esta Sara é uma flor não é?

MISS GRIBBLE. Sim, uma flor, sempre. Você também. Mas você, algumas vezes, precisava ter mais... mais...

LUIZINHA (*rindo*) Juizo, diga.

MISS GRIBBLE. Oooh! Juizo, não. Nunca eu dizia. Mais... mais... Até logo (*sae*).

SCENA VI

Luizinha, 26

Si eu tivesse juizo não estudava canto e ia com ellas á cidade, que é mais divertido. Este Debussy acaba-me com a casta. É tão complicado. Musica para artistas. E eu, em materia de canto sou uma simples... amadora. (*Olhando o relógio da pulseira*). Um minuto para as tres. Não tarda o sr. Gervasio, o sr. Gervasio Gomes, meu respeitavel professor. (*Soa fóra, a campainha electrica*). Eil-o.

SCENA VII

JESUINA. Menina está cá um homem que...

LUIZINHA. Faça-o entrar.

JESUINA. Faça-o entrar? Para aqui?

LUIZINHA. Sim Faça-o entrar pa-ra a-qui. Entendeu?

JESUINA. Entendi, menina. Entendi. E vou por elle. Vou já. (*Luizinha dá um geito ao cabello e a uma rosa que traz ao peito, e senta-se ao piano, onde dedilha*).

SCENA VIII

JESUINA (*da porta, com um desconhecido*). Está cá o homem do leite.

LUIZINHA (*voltando-se bruscamente*) Quem? (*ao desconhecido*) Quem é? Que quer?

O DESCONHECIDO (*gaguejando*) Io... sono venuto...

(*Soa fóra a campainha*)

LUIZINHA. (*a Jesuina*) Vá ver quem está batendo e faça entrar, isto é, pergunte-lhe o nome. Se fôr o sr. Gervasio Gomes faça-o entrar para aqui.

JESUINA. Sim, menina. Si for o sr. Gervasio Gomes, faça-o entrar. Isso faço. Si não for...

LUIZINHA (*impaciente*) — Ande. Vá ver.

JESUINA. Vou. Já estou indo...

LUIZINHA. (*olhando no relógio da pulseira*). Deve ser elle. (*dando com o desconhecido*) Mas que quer o senhor?

O DESCONHECIDO. Io... Io...

SCENA IX

GERVASIO (*á porta*) Dá licença, D. Luizinha?

LUIZINHA. Chegou atrasado. Tres minutos. E' um caso raro. E logo hoje...

GERVASIO. Um atrazo do bond, minha senhora.

LUIZINHA. Por isso é que eu não gosto de andar de bonde. Por isso, e porque não é commodo. O sr. não prefere andar de automovel?

GERVASIO (*sorrindo*). Esquece D. Luizinha, que sou um simples professor de canto...

LUIZINHA. E' verdade. Nunca me lembro disso.

JESUINA (*que tem estado, á porta, discutindo acaloradamente com o desconhecido*). A menina mandou que cá viesse. Espere, homem (*a Luizinha*). Oh menina, o homem do leite...

LUIZINHA. Que quer, afinal, o homem do leite?

JESUINA (*adeantando-se*). Diz que... não sei que. Não n'ó entendo.

LUIZINHA (*para o desconhecido*). Que quer afinal o senhor?

O DESCONHECIDO (*gaguejando*). Ispezionare l'orologio della luce elettrica...

LUIZINHA (*rindo*). Ah, é empregado da Light? Pois vá ver. Vá você com elle, Jesuina. Acompanhe-o.

JESUINA. Vou, sim, menina. E é longe?

LUIZINHA — Pergunte ao copeiro. Pergunte lá dentro.

JESUINA. Pergunto, menina. Pergunto. (*ao desconhecido*) Ande-me, ande-me. (*Saem os dous*).

SCENA X

LUIZINHA. E' uma trapalhona. Mas, para fazer justiça, neste caso as trapalhonas fomos as duas, não acha?

GERVASIO. Permite, D. Luizinha, que lhe dê os parabens, pelos seus annos, e faça votos para que seja feliz, muito feliz?

LUIZINHA. Agradeço-lhe os parabens. os votos que faz, e as lindas rosas que me mandou (*mostrando-lhe a que traz ao peito*) Reconhece esta? Mas eu quero agradecer-lhe melhor do que com palavras. Preparei-lhe uma surpresa.

GERVASIO. Uma surpresa?

LUIZINHA (*sentando-se ao piano*). Conhece? (*canta*).

E' tão pouco o que eu desejo
Mas é tudo o que me falta
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

Ninguém sabe o que supporta
O mar que chora na areia.

Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia.

Em baixo o pranto das aguas,
Em cima, a lua serena;
E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar... e tenho pena.

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida,
Morrer de não ser amado.

— E agora, diga-me uma cousa, porque me occultou que tinha escripto sobre esses versos esta musica que só por favor de uma amiga conheci?

GERVASIO. Porque era cousa tão...

LUIZINHA. Tão o que? Diga.

GERVASIO. Tão insignificante...

LUIZINHA. Senhor Gervasio Gomes, sabe que não gosto dos maldizentes e destesto principalmente os que dizem mal dos meus amigos. Si o senhor não quizer reconhecer que essa canção é linda...

GERVASIO. Oh, minha senhora...

LUIZINHA. Ficamos de mal. (*Offerecendo-lhe o dedo mínimo em curva*) Quer cortar?

GERVASIO (*sorrindo*). Não, D. Luizinha. Asseguro-lhe que não quero. E vamos agora á lição?

LUIZINHA (*suspirando*). Vamos. (*Canta a Aquarelle de Debussy*).

Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches
Et puis voici mon cœur qui ne bat que pour vous
Ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches
Et qu'a vos yeux si beaux l'umbré présent soit doux.
J'arrive tout couvert encore de rosée
Que le vent du matin vient glacer á mont front.
Souffrez que ma fatigue á vos pieds reposée
Réve des chers instants qui la delasseront.
Sur votre jeune sein laissez rouler ma tête
Toute sonore encor de vos derniers baisers
Laissez-la s'apaiser de la bonne tempête
Et que je dorme un peu, puisque vous reposez.

GERVASIO. Bravo! Sabe que cantou como uma artista? Começa enfim a acceitar e sentir as subtilezas dessa musica feita de nuances e que realisa a perfeição, não é verdade?

LUIZINHA. Ainda não. Mas tenho esperança. O senhor faz tanto empenho nisso... (*Escolhe outra musica*).

SCENA XI

D. EMILIA (*entrando com Estacio*). Luizinha, olhe quem está aqui.

LUIZINHA (*correndo para o Estacio, cujas mãos aperta*). O Estacio! Ora essa! Como nem a Sara avisou da sua chegada? Você é o que

se pôde chamar um noivo sem graça. Bem feito, não a encontrou em casa. (*olhando no relógio*) Mas não pôde tardar.

D. EMILIA (*cumprimentando Gervasio*). Interrompi-os por uma novidade que me alvorçou... O Estacio chegado inesperadamente do sertão e dos selvagens, depois de mais de um anno de ausencia... já o conhecia?

GERVASIO. Apenas de nome, de tanto bem que delle se falla aqui nesta casa, e no publico, onde a sua reputação de moço scientista está penetrando gloriosamente...

D. EMILIA. Si não fosse meu sobrinho, quasi meu filho, diria que se está tornando um grande homem...

GERVASIO. Diga-o, minha senhora, e tenha orgulho delle, como o Brasil vae tendo.

(*Luizinha e Estacio approximam-se*)

D. EMILIA. Estacio, o sr. Gervasio Gomes, um artista de valor... (*Estacio cumprimenta-o*).

GERVASIO -- Oh, minha senhora, por quem é...

D. EMILIA. E' um excellente amigo nosso, que espero será tambem seu. Faz-nos o favor de ensinar canto a Luizinha.

ESTACIO. Conhecia-o de nome. Ainda da ultima vez que estiveram no Rio, por ocasião da minha partida para a Rondonia, minha tia e Luizinha fallaram-me do senhor com... eu ia dizendo com amizade, mas corrijo-me a tempo — com enthusiasmo.

D. EMILIA. Não é verdade?

ESTACIO. Luizinha revelou-me então composições suas que me pareceram encantadoars. E fez-me conhecer uma discipula que, pela sua arte, attestava a competencia do mestre...

GERVASIO. Uma discipula minha?

LUIZINHA. Era eu. Como elle vae ficar vaidoso!

GERVASIO. E não tenho de que?

D. EMILIA. Pois é uma discipula que só o sr. Gervasio, com a sua paciencia de santo, aturaria... Elle é uma das maiores victimas de suas travessuras. Eu bem lhe peço que use de rigor, a castigue... Mas elle está sempre prompto a perdoar-lhe e a defendel-a.

ESTACIO. Então a Luizinha é sempre o gracioso diabrete que era?

D. EMILIA. O mesmo, não direi... Está peor, (*todos riem*).

LUIZINHA (*com um ar fingido de queixa*). Ah, mamãe, que exagero! E seria pena que o Estacio o acreditasse. Para que fazel-o cahir nesse grande erro, a elle, que é um sabio? (*A Gervasio*) Não é verdade que eu sou a melhor creatura deste mundo?

GERVASIO. Eu estaria prompto a jurar-o, si...

LUIZINHA. Si?...

GERVASIO. Si fosse lisongeiro.

LUIZINHA. O senhor não gosta de dizer o que não sente. Mas desconfio que tambem gosta pouco de dizer... o que sente.

D. EMILIA. Vamos sentar-nos. A lição de canto... Tambem hoje é dia dos annos da Luizinha...

ESTACIO. E' verdade. Hoje é tres de Junho. Está uma senhora. Apresento-lhe os meus respeitosos cumprimentos (*Luizinha faz, com gravidade comica, uma mesura*).

D. EMILIA. Vamos sentar-nos. (*sentam-se*). E agora conte-nos o Estacio alguma cousa de si, dos sertões por onde andou, dos bugres com

quem viveu. Quanto á saude, parece que não aproveitou muito. Acho-lhe assim um ar abatido. Será das canceiras, das privações... Passou por lá horrores, está visto...

ESTACIO. Horrores, horrores, não direi. Pouco conforto, alguma fome...

LUIZINHA. Fôme? Mas lá não usam a antropophagia?

ESTACIO. Usam, moderadamente. E só entre os naturaes. Os estranhos apenas uma ou outra vez são a ella admittidos, na qualidade de alimento.

D. EMILIA. O que eu mais admiro no Estacio é essa coragem de se metter no sertão, a estudar os selvagens, como si não houvesse tanta outra cousa a estudar sem tamanho sacrificio do bem estar. Um moço criado com tanto mimo. Estudou medicina sendo um dos ornamentos da sociedade elegante do Rio. Formou-se. Estava conquistando nome de sabio... E deixou tudo isso...

LUIZINHA. Para ir tentar a clinica entre os nambiquaras.

GERVASIO. Para ser um heróe. O sr. dr. Estacio é um paulista em quem revive a alma dos bandeirantes.

ESTACIO. Não exageremos. Fui, como simples auxiliar do illustre Rondon, exercer a minha curiosidade scientifica no estudo de alguns dos ultimos exemplares sobreviventes do homem paleolitico. Prestei o meu pequeno esforço, bem menor do que o de outros que lá estão com mais assiduidade, á grande obra de conquistar para a nossa Patria o seu vasto sertão. Não exageremos o meu papel, muito secundario...

LUIZINHA. Exageremos, ao contrário. Estacio é um entusiasta do Brasil brasileiro. Tudo que é nosso, bem nosso, o interessa com fervor, mesmo os selvagens, abandonados egoisticamente até ha pouco por nós, parentes civilisados delles. (*A Estacio*). Eu gosto da energia com que você manifesta por actos como ama a nossa terra em tudo que é della, os seus triumphos ou as suas tristezas. Admiro-o. (*Sorrindo*) E... si Sara não se tivesse adeantado, ia eu tratar de fazer a bella conquista desse conquistador dos sertões...

ESTACIO (*constrangido*). Mas a minha chegada interrompeu o seu canto. Quer fazer-me a graça de recommençar? Para um pobre homem que passou mais de um anno entre os nambiquaras...

LUIZINHA. (*levantando-se*). Vou cantar-lhe alguma cousa evocativa.

GERVASIO (*levantando-se*). Quer, de certo, que a acompanhe...

LUIZINHA. Não, obrigada, (*senta-se ao piano, e canta uma canção nambiquara, depois de tirar de uma estante um volume da Rondonia*).

Ni-zá-niná orekuá, kuá
Kaza-etê, etê...
No-zá-niná orekuá, kuá
No-za-ninó terá-han, ra-han
Olo-niti, niti,
Noterá han kozê tozá
Noterá-terá
Kenakiá-kiá
Nê e ená ená —
Ualalô lalô
Girá halô halô.

(*Findo o canto, a Estacio*) Você decerto entende isto, musica e letra. Explique-o ao sr. Gervasio que precisa ensinar-m'o.

ESTACIO (*sorrindo*). Não confundamos, Luizinha. Eu pretendo que civilisemos os nossos parentes selvagens, e não que aprendamos com elles a sua cultura...

GERVASIO (*sorrindo*). Na musica, sobretudo. A delles...

LUIZINHA. Acho-lhe semelhança com a de Debussy... Não as entendo bem, nem uma, nem outra...

GERVASIO. Oh, minha senhora! Pelo amor de Deus, poupe não já a Debussy, mas ao seu modesto professor!

LUIZINHA. O Estacio sabe que eu gosto de brincar... E agora, para me penitenciar, dessa brincadeira que offendeu o meu mestre vou cantar a serio. (*A Gervasio*). Quer acompanhar-me? (*Gervasio levanta-se*).

SCENA XII

Sara e miss Gribble apparecem á porta. Sara estaca. Miss Gribble pára discretamente. Estacio levanta-se, e dirige-se para Sara)

SARA. Estacio!

ESTACIO — Sara! (*ficam de mãos dadas, contemplando-se*).

MISS GRIBBLE (*dirigindo-se a Gervasio*). Passa sempre bem, não?

GERVASIO. Obrigado. E a boa miss Gribble...

D. EMILIA (*a Gervasio*). Coitada de Sara. Ha dez mezes, desde que meu irmão morreu, é a primeira alegria que tem. E alegria um tanto misturada de tristeza. Recebe, pela primeira vez, o noivo fóra da sua casa, que já não tem...

GERVASIO. Na casa, porém, de uma segunda mãe...

LUIZINHA. Pobre Sara. Vou ver si a distraio e animo. (*A Estacio*) Agora, em vez de musica nambiquara... (*acompanha Sara com os olhos. Estacio e miss Gribble cumprimentam-se*) Bom dia!

GERVASIO. Eu não lhe dou bom dia. Que melhor poderia ter do que este?

LUIZINHA — (*a Estacio*). Em vez de musica nambiquara, de que de certo veio farto, póde você ouvir uma linda voz de que não se fartará... Sara, o Estacio chega dos sertões sedento de musica...

SARA — Você sabe que eu canto tão poucas vezes...

LUIZINHA — Cantava poucas vezes. Agora... Agora é differente. Vae cantar como um canario. O Estacio espera.

SARA — Luizinha...

LUIZINHA (*a Estacio*) Está acanhada. E' natural. No caso della, até eu o estaria... (*A Sara*) Vamos. Eu ajudo. Cantemos um dueto. Alguma cousa bem brasileira, na musica e na letra, e de autor (*olhando para Gervasio*) muito conhecido... nosso. (*A Gervasio*) Quer acompanhar-nos?

(*Gervasio levanta-se, os tres dirigem-se para o piano. Luizinha e Sara, acompanhadas por Gervasio, cantam*)

Ultima confidencia

LUIZINHA

E si acaso voltar? Que hei de dizer-lhe quando
Me perguntar por ti?

SARA

Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...
Nessa tarde parti.

LUIZINHA

Si arrependido e ancioso elle indagar: "Para onde?"
Por onde a buscarei?"

SARA

Dize-lhe: "Para além... Para longe... Responde
Como eu mesma: "Não sei!"

Ai, é tão vasta a noute... A meia luz do ocaso
Desmaia... Anouteceu...
Onde irei? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso
Até achar o ceu.

Eu cheguei a suppor que possível me fosse
Ser amada, e viver;
E' tão facil a morte... Ai, seria tão doce
Ser amada... e morrer!

Ouve, conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
As lagrimas que vês...
Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que elle me fez.

Narra-lhe, transe a transe, a dor que me consóme.
Nem houve nunca igual!
Dize-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final.

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bocca
Que o seu beijo não quiz:
Golfa-me em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca!
Sinto-me tão feliz...

Nada lhe contes, não... Poupa-o. Eu quasi o odeio...
Occulta-lh'o Senhor.
Eu morro! Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer... de amor.

(Todos applaudem).

O COPEIRO (que estava, á porta, esperando que terminasse o canto)
O chá está servido.

D. EMILIA. Vamos ao chá? (A Gervasio) Previno-o desde já que
conto com o senhor para jantar connosco. Pelo motivo que sabe, não
festejamos hoje o anniversario da Luizinha sinão em familia. Mas o se-
nhor é como da familia...

GERVASIO. Oh, minha senhora, seria indiscreto si acceitasse esse
convite, que agradeço.

LUIZINHA. Estacio, você que andou civilisando os nambiquaras, es-
plique ao sr. Gervasio Gomes como deve proceder um cavalheiro convi-
dado para jantar com uma dama que faz annos...

ESTACIO (*sorrindo, constrangido para Gervasio*) Realmente, esse convite obriga.

D. EMILIA (*a Estacio*) Quanto a você...

ESTACIO. Infelizmente não posso, titia...

SARA. Como? Você vai sair antes de jantar?

LUIZINHA. Sr. Gervasio, peço-lhe que explique a este senhor vindo dos nambiquaras como deve proceder um cavalheiro convidado para jantar com uma dama que faz annos...

GERVASIO (*sorrindo, a Estacio*) Realmente é um convite que obriga. (*Todos riem, e saem, menos Sara e Estacio*).

SCENA XIII

ESTACIO. (*fazendo um signal a Sara para que se sente, senta-se*) Sara, com atraso de muitos mezes me chegou ao sertão a noticia da morte de seu pae. Logo que a recebi, tratei de voltar para acompanhá-la na sua magua, e realisar o meu sonho...

SARA. O nosso sonho...

ESTACIO. Corri, si se pôde dizer assim desse lento arrastar através immensas solidões sem recursos, para a minha noiva tornada orphã... Cheguei, ha tres dias, ao Rio...

SARA. Ha tres dias, já?

ESTACIO. Fui obrigado a deter-me lá, onde soube que seu pae morrera desesperado por ter-se e tel-a arruinado... Fui depôr-lhe sobre o tumulto algumas flores...

SARA. Obrigada, Estacio.

ESTACIO. Soube tambem que você tinha vindo para a companhia de nossa tia. Só hoje, ha pouco, cheguei a S. Paulo, aonde vim para jurar-lhe que amo mais do que nunca a amei...

SARA. Oh, obrigada, Estacio!

ESTACIO — E dizer-lhe um ultimo adeus.

SARA (*sem comprehender*) Um ultimo adeus?

ESTACIO. Sim Sara. Venho restituir-lhe a mão que você e seu pae me haviam promettido.

SARA (*levantando-se, hirta*) Adeus!

ESTACIO. Um momento ainda, Sara.

SCENA XIV

LUIZINHA (*á porta*) O idilio parece que vai longe... Querem que lhes mande ai o chá?

ESTACIO. Obrigado. Luizinha. Já vamos. (*Luizinha desaparece*). Escute, Sara. Sente-se. Tenho ainda tanto que dizer-lhe. E é tão difficil resumir tudo que tenho a dizer-lhe. Sara, eu tambem estou pobre. O amigo a quem eu confiara a administração dos meus bens metteu-se em especulações. Arruinou-se, arruinou-me, fugiu. Detive-me no Rio a liquidar o pouco que me restava e que apenas deu para honrar o meu nome abusivamente compromettido pelo meu procurador. Estou sem nada...

SARA. E nessas condições, comprehende-se, não pôde casar com uma moça como eu...

ESTACIO. Sara, não diga isso em que você mesma não acredita. O que eu não posso, o que não devo, o que eu não quero, é sacrificá-la. Você, filha de banqueiro foi criada na opulencia. Tem direito a essa opu-

lencia, que é a unica atmospheria possivel á sua alma fidalga. Mantem-n'a na companhia de nossa tia, em que encontrou uma segunda mãe, e na de Luizinha, em quem encontrou uma irmã. Eu sou um condemnado á pobreza. Dediquei até hoje o meu esforço ao estudo de sciencias que pensava poder cultivar sempre na independencia das preoccupações materiaes. Sou um medico que nunca exerceu a medicina, e se reconhece inapto a exercer essa, ou qualquer outra profissão util. Não sei ganhar dinheiro, nunca aprendi. E não quero, Sara, que você seja a mulher de um scientista incapaz de ser outra cousa, votado á pobreza, que para você seria a miseria...

SARA. E eu, Estacio, quero ser a mulher, amada e feliz, desse scientista pobre...

ESTACIO. Não, Sara. Você é uma menina de dezoito annos. Eu tenho vinte e seis, e sou um homem. Você tem o direito de querer sacrificar-se. Eu tenho o dever de não acceitar o seu sacrificio. O meu unico, irremediavel destino, é o sertão. Não tenho outra carreira. Não posso ambicionar, para mim, sinão que você mantenha o esplendor da sua vida.

SARA. Estacio, meu Estacio, pois você acredita que eu consentiria...

ESTACIO. Peço-lhe eu, Sara. A unica, a ultima felicidade que hoje posso esperar é de a ver feliz. Não m'a negue Sara! Eu nunca me perdoaria si a sacrificasse ao meu egoismo... E teria sempre o terror de que você mesma, algum dia, ao ver com os olhos marejados de lagrimas a sua vida estragada por esse amor de criança, não m'o perdoasse...

SARA. Oh, Estacio, porque lhe mereci esta idéa?

ESTACIO. Perdoe-me, Sara. Mas peço-lhe, peço-lhe por tudo, que não procure arredar-me do meu dever. Si eu a sacrificasse, considerar-me-ia indigno de mim mesmo.

SARA. Pensa que cumpre assim o seu dever, Estacio?

ESTACIO. Penso. Parto amanhã. Separemo-nos como amigos. Sejamos amigos sempre, Sara.

SARA (*levantando-se*). Adeus, Estacio. Sejamos amigos sempre. Si algum dia decidir-se a voltar, ha de encontrar-me... esperando (*sáe*).

SCENA XV

Estacio e Luizinha

LUIZINHA. (*da porta*) Então esse idilio eternisa-se? (*entrando*) Onde está Sara?

ESTACIO. Sara... Sara... Foi-se embóra...

LUIZINHA. Foi-se embóra? Para onde?

ESTACIO. Por alli... Por alli... (*Luizinha sáe*).

SCENA XVI

ESTACIO (*encaminhando-se para a porta*) Vamos. E' preciso não dar a perceber nada. (*Pára*). Acalmemos um pouco os nervos (*põe-se a andar lentamente de um para outro lado*).

JESUINA (*entrando, com um espanador na mão*). O senhor não vae á mesa?

ESTACIO (*distrahidamente*). Não.

JESUINA. Vá, vá que ha la muito que comer e beber. Elle é o café, elle é o chá, elle é o leite, e rosquilhos, biscoutos, doces, queijo, fructa. (*Põe-se a arranjar os moveis*) Que a casa é farta... (*Estacio*

*senta-se e põe-se a folhear o volume da "Rondoniá" aberto sobre a me-
zinha do centro).* Dizia eu que a casa que é farta. Isso é. E a patrôa,
palpita-me que é bôa pessoa. Palavra má que dissesse, ainda lh'a não
ouvi. (*Parando em frente de Estacio*). O senhor parece que é parente,
não? Ouvi a senhora chamar-lhe sobrinho. E então será primo da meni-
na Luizinha, não?

ESTACIO (*distraindo-se*) Sim, parece...

JESUINA (*continuando a arranjar os moveis*) Linda é ella. E que ai
Jesus para se metter pelo coração da gente. (*Olhando para Estacio*) E
ha de ser irmão da menina Sara, que tambem é sobrinha da casa?

ESTACIO (*levantando-se*) Eu a querer acalmar os meus nervos e esta
pateta a irritar-m'os...

JESUINA (*acompanhando Estacio de quando em quando*) Essa, a
menina Sara, disse-me a cosinheira que está a casar. E é guapa rapariga,
Seriazita, muito mettida comsigo. E vestem-se as duas como umas senho-
ras duquezas. Ricas são ellas, está-se a ver com os olhos...

ESTACIO. Oh mulher, faz-me um favor? Eu estou muito preocu-
pado...

JESUINA. Sim? E porque?

ESTACIO. Preciso ficar só. Faça-me o favor de ir um pouco lá para
dentro...

JESUINA (*sae; á porta, volta-se*) Este não me parece que tenha o
miolo assentado no lugar...

ESTACIO. Uff! acalmemo-nos (*depois de alguns passos*) Bem. Es-
tou agora em condições de apresentar sangue frio.

SCENA XVII

LUIZINHA. (*entrando*) Então vocês já não casam?

ESTACIO. Sara disse-lh'o?

LUIZINHA. Obriguei-a eu a dizer-me. Vi-o aqui perturbado. Ella
tambem pareceu-me, apesar de fingir-se despreocupada, algum tanto
fôra do natural. Interroguei-a. Pretextou que tinha ido mudar a toilette
com que viera da rua. Desconfiei de alguma cousa. Sou curiosa. Tei-
mei. Acabei arrancando-lhe o segredo de vocês dois.

ESTACIO. Então, sabe.

LUIZINHA. Sei que resolveram não se casar. E você tambem está
conformado com isso?

ESTACIO. Sim, tambem.

LUIZINHA. Mas porque não se casam? Sara recusou terminantemen-
te dizer-m'o. Isto é, deu-me a entender apenas, vagamente, que você,
mais aferrado do que nunca aos estudos scientificos que o attrahem para
o sertão, acha que não os deve sacrificar a uns amores de crianças...

ESTACIO. Eramos, na realidade, duas crianças. Já não o somos. Eu
volto amanhã. E peço-lhe, Luizinha, enquanto eu estiver presente, a
maior discreção a respeito deste segredo que lhe confiámos algum tanto á
força...

LUIZINHA. Prometto-lh'o. Esse segredo não é meu. E quer que lhe
diga? O que vocês assentaram afigura-se-me sensato. Você é um homem
votado á sciencia e á gloria. Quer seguir o seu destino. Sara fará um ca-
samento que convenha aos seus gostos e habitos mundanos...

ESTACIO. Não é?

LUIZINHA. Diga-me, porém, com franqueza: é realmente definitiva a sua resolução?

ESTACIO. E' irrevogavel.

LUIZINHA. Jura-o?

ESTACIO. Dou-lhe a minha palavra de honra.

LUIZINHA. Então... (*hesita*) Posso dizer-lhe agora o que não poderia a um noivo, e noivo de Sara. Estacio sabe o quanto o estimo, haverá nessa estima fraternal o germen do sentimento mais terno? Não sei. Só de agora me será permittido deter-me a analisar o que sinto por você. Está livre, Estacio. Teve a razão de desistir da idéa de casar com Sara. Sara é uma flôr, preciosa e delicada, destinada a viçar e esplendor nos salões. Sua vocação de sabio sertanista a sacrificaria. Mas... Sabe que adoro os "sports", as viagens, as emoções violentas, os perigos, as aventuras. Eu tenho alma de bandeirante, como você. E estou tão exposta aos farejadores de dotes... Sou tão rica! Assusta-me o risco de ser victima de algum aventureiro insinuante... Estacio, quer casar commigo?

ESTACIO. Casar com você?

LUIZINHA. A você, conheço-o. Sei bem o que é e o que vale. Offereço-lhe confiantemente a minha mão, que nunca pretendeu. Feliz da mulher que você associar á sua gloria! Eu queria ser essa mulher...

ESTACIO. Luizinha, acanho-me de lhe dizer que a acho encantadora, que a sua confiança me desvanece, mas que não pretendo casar.

LUIZINHA. E si eu acabasse por convencel-o? Deixe-me tentá-lo. Não lhe peço uma resolução immediata. Ao contrario, peço-lhe que nenhuma tóme de primeiro momento. Guardemos tudo isto em suspenso e em segredo até que se encaminhe para Sara um casamento conveniente. Só então você se decidirá. Conceda-me essa espera. Autorise-me apenas, sem nenhum compromisso de sua parte, a experimentar a conquista do seu coração. Que lhe póde custar isso? Você está livre; continuará livre. A que se arrisca? A casar, afinal, commigo? Mas só o fará si, quando o resolver, fôr de seu gosto.

ESTACIO. Não, Luizinha, não devo illudil-a. Não caso com Sara; não casarei com nenhuma outra mulher. Perdoe-me recusar o generoso coração, a esplendida belleza, a radiosa mocidade que me offerece. Mas eu parto amanhã, para sempre. Sigo para o sertão, que é o meu destino. Desistindo de Sara, eu desisti de ser feliz.

LUIZINHA. Ama-a, então, sempre, e muito?

ESTACIO. Sempre. E agora que a perdi, mais do que nunca.

LUIZINHA (*fica a contemplar-o por algum tempo*). Então, vamos tomar chá?

FIM DO PRIMEIRO ACTO

VICENTE DE CARVALHO

VIAJANDO

(COISAS DO MEU DIARIO)

1913

Rio. Fevereiro, 4.

Vespera de viagem. Apoderou-se-me dos sentidos a languidez do tédio. Porque? Carnaval. Alegria alheia é quasi sempre triste para quem recebeu golpe funesto. Que falta me faz minha mãe! Fatigam-me apprehensões politicas. Leio em jornaleco da tarde ageis considerações a respeito de cavallos que, na Allemanha, estão a resolver questões mathematicas; um delles entende de logaritimos. Invejo-o.

A bordo. Fevereiro, 5.

Feias as criadas de bordo. Installo-me em quasi optimo beliche do paquete italiano "S. Paulo". Padeço bóta-fóra assistido por Alberto Rangel, Paulo de Frontin, Affonso Celso, Vieira Fazenda, Capote Valente, Custodio Martins, Augusto Saraiva, Luiz Dodsworth, Maximino Maia, Michel Koury, João Braga, a inevitada lancha do ministério da Agricultura commandada pelo coronel Povoas Junior, familias: pouco menos de cinco dezenas de gente teimosa na amizade e na indagação da hora do embarque. Obrigado, muito obrigado. Mas da abolição do bóta-fóra não resultaria mal a este ou a qualquer outro mundo. Quem parte pensa em bagagens; quem chega quer tomar banho.

— Toleravelmente sujo o navio. Poucos passageiros. Partida apenas quinze horas depois da annunciada. Car-

dapio bom. Comida soffrivel. Indeciso o asseio dos talhe-
res.

— Fóra da barra. De accôrdo com Gonçalves Dias, con-
sinto em ver o "Gigante de Pedra". Suppondo-me vindo do
norte, reparo mais uma vez na entrada da bahia Guana-
bara, e, mais uma vez ainda, admiro a expansão portu-
gueza, alastrando-se por este occidente bordado de estu-
arios, arriscando seu denodo num combate bi-secular con-
tra a propria decadencia, e renascendo no Brasil, não no
orienté, como semente perdida em desvio do caminho a
dar fructos inesperados. A Portugal falharam India, Chi-
na e Japão. Nasceu-lhe e vive o Brasil.

Alto mar. Fevereiro, 6 — 8.

Alto mar. Esplendidas manhans. Respiro á vontá-
de; desconfio de que estou alegre. Olho para todos
os lados. Onde estou? A' esquerda: terras da Bahia, berço
de minha sub-raça na America. Sudeste: a ilha da Trin-
dade a recordar-me, de 1895, um dos meus poucos trium-
phos oratorios. Em frente: o oceano. Ao lado, no salão on-
de costuma escrever o commandante, risonha a criadagem
á custa de duas libras que o commissario, antes de tradu-
zir em liras, examinou e fez tinir demorada e canalha-
mente. No beliche: minha mulher inaugurando, num ro-
mance mudado de inglez verdadeiro para francez duvido-
so, "pince-nez" receitado, sem cobrar, como lhe é habito,
pelo meu velho amigo dr. Moura Brasil. Chamam-me para
o barbeiro; faço-o esperar-me, não sei eu porque, nem
elle. Que prazer, esse, de deliberar *sin ton ni son y para*
gusto mio!

Pernambuco. Fevereiro, 9.

Pernambuco. Aqui estive ha quinze annos. Tonteira
em audiencia, no fôro, determinou-me viagem ao
acaso: comprei passagem no primeiro vapor que m'a ven-
deu. Parei no Recife; do hotel fui retirado pelo sincero
Carlos de Moraes; enterreirei com Alfredo de Carvalho
conta corrente de sympathia que cresceu té ás proporções
da amizade. Visitei e estudei Guararapes. Confabulei pro-
longadamente com o meu ex-inimigo major Codeceira,
cujas intenções, então brandas, foram cimentadas pela en-
trega da **Revista do Instituto** dessas bandas, ora governa-
das pelo intelligente e espantadiço general Dantas Barreto.

Compro (400 rs. cada um: uma pirataria!) cinco jornaes da terra. Telegrammas do Rio? Um barão cahiu do cavallo, sendo lisongeiro o estado de ambos. Macedo Soares e João Lage distanciaram balas, observado o rito do duello. Marechal visitou o tumulo da esposa. Nada disso abala os destinos da humanidade em geral e da Gamboa (aliás Camboa: Gamboa é marmelleiro) em particular.

Radiographo para o dr. Thomé Gibson, boa mentalidade, homem de acção. Vejo no céu duas nuvens completamente verdes, abusão de felicidade na credice popular. Bocejo, está vislo. Paquete levanta ancora. Rumo nordeste. Nunca estive lão ao norte.

A bordo. Fevereiro, 10.

Releio, commentando em auto-debate, o penultimo e ultimo livros das **Metamorphoses**. Resume tudo quanto, no seculo de Augusto, attribuiram a Pythagoras as deradeiras respirações do paganismo dirigente; prevê a seu modo, brilhante sempre, mas influenciado pela doutrina de Lucrecio, o desdobramento da acção humana; ensina o vegetarianismo, o bem, o merito, o trabalho, a tolerancia. Sente-se, meditando Ovidio, que um sopro de individualismo, de progresso portanto, estava a sacolejar a tirannia romana, firmada ainda na olygarchia do patriciado. Que amostra da época intellectual, essa que veio do escravo Publio Syro ao compadecido Plinio-moço, e que incluiu no seu fastigio o poeta do exilio e dos amores!

— Pleno oceano. Em meio do Atlantico, rio da civilização emquanto o japonéz lhe não muda o curso para o Pacifico. Radiographo para o dr. Francisco Malta Cardoso, no "Arlanza", onde vai doente, muito doente: "abraços transatlanticos"; responde-me: "saudações equatoriaes". E com o dispendio de dezena de mil réis, num par de minutos, dois amigos atravessam com o pensamento e com o alphabeto, centenas de milhas! Morde-te de inveja, telegraphia muar da ex-Patria Paulista!

No Equador. Fevereiro, 11.

Estou a fazer annos no Equador. Sessenta, confessados e integrados; tantos quantos Portugal erradamente, em prosa e verso, pensa haver soffrido sob o dominio

hespanhol. Revejo, na memoria, o meu passado. Que insignificancia insolente, a minha! Mas vivo. Sei que existo, e que, da geração do meu tempo, poucos restam. Falhei no romantismo. Ganhei na advocacia. Porque não as pedi, occupei boas posições politicas. Casei pelo coração. Sou um rasoavel mediocrata. Não tenho credores, nem religião, nem odios. Sinto-me relativamente forte. Acho que o que ha de melhor na vida é a propria vida, e entendo que é melhor enterrar do que ser enterrado.

— No Equador... Como chegaram os antigos a dividir a terra em cinco zonas, acreditando inhabitavel uma dellas, mas sabendo da frigidez dos dois polos? Que as civilisações grega e latina tivessem noção dos hiperboreos, é algum tanto explicavel; não o é, porém, o porque os **greculos** da aristocracia romana e os navegantes hellenos do Mediterraneo tivessem certeza da zona frigida antarctica. Tibullo, na sua primeira ode a Messala (será mesmo delle? E' tão inferior ás suas outras producções!), nada fez senão repetir o geocentrico Ptolomeu, seu provavel mestre. Tradições da Atlantida? E porque não da Lemuria? E não revelará o estudo da Polinesia, e especialmente o dessa misteriosa ilha da Paschoa, com suas quinhentas e cincoenta estatuas uniformes de arte e variadas de tamanho, continente e civilização anteriores a esse que Madeira, Canarias, Fernando Noronha, Abrolhos, Trindade, Alcatrazes estão a denunciar? Mas que tenho eu com isso? O que lá foi, lá foi.

A bordo. Fevereiro, 12.

Chama-se Ernesto Gazolo o commissario de bordo. E' gordo e sorridente. Puxa a cortezia até os limites do encanto. Tolerou-me tres mudanças de quarto e reclamações adjacentes. Nasce-se commissario de bordo como se nasce poeta, agente de policia ou primo de recémcasada com arrufos.

A bordo. Fevereiro, 13.

Um patacho perto. Signal para o "S. Paulo" parar. Obediencia rapida. Naufragos? Não. E' navio que de Cabo Verde busca Montevideo, mas que perde o rumo; despacha escaler propellido por seis possantes remadores

pretos e pilotado por pardinho, bigodes incipientes e corredios, parlante de inglez adocicado. Marinheiro que desce por escadinha de corda esclarece estarmos a 21-5 de longitude e 9-8 de latitude.

All right! Thank you! e o escaler já parece voar longe. Proseguimos. Como bem quebra a monotonia de bordo um incidente assim inesperado! Permittirão que continue a ser o mar o melhor vehiculo da harmonia humana as proximas formidaveis batalhas navaes?

O inglez é o idioma (este parenthesis é só para evitar a cacophonia) maritimo por excellencia. Pedisse esclarecimentos em francez ou em lupy o tal patacho, e obtel-os-ia tanto como se requeresse, no Brasil, emprego publico sem ser riograndense.

— Interessantes os italianos que voltam da Argentina. Calçados quasi todos. Morenos: do sul da bota portanto; jogando cartas; indifferentes á minha presença, ou taes se fingindo por me suporem espião de agencia immigratoria. Um delles, tendo comido metade dum pão, atirou ao mar a outra metade. Comprehende-se: o pão inteiro terá de ser pago pela subvenção do Brasil á Companhia.

Insisti em observar o repasto dos immigrantes. Attrahira-me a curiosidade uma familia prolixa: pai quarantão, mãe magra, triste, ex-bonita, e sete filhos, de doze annos, se tanto, o mais velho; todos limpos e soffrivelmente vestidos. Gente que volta para aldeia italiana com destino certo: ao militarismo os machos, as outras, ao povoamento do solo.

Caso divertido ao lado: comiam tres italianos; tres vasilhas reluzentes, com arroz uma, outra com ervilhas, com macarrão a terceira. Comiam ao mesmo tempo, depressa, cada um da sua vasilha, e, após cinco ou seis garfadas, passavam-na para o companheiro da direita que fizera o mesmo manejo com a vasilha anterior. Cada um, por seu turno, comia assim dos tres manjares. Em menos de dez minutos ficou vasio o vasilhame, e eu aprendi nova maneira de banquete, superior em commodidade e porcaria á dos primitivos festins persas, serviço pelos convidados em linhas, que Xenophonte descreve na pouco lida e muito citada Cyropedia.

Dakar. Fevereiro, 14.

Dakar... Vejo terras da Africa. Tenho impetos de telegraphar a varios mestiços dirigentes da politica na-

cional. Impossível! Por mentira originada em vermouth francez ou em dinheiro argentino, o consul da Gallia no Rio de Janeiro inventou para a rua do Ouvidor alguns casos de peste bubonica. Impedido o desembarque. Versejava, nos Burros, o padre José Agostinho de Macedo: "tudo quanto é francez cheira a sandice."

— "O Brasil é a Africa"! Quanto essa exclamação de Bernardo de Vasconcellos foi glosada em detrimento desse juiz facil e politico difficil! A verdade, porém, é que, sem o braço africano, o Brasil estaria hoje tão atrasado como o norte da Australia.

Em principios do seculo XVI não havia, no occidente da Europa, necessidade expansionista (preciso desta palavra) que procurasse a costa e o sertão do nosso paiz.

O caso francez de Villegaignon, protestante, não encontrou na propria França muitos elementos auxiliares; polipartida, a Italia não dispunha dessa unidade fornecedora de sementes nacionalistas. Que nos restavam senão Portugal e o negro? Veiu este; agricultou-nos; cedeu-nos bastante dessa affectividade que Augusto Comte exageradamente elogiou; entranhou-se em summa, tanto como o indio, na nossa existencia, na nossa ossatura.

Sem duvida mais valente, e por isso mais absorvente, vai o sangue caucaseo dominando o ethiope; annullal-o-á dentro dum seculo, e o mesmo fará ao indio mais tarde. Em S. Paulo, por exemplo, graças ao clima e á variedade dos factores antropologicos, o sangue negro desaparece na quinta geração. Mas se até 1852 o Brasil foi o negro, é e sempre será consequencia do negro. Abolidas pelo desrespeito as liberdades outr'ora estabelecidas pela Monarchia, a paciencia com que o povo tolera e algumas vezes elogia despotismos, prova que Bernardo de Vasconcellos acertou. Do character brasileiro não consegue o observador excluir a ternura e o servilismo.

O mais hospitaleiro e o menos rancoroso dos povos é, outrosim, o que mais approxima o assentimento ás raías da degradação. Nunca, em nossa terra, voto e opinião derribaram governos. Sempre, no Brasil, o mais forte foi o mais applaudido. As revoluções só triumpharam na capital do paiz.

Tão insistente, isso! Tão na phisiologia nacional! Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, descendo do territorio das Minas com seis mil homens promptos a castigar os francezes, teve de dissolver suas tropas por-

que encontrou o commercio do Rio de Janeiro em amistositas negociações com Duguay-Trouyn. Porque derramaram bastante sangue, deixaram Feijó e Floriano Peixoto legenda e fanaticos. Porque, voltando do carissimo passeio ao quieto Porto Pacheco, passou a receber soldo simples, um grupo de militares mudou as instituições do paiz sem que, dos vinte presidentes de provincia, partisse um mero movimento de indagação deliberativa.

Attestado expressivo e significativo do temperamento estomacal de nossa politica: ha poucos annos, a proposito de eleição partidaria, a opinião publica de Xiririca officiou ao governo declarando que só indicaria candidatos que lhe fossem previamente indicados. Pois sim!

Dakar. Fevereiro, 15.

Conquista da engenharia sobre o oceano, é bonito o porto de Dakar. Tem dragas em actividade, praticagem correcta, regular fornecimento de carvão, rapidez no desembarço dos navios. Com a terça parte do dispendido aqui, o nosso de S. Vicente seria aproveitado. A esse respeito fez, em 1876, o barão de Teffé, demorados estudos e pormenorizado relatorio. Onde param esses trabalhos?

— José Ingegnieros, o ex-genial argentino, descreve o negro de Dakar nú, jogando-se ao fundo da agua em busca da moeda cahida da amurada do navio, trazendo-a presa aos dentes — como um decadente, degradado e vil. Atirei quatro vezes moedinhas ao mar. Alegres os negros (molofes, todos) immediatamente afundavam e resurgiam, trazendo-as aos dentes unidos, claros como teclados novos; e agradeciam, vivazes no olhar, risonhos, muito risonhos. Fiz-lhes compras. Entretive-os em conversação que sustentavam em rapido francez com a pronuncia do "a" aberta e sonora como a do portuguez modificada e melhorada no Brasil. Reparei-lhes nas mãos delicadas, nos pés perfectissimos, pequenos. O que, porém, mais me maravilhou foi a mistura de cortezia e altivez no tratamento com os brancos; nem um gesto de subserviencia; sentados si eu sentado estava, quando discutiamos preços pareciam ostentar réplica á suspeita de que eu os julgasse inferiores.

Perdoe o mestre: dessa vez errou. O negro de Dakar é mais altivo que o argentino puro, esse insulado no inte-

rior pelo predomínio urbano da colonisação avantajada, e muito mais arrogante que o luso-negroide, o mais primoroso exemplar da passividade colectiva. O portenho tolera. O brasileiro concorda.

A bordo. Fevereiro, 16.

Tresentas e quarenta e sete milhas em vinte e quatro horas. Mar calmo, sem vontade, sem **carneirinhos**. Vou aproveitá-lo para reler o **Primo de Pons** das peiores produções do desdentado Balzac. Para entender Paris de 1913 quero estudar 1850. Asneira! Mas ser asno não é privilegio de quem não gosta de mim.

A bordo. Fevereiro, 17.

Genial como um tamanco, residiu-me na atenção durante uma hora Fulano Laranjeira, vesgo, critico que se diz musical da **Gazeta da Tarde** e, nessa qualidade, em viagem inexplicada. Ha individuos que obrigam á descrença na efficacia das emprezas funerarias! A respeito de criticos musicaes urge a revogação do artigo 300 do Codigo Penal.

A bordo. Fevereiro, 18.

.....

A bordo. Fevereiro, 19.

No estreito de Gibraltar. Na porta da civilisação. Por aqui passaram, demandando interesses durante vinte seculos, frotas, rivalidades, ideias, sciencia, expedições, tolices, supertições, progressos, religiosidade... Atomo invisivel á distancia de sete kilometros, insignificante coincidencia da organisação com a dynamica, que valho eu, nascido alli no Piques defronte da pyramide de Pedro Muller, deante de tantas cousas que estou a ver com a imaginação e a memoria? Tanto como as outras: zero.

— Acordei cedo. Ao longe, lá nas segundas linhas das montanhas africanas, picos cobertos de neve, muito altos. Neve, via-a pela primeira vez. Depois, lá adiante, o

cabo Espartero, penoso nas recordações brasileiras, a lembrar o naufragio da corveta **D. Isabel** em 1860 e o perecimento de tantos jovens officiaes! Gemeu a nação inteira. Dos guardas-marinhas poucos se salvaram: um, José Marques Guimarães, bravo do Paraguay, morreu almirante; quando governador do Paraná, aconselhado pelo seu chefe de policia, decretou a fundação dum partido politico. Foi sempre meu amigo.

—No meio do historico estreito. Lindo, lindo. Quasi vinte milhas de comprimento; de largura oito. Abro o espirito ao painel. Gózo. Vivo. Por aqui transitou a historia occidental nas suas mais determinantes phases.

Clara a costa da Hespanha; em penumbra a da Africa. No alto dos morros as antigas torres (al mirando: espian-do) como mosquetes enforquilhados, significando dois inimigos e sendo duas civilisações. Na fimbria do horizonte, do lado europeu, Trafalgar, obrigando o pensamento á figura impavida e bandalha de Nelson, e ao indisfarçavel desespero de Napoleão; Tarifa, e sua inutilidade como porto militar, desenhado e debil, a doze milhas do Gibraltar inglez... Entediado, demorei o binoculo sobre esse aviltamento colectivo da natureza humana. Uma nação com fortaleza em territorio doutra nação! A garra do leopardo cravada no corpo da Iberia, como que a corrigil-a, castigando-a dos crimes que lhe ennodoam os annaes. Aquelle penhasco fortificado pune a destruição dos Incas e dos Azteques.

Medito. Lembro-me de Gibraltaria, de Pelayo, e daquelle formidavel capitulo **Junto ao Chrysus**, onde a penna de Alexandre Herculano não se distancia da genialidade de Homero na descripção das proezas de Diomedes. Procuro em vão descortinar Algeciras, inutil séde de inutil e recente tratado internacional. Acatadupam-se-me casos de historia. Na orla africana noto, á custa do binoculo, Tanger (as mulheres, alli, devem ser tangerinas), Ceuta, e mais alem Mellila. Canso. Termina a passagem do estreito; reabre-se o mar largo. Reabro um livro canalha, por que ingrato, de madame Feuillet (**L'autre**), e durmo acordado durante três meias horas.

Mediterraneo. Fevereiro, 20.

Dez horas da noite. Bellissimo o Mediterraneo. Lua cheia; o paquete parece correr sobre enorme placa

de prata. Frio não intenso. Mar manso, muito manso; passageiros enfurecidos, porém. Murmurinho, ruído, gritaria, motim, taponas. Curva-se, mais uma vez, a Europa perante o Brasil! Viajante paulista envia a um russinho que, ao jantar e ao vinho, lhe fizera pilheria, incontestável pescocada. Porque? Antipathisaram-se desde o embarque porque o russinho tomava, em debate, partido de conde papal, a quem o paulista reprehendera por escandaloso com a companheira, passageira também, cujo marido (que tomava amasia na vespera) a despachara para a Europa, incumbindo-a de collocar num collegio tres filhos menores. Um embrulho inintelligivel! e a cujo proposito um joven esperançoso em asneira, buço incipiente e já filho de conde papal, cortez, serenissimo, ordeiro á ilharga de tanta balburdia, friamente me asseverava exigir a constituição ingleza que a esquadra britannica tivesse sempre o duplo da tonelagem das demais nações. Estremeci. Apavorei-me. Dormi sobresaltado. Pesadelo insensato: sonhei, que era escova de roupa. Eis o resultado dos barulhos a bordo!

Mediterraneo. Fevereiro, 21.

Vem apontando a Sardenha; deve ser Cagliari a cidade a avistar do sul. No intervallo da primeira para a segunda guerra punica, violentamente Roma se apossou dessa ilha. Sempre a mesma quadrilha, herdeira de Romulo, a descer das sete collinas em pratica de rapinagem! Governo é roubo. Não ha governo gratuito. Governo é associação que explora o imposto. Roma foi a constituição governamental mais forte que o mundo padeceu.

Napoles. Fevereiro, 22.

Que inferno! Depois de dezeseis dias e tres horas de viagem calculada para quatorze dias, com promessas de serviço de primeira ordem (mentira: vinho abaixo de pessimo; todos os talos de couve que existiam em Dakar; nem uma fructa de Pernambuco!) chego a Napoles. Chuva. Não ha lanchas para desembarque. Duas horas e onze minutos á espera da Alfandega e da Saude! Apparece um medico baixinho, conta os passageiros e retira-se. Tombadilho assaltado por crianças remelosas, offerecendo cartões postaes e jornaes do dia com exiguo serviço telegraphico. Olhando para o céu, e importantes sob chapéus de

bicos lateraes como o de Napoleão em Montmirail, dois soldados passeiam vagarosamente. Saio do "S. Paulo". Afinal!

— Ora! Decididamente posso repetir aquelle dislate do Padre Bacalháu: "Acordei hoje com o pé esquerdo." Meu escaler é cercado por outro cujo patrão, gordo e gritão, exige duas liras e meia, allegando para esse imposto larapiamente directo ter não sei que privilegio. Berreiro. Ameaças reciprocas. Inutil reclamação bradada debaixo para o commandante do paquete. Mais berreiro. Não pago mesmo. Desembarque emfim!

— Na Alfandega: sou furtado em cinco liras a titulo de gratificação a um porteiro; vem ao meu encontro um funcionario quasi invisivel, moreninho; mostro-lhe passaporte diplomatico em portuguez, lingua que elle não entende; finge lê-lo minuciosamente, pontuando-o com o indicador, como se discutisse o parto da excellentissima senhora sua sogra; olha-me com simulado desprezo e manda passar, sem exame, toda a minha bagagem, toda, e a mais tres companheiros que, por um desses acasos de bordo, haviam obtido logar no meu escaler. Da-me as costas para todo o sempre. Uma delicia!

— Em Napoles, na antiga Palepolis, cidade fundada por uma sereia, e onde morreu Virgilio que cantava melhor que a fundadora. Ruas estreitas, as proximas á aduana e, portanto, apropriadas aos inevitaveis contrabandos. Cavallos magros e vagarosos; o automovel ainda não supprimiu os carros, cujos automedontes enrolam as pernas em cobertores muito vermelhos, assanhados, cor de — amor tem fogo!

Abaixo de soffrivel e um pouco acima de mau o Hotel Bretanha, via Chiaia, 279. Nem bom, nem soffrivel, nem mau, nem pessimo, nem optimo o salão da casa: não ha salão neste hotel. Famulos pequenos com casacas muito largas a lembrar, das nossas companhias de cavallinhos, os criados que põem e retiram tapetes. Comida toleravel. Bom vinho, quando italiano. Do meu quarto, quinto andar, largo descortino, vejo a elegante (é isso mesmo) bahiasinha; recordo o José Menino, em Santos. Paciencia. Podia ser peor o meu primeiro dia europeu.

— Nove horas da noite. Batem profanamente á porta do meu quarto. Desço. Abraça-me o dr. Alfredo Varela, consul do Brasil na terra napolitana. Agarrámos valentemente na prósa até meia noite. Colonisação, Rio Branco, Mardrus, Canabarro, Pedro 1.º, Pedro 2.º, Camões, Pinheiro Machado, os Andradas, Monarchia, Republica, collocação de pronomes, arte japoneza: o diabo! tudo e todos, de nossas leituras, de nossas lembranças, de nossos interesses. Duas horas e mais uma boas, porque agradáveis. Vivacissimo o Varela! Um homem superior é sempre uma preciosidade, mesmo em Napoles.

Napoles. Fevereiro, 23.

Orgia de impressões. Attenção em intensidade consciente. Duas horas no Palacio Real.

Pela primeira vez Holbein, Rembrandt, Rubens prendem meu olhar esfaimado de arte, ineducado, mas extremamente impressionavel. Succedem-se os primores. Cromwell é o Cromwell que eu sonhava depois da leitura de Ancillon; Henrique VIII, o immundo adorado pelos seus subditos, tem os traços amarellamente repugnantes dum capitão Vieira que, ha quarenta annos, aturei em Itararé. Candelabros, sala de baile, a dos grandes banquetes, os tectos, tudo, tudo é novissimo para mim. O que não é surpreendente, é assombroso. Duas jarras chinezas, enormes, altas talvez de dois metros, eu as via sem poder acreditar que existissem. Estaquei diante do busto de Marco Aurelio, o magnanimo autor daquelles agradáveis exercicios collegiaes que Frontão, seu mestre, transformou em máximas logo que o discipulo se transformou em imperador. Antinous, o calumniado amigo do maior dos Antoninos, não me correspondeu, na copia declarada, á fama de suas regularidades esteticas. Velasquez... Mas o que mais incrustado me ficou, o que não mais me abandonará, similhando um desses trechos profundamente humanos como a morte de D. Quixote ou a entrada de Priamo na tenda de Achilles, foi a carnadura de Chiara, foi também o olhar soberanamente aguçado de Luigi Farnese; é que, de Ticiano, as intenções sahem das télas para acompanhar as faculdades do observador.

Custei a retirar-me. Meu andar gaguejava; tolice, sim, mas foi realmente o que eu senti. Tentação! Si eu pudesse ficar como empregado no Palacio Real... Despediu-me o porteiro ás quatro horas.

— No Aquario. Das quatro ás cinco. Dizem-no o melhor do mundo. Tem subvenção da Allemanha. Admiravel! As especies ahi permanecem em absoluta paz. Não ha impostos; não ha predomínios; são dispensadas, por desnecessarias, as conciliações partidarias. Bem andou Charles Richet duvidando si ao homem, si ao peixe, cabe a superioridade intellectual na boia de lama que comnosco saracoteia em torno do sol? Eduardo Salamonde valerá mais que um bagre? Terá o caranguejo convicções reflectidas a respeito do papel moeda? A ictiologia será inferior á sociologia? Na suspeita positivista da evolução dos irracionaes, a ostra, sem pés nem cabeça, arranjará entrada? Que sahisse porque a hora das visitas terminára, disse-me o empregado-gerente. Obedeci. Fosse no Brasil e eu entoaria a marselheza nacional: não póde! não póde!

— Quiz jantar. O Hotel Bretanha, desconfio, é commanditario dalguma empreza de suicidios. Aqui o desespero é obrigatorio. Trinta liras por lição diaria de jejum: é muito caro!

.....

Napoles. Fevereiro, 24.

Nove horas do dia. Napoles dorme. Vagaroso, parente proximo de bonde, adivinhou-me e esperou-me o trem para Pompéa. Aqui até a electricidade é tranquillã; tambem, trinta seculos de serviço dão á grande cidade direito á aposentadoria.

Parto através de gratificações e folhetos instructores da desejada excursão. Hora e meia de trambulhões; compenso-as, disfarço-lhes a impertinencia, chamando lembranças discutiveis de Bulwer Lytton. Não entrarei desprevenido no mais examinado deposito de ruinas. Trota o trem. Contorcidas as vinhas á espreita da primavera. Tudo secco. Que saudade da floresta americana!

— Da estação sou conduzido a um restaurante (estalagem é que é) pelo guia que levou Silva Jardim ao Vesuvio... Uma lira. Almoço infame e pequeno, pequeno e mal servido. Melhoram-me todavia a refeição um bandom e uma rabeca, lembrando-me o Queiroz da Faxina e o inexcedivel Pedro Vaz. Tinha uma cara tão meiga o musico mais velho... Outra lira.

— Começo a examinar Pompéa. Tumulto. Discutem os guias, olhos escancarados, gestos largos, vozes cantantes porém. Em Napoles, na Italia inteira provavelmente, tudo é musical; até o dinheiro se chama lira. Em compensação as ruas se chamam vias.

Mas donde e para que essa balburdia? Tratava-se de decidir qual seria o meu guia. Note-se que eu, o principal interessado, nem a titulo de consulta era ouvido. Entre-garam-me, depois de aparteados debates, a um moço alto, narigudo, respondente veloz, que ao saber ser eu brasileiro aproveitou a oportunidade para informar-me haver levado Silva Jardim ao Vesuvio.

Tomei um ar gravibundo e, com bestial espanto de varios inglezes, uma cadeirinha. Atravessei ruas estreitas, estreitissimas, tortuosas como acontecia nas cidades onde a previsão das aggressões edificava e defendia ao mesmo tempo; parei nas pedras que, distanciadas quiçá de quarto de estadio, facilitavam passagem dum para outro lado. Fiz quasi a volta em redondo da morta cidade, de modo a ter della uma noção que me esclarecesse a visita. Ao separar-me do guia perguntei-lhe por Silva Jardim. Conhe-cera-o: fôra quem o levára ao Vesuvio.

— Que abuso do preto e do vermelho! E do vinho!? Em algumas casas, regularmente restauradas, encontrei amphoras inteiras, perfeitissimas; só de pintura as conhe-cia. Agora, agora, examinando-lhes a fórma, apprendi a severa propriedade do — encheram-nas de ouro, enche-ram-nas de prata — da audaciosa peroração do segundo Graccho em replica á delapidação accusadora. Demorei-me nos banhos; interessantes. Que mudança! Hoje, nos hotéis da península um pedido de banho é acontecimento sensacional.

— Consoante seu destino, o **Templo da Fortuna**, que dogmaticamente me disseram ser de **Mercurio**, está em magnificas condições de descalabro. Cohérente attestado de grandeza morta é o de **Jupiter**, onde me detive exami-nando particularidades que me agradavam; e, pouco al-terando o capitulo, examinei os frescos immoraes, obser-vei os phallos á porta das habitações, e dentro destas os esqueletos em diversissimas attitudes. Tudo me entreti-nha a curiosidade. Quanta lição de historia, quanta philo-sophia nos minusculos incidentes! Acodem-me trechos ensinadores de Agellio, Dion Casssius, Tito Livio. Estou

a resaborear alimentação intellectual de quasi meio seculo.

As casas maiores tinham cofres; tinha riqueza a de Obelli. Uma, celebrada, a de Vettio, patenteava opulencia e arte desde a entrada té á cozinha. As menores cousas impressionam; tudo aqui ensina. A synthese dos sentimentos, porém, é a tristeza. Desolação, Melancolia. Nada ri.

Demorado, porém, o olhar nos indecoros independentes, no hypogrypho celere, no gallo brigando, no carro marcial, na mulher que gesticula, no soldado em marcha: como fica longe a linha egypciaca, com a arte escrava, os braços presos ao corpo, os pés ligados como os de defuncto, a figura morta em vida! Nasceram e caminharam parallelas a arte e liberdade de pensamento. Em Roma, receptora e respeitadora de todas as crenças emquanto o semitismo lhe não adaptou inquisitorialmente o sacrificio de victimas humanas, unificando ao messianismo o culto de Moloch e o caso sandio de Isaac, em Roma os pensadores divulgavam asserções que, modernamente, obrigaram Flaubert e Courier a purgar, na cadeia, delictos de opinião, além do indefectivel pagamento de custas! Na Prussia, na Russia e em S. Paulo o direito de escrever, o melhor filho da liberdade de pensar, é menor que o de Roma no tempo dos Cesares. Despreoccupemo-nos, porém, de indignidades deprimentes. Basta: Cinco horas de Pompéa. Atopei-me de confusão espiritual. Vi cousas velhas. Raciocinei cousas novas.

Rumo ao Vesuvio. Numa bodega, sopé da citadissima montanha, bebi garapa picada. Dizem-na "Lacryma-Christi". Bebesse-a o discutivel adoptivo de José Pandera, e, para não chorar, teria de repetir-o milagre das bodas de Cana. Cahi do cavallo. Desde 1880 — quando, como candidato liberal, tive de percorrer o sul da provincia inutilizando cortezias que, com o meu chapéu, o conselheiro Saraiva mandára fazer ao candidato conservador — não mais eu sentira tão forte batedura na parte mais carnuda da minha individualidade. Reatámos priscas relações, tombo e eu. Applausos no auditorio. Sendo inutil enfurecer-me, ri como os outros.

Hora e meia de ascensão. Chego á mais joven das crateras. Escurece. Desisto de proseguir. Um dos doutores em Vesuvio (ha-os em abundancia em Napoles) sustenta es-tridente polemica com o intuito probante de haver essa irrequieta montanha baixado recentemente duzentos metros: mais cento e noventa e nove que eu ha duas horas.

Concordo, sem exame, com essa opinião e com a opinião contrária.

— Em meio do caminho, á subida, fui intimado a retratar-me, o mesmo succedendo a toda a comitiva. Duas liras por pessoa. Por ser muito gorda, e por se haver derretido em risadas quando me vira cahir do cavallo, uma hespanhola, ex-donzela deteriorada, foi pelo photographo avisada de que pagaria por duas pessoas. Bufou. Quem riū então fui eu. Estupendo e inesperado o trabalho photographico! Minha mulher sahiu parecida commigo, eu com o guia, e o guia com o dr. Albuquerque Lins.

O Vesuvio... Ao descer notei que, no cume, fumegava elle um pouco: habito inveterado: já Polybio, que escreveu cerca de duzentos annos antes da erupção de 79 P. C., escreveu ser tradição daquelle morro deitar fumaça. Levo aos labios um fragmento que apanhára na cratera; está salgado. E falem-me de fogo central! Só ha vulcões á borda do mar.

Napoles. Fevereiro, 25.

No Museu Nacional, ex-caserna, ex-universidade, e hoje museu dos melhores da Europa. Entrada gratuita pelo Baedeker; pagamento de cinco liras ao guia, **sem o que não correrá**, como resavam as licenças em Portugal até 1820 para publicação fosse lá do que fosse.

Logo á primeira sala me foi mostrada copia **Farnese** (declarada) de quadro grego (?) com os sete sabios (nove já eram elles, contados, mesmo no seculo VI A. C., com a inclusão de Periandro e Anacharsis; em 1774 Mr. de Larrey foi recontal-os e achou quatorze), sendo um delles **Platão**. Para quem appellar?

Soberba a collecção bronzea; verdadeira em suas confessadas mentiras historicas, acceitavel em suas bastantes verdades. Lá estava **Caligula**, equestre, antipatico como os mexericos do patricio Suetonio a seu respeito. A' esquerda, á entrada, recommendavel pela acção oratoria, uma significativa imagem de funcionario, explicando submissamente qualquer tramoia do officio. Perto lhe está um **Seleuco Nicator** em vesperas de autenticidade. Dois bustos lentamente sitiados por minha attenção: um, indeciso si de **Baccho**, si de **Platão**, mais propenso a ser do segundo pela largueza dos hombros; outro o dum creador da veneração dos civilizados, heroe superior aos supe-

riores, magnanimo na victoria, audaz na adversidade, mas mirradinho de feições a ponto de parecer com o finado capitão Tito Corrêa de Mello: o de **Scipião o Africano**, o collaborador de Terencio. Nem superior, nem inferior á de bronzes é a collecção de marmores. **Caracalla** alli está, sinistro, nojento como todo miseravel que abusa do poder. **Claudio**, o injuriado da **Apokolokintose**, conserva em estatua a sobranceira placidez do merito persistente. Tive impetos de abraçar aquella marmorea reproducção do emancipador dos escravos das ilhas, do nobilissimo libertador de Caractacus.

Fossem menos encaracolladas e mais compridas as barbas de **Jupiter**, e poderiam tomal-o por Jehovah, seu mano mais velho. Gostei de **Antonino Pio** o pacifista; correcto, dir-se-ia estar ensinando verdade a um busto adulterado de **Julio Cesar** que lhe ficava fronteiro, busto estampado pelo ultimo Napoleão na obra, tambem pessima, que teimou em publicar a respeito desse poderoso e bandalhissimo servente de Nicomedes.

Grato e respeitoso, retardei-me deante da cara larga, imponente, inesquecivel de Euripides. Devo, a esse, o melhor dos dramaturgos, ideias, opiniões, coordenações, prazeres intellectuaes que, ha mais de oito lustros, entraram e moram na minha limitada bagagem literaria. Prefiro-o a Dante, Molière, Shakspeare, para só me referir aos genios que brilhantemente o plagiaram.

Correspondeu á minha expectativa, e já o conhecia de copia e de analyses, o panico realissimo, final da batalha de Isso, no mozaico greco-mileto, e onde a principal preoccupação do artista, a fuga de Dario, traduzindo-se na generalidade ampla da concepção, se parcella no rosto apaixonado do conductor do carro, no recuo dos soldados, no fustigado empino dum dos corseis. Tudo tão agitado, tão expressivo!

Nota a notar. Nem sempre se póde com segurança, nessa afamadissima collecção **Farnese**, decidir o que seja copia, o que original. Vai-se alli com curiosidade, e sahe-se duvidando. **Harmodio** e **Aristogiton** são mais que discutiveis; dissessem-nos **Hippias** e **Hipparco**, e o visitante nada teria a retrucar. Aquelle bloco sobscriptado **Herodoto** e **Euripedes** não sustenta com a verdade relações muito intimas; o deus Jano andou a inspirar o cinzel do artista.

— Da pulseira numismatica, presente anniversario que ha annos preparei para minha metade, comparei o

retrato de Hadriano com quatro exemplares que estavam mais á mostra. Nariz, barba, penteado, duma das moedas até a data (DCCCLIII. Nat. Urb. = portanto a 122 P. C.), tudo identico. Ainda bem para a pulseira e para esse illustrissimo e excellentissimo imperador que, enraive-se quanto quizer minha immodestia, sabia de numismatica infinitamente mais que eu, embora da applicação dos seus conhecimentos na Palestina, alterando as cunhagens então em vigor, adviesse a dispersão definitiva dos judeus, reprimida que foi a revolta commandada por Bambochechas (Que nome enfarruscado! Ora Bambochechas! Parece de vice-presidente de directorio não reconhecido de Itaquaquecetuba).

Napoles. Fevereiro, 26.

Projectos itinerantes. Sonhos de ida a Posilipo, Capo Mizeno, Baia, Pouzzoles, Ischia. Um chovisqueiro de promessas. Mas o brasileiro põe e d. Luiz dispõe. Carta desse perseguido e intelligentissimo patriota, augmentando-me a vontade de frequentar-lhe, o mais cedo possivel, a illustração e o character, diminue de mez e tanto o prazo que me eu concedera de estadia na

*magna parens frugum, Saturnia tellus,
Magna virum!*

Mas voltarei. Já me vou abrandando. Começo a gostar da Italia. Voltarei a Napoles sem a explicavel zanga que me coage a achar tudo ruim. Ruim a elogiada pallidez das meninas napolitanas, ruim o café, a imprensa, o clero, a nobreza, o povo. Nesse estado de animo estava provavelmente, em 1836, o dr. Pimenta Bueno, futuro marquez de S. Vicente, quando, enviado para reprimir contrabandos de escravos em S. Sebastião, officiou ao presidente da provincia: "Communico a v. excia. que não encontrei aqui nem um homem de bem."

— Compras. Correspondencia. Telegrammas. Contas meúdas. Malas. Livrarias. Despedidas. Tenho ainda algum tempo disponivel. Vou á toda pressa á **Grotta del Cane**. Marcha vagarosa. O "chauffeur" sauda varios militares empavezados; á esquina dum tunel, tendo escorregado e, no tombo, arregaçado sobejamente a saia, é tambem por elle cumprimentada uma mulher esguia, magrissima, cuja

proxima transparencia se me denunciou inevitavel; se a levam ao mar, provoca vasante. Atravesso Fuorigrotta; toda a roupa suja da povoação não se lava em casa; as janellas que o digam. Chego á **Grotta**. Olho. Espio. Volto. Vi o que os outros têm visto. Ouvi, como os outros, num mesmo diapasão, tres narrações da mentirosa historia do cão e da gruta. Falaram synchronicamente os tres discursadores. Apropinquaram-se-me do rosto. Qual almiscar! Cheirosas creaturas...

— Como deve ser agradavel a ausencia de Napoles! Dizem, no emtanto, que o napolitano é, no seu conjuncto popular, capaz de movimentos civicos, sendo tambem propenso á caridade. Desejo crel-o. A' despedida uma boa noticia não é matolotagem desprezivel. E, alem dessa, outras me disseram variados adeuses.

Vi, de Castel-Nuovo, suas lindas columnas corinthias, a contrastarem com a attestação desse ignobil despotismo aragonez, que tanto offendeu a dignidade em terra estrangeira. Duas vezes fitei o Palacio Real, interrogando-me para que rei e ministros conservam a propriedade desse formoso mas, para elles, inutil edificio, onde uma vez por anno chega um parente de Sua Magestade, dá audiencia a consules, fazendo-lhes as perguntas já respondidas no anno anterior, e donde se retira com o programma de voltar, decorridos que sejam doze mezes. Admirei a imponencia do Palacio da Universidade, não repellindo, antes affagando o desejo de que, lá dentro, se consiga refutar a utilidade, hoje, de tão complexas instituições. Extasiei-me em frente á estatua de José Garibaldi, o vulto mais exhibido em bronze nas praças publicas do occidente. Está sereno e forte. Manda. Domina. Senti-lhe a vida do luctador de 1835. Tem a energia a serviço da ideia. Impelle a gente a pensar.

Choque pronunciado, mas ao mesmo tempo ameno e exigente de induções metaphysicas, choque complexo como os que mais o possam ser, foi o que me deixou o gericco, o sympathico gericco de Napoles. Perspicaz, judicioso, embora illetrado como todos os quadrupedes que se prezam, o gericco da maior cidade italiana, o napolitano gericco diga-se, tem na temperança, na resistencia, na esperteza, uma elogiavel mistura de qualidades, encimadas todas por uma sagacidade meiga, affabilissima.

Vel-o e estimal-o é obra dum instante. Não do cavallo Bayard, mas desse gerico devia ter o divino Ariosto discutido se seria portador duma alma.

Napoles deve orgulhar-se da localisação preferencial de tão perito producto: vai-lhe a calhar o gerico. Só quem o não viu associado ao trabalho e aos lucros dos verdureiros, com o olhar ardiloso, disfarçado para o chão, a imitar (que irreverencia!) os de Philippe da Macedonia e d. João VI; só quem o não ponderou ao lado do dono, paciente, prudente, sem indelicado recurso á artilharia da garupa: poderá, injusto, desarrazoado, encerrar uma nota de viagem com este conselho á humanidade em geral e aos paulistas em particular: quem não tiver de ir a Napoles não vá; quem tiver de ir tambem não vá.

(*Continúa*).

MARTIM FRANCISCO.

O BEBEDOURO

Estavamos em plena secca. Amanhecia. Um crepusculo fulvo allumiava a terra com a claridade de um incendio.

Esmaecia a pretidão da noite.

Já começava a se individualisar o contorno da floresta, a silhueta das montanhas ao longe.

A luz foi pouco a pouco se tornando mais viva.

No oriente assomou o sol, sem nuvens que lhe velassem o disco. Parecia uma braza, uma esphera candente, suspensa no horizonte, visto atravez da ramaria secca das arvores.

A floresta completamente núa, somente esqueletos negros, tendo na fimbria o facho acceso que a incendiou, era de uma eloquencia tragica.

Amanhecia, e não se ouvia o trinado de uma ave, o zumbir de um insecto.

Reinava o silencio das cousas mortas.

Como manifestação da vida, percebiam-se os gemidos do gado na agonia da fome, o crocitar dos urubús nas carniças.

Amanhecia... A claridade mais intensa tornava as tristezas d'aquelles lugares. Melhor seria que as deixasse dissolvidas no borrão da noite.

O vento de leste, o gerador da secca, á proporção que o dia crescia, augmentava de velocidade.

Começava por uma aragem branda, tão branda que não arrepiaria a plumagem de um passarinho, se é que destes dominios da morte, não tivessem emigrado para as praias todos os cantores da matta, e agora, dia alto, remoinhava de sertão afora, estalejando, torcendo e quebrando a ramaria das arvores.

Do solo combusto e negro levantava as folhas mortas em remoinho, em funil e as ia atufar em medas nos troncos das grandes arvores.

Logo que o dia alteou, o gado deixou as malhadas e foi caminho do bebedouro. Lugubre era aquelle cortejo de famintos. Muitas rezes não se puderam levantar e, *resupinas*, ainda meio vivas eram devoradas pelos urubús. A atonia da inanição, marasmo da fome não permittiam o movimento de um musculo, a menor acção de defeza contra os corvos.

O repasto, a entrada do banquete começou pelos olhos da victima. Aquellas pupillas negras, que a fome havia dilatado, em estagnação melancholica, davam entrada ás imagens pretas e agoureiras de seus matadores, ate que o bico adunco da rapina nellas se enterrasse, como a ponta de um espinho; então tudo escurecia, a morte vinha produzida pela cruciante dor da punhalada.

O cortejo ia caminho da aguada. Era uma procissão de esqueletos. Um gado arripiado, quasi sem forma, caminhava *trambecando*.

Muitas vezes iam cahindo pelo caminho; e, *resupinas*, que fossem, os urubús as iam devorando ainda vivas.

Aos uivos da ventania casava-se o crocitar dor corvos em lucta por um pedaço de intestino. Quando o vencedor apoderava-se do quinhão disputado, voava de espaço a fóra com o farrapo de tripa pendurado do bico!...

O céu de puro azul saphira se arqueava indifferente a tanta miseria, esbatendo em sua purissima téla o pedaço de terra condemnado, tão eloquentemente representado por aquella scena macabra: corvos volteando, em largas espiraes, sobre cadaveres!...

O repasto dos urubús era miseravel. A presa, pode-se dizer, era somente ossos, couros e visceras mirradas.

Poucas rezes conseguiam chegar ao bebedouro.

Ahi, desde que sahiu o sol, uma dezena de homens combatia a secca procurando com os seus alviões arrancar agua das entranhas da terra.

Era uma lucta titanica.

Mettidos em uma socava, no leito de um rio, guardada por altas ribanceiras, aquelles fortes, aquelles heroes, dignos rebentos

de uma raça privilegiada pela resistencia, pela coragem, pela resignação, rasgavam a terra em demanda d'água para os seus gados. E a terra ia vertendo avaramente o precioso liquido consoante a sua formação geologica, em gottinhas, que mal davam para humidecer a superficie dos ferros que a retalhavam.

A essa lucta ingente assistia o gado, olhando da ribanceira para a excavação. O olhar amortecido, quasi apagado das rezes se fitava nos trabalhadores, e esses, compadecidos da sorte dos animaes, com mais pressa golpeavam a terra.

Algumas rezes mais sedentas lambiam o barro humido para illudir a sede.

Era meio dia; o sol descendo a pino, numa vertical de fogo —, mordida em cheio o dorso dos trabalhadores, cuja pelle, aljofrada de suor, parecia envernizada.

O calor era asphixiante no fundo da socava.

A luz do sol se reflectia no solo nú, encandeando.

Os lagedos encrustados de mica, de quartz, completamente expostos, sem uma mancha de musgo nem uma sombra de cactus, feridos pela luz, faiscavam em reverberações de cegar.

Os trabalhadores offegavam, mas não esmoreciam.

O ar ambiente, fortemente aquecido, fremia em vibrações perennes.

A' proporção que a excavação descia, a humidade ia-se acabando ao poucos.

Desappareceu a camada de areia e com ella a esperanza de agua proxima. Os ferros deram na piçarra. Tremenda foi a desillusão. Era impossivel vencer aquelle estrato argiloso, cuja espessura não se podia avaliar.

Os trabalhadores puzeram os ferros aos hombros e subiram. Os olhos das rezes instinctivamente os fitaram. De alguns cahiram lagrimas. Parecia que comprehendiam a retirada daquelles homens; era a sua sentença de morte.

Os matutos olhavam com grande piedade para o gado, quando viram vir caminho do bebedouro um touro de desmedido tamanho, esqueletico, *trambecando*.

O Faisca!!! O Faisca!!! exclamaram a uma voz.

Aquella exclamação de espanto deante de uma rez só de ossos e pelangas era muito justa: o Faisca havia sido o touro mais famoso daquelles sertões.

Agora, vencido, cambaleando, sem forças para dar um choto, procurava o bebedouro rendido pela sede. Um dos vaqueiros, de quasi cincoenta annos, muito vigoroso ainda, espadaúdo, de bôa musculatura, olhava com grande pena para o animal, que se aproximava a passo.

— E' o Faisca mesmo... Só o reconheço pela armação, pelo tamanho, pelo ferro e pelo signal da testa, disse o matuto aos companheiros.

O touro parou junto á ribanceira do rio.

Um dos sertanejos chegou-se a elle e, com grande reverencia e piedade acarinhou-o, alisando-lhe o pello arrepiado do lombo. A rez era uma ruina. Recebia os afagos do vaqueiro sem lhe trepidarem os nervos. As cristas dos quadris lhe haviam furado o couro e das feridas marejava uma salmoura fetida!..

O touro foi sensibilando-se com o carinho do matuto. Voltou a cabeça e fitou o sertanejo com o seu olhar melancolico, morto, quasi apagado.

O vaqueiro apiedou-se mais do animal. Aquelles olhos sem luz, de uma ternura doentia, quem diria fossem os mesmos olhos de outrora, vivos, faiscantes, cujos iris de grandes pupillas negras estavam sempre afogados em uma esclerotica de sangue!...

As pupillas, que tão bem retratavam as imagens que dellas se aproximavam, a fome as dilatou e amorteceu e nadam numa esclerotica livida e moribunda.

O estado miseravel do touro trouxe ao vaqueiro a lembrança da ultima vez que o vira.

Que saudades lhe despertavam aquellas reminiscencias! Que saudades tinha daquelles tempos fartos! Evocava o passado, um passado de cinco annos apenas e as recordações lhe acudiam á mente, desalentando-o. Comparava aquelles mesmos lugares, cheios de vida outrora e hoje reduzidos pela secca a uma extensa queimada, sem os encantos do verde e as alegrias das torrentes que passavam cantando, ás tristezas de um vasto cemiterio.

Da floresta, que ostentava a sua opulenta folhagem, rica de seiva e de perfumes, nem mais um gommo a expandir-se em flores; restava o esqueleto, a ramaria morta, numa blasphemia muda, a bracejar no espaço, fitando o sol o seu grande assassino.

Era em Agosto, e a terra ainda regorgitava d'agua.

Os açudes, as lagôas, as ipueiras sangravam desde Março. Os rios corriam de nado, de ribanceira a ribanceira. Por toda parte ouviam-se cantares. Até dos lugares mais ermos vinham dithyrambos. Via-se a natureza rejuvenescida e alacre entoando hosannas ao Creador, por ter-lhe dado um inverno farto.

Era assim o sertão, paraíso ideal, na ultima tentativa que fizeram para capturar o Faisca.

Vinte vaqueiros dos mais afamados do lugar, tendo descoberto o bebedouro do touro foram esperal-o.

Todos prelibavam o goso de vel-o preso, com *surrupieia*, caminhando para o curral como um boi manso. Ahi haviam de, por suprema affronta castral-o e serrarem-lhe as pontas.

A vaqueirama tinha por certa a prisão do Faisca.

Vestidos de couros novos de veado capoeiro, montados em cavallos amestrados, seguidos por uma matilha de mais de vinte cães de gado, amanheceram no bebedouro. Ahi estiveram até anoitecer; mas o Faisca não appareceu. No dia seguinte, ao quebrar das barras, ja estava a vaqueirama a postos. Outro dia perdido: o novilho não viera beber.

Voltaram ao bebedouro no outro dia pela manhã.

Seriam dez horas, quando assomou o Faisca no extremo da varzea onde se achava a aguada.

Os vaqueiros haviam tomado posições occultas por um cerrado de *guandús*.

O novilho entrou na varzea, a passo, meio *sarapantado*, resfolegando a meudo. Queria conhecer pelo faro se havia gente perto.

José Bernardo era o vaqueiro mais *famanaz* daquella ribeira e como tal chefiava a vaqueirama.

Um dos vaqueiros mordido de impaciencia não se conteve. Antes do touro chegar á fonte e botar a bocca n'agua gritou:

— Olhe o boi, seu Zé Bernardo....

O touro assustou-se e disparou em procura da catinga. Os vaqueiros acompanharam-n'o.

Tanto corria o novilho como a vaqueirama. A sorte estava lançada. Se o Faisca conseguisse sahir da varzea e entrar no matto, a partida estava perdida.

Suppuzeram derribal-o antes que alcançasse a catinga, mas enganaram-se. O bicho enterrou-se do matto a dentro e com elle

enrabichada a vaqueirama. Segundos depois o silencio daquelles ermos era quebrado por um ruido surdo, semelhante ao rolar de trovões ao longe. O estalejar dos paus que o touro ia quebrando contra o peito, o ladrar dos cães, a grita dos vaqueiros, o tropel das cavalgaduras, tudo se fundia num som cavo e longo, e o echo o repetia ao longe na crista dos oiteiros erguidos na planicie.

O ruido foi esmorecendo aos poucos ate que se acabou.

Uma hora depois voltaram os vaqueiros sem o Faisca, todos arranhados, tendo um delles um braço quebrado.

Tinham botado o touro *no matto*. Esta ultima reminiscencia da vida do touro fez crescer ainda mais a piedade do matuto. Era um forte que a fome havia vencido. Sorte igual estava talvez reservada para elle, que não era um bicho.

O touro conservava fito o olhar no vaqueiro como se estivesse lendo os pensamentos deste. Olhava-o agora com olhos cheios d'agua.

O matuto em lagrimas também se despediu do vencido e com os companheiros voltou a casa.

No dia seguinte voltariam a procurar agua cavando outro bebedouro.

RODOLPHO THEOPHILO

Ceará

POEMA DE CAVA

A Alvaro Guerra

Contestando a authenticidade do *Poema de Cava*, em relação á época que lhe attribuiu Faria e Sousa, começo do seculo IX, absurdo maior da marca, observou Andrade Ferreira, CURSO DE LITERATURA PORTUGUESA, pags. 176-7:

"Uma leitura attenta das quatro estanças (1), feita por entendido neste genero de poesia e nesta fórma de linguagem, basta para se reconhecer que tal antiguidade nunca existiu.

Não é preciso attentar senão nas phrases dos versos:

"
Meterom a cutelo a pres de redundos
Sem esgoardarem a seixos nem idade
..... "

De facto, sua estrutura syntactica indicia modernidade relativa, que os archaismos morphicos, intencionalmente empregados, não conseguem illudir.

Sirvam de demonstração extractos dos seiscentistas Francisco de Andrade e Mousinho de Quevedo:

"Sem respeitar a sexo nem idade"

PRIMEIRO CERCO DE DIU (1589), III, 72.

"Quiz metter a cutelo Espanha toda"

AFFONSO AFRICANO (1611), III, 2.

(1) Impropriedade. Na *estança* ou *estancia*, do it. *stanza*, os dous ultimos versos, rimando entre si, como que constituem, pela cadencia, a chave, i. é, a *parada*, a *estação*. D'ahi o nome dado á modificação feita por Boccaccio, na *TESEIDA*, duma especie de oitava provençal. As do *POEMA DE CAVA*, porém, são consoante ás usadas por Affonso, o Sabio, no *LIBRO DE LAS QUERELLAS*: o primeiro verso rima com o quarto, o quinto com o oitavo, o segundo com o terceiro, o sexto com o setimo.

Tamanha é a similhaça das phrases, que dir-se-ia aquellas serem variantes destas.

Não se dando a confronto de textos, o professor concluiu, arguto e cauto:

“A nós a leitura do *Poema de Cava* produz-nos o effeito de um trecho de poesia, por exemplo, do seculo XVII, passada confusamente á linguagem dos nossos antigos trovadores.”

O que era ainda *suspeita* para Andrade Ferreira é já para nós *convicção*.

Quando poderia ter occorrido a fraude entrevista por elle, senão mesmo no seculo XVII, em que toda a falsificação historica, tendente a lisongear o orgulho nacional deprimido, reputava-se louvavel acto de patriotismo?

Ora, o *Poema de Cava* satisfazia o requisito necessario á consagração do embuste, pois visava enaltecer Portugal, insinuando que o surto épico tanto se manifestara ali como na Espanha, — remotamente.

Isto se depreende das palavras do primeiro editor das oitavas anonymas, estampando-as para que se apreciasse *quão antigo é este modo de verso entre nós*. Cf. Miguel Leitão de Andrade, MISCELLANEA, 1629, pag. 455.

E foi attendendo ao *espírito critico do tempo*, reflectido no producto artificial, que Silvio de Almeida disse *não se lhes poder assinar outra data* que a da respectiva publicação. Vj. ANTIGO VERNACULO, 1902, pag. 188.

Seu estudo seria completo, si explicasse a escolha do assumpto do fragmento celebre (2) como propria tambem do cyclo, pela *revivescencia literaria da lenda de Florinda* (3).

O phenomeno que acabamos de tocar operou-se de 1580 a 1640, em razão do dominio philippino, accusando-o principalmente as epopéas menores.

Em duas anteriores ao questionado apocrypho do *Rouço da Cava* já florea a lenda revivescida.

(2) Celebre, não pela valia intrinseca; sim pelas discussões que ha suscitado. João Ribeiro qualifica de *poema asnatico* a primeira das chamadas *Cinco reliquias da poesia portuguesa*. SELLECTA CLASSICA.

(3) Silvio de Almeida desconhecia referencias de classicos portuguezes á mesma; pois até o proprio nome da personagem tomou-o elle, senão a Araujo Porto-alegre, COLOMBO, XXXI, 444, a Bouillet, respectivo o dictionario, aliás citado apenas e excusadamente quanto á conquista sarracena das torres occidentaes.

Jeronymo Côrte Real, descrevendo o templo da ultriz Nemesis, referiu a convocação dos arabes á península pelo governador de Ceuta, cuja filha o rei Rodrigo maculara:

"A nefanda vingança abominavel
Do conde Julião ao vivo estava,
Entrando com furor, estragos, mortes
A gente sarracena em toda a Espanha."

NAUFRAGIO DE SEPULVEDA (1594), III, 293-6.

Mousinho de Quevedo poz a discorrer a Religião Christã, figura de aguado *maravilhoso* catholico:

"Bem vês como fui sempre perseguida
Dos descendentes de uma baixa escrava,
Que quiz ser tão mimosa e tão querida
Como a Senhora que me afigurava.
Espanha o diga, delles destruida
No tempo que Rodrigo a dominava,
Cuja ruinas eu acompanhára,
Se Deus me não tivera e resguarda."

AFFONSO AFRICANO (1611), I, 21.

E estigmatizou quem facilitara, com a passagem, o triumpho aos inimigos:

Esta famosa, fez o infame feito (4)
Do falso Julião, de terna noda,
Que, só por seu particular respeito,
Quiz metter a cutello Espanha toda."

IBIDEM, III, 2.

(4) O monge Hugbalde morto em 930, compoz, em honra de Carlos o Calvo, o mais antigo poema latino em versos tautogrammaticos, a que os franceses chamam *lettrisés*.
Da especie é o distico:

"Esse **Fuisse, Flore**, tria **florida** sunt sine **flore**
Num simul omne perit, quod fuit, est, et erit."

que o pe. Manuel Bernardes enquadrou, transpostamente:

"Tres flores são, mas sem flor,
O **Foi**, o **E'** e o **Será**,
Porque logo murchará
Tudo que **é**, **foi** e **for**."

Que elles estavam em moda no Portugal do seculo XVII, prova-o mais o do **VIRIATO TRAGICO** citado ao diante.
A simples alliteração, que os **novos** do fim do XIX, symbolistas e decadentes, pretenderem erigir em systema, erro de escola, é, pois, um artificio **velho**.
Sem embargo disto, admitte-se-lhe ainda o uso discreto, como recurso expressivo, que não desdenharam classicos, romanticos e parnasianos,

Mais tarde, Braz Garcia de Mascarenhas, que falleceu em 1656 deixando manuscrita a mole de seus 18.544 versos, ao rememorar as proezas do *Principe das montanhas, rei de ovelhas*, daria Corvilhã por terra natal de Florinda:

"Refresca em Covilhã a gente afflicta.
Não se sabe que nome então a honrava
Muito depois foi Cava Julia (5) dita,
Por nascer nella a desditada Cava:
Não a deslustra, antes a acredita,
Filha que a honra mais que um rei prezava.
Espanha culpe a força sem desculpa,
Não culpe a bella que não teve culpa."

VIRIATO TRAGICOS (1699), II, 118.

E reportou-se ainda, com igual abundancia de trocados, á marcha ovante dos agarenos:

"Do austro vê passar o herculeo estreito
Barbaras meias luas, que, invadindo
A toda a Espanha, sem algum respeito,
Do patrio sangue a vã toda tingindo;
Justo castigo de forçado leito,
Affrontoso rigor de um gesto lindo:
Sempre foram bellezas peregrinas
Raios de reinos e de reis ruínas."

IBIDEM, XV, 16.

O conceito dos dous ultimos versos, — traducção euphemistica dos 107-8 da satira III de Horacio,

sendo bellos os exemplos da Sá de Miranda, Luiz de Camões, Victor Hugo e Leconte de Lisle:

"Cum vento velas vêm e velas vam!"

SON. XXIII.

"Abrindo as pandas asas vam ao vento"

LUS., IV, 49.

"Le pêcher de corail vogue en sa coraline,
Frêle planche, qui léche et mord la mer feline"

"La palpitation des palmes".

Catulle Mendés apontara, a identico proposito, os dous ultimos, na *ENQUETE SUR L'ÉVOLUTION LITTÉRAIRE*, de Jules Huret, 1902, pag.a 209.

(5) A Cava Julia chamariam talvez Cava Juliana. E a hypothese servirá a etymologistas á *outrance*, para explicarem a origem de Covilhã, como explicam, por corruptela popular, a de Santilhana, derivada de Santa Juliana, a de Frejus, derivada de Forum Julii, a de Forlì, derivada de Forum Livii etc.

Nam fuit ante Helenam cunnus teterrima belli
Causa " (6),

alterado o primeiro destes pelos pudentos didactas hodiernos, — serviu analyticamente de ornato a sermões de Antonio Vieira e Antonio das Chagas.

Prégou o padre jesuita:

"Em Dina, matou a formusura a Sichem; em Dálila, a Sansão; em Judith, a Holophernes; em Helena, a toda Grecia; em **Florinda a toda a Espanha.**"

E o frade varatojano, com pouca differença:

"Perdeu-se o mundo, e foi Eva o principio. Perdeu-se a cidade de Sichem, e foi Dina a occasião. Perdeu-se Troia, e foi Helena a causa. **Perdeu-se Espanha, e foi Cava o motivo.** Perdeu-se Inglaterra, e foi Bolena o fundamento. Perderam-se outros muitos reinos e monarchias, em que concorreram as mulheres para ruinas "

Por glosa aos approximados logares de ambos sermonistas, transcrevemos a informação do padre oratoriano Manuel Bernardes, em a NOVA FLORESTA, *Bens temporaes*, 1759, vol. II, pag. 232:

"..... os mouros, antigamente habitantes não só de Portugal, mas de toda a Espanha, onde entraram pela sabida traição do conde D. Juliano, em vingança da defloração de sua filha Florinda, a quem elles chamaram Cava, que quer dizer mã mulher, concubina....."

Na prosa profana de d. Francisco Manuel de Mello tambem se nos depara, *mutatis* levemente *mutandis*, o que synthetisou aquelle malaventurado cuja vida Camillo Castello Branco romanceou, na LUCTA DE GIGANTES, e Sanches de Frias dramatisou, n'O POETA GARCIA. Na VISITA DAS FONTES, apologo dialogal de 1675, responde Apollo a uma interlocuctora desejosa de saber si houve perigos nos paços:

"Em Castella não ha quem se esqueça de Florinda, mais conhecida pela Cava d'El-rei Rodrigo; em Inglaterra, de Anna Bolena, com o seu Henrique VIII; em França, de madeimoielle La Fochelle, com o seu Henrique IV."

Pe. Antonio Vieira e fr. Antonio das Chagas parece que imitaram, ampliando, fr. Heitor Pinto, este influenciado quasi ex-

(6) Herodoto já começara sua Historia pelos raptos Io, Europa, Medea e Helena, como causa de sangrentos conflictos primévos.

clusivamente pela *BIBLIA*, pois aos casos de David e Bethsabe, Holophernes e Judith, *etc.*, só accrescentou:

"E para que falemos tambem nas humanas historias: Dizei-me qual foi a causa e principio da destruição de Troia, senão os olhos de Paris e Helena? Elles foram fonte daquella espantosa guerra tam nomeada em todo mundo."

IMAGEM DA VIDA CHRISTA, (1563), t. I cap. III.

D. Francisco Manuel de Mello, pela ausencia de inspiração religiosa, concomitante á politica, tomava por modelo Jorge Ferreira de Vasconcellos:

"Assim se destruiu a soberba e antiga Troia com a flor de Grecia indinada; com essa razão córada de virtude se ensanguentaram os romanos com os sabinos; por desordenado amor se perdeu Espanha, Achilles morreu por Polixena, Demitrio por Arsione."

EUFROSINA ed. de 1786, a. V. sc. V. (17)

Isso, no que respeita aos prosadores.

Dos poetas, Mousinho de Quevedo talvez agisse apenas suggestionado pela homenagem camoneana a D. João I:

"O monte Abyla e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Espanha
Da Juliana, má, e desleal manha."

LUSIADAS, IV, 49. (8)

Braz Garcia de Mascarenhas, porém, lançando-lhe a barra adeante, insistiu no ponto da *desditada Cava*, do *forçado leito*.

(7) A primeira ed. é anterior a 1561. A segunda e a terceira, receberam accrescentos.

(8) O autor teria desprezado duas estancias subsequentes a esta, no mss. em poder de Faria e Sousa, o qual, publicando-as, ajunctou:

"Parecele el poeta que el amor de la Cava, o Florinda no fue la causa total de la destruicion de España, como dizem todos, sino otra divina, que parece dá a entender lo que se halló de aquellas pinturas halladas en la torre, que el Rey abrió en Toledo por codicia del tesoro que alli queria hallar."

LUSIADAS, comentadas por Manuel de Faria e Sousa, *etc.*, 1639, t. II, cols. 332-3.

O commentario reveste importancia dupla: a lenda não interessava a Camões, que escreveu antes da victoria das armas espanholas; mas abastidas as portuguezas, entrou ella a correr de bocca em bocca (**como dizem todos**).

De outra maneira se pronunciaria o commentador, si já estivesse disposto a homologar a fabula da descoberta do **Poema de Cava**, que em 1667 veio a inserir, na **EUROPA PORTUGUESA**, repetindo então quanto em 1629 phantasiara Miguel Leitão Ferreira, na **MISCELLANEA**.

E, para não enfastiar o leitor com maior somma de ex-cavações, por aqui nos cerramos, crendo haver declinado o sufficiente a provar que se deve o *Poema de Cava* não só ao *espirito critico do tempo*, mas tambem a uma *revivescencia literaria da lenda de Florinda*.

ALBERTO FARIA

(Das ACCENDALHAS, no prélo).

ALGUNS AUTOGRAPHOS ⁽¹⁾

II

De Ruy Barbosa tenho os originaes do magnifico artigo escripto para programma do jornal *Imprensa*, em sua primeira phase. Esse artigo é, como devem lembrar-se os leitores, uma profissão de fé revisionista.

Eis seus primeiros e seus ultimos periodos:

PROJECTOS E ESPERANÇAS

Não brilha no alto destas columnas o grande nome da imprensa, o nosso nome adoptivo, senão como um programma de lealdade ao idéal que elle exprime. Não o elegeu a confiança de pretenciosos, nem o orgulho de fortes, mas o amôr de convencidos pela sua aspiração predilecta, a superstição de crentes na sua esperança antiga e pertinaz. A' medida que a tristeza dos annos nos distancia dos sentimentos inferiores, e a vida se nos vae depurando pelas desillusões, o espirito sequioso do bem desapaixona-se dos interesses violentos, e cresce para os cimos, para a luz, para os espaços livres do pensamento, para as formas superiores da civilisação humana.

.. .. .

Da politica esta folha não quer outra cousa que discutir os assumptos, como esse, alheios ao jogo das questões parciaes ou pessoaes, os que falam menos ás paixões do que ás idéas.

Ocioso será declarar, entretanto que, promovendo a reforma da Constituição, não cessaremos de pugnar pela sua observancia mais estricta. Nada fóra da ordem. Tudo pela lei!

Não temos, pois, compromissos, afóra esses, e sem elles viveremos. Não somos, portanto, um jornal politico na accepção vulgar do termo; e, ainda na accepção superior, apenas o seremos quando o per-

(1) V. a *Revista do Brasil* de julho.

mittirem outros cuidados, com os quaes as obrigações de nosso nome, aliás muito maiores do que as nossas forças, nos adscryem a variar a nossa tarefa. O jornalista poderia tomar por divisa o *Nihil humani a me alienum*. Sem trabalho, industria, commercio, finanças, educação não ha politica. A politica é, como quizerem, o eixo, a convergencia ou a resultante de tudo isso. E, perlustrando tudo isso, o jornalismo deve ser o politico do povo. Nenhum homem, quanto mais o director desta folha, em quem pouco mais ha do que vontade, arcaria com tamanha pretensão. Nos auxiliares de que elle tem a honra de ver cercado, porém, homens praticos e homens de letras, encontrará o publico o supplemento, ou a desforra.

A questão revisionista ainda não se impoz á consciencia dos dirigentes ou, melhor, ainda não se sobrepoz aos interesses, que, ao par de poucas convicções sinceras, se satisfazem plenamente com o regimen vigente e não estão de forma alguma dispostos a carregarem lenha para se queimarem.

E como fallamos de revisionismo, demos a palavra a Medeiros e Albuquerque que, por excepção, na carta junta não fala de seu assumpto predilecto, mas de... occultismo.

Eis uma carta delle:

Salles.

Quero pedir-te um obsequio: ser-te-ia possivel escreveres um artigo de critica acerca do prefacio do livro que te mando, no *Correio da Manhã*? Não sei se estou lá tão excommungado, que não o permittam.

Creio que para isso não haverá difficuldade, desde que o artigo seja de gente de casa. Podes escrever?

E' inutil accrescentar que terei todo o prazer em que escrevas, mas escrevas livremente, censurando o que te parecer censuravel, sem o menor receio de que me magões. Quiz ver se reunia uma grande quantidade de factos, sob uma norma scientifica, bem simples, bem clara, arredando qualquer intervenção do Maravilhoso e do Sobrenatural. Quiz, em summa, mostrar que um materialista coherente pôde admitir todos os phenomenos do occultismo.

Consegui? Vê si o dizes num artigo e muito te agradecerá o

Amigo e collega

Medeiros e Albuquerque.

Em 23. 3. 903.

O livro em questão é o de Albert Coste, traduzido por Medeiros, que para elle escreveu um longo prefacio, que só tem o defeito, grave para um prefacio, de ser mais interessante que

o livro. Eu não escrevi o artigo que me pedia o illustre polygrapho e meu caro amigo; e não escrevi porque tenho pouca sympathia pelo Occultismo, com Maravilhoso ou sem elle. Medeiros batia, pois, a má porta. Sobre o assumpto eu só poderia ter elaborado um mofino nariz de cêra... que se derreteria perante a indignação de Medeiros de se ver assim mystificado.

Não sei si a transição do occultismo ao humorismo é muito violenta; seja ou não aqui vae uma carta em versos facetos de Lucio de Mendonça, que estando a veraneiar em Conceição do Rio Verde e sabendo-me em Lambary, enviou-me um cartão de cumprimentos, a que eu respondi numa carta em verso, da qual esta é a réplica:

Conceição do Rio Verde, 15 de Fevereiro, 1904.

Poeta amigo, sympathicos
Chegaram-me os teus cantares
Por estes limpidos ares,
Vencendo-os em limpidez.
Lyrica flôr dos aquaticos,
Lá nessas Aguas Virtuosas,
Pacato repouso gozas,
Em dôce idyllio burguez.

Mas, para espancar o tédio,
Que fazes ahi, visinho?
Cahiste já no joguinho,
Que bem que nos falta a nós?
Não procures o remedio
Na pharmacia do Lisbôa,
Uma excellente pessoa,
Mas um parceiro feroz!

Ou na paixão cynegética
Acompanhas o Bibiano
E voltas do matto ufano
Carregando um caetetu'?
Ou, desenganado e scéptico
Das vaidades da existencia,
Vais apurar a paciencia
Com dom Geraldês o Cru'?

Nestas feias tardes pallidas
Que filtram melancolia,

Usas ficar, todo dia,
A' janella, triste e só?
Ou pelos trilhos esqualidos
Desses pessimos caminhos,
Levantando os bacorinhos,
Fazes a volta do O?

Sabes que Março das Aguas
Abre a estação consagrada;
Então que alegre revoadada
O teu hotel encherá!
Adeus, preguiças e maguas!
Riem montes, riem valles...
Sou muito homem, ó Salles,
Para apparecer-te lá!

Lucio de Mendonça.

Não guardei nem na gaveta nem na memoria as minhas estrophes; mas lembra-me serem inferiores a estas oitavas, que são deliciosas de espontaneidade e de graça.

Mudemos de tom para dar espaço a uma carta de José Verissimo.

Rio, 30 de Março (?)

Meu caro Salles.

Com muita satisfação recebi hontem sua carta no Garnier.

Quando aqui cheguei de volta de Friburgo, procurei por você. Disseram-me que ainda estava na sua villegiatura. Estimo de coração saber que lhe tem aproveitado e que a pôde continuar. As noticias do nosso Aranha são boas. Acredito que o teremos cá no fim do anno. O livro d'elle (*Chanaan*) já está com effeito no prélo, e o annunciei por indicação d'elle, que temia que alguém se lembrasse do titulo.

Do meu tive apenas dez exemplares, que remetti aos amigos da Europa não podendo dal-o aqui a ninguém. Faço uma excepção em seu favor, não por que me agradeça, mas porque você não está aqui. Você conhece minhas opiniões a este respeito.

Volto hoje para Friburgo, passar a semana Santa ali.

Até breve, e espero então vel-o de todo curado.

Seu

José Verissimo.

As opiniões de José Verissimo, a que elle allude acima, eram que os homens de letras não estão na obrigação de darem os livros que publicam aos seus confrades, mas que estes devem compral-os como qualquer outra pessoa, excepção feita dos ausentes.

Passemos de um critico a outro critico, isto é a Sylvio Romero. Delle tenho uma nota com os seus dados biographicos por mim pedidos para os artigos que, por occasião da criação da Academia Brasileira de Letras, publiquei na *Revista Brasileira* com o titulo *Os nossos academicos*. Eil-a:

Sylvio Romero. Nasceu aos 21 de Abril de 1851, na villa de Lagarto, provincia de Sergipe. Estudou as primeiras letras de 1858 a 62, preparatorios no Rio de 1863 a fins de 1867. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife em 1869 e formou-se em Novembro de 1873.

O primeiro escripto que fez e publicou foi uma apreciação critica dos *Harpejos poeticos* de Santa Helena Magno, moço paraense que era 5.º annista da Faculdade do Recife no anno de 1870. O artigo sahiu em principios daquelle anno no periodico *Crença*. O segundo artigo que publicou foi no mesmo anno e periodico sobre as *Phalenas* de Machado de Assis; o terceiro foi no *Americano* e tinha por objecto as *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, e no mesmo anno.

Fez dois concursos para a cadeira de Philosophia do Collegio das Artes do Recife, em 1875 e 1876. Não tirou a cadeira. Foi juiz municipal em Paraty, provincia do Rio de Janeiro, do fim de 1876 a Abril de 1879. Nesta data veio para o Rio de Janeiro, onde fixou residencia, tendo entrado em concurso para a cadeira de philosophia do collegio Pedro II, actual Gymnasio Nacional, em principios de 1880, sendo nomeado. Nunca exerceu cargo algum além dos dois citados, a não ser por alguns mezes o de fiscal do governo junto ao Banco da Republica, por nomeação do Governo Provisorio da Republica. Desde estudante pertenceu ao partido que veio triumphar em 1889.

Sylvio não faz a enumeração de suas obras nessa nota, que, pela sua authenticidade e pela minucia das informações biographicas, recommendo aos historiadores de nossa literatura. Não conheço o artigo em que elle apreciou as *Phalenas*; mas não é temerario imaginar que foi uma dessas tundas em que elle era eximio. E dahi nasceu talvez a belligerancia literaria que durou toda a vida de ambos, belligerancia unilateral, porque Machado de Assis nunca respondeu a Sylvio nem nunca teve um gesto hostil para elle. E foi talvez essa attitudo mesma que creou no espirito do critico sergipano a prevenção irreductivel

devido á qual elle nunca poudes comprehender e estimar a obra do glorioso autor de *Braz Cubas*. Tambem a natureza nunca produziu dois temperamentos mais diversos e menos feitos para se entenderem.

Outro critico e outro sergipano, que, si comprehendeu e estimou Machado de Assis como escriptor, não fez o mesmo como homem, é João Ribeiro. Eis uma carta e um bilhete postal d'elle:

Rio, 10 de Maio de 1914.

Meu caro Antonio Salles.

Estou com o pé no estribo ou, no portaló, mais propriamente.

Devo embarcar para a Europa onde fixarei a minha residencia. Supponho ir fixar-me em Génève, que será por enquanto o meu endereço.

Ao dar minhas despedidas, recebi as *Aves de arribação*, que vão acompanhar o meu vôo e distrahir-me nas solidões do Atlantico.

Não sei quando será a minha volta e nem mesmo posso saber. Levo mulher e filhos; trabalharei longe, como sempre.

Ha dois annos estou em disponibilidade; agora, porém, começo a aproveitá-la.

Na Europa, eu tentaria o romance, si pudesse escrever alguma coisa como as *Aves de arribação*, que apenas folhee, saboreando aqui e alli algumas paginas.

Lembre-se sempre do seu amigo e admirador,

João Ribeiro.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1911.

Caro A. Salles.

A proposito do art. *Brasileirismo*. A Academia acceita todas as contribuições de pessoas de confiança desde que os vocabulos colhidos venham de um *texto* que os autorize. Só ao cabo desta *colheita documentada* é que registraremos os termos que não se acham abonados na litteratura. Os vocabulos esparsos e sem documentação ficam de reserva para o momento em que tivermos de refundir e coordenar todas as contribuições parciaes que se vão fazendo. O trabalho não está sendo feito *sob a minha direcção*, como você escreve; todos collaboram, eu apenas reuno os cartões (é por meio de cartões que procedemos) e dou-lhes certa uniformidade, e disponho-os para o prélo. Creio que já lhe agradei o formoso *a b c* do folklore do norte, que infelizmente chegou tarde para o *almanaque* (Garnier) de 912, que está a chegar. Se não agradei, agradeço agora duas vezes, e não é agradecer bastante para quem tão gentil é como você. Adeus. Um abraço do

João Ribeiro.

A guerra, provavelmente, não permittiu que o nosso douto philologo e primoroso escriptor levasse a effeito seu plano de voluntaria extradicação, com o que se perderam as letras, lucraram seus amigos e os seus discipulos.

Quanto aos *brasileirismos*, trata-se de uma collecção por mim formada por accasão de uma anterior visita a esta minha terra, que é rica desse cabedal, collecção pela qual se interessava Alberto de Oliveira e organizada quasi a seu conselho.

Um pouco de verso agora para variar, e seja um soneto, sem titulo e sem data do mestre Silva Ramos:

Não receio de amar: sua ternura
E' que me leva a mim a alma preza;
E se o amor é lei da natureza,
Ter receio de amar, fôra loucura.

Não receio de amar; se a desventura
Vier breve cobrir-me de tristeza,
E' que Deus quiz crear sua belleza
Para me dar a morte a formosura.

Não receio de amar, e, se partida
Eu vir minha ventura ao duro corte
Do fado que me leva de vencida,

Contente cumpro a lei da escura sorte:
Se por morrer de amor eu quero a vida.
A vida sem amor prefiro a morte.

Silva Ramos, sempre immerso na adoração dos classicos e no estudo desta, nossa lingua, que seria melhor si não fosse tão difficil, pouco produz, mas o que produz e publica tem logo um logar certo nas boas anthologias. Muito mais moderno pela lingua e infinitamente mais fecundo foi o bom e inesquecivel Arthur Azevedo, de quem damos aqui um bilhete e os apontamentos biographicos que nos enviou para o nosso estudo sobre os primeiros membros da Academia:

Antonio Salles.

Antonio Salles.

Agradeço-lhe, principalmente da gravata para cima, o seu generoso esboceto publicado no n.º 36 do *Pão*. V. vio-me com olhos indulgentes.

Ainda bem. Peço-lhe uma rectificação naquelle “impressionadoramente gordo”: Graças ao *anti-corpulent wine*, tenho perdido 14 kilos!

Estou a caminho da elegancia. *Qui l'eut cru!* Peço-lhe que me recomende a todos os camaradas da Padaria e que me mande suas ordens — mudei-me, sabe! — para a rua Corrêa de Sá, n.º 2, em Santa Thereza.

Do collega e am.º mto. obr.º

Arthur Azevedo.

— Meu caro Antonio Salles.

Nasci na cidade de S. Luiz do Maranhão aos 7 de Julho de 1855. Depois de frequentar o Lyceu do Maranhão, entrei para uma casa commercial, como caixeiro aos 13 annos. Fiz-me depois empregado publico, e fui demittido por causa de uma satyra que escrevi contra o Presidente da Provincia. 15 dias depois de demittido vim para o Rio de Janeiro, onde cheguei a 3 de Setembro de 1873.

No Maranhão tinha tido um jornaleco o *Domingo* e tinha publicado um volume de versos com o titulo de *Carapuças*.

Chegando ao Rio de Janeiro, fiz-me revisor de provas, e depois mestre de meninos, e afinal amanuense, por concurso da Secretaria da Agricultura, hoje da Viação, onde ainda occupo cargo de chefe de secção.

Entre no theatro em 1875 com a *Vespera de Reis*. No exemplar da *Capital Federal*, que receberás pelo correio, encontrarás a lista completa de minhas peças originaes. Tenho mais perto de cem traducções e imitações. Traduzi em verso a *Escola dos maridos* e *Sganarello* (*Le cocu imaginaire*) de Molière, e em prosa o *Casamento de Figaro*, de Beaumarchais.

Fundei a *Gazetinha*, folha diaria, que deixou saudades, não por mim, mas pela brilhante legião dos que me auxiliaram, e fundei revistas literarias e artisticas — *Penna e lapis*, com Augusto Off, a *Vida moderna*, com Luiz Murat, e o *Album*. Tenho collaborado para innumerous jornaes e revistas. Sustentei durante annos secções diarias no *Diario de Noticias*, no *Correio do Povo*, no *Novidades*, na *Epocha* e presentemente no *Paiz*. Publiquei *Horas de humor*, tres fasciculos e uma satyra — *Dia de finados*, dous volumes de *Contos possiveis* e *Contos fóra da moda* e muitos trabalhos theatraes. Os meus versos dariam dous grossos volumes: só os sonetos dariam muitas e muitas paginas. Mas ainda não resolvi publicar em livro minha obra poetica. No mais, sou um bom rapaz e tenho muitos bons desejos. Veja se lhe serve o que aqui fica, e, si quizer mais, é só pedir por bôcca.

Do confrade e am.º grato

Arthur Azevedo.

Mais do que um bom rapaz, Arthur era uma optima pessoa e o nosso melhor escriptor faceto. Seu chiste, sua espontaneidade, alliada a uma encantadora simplicidade, fizeram durante quarenta annos a delicia dos leitores e dos expectadores brasileiros. Excepcionalmente dotado para o theatro, elle subordinou-se, porém, ás contingencias do meio, em vez de tentar vencer-o e educal-o. E perdeu-se nelle o nosso Molière. Sua traducção do *Sganarello* é simplesmente uma obra prima, e algumas de suas peças, ficaram no repertorio—*Capital Federal*, *Badejo*, *Dote*, etc., todas peças ligeiras, mas todas melhores infinitamente do que tudo o que entre nós se tem produzido no genero.

A phrase griphada na primeira carta é minha: escrevi-a num perfil humoristico que fiz de Arthur e no qual affirmava que, physicamente, elle era até um bello rapaz, *principalmente da gravata para cima*.

E dando um grande salto, mas sem sairmos do Maranhão, mettam em scena Graça Aranha:

Meu caro Machado de Assis.

Ainda cheio de suas commovedoras invocações, reli hontem á noite que Job, depois de disputar loucamente com Deus, tapou a bocca. Estou diante de você na attitude do grande Humilhado. Não é preciso repetir aqui o livro santo; não me pergunte onde me achava quando Jehovah creou o Braz Cuba. Cêdo ás honrosas insistencias suas e do nosso amado Joaquim Nabuco. Rendo-me á discreção; sou um forçado da Academia. Agora deixem-me a consolação de que a amizade, como fundamento da solidariedade humana, tambem é um principio libertario. E assim posso exclamar tranquillo: como é doce a incoherencia!

Do confr.º admr.

Graça Aranha.

Andermatt, 23 de Julho de 1903.

Meu querido A. Salles.

Quando a tua affectuosa carta chegou a Roma, eu estava em Viena, onde fui com o Nabuco ouvir os medicos; elle para os ouvidos, e eu para o meu estado geral, que ha muitos mezes não é bom. E sempre em viagem, só quando Yayá veio ao meu encontro em Milão, trouxe-me tua carta. Tudo o que me relatas me commoveu muito. Meu pensamento está constantemente no Rio e elle não abandona a figura

triste e dolorosamente resignada de minha Mãe. Minha volta está decidida e sómente a minha saúde ainda me retém por aqui. Não sei quando será, mas de hoje até Fevereiro, posso partir de um instante para outro. Agora no verão é impossível: é o melhor tempo para minha cura, que não poderá ser adiada. Naturalmente perguntarás o que tenho. Não sei. Depois daquella molestia do anno passado, o meu organismo ficou abalado, e ainda não estava curado quando tive de trabalhar na Missão de modo violento e extenuante durante quatro mezes. Depois segui para Roma e ali fui perseguido de molestias algumas ligeiras e outras fortes como uma erupção semelhante a escarlatina. O estado nervoso resentiu-se muito. Nunca mais dormi bem, comecei a emagrecer, enfim tudo começou a degradingolar. Consultei um medico de Roma, que me aconselhou repouso immediato e absoluto, sem a menor sombra de trabalho intellectual, e recommendou-me as altitudes. Fui a Vienna e tive o mesmo conselho, para não dizer ordem, porque o medico austriaco foi mais insistente que o romano.

E é por isso que te escrevo de Andermatt, a 1.440 metros de altura, de um hotel solitario que eu povôo com as minhas saudades. Dahi passarei para St. Moritz, que é mais elevado, em 1.º de Setembro e irei descendo gradualmente até Outubro, quando devo encontrar-me com o Nabuco e a numerosa Missão (questão da Goyanna).

Tenho experimentado melhoras consideraveis, melhoras physicas (mais robustez, animação e alegria animal de viver) e moraes, apesar de todos os motivos que tenho para estar deprimido. Em dous mezes creio poder voltar áquella energia e actividade de 1900 a 1902, que foram annos de intensa operosidade intellectual e de força como nunca tive.

A Missão já se póde dizer quasi finda. A 28 de Agosto entregaremos a 2.ª memoria, que é a replica aos inglezes, e quatro mezes depois será apresentada a ultima argumentação. Em 28 de Dezembro não haverá mais serviço, e eu me verei desobrigado com o Nabuco, que tem sido um amigo firme, carinhoso, intimo e dedicado sem um desfallecimento de um segundo.

Não tenho escripto. Contava dar ao Garnier este anno o meu novo romance. Planos! Agora só o darei do Brasil.

Eis o que ha sobre mim. E agora espéro que me fales de ti e longamente. Deves calcular como estou ancioso pelo teu livro. Não te demores em mandar o meu exemplar, logo que o tirares. Pouco leio os jornaes do Brasil e o *Correio da Manhã*, raramente. Ignoro absolutamente o teu romance, mas o imagino com um grande sabor nortista, que me ha de falar secretamente ao coração.

Que se faz ahi em literatura? Ainda não queres a Academia? Creio que o eleito desta vez será o Quintino, mas eu ainda não dispuz do meu voto. Preferia o Jaceguay (lembrança da Revista) e o E. da Cunha, si

forem candidatos. O X. é muito prematuro. Que fim levou o famoso X. X.?

Minha mãe fala-me sempre de vocês. Pego-te muito particularmente que continues a procural-a, agora que o seu isolamento é maior, Tu és um bom sobrinho. Adeus, meu querido Salles. Abraço-te e a Alice.

Do teu sempre muito fraternalmente,

Graça Aranha.

Da primeira carta, dirigida a Machado de Assis, possuo uma copia do proprio punho do autor, que m'a communicou para que eu soubesse que elle afinal se submetera ás exigencias dos amigos, acceitando uma das primeiras quarenta cadeiras da Academia. Graça Aranha reluctou muito, allegando não ter ainda nenhum livro publicado e amparando-se tambem a suas opiniões, que, em materia de questões sociaes, eram então de um radicalismo extremo. Primeiro a Academia, depois a Diplomacia... e lá se foi na entrosagem do officialismo burguez um apostolo *manqué* das idéas libertarias!

O livro a que Graça allude é o meu romance *Aves de arribação*, que estava sendo publicado em folhetins no *Correio da Manhã* e eu pretendia dar logo após em volume, o que só aconteceu doze annos depois.

Voltemos aos poetas, e seja com esta carta de um dos maiores:

Bello Horizonte, 10 de Dezembro de 1907.

Meu caro Antonio Salles.

Retribuindo-lhe as gentilissimas "bôas festas" da sua carta de 26, venho tambem estreital-o num grande abraço de gratidão pelo brilhante artigo que me dedicou recentemente no *Diario de Pernambuco* e do qual o Arthur Orlando já me havia falado.

Receio muito que o influxo bondoso da sympathia pessoal tenha exagerado a minha valia literaria aos seus olhos.

Não me tem passado despercebido tudo quanto tem feito pelo meu nome desde a saudosissima Padaria Espiritual, cujo periodico tenho guardado com carinhoso affecto. Adeus, meu caro poeta e amigo, até breve e mande as suas ordens ao

Am.º admr. aff.º e grato

Augusto de Lima.

O autor dos *Symbolos* e das *Contemporaneas* não conquistou depressa a alta reputação que merece. Augusto de Lima, antes

de ser deputado, vivia somente em Minas, e no Rio custa-se a acreditar na existencia de um grande poeta provinciano. Mesmo nas rodas literarias, havia quem o ignorasse totalmente. Dahi o meu artigo no *Diario de Pernambuco* para o qual collaborei longos annos, do Rio, e outros escriptos meus em que eu protestava contra essa injustiça, que já cessou, não pelos meus esforços, mas porque o talento do poeta era uma *verité en marche*, e a victoria era certa.

Passemos de eminencia a eminencia, com esta carta recentissima de Alberto de Oliveira:

Rio, 12 de Abril de 1918.

Presado am.^o Antonio Salles.

Começo com um verso dos *Luziadas* alludindo ao gosto de escrever, que vou perdendo, para que me desculpes responder-te com tanta demora. Não é só o gosto de escrever em verso, perco tambem o de escrever cartas, ainda quando, como agora, endereçada a amigos. Nesta conta intima sempre estiveste, meu Salles; sempre te quiz, desde aquella inesquecivel noite, no Hotel Mills, em Petropolis, quando só e a sós tratamos de poesia longamente, até alta noite, desabafando eu na do poeta, hospede ali tambem, toda a minha alma oppressa sob o trambo-lho de serviços de um cargo publico.

Quantos annos lá vão!

De que me estimas e consideras tens-me dado as melhores provas e as dêste ainda agora no soneto bellissimo com que exageras o nada que eu valho e nos dois bilhetes em que, tão longe, lá no "patrio ninho amado" te lembras de mim.

Tão bem me sinto, ao ver que ainda tenho affeições sinceras, como a tua, que neste final de vida posso dizer com Gonçalves Dias:

"...Meus prazeres

Foram só meus amigos; meus amores

Hão de ser neste mundo elles sómente".

Adeus, Antonio Salles. Dê-m-te esses ares do torrão de Iracema a saude de que precisas e inspiração para uma nova serie de *Trovas do Norte* de que todos precisamos. Recommenda-me á tua senhora e crê no muito que te quer

teu velho amigo

Alberto de Oliveira.

P. S. Consegui da Prefeitura fosse dado o nome do nosso querido J. Verissimo á escola da rua 24 de Maio dirigida pela filha delle, a Anna Flora. O Cícero associou-se de coração á justa homenagem.

Alberto.

De Alberto de Oliveira a Olavo Bilac não é preciso subir nem descer. Mas não é uma carta deste que publico, é um soneto, não sei se inédito, mas cujo original se acha em poder de pessoa de minha família.

E' a chave de ouro destas paginas:

O VALLE

Sou como um valle numa tarde fria,
Quando as almas dos sinos, de uma em uma,
No soluçoso adeus de ave-maria
Expiram lōngamente pela bluma.

E' pobre minha messe... E' névoa e espuma
Toda gloria e o trabalho em que eu ardia...
Mas a resignação doura e perfuma
A tristeza do termo do meu dia.

Adormecendo no meu somno incerto
Tenho a illusão do premio que ambiciono;
Cae o céu sobre mim em pyrilampos...

E num recolhimento a Deus offerto
O cansado labor e o inquieto somno
Das minhas povoações e dos meus campos.

Sobre este formoso e melancólico soneto eu fiz outro, que não dou aqui por não ousar o confronto e, mais ainda, porque prometti publicar autographos alheios e não os meus.

Tudo que ahi fica vae transcripto sem alteração, apenas com raras omissões de phrases ou trechos em que havia referencias pessoas a terceiros, feitas no abandono e na confiança da intimidade. Muitos outros autographos possúo, mas impossiveis de ser publicados sob pena de eu ser chamado o ultimo dos indiscretos e provocar alguns escandalos literarios. Do que fica publicado apenas transparece affectos ou decorrem idéas que só fazem honra aos epistolographos. Que isso os faça perdoar esta traição com que quiz sómente servil-os offerecendo ao publico e á *Revista do Brasil* os thesouros, que haviam confiado á minha guarda.

ANTONIO SALLES

Ceará, Maio de 1918.

D. PEDRO II E A CONSTRUÇÃO DE UM INSTITUTO DE PHYSIOLOGIA NO BRASIL

Entre os livros que pertenceram a D. Pedro II, recolhidos hoje á Bibliotheca Nacional, existe a grande obra do celebre physiologista allemão du-Bois-Reymond "Untersuchungen über thierische Elektricitat", na qual, com um luxo inexcedivel de minucias, foram condensados todos os conhecimentos da epoca (1848) sobre a Electrophysiologia. Parece que na Bibliotheca essa obra foi muito pouco manuseada, e o que me leva a assim pensar, é que ha dois annos (Abril de 1916), foi-me dado encontrar entre as paginas de um dos volumes, pertencendo a uma edição publicada em 1884, uma carta de du-Bois-Reymond dirigida a D. Pedro de Alcantara. A carta acompanhou o volume, e este traz uma dedicatória, cortada ao meio pela tesoura inconsciente do encadernador. E' ella concebida nos seguintes termos:

"A Sa Majesté Imperiale
L'Empereur du Brésil.
Berlin, NW., 15 Neue Wilhelmstrasse.
1 Avril 1887.

Carta de du-
Bois - Rey-
mond a Pe-
dro II

Sire,

J'ose profiter de l'occasion que m'offre le retour de M. le Docteur de las Casas dans sa patrie, pour me rappeler au gracieux souvenir de Votre Majesté Impériale.

Conformément á la demande qu'Elle avait daigné m'en faire, j'avais dés l'année 1882, remis á Son Ambassade á Berlin, pour Lui être expédié, un envoi embrassant:

1.º La collection complète des plans et coupes du nouvel Institut physiologique de cette ville, dont Votre Majesté, lors de Son séjour á Berlin, avait visité avec intérêt les commencements. Ces plans etc.,

étaient accompagnés d'une description détaillée en français, que j'avais rédigée pour l'usage que Votre Majesté voudrait en faire.

2.^o Les deux premiers volumes de mes Recherches d'Electricité Animale.

3.^o Le Recueil, en deux volumes, de mes mémoires relatifs à la physiologie générale des muscles et des nerfs.

4.^o Un volume de recherches sur le Gymnote électrique, basées sur les expériences faites par feu le Dr. Sachs à Calabozo, dans les Llanos de Caracas, et rédigées par moi, après sa mort prématurée, avec beaucoup d'additions. J'espère, Sire, que cet envoi sera bien parvenu à Votre Majesté, et qu'il Lui aura fourni une nouvelle preuve du zèle avec lequel tout savant s'empresse de répondre aux desirs d'un Monarque qui, à la hauteur où il se trouve placé, ne laisse pas de s'intéresser à nos humbles travaux.

Daignez, Sire, permettre qu'aujourd'hui je fasse hommage à Votre Majesté du troisième et dernier volume de mes recherches d'électricité animale. La dernière livraison de ce volume n'a paru qu'en 1884, après mon premier envoi. C'est la raison pour laquelle je me vois forcé de l'offrir à Votre Majesté, dans un état peu convenable, simplement broché, le relieur qui a exécuté les belles reliures des cinq volumes constituant le premier envoi, n'ayant malheureusement point gardé de modèle, de sorte qu'il eut été impossible de relier le présent volume en conformité avec le reste.

Je suis, Sire, avec les plus profonds respect et un entier dévouement.

de Votre Majesté Impériale
le très humble serviteur

E. du Bois-Reymond.

O documento, como se vê, é interessante. A um exame, por pouco aprofundado que seja, percebe-se porém, que esse interesse não se limita à curiosidade inerente a toda essa sorte de documentos, isto é, a atenção que desperta qualquer fragmento de correspondência entre dois homens ilustres. Du Bois-Reymond falla na remessa das plantas e córtex do Instituto de Physiologia de Berlim, pedidos por D. Pedro. Um problema se nos apresenta assim: que intenções havia dictado esse pedido?

A solução desse problema poderia interessar ao futuro historiador de nosso desenvolvimento científico, e talvez a descoberta de outros documentos mais explicitos do que esse, unico que por enquanto possuímos, possa apresental-a clara e insophismavel. Neste momento somos obrigados a nos contentar com hypotheses. Vale a pena, porém, discutil-as e indicar qual a que por si reúne maiores probabilidades de certeza.

Hypotheses

A primeira das supposições, e a mais simples, é a que explica o pedido de D. Pedro II, por uma deferencia para com du Bois-Reymond, por uma prova de interesse pelos estabelecimentos scientificos. D. Pedro era grande apaixonado pela sciencia e não regateava homenagens aos sabios.

Toda manifestação superior da intelligencia, quer fosse no dominio dos conhecimentos positivos, quer no da Arte, provocava sua admiração. Imperador, deante dos homens de sciencia ou dos artistas, timbrava em fazer esquecer sua qualidade de soberano, o que levou Arséne Houssaye a dizer que elle só acreditava na soberania da Intelligencia. Em suas viagens á Europa, era para elle um especial prazer, acompanhar os cursos das grandes escolas e, sempre que possivel, procurava conservar-se incognito, ou passar despercebido entre os auditores. A maioria das vezes não se realizava esse desejo, mas essa maneira de se apresentar como um alumno attento, não era para os mestres que o divisavam em meio de uma conferencia, a mais tocante e delicada das provas de consideração?

Magnanimidade do Imperador

Quando algum dos professores queria tiral-o do banco dos discipulos, incorria na sua censura.

Um dia, no Collége de France, Ad. Franck, informado de sua presença na sala, tomou para assumpto de sua lição o direito natural á liberdade, e descreveu com entusiasmo o papel representado pelo Imperador do Brasil na campanha de libertação, indicando depois aos seus discipulos a figura austera de D. Pedro, sentado entre elles. A sala inteira acclama, e D. Pedro timido, confuso, refugia-se em um gabinete proximo. Ao professor, porém, graciosamente elle manifestou sua surpresa deante de tal indiscreção: *Sabe que o considero um traidor?* Os monarchas mesmo os mais illustres, têm as mesmas fraquezas que o rosto dos mortaes: poucos dias depois, D. Pedro, na Academia de Sciencias Moraes e Politicas, pedia que lhe dessem um lugar ao lado de Ad. Franck...

Pedro II e Ad. Franck

Essa modestia, uma intelligencia variada servida por memoria sem par, sua grande cultura davam-lhe, nas relações com os homens de sciencia e com os artistas, um encanto particular, deixando-lhes impressão intensa e duradoura.

Os reflexos dessa impressão se encontram em innumerous escriptos da epoca. Muito conhecidas são as opiniões de V. Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas, Mistral, Gladstone, etc., sobre o Imperador. Berthelot se refere varias vezes á sua figura sympathica e acolhedora. Darwin observa em uma carta a Hooker que o "Imperador fez tanto pela sciencia que todo sabio lhe deve o maior respeito". Todos os homens notaveis eram seus amigos, e na Bibliotheca Nacional encontra-se um sem numero de obras (de Sir William Thomson, Marey, Ch. Tellier, etc.,) a elle offerecidas pelos seus auctores, em dedicatorias sempre repassadas de profunda affeição.

**Pedro II e os
homens notaveis**

Brown-Séquard foi o unico que guardou de D. Pedro uma recordação um tanto amarga. O que houve entre elles não sei. Brown-Séquard era um espirito atormentado e de uma sensibilidade prompta a abalar-se ao mais leve choque.

Mal entendido de Brown-Séquard

D. Pedro foi seu cliente em 1876. Nessa epoca a vida do grande physiologista não corria bem. Irritavel, julgando-se doente e perdido, sem recursos, agitado, descontente; não se sentindo bem em parte alguma, hesitante sobre o partido a tomar, sem se decidir por nenhuma situação, Paris, Glasgow, New-York ou Genebra, é muito provavel que Brown-Séquard tenha mal interpretado alguma intenção de D. Pedro. Talvez elle não estivesse preparado para tratar de um doente dessa natureza. Para um physiologista como Brown-Séquard, fazer clinica é motivo de constante mau humor. No desempenho de suas novas obrigações, o verdadeiro physiologista guarda sempre um pouco dessa sinceridade crua e ás vezes mortificante desenvolvida ao maximo pela vida de laboratorio. O clinico carece de mais tacto, de uma delicadeza mais requintada e principalmente, de uma grande dóse de dissimulação. D. Pedro teria sentido que Brown-Séquard não via nelle, nas horas de consulta, mais que um objecto de estudo, e, (porque não dizel-o?) um animal de laboratorio, e teria se revoltado contra isso? E' provavel. Mas o certo, é que, como nos conta Berthelot, Brown-Séquard nas suas relações com D. Pedro, aprendeu, que "os soberanos não gostam de ser tratados em pé de igualdade: sente-se sempre um pouco a garra sob a pata de velludo do leopardo". Como se vê, Brown-Séquard enganou-se: os leopardos não são animaes de experiencia...

O seu estremecimento, apesar de tudo, não parece ter sido muito profundo; onze annos mais tarde elle introduzia D. Pedro junto á Sociedade de Biologia de Paris nos termos seguintes: "Senhores. Tenho a honra de vos apresentar Sua Majestade o Imperador do Brasil, um soberano eminente pelas mais bellas qualidades que o homem possa possuir e sobretudo pelo seu profundo amor pelas sciencias".

**Reconside-
ração de
Brown = Sé-
quard**

Poderíamos multiplicar os exemplos demonstrativos do sentimento de respeito pela sciencia e seus cultores predominantes nessa complexa personalidade de monarcha erudito. Se admittissemos a hypothese provisoria adeantada acima, o pedido feito a du-Bois-Reymond seria mais uma manifestação desse sentimento, e nosso problema estaria resolvido. Essa solução ainda mais se nos afiguraria acceitavel, se levianamente adoptassemos uma certa opinião entretanto muito espalhada.

De facto, muitos acreditam ter sido puramente platónico esse amor pela Sciencia e pela Arte. Era uma especie de diletantismo, attitude de monarca que *posa* para a Historia, incitação ás homenagens dos mais legitimos representantes do pensamento contemporaneo, que seriam agradaveis á sua vaidade, talvez gasta e já insensivel ás saudações officiaes e obrigatorias, devidas á sua posição. Quem conhece um pouco a psychologia do homem de sciencia sabe que os elogios não justificados, ou simplesmente formalistas, não os commovem.

**Interpreta-
ções male-
volas**

Que importa a um sabio que se lhe diga que tal ou tal de seus trabalhos é notavel, principalmente se essa opinião parte de um profano? A unica coisa realmente lisonjeira é ver a comprehensão e sobretudo a utilização dos trabalhos realizados. Os homens de sciencia são sempre, qualquer que seja a opinião que sobre isso se tenha formado, profundamente sensiveis, e para elles só ha uma fonte de emoções comparavel á de comprehender o pensamento de outrem: é sentir o seu, completamente, integralmente comprehendido. D. Pedro, pelo seu tracto constante com homens dessa natureza, conhecia muito certamente sua psychologia, e sabia que o melhor meio de lisonjear a du-Bois-Reymond seria manifestar um interesse mais

**Psychologia
dos homens
de sciencia**

activo, mais pratico, que fosse um simulacro de acção, e que deixasse perceber intenções mais positivas: d'ahi o pedido dos planos do Instituto de Psychologia do qual transparecia a vontade de fazer qualquer coisa, que se orientasse por elles. Não adoptemos essa solução sem um exame um pouco mais minucioso dos factos.

As homenagens do Imperador não se dirigiam de modo exclusivo aos homens já consagrados, sobre cujas obras a opinião estivesse definitivamente assente, e cujo nome fosse iniludivelmente cercado de gloria. Seu discernimento era bastante para determinar pelas primeiras produções de uma intelligencia, onde ella poderia chegar. Poucos rivalisariam com elle nessa delicadissima arte do diagnostico precoce do genio, e quando um tal diagnostico se lhe impunha, nada o detinha na animação que entendia dever dar ás pobres victimas desse delicioso mal. A reprovação geral, o ridiculo lançado sobre uma obra, a guerra movida a uma personalidade, não o demoviam de seus intuitos. Não o atemorizavam os riscos que para o seu prestigio intellectual pudessem advir de taes attitudes.

**Discerni-
mento de Pe-
dro II**

Em 1857, Ricardo Wagner atravessava um periodo difficil. Exilado da Allemanha, abrigado em Zurich, em casa dos Wesendonck, desconhecido da maioria, calumniado, amparado só pela admiração entusiasta de alguns amigos e discipulos, Wagner se encontrava em uma dessas situações de crise, frequentes em sua vida, em que só aquella energia indomavel, robustecida pela fé nos destinos da Arte que creava, o sustentava contra o completo desanimo. Foi então que D. Pedro II, por intermedio do consul brasileiro em Leipzig, lhe fez chegar a certeza de seu apoio, pedindo-lhe que destinasse uma de suas obras para ser representada no Rio de Janeiro. Wagner, apesar do tom de ironia com que em suas memorias se refere a esse episodio, recebeu essa mensagem como um consolo, e lembrou-se de guardar para o Rio de Janeiro as primicias de "Tristão e Isolda", que então projectava escrever. Não sei que obstaculos impediram a realização desse plano. Muitos annos se passaram antes que a arte wagneriana se impuzesse na Europa. Ainda em 1864, "Tannhäuser", apesar de toda a protecção da côrte de Napoleão III, era escandalosamente vaiado na Opera de Paris. Mas em 1876, quando em uma immensa apothese ao extranho genio, a Tetralogia era

**Pedro II e
Ricardo Wa-
gner**

integralmente representada em Bayreuth, em um theatro proprio, cujo levantamento já por si era uma consagração, e a essa festa assistia D. Pedro, da galeria dos soberanos, ao lado do Imperador da Allemanha, e dos Grão-Duques de Mecklemburgo, de Bade e de Weimar, elle no seu intimo poderia se orgulhar de ser um wagneriano historico. Elle não pertencia áquelles que só reconheceram a nova Arte, quando com um brilho intenso, offuscante, inconfundivel, ella se impoz dominadora.

Uma serie de factos que vão cada vez mais despertando a attenção, demonstram que a curiosidade scientifica e artistica do Imperador não visava uma pura satisfação de necessidades pessoas. Em todos os terrenos elle parece ter tido sempre em vista as possiveis applicações ao desenvolvimento do Brasil. Em 1915, o Instituto Historico teve occasião de ouvir a bella preleção do Sr. Nicoláo Debanné sobre as tendencias de D. Pedro nos seus estudos de Egyptologia. O cultivo desse ramo de conhecimentos afigurou-se sempre uma simples phantasia; no entanto, que razões superiormente orientadas para o proveito economico de nosso paiz o levaram a mais esse esforço!

Altruismo de Pedro II

Examinemos, agora que essa summaria analyse nos permite uma orientação mais segura, outra hypothese segundo a qual D. Pedro, ao formular o desejo de obter os projectos de construcção de um Instituto de Physiologia, tinha em mente o plano de fundar um estabelecimento semelhante no Brasil.

A carta de du-Bois-Reymond é um tanto obscura em um ponto. Que se a releia e ficar-se-á sempre na duvida se o pedido de D. Pedro foi feito mesmo na occasião da visita ao Instituto de Berlim, ou posteriormente. Parece porém, que a segunda dessas hypotheses é a verdadeira. De outro modo, com a precisão habitual aos homens de sciencia na sua maneira de redigir, e du-Bois-Reymond, como pode se convencer quem se dar ao trabalho de ler algo do que produziu, levava ao extremo a preocupação de justeza nas minucias, — e a phrase seria feita differentemente. Elle teria dito, por exemplo: “Conforme o pedido feito por Vossa Majestade, por occasião de sua visita ao Instituto de Berlim...” Mas deixemos esse ponto em suspenso, examinando a questão successivamente sob os dois pontos de vista.

O projecto do Instituto de Physiologia

Admittamos por momentos que D. Pedro tenha vindo de sua viagem á Europa com idéas de crear entre nós um instituto de

Physiologia, e que já tivesse para isso pedido um modelo de estabelecimentos congeneres. Pouco tempo depois iniciou-se no Museu Nacional, no dominio dessa sciencia, um movimento de pesquisas experimentaes, cuja historia mereceria ser mais divulgada. Em 1878, havia sido contractado em Pariz para ensinar Biologia Agricola em a nossa Escola Polytechnica, o Dr. Louis Couty.

Couty era physiologista, e apesar de contar apenas 24 annos quando aqui chegou, já havia publicado alguns trabalhos que muito o recommendavam. Seu curso na escola Polytechnica não foi de molde a satisfazer suas ambições de trabalho. Nossa Escola não lhe facultavam os meios de dar uma orientação pratica a seus estudos, o que o obrigava a fazer prelecções exclusivamente theoricas. Sahindo da escola dos grandes physiologistas francezes, discipulo de Vulpian e de Brown-Séguard (este ultimo levava o seu ardor na experimentação a viajar acompanhado de cobayas afim de não interromper suas observações), essa situação em pouco se lhe tornou intoleravel. Conta-nos J. B. de Lacerda que em 1880, no Museu tinha tomado a si fazer alguns estudos experimentaes sobre varios problemas. Couty ao ter sciencia disso para lá se diriuiu, e ambos planejaram começar, com a maior actividade possível, uma longa serie de trabalhos. Estes se inauguraram pelos estudos sobre o curare.

**Prof. Louis
Couty**

Feitas as primeiras experiencias, o Imperador quiz vel-as. Foi por essa occasião que Couty e Lacerda fizeram a D. Pedro um appello "mostrando quanto poderia lucrar a sciencia no Brasil com a installação de um bom laboratorio de Physiologia experimental."

"O Imperador", diz-nos ainda Lacerda, "fez uma promessa formal de proteger o nosso intento, que não levou muitos dias a realizar-se. Foram orçadas as despesas para a installação do laboratorio, cujo plano Couty traçou pelo de outros laboratorios que elle frequentara em Paris; e logo fez-se a encommenda dos aparelhos e instrumentos."

**Primeiros
passos**

E' admiravel a presteza com que D. Pedro attendeu ao appello dos dois jovens pesquisadores, e esse traço mostra a profundez de orientação desse inolvidavel chefe de Estado. A Physiologia é um terreno muito pouco explorado entre nós, onde, principal-

mente nessa epoca, só se havia cultivado, e assim mesmo de modo theorico e para satisfazer ás necessidades do ensino, as partes dessa sciencia de applicação mais immediata á Medicina. D. Pedro, com sua resolução, fazia uma coisa que nunca mais a meu conhecimento, foi feita em nossa terra: elle autorisava, sustentado pelo Estado, a creação de um centro de estudos sem nenhuma obrigação de utilidade pratica immediata. Esse laboratorio não se destinava ao ensino nem á fabricação de productos quaesquer; era seu fim unico a pesquisa scientifica pura e desinteressada.

E elle se destinava ao cultivo dessa sciencia que ainda hoje é olhada por uns como repositório de curiosidades proprias para quem quer exhibir erudição, e por outros como refugio de alguns *snobs* desoccupados.

Essa facilidade de annuencia do Imperador seria muito comprehensivel se fosse exacta a supposição que se viu apresentada acima. Trazendo já da Europa a idea de erguer um centro de estudos physiologicos, o Imperador via alli o nucleo cheio de bons auspicios do futuro Instituto. Examinemos, porem, a questão sob outro ponto de vista.

E' muito possivel que o appello de Couty e Lacerda tenha despertado no espirito de D. Pedro a idéa de dar grande desenvolvimento ao estudo da Physiologia, e d'ahi se tenha originado o pedido feito a du-Bois-Raymond. Este fala em sua carta da entrega dos planos feita em 1882, por pedido de Sua Magestade. Como se viu, a intervenção dos dois jovens sabios teve logar em 1880. As datas são concordantes.

**Outra hypo-
these**

Seja qual fôr a hypothese verdadeira, o que me parece fóra de duvida, depois dessa analyse, é o desejo de D. Pedro de instalar o Instituto, que muito provavelmente não seria reduzido ao Laboratorio de Physiologia Experimental do Museu. Quaes os motivos que levaram o Imperador a não proseguir nessa idéa? Sobre este ponto nenhum documento é conhecido, e seríamos obrigados a fazer simples supposições sem base. Poderia fazel-as, e por mais arbitrarías que fossem, ellas teriam uma vantagem: a de provocar em algúem mais affeioado a esse genero de estudos e dispondo de mais lazeres para executal-os, a idéa de emprender pesquisas que as regeitassem ou as confirmassem. Apezar disto, passaremos esse ponto em silencio, mesmo porque essas supposições não nos levaria a conclusões muito agradaveis sobre o nosso character em geral, e sobre a nossa cultura scientifica em particular...

O laboratorio de Physiologia do Museu teve o seu periodo aureo. Couty o dirigia. O joven sabio francez era um espirito poderoso, e tinha essa variedade de cultura tão commum nos centros europeus, que permite a um mesmo individuo executar trabalhos de primeira ordem sobre as mais variadas questões. Essas intelligencias são tão seguras e tão multiformes, que conforme as circumstancias, podem dar a impressão de dispersivas, ou de estrictamente especializadas. Ellas se atiram aos problemas que se lhes apresentam, e as attraem por qualquer lado ainda obscuro. Se as soluções encontradas são por sua vez origem de novos problemas a desafial-as, o tempo por ellas dedicado ao seu estudo vai, sem que isso seja percebido, se dilatando, e inconscientemente, o pesquisador se torna um especialista em um dominio muito restricto. Mas, se as soluções dão essa impressão de acabado, provisoriamente assumida pelas questões scientificas, essas intelligencias não permanecem o resto da vida minando um caminho fechado por uma montanha. Sua eterna curiosidade, e seu constante instinto de criação as levam para outros pontos.

Realização

Couty, vindo para o Brasil avaliou bem a immensidade de problemas que as nossas condições de paiz tropical, com sua natureza virgem, cheia de segredos, apresentava á sua sagacidade. O plano de pesquisas por elle formulado, não foi o programma de trabalho para um homem; era um roteiro para toda uma geração de trabalhadores. Essa grandeza não impediu que só, ou com a collaboração de Lacerda, elle iniciasse sua execução, atacando-o ao mesmo tempo por todos os lados. Foi uma verdadeira febre de trabalho. As memorias se succediam. Os estudos sobre o curare, publicados com Lacerda nos *Archives de Physiologie normale et pathologique*, as indagações sobre a acção do clima nas funções do organismo vivo, sobre a temperatura do homem nos climas quentes, não bastavam.

Os projectos de Couty

Couty continuava suas pesquisas sobre as funções do cerebro, e quando a morte o surpreendeu a 23 de Novembro de 1884, com 30 annos de idade, já tinha preparado uma obra de cerca de 800 paginas sobre essa questão. Lacerda diz não saber onde se acha esse trabalho.

E' provavel que elle esteja em Pariz, pois D'Arsonval a elle se refere fallando na possibilidade de sua publicação. O estudo de

Morte prematura do sabio francez

nossas condições sociaes e economicas tambem entrou nas preoccupações de Couty. O problema do café e do matte o levou a emprender varias viagens ao Interior. A escravidão mereceu de sua parte um estudo no qual se póde apreciar a moderação de seus conceitos.

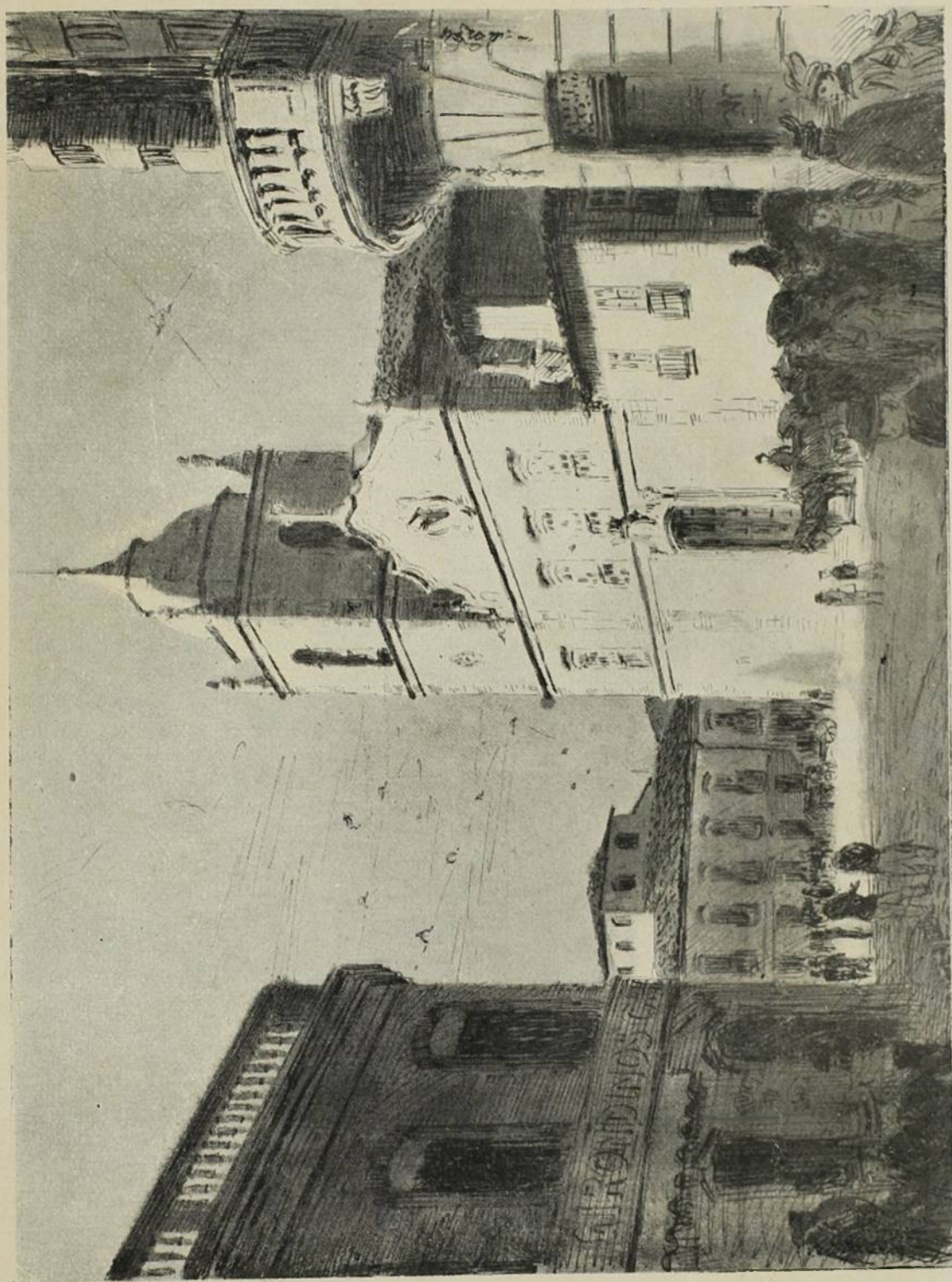
Lacerda, por seu lado, acompanhava Couty, e executava por conta propria uma serie de pesquisas. Dentre essas se distingue o seu trabalho sobre a acção antagonista do permanganato de potassio em relação ao veneno de cobra. Não tardaram porém, a surgir entre os dois physiologistas, profundas divergencias que acabaram por separal-os. O achado de Lacerda sobre a acção do permanganato de potassio foi justamente o motivo dessas discordias, cuja historia é minuciosamente narrada por Lacerda. Se essa narração é imparcial ou não, não o sei. Couty deixou o Laboratorio de Physiologia em 1883, e este ficou sob a direcção de Lacerda até a sua transformação, já na Republica em 1890, em um Laboratorio de Biologia. Eis ahi, muito rapidamente resumida, a historia dessa tentativa cujo estudo completo mereceria um trabalho.

**Cooperação
de Lacerda**

As idéas que se transformam em realidade são as que cobrem seus autores de gloria. Entretanto ellas não são o mais das vezes mais que o termino de uma serie de idéas que deixam de vingar, por não encontrarem o terreno preparado para sua expansão. Não é justo que os que as produziram fiquem eternamente privados de gloria, unica e assim mesmo tão fugitiva recompensa a que poderiam aspirar. Por isso, se algum dia se fundar entre nós um Instituto de Physiologia, onde sem outro intuito que não o de elevar em nosso paiz essa bella sciencia ao lugar que lhe compete, trabalhem os futuros physiologistas brasileiros, não poderá nunca ser olvidado o nome daquelle cuja preocupação unica era a gloria adquirida para nós pela cultura superior da Intelligencia.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

S. PAULO ANTIGO



LARGO DA SE' EM 1906
(desenho de Wasth Rodrigues)

NOTAS DE SCIENCIA

Os signaes da hora no Rio de Janeiro — Notas sobre o desenvolvimento mental das creanças.

Na ultima sessão plena da Sociedade Brasileira de Sciencias, que vae cumprindo o seu destino com segurança e proveito, o Prof. Henrique Morize fez succinta exposição dos recentes progressos realizados no paiz para a transmissão dos signaes horarios pelo telegrapho sem fios. E' um assumpto de interesse geral, digno de ser conhecido e vulgarizado.

Morize começou recordando a necessidade que têm os navegantes de determinar diariamente as coordenadas geographicas do lugar em que se acham, para poder saber a posição relativa do navio.

A *latitude* é obtida facilmente por meio do sextante, que fornece a altura meridiana do Sol. Porém a *longitude* só pôde ser mediante dois dados: a hora local e a hora correspondente em um meridiano escolhido.

A differença das duas permite conhecer a differença dos meridianos; cada grão em longitude corresponde a 4 minutos em tempo. A hora local é tambem facilmente determinada com o sextante.

Porém, a parte mais delicada do problema é o conhecimento da hora do meridiano fundamental, elemento indispensavel á comparação.

E' sabido que, para isso, o meio mais empregado tem sido o *transporte da hora* do primeiro meridiano, em relógio de precisão, (chronometros).

Os antigos marinheiros denominavam taesapparelhos — *Guarda-tempo*.

Todavia, apesar dos cuidados com que se os fabricam e do carinho com que se os manuseiam, os chronometros deixam-se falsear com facilidade; e d'ahi resulta, mórmente após longas viagens, erros graves para a determinação da longitude.

Vê-se, por tudo isso, que a grande questão no problema do *ponto* é o conhecimento diario da hora do meridiano tomado como elemento de referencia.

Ora, a radiotelegraphia tem, na resolução deste caso, uma de suas melhores glorias; visto que leva diariamente aos viajantes de terra e mar —(exploradores e navegantes)— a hora indispensavel.

O Observatorio de Paris, auxiliado pelo posto radio-telegraphico da Torre Eiffel realisou ensaios nesse sentido; e, em 1912, sobre taes bases reuniu-se naquella capital um congrsso internacional de que reultou uma Convenção em que o Brasil tomou parte, em 1913.

De accordo com o resolvido naquella occasião tocou ao Observatorio Nacional do Rio de Janeiro a tarefa de distribuir a hora ao Atlantico Meridional.

Desde 22 de Dezembro de 1917 havia-se começado a transmittir os signaes horarios do Castello, graças á collaboração intima daquelle Instituto com o Serviço de Radiographia da Armada e a Repartição Geral dos Telegraphos. No dia 1.º de Julho ultimo foi iniciada a transmissão official e definitiva, pelo processo adoptado pela Convenção Internacional.

A estação utilisada pelo Observatorio, acha-se situada na Ilha do Governador.

Dispõe de 22 kilowatts e emprega ondas de 1.800 metros de comprimento. Normalmente, de dia, alcança o porto da Bahia, ás vezes o de Natal. De noite vão muito mais longe os seus signaes. Os da hora são mudados duas vezes por dia: ás 11 horas e ás 21, usando-se para isso um transmissor automatico, mantido na hora legal exacta por uma pendula normal provida de um acertador magnetico. Os signaes do Castello são recebidos em um *relais* especial existente na estação da ilha.

Cabe a este *relais* lançar no espaço as ondas correspondentes.

O Brasil ainda se não desobrigou de todos os compromissos assumidos na Convenção acima citada. Falta-lhe construir uma estação horaria na ilha de Fernando Noronha.

Comtudo está de parabens o digno director do Observatorio Nacional pelo serviço que se acaba de inaugurar.

Cabe ainda accrescentar que a transmissão de hora para fins geodesicos, pelo telegrapho Morse vem, de ha muito, sendo praticada no Observatorio. A Commissão Rondon, e muitos profissionaes que trabalham, neste momento, levantando trechos do territorio do paiz afim de que possam figurar na "Carta do Centenario", tem se valido do processo.

Fernandes Figueira, um dos grandes estudiosos que conta o mundo medico nacional, acaba de publicar algumas notas sobre o *desenvolvimento mental da primeira infancia*. São apontamentos singulares, diz o au-

tor, não obedecendo á orientação de tirar a media justa de series bem organisadas e construir o paradigma.

Comtudo, é trabalho de boa iniciativa.

Figueira operou sobre 68 crianças de 2 1/2 a 12 mezes, servindo-se dos padrões de Kuhlmann, usados para avaliar o desenvolvimento mental dos tres mezes, aos seis e a um anno:

Tres mezes: levar a mão ou um objecto á bocca; reacção de um son repentino; coordenação binocular; volver os olhos para a luz no campo marginal da visão; oclusão das palpebras á approximação subita de um objecto.

Seis mezes — Balançar a cabeça; ficar assentado; volver a cabeça para o ponto donde parte um som; opponencia dos polegares; prehensão dos objectos; engatinhar.

Um anno — Assenta-se e levanta-se; palavra; imitação de movimentos; riscar com lapis, reconhecer objectos.

As experiencias foram sempre feitas no mesmo local repetidas, si necessario.

Os resultados a que chegou Fernando Figueira são resumidos assim: Em 68 crianças, 19 eram de côr (sic); dessas, 4 eram atrasadas, 11 adiantadas e 4 normaes. Em 49 crianças brancas, 6 atrasadas, 20 normaes e 23 adiantadas.

Em 23 individuos, 22 assentavam-se e erguiam-se na idade de 9 a 11 mezes, mais cedo, portanto do que se exige no quadro de Kuhlmann. Assim tambem accconteceu com a imitação de movimentos.

De 9 a 11 mezes as nossas crianças (22 sobre 23) já conseguem manejar o lapis... e reconhece os objectos.

Esta precocidade é contrabalançada pela demora da linguagem. A falla difficilmente apparece no primeiro anno. O autor com razão, não considera linguagem senão os vocabulos que correspondem aos objectos.

A faculdade de distinguir as côres, — (aos 3 annos, segundo Preyer) — em alguns casos de Figueira surgiu aos dois.

Porém, o mais interessante é notar que as observações do nosso autor confirmam as de Joi Jeffers, segundo as quaes a percepção das côres é muito mais precoce no sexo feminino.

Aos poucos a psycho-physiologia vae assim provando, que os fundamentos da móda são muito mais naturaes do que póde parecer aos espiritos serenos, que tem posto, sempre, á conta da frivolidade de Eva...

ROQUETTE PINTO.

BIBLIOGRAPHIA

CORRESPONDENCIA DE UMA ESTAÇÃO
DE CURA — João do Rio — Leite Ribeiro
& Maurillo — Rio — 1918.

O Auctor, illustre membro da Academia de Letras, faz neste ultimo livro obra de fina maldade. Limita-se, aparentemente, a reunir em volume um punhado de cartas pilhadas a varios aquaticos estacionantes em Caldas.

A intenção da collecta, todavia, é formar o verdadeiro compendio da fatuidade humana, da insulsez d'espirito, das taras repulsivas dos pithecos itinerantes, por modo a imbutir nos espiritos sadios e normaes o nojo pelo **plancton** esverdinhento duma podriqueira precoce que fluctua á tona da lagoa carioca. Não escreve, pois, um livro; enfeixa cartas alheias, apenas; e as transcreve com a maxima fidelidade para que nenhum detalhe se perca do linguajar cambaio de todos os epistolographos, da charrice das suas idéas simiescas, e da pretensa elegancia canalha que é a attitude geral da collecção. Por essa forma o estigma indelevel do descredito recahirá impiedoso sobre o pulhice inenarravel dos herois.

Abre o livro a carta de um Anthero Pedreira a uma D. Lucia Goldchmidt, ingleza ali de S. Rita do Passa, na qual descreve elle a vida hoteleira como algum dispendio de paradoxos forçados e umas descobertas deste jaez: "O peristyllo do hotel acolhe quasi todos os hospedes. Crianças correm — já reparou, D. Lucia, como as creanças correm sem motivo? — gritam, esbordoam-se mesmo nas escadas e nos corredores de cima." Dona Goldchmidt não reparára. Ninguém reparára ainda. O achado pertence inteiro a Anthero, e dá boa medida das suas faculdades de observação.

Logo adiante Anthero descreve os hospedes: "Ha uma outra familia — marido, mulher e filho. Amam-se e andam sempre juntos os tres. Só entre gente simples ainda encontramos destes phenomenos". Anthero, ao que se vê, não foi reconhecido pelo pae. D'ahi resulta achar "phenomeno" o facto curial por excellencia de paes e filhos amarem-se e passearem juntos.

Depois mette-se Anthero a descrever uma Sra. D. Maria de Albuquerque:

"Alta, macia, os cabellos de neve a aureolar-lhe a face moça — aquelle ar imponente e suave da **pairess** que amasse as intrigas de Versalhes e trouxesse para a selvageria americana tudo isso e mais alguma coisa". Seria curioso indagar onde Anthero que é um sujeito

visivelmente pigmentado e filho ali do Mangue, viu **pairesses** para falar dellas com esta familiaridade famular, e como descobriu a macieza da pobre velha. Estas indagações haviam forçosamente de abicar a uma explicação unica: pernosticidade.

Mas Anthero, além de pernostico, é calumniador. "Ella (D. Maria) diz coisas e ajuda o amor..." Ajudar o amor, com reticencia, é a coisa feia que fazem os russos antes da policia expulsal-os do territorio nacional. Será crível que a boa D. Maria de Albuquerque fosse assim uma semi-abelha-mestra, a espera de seu Marcel Prévost? Dados os antecedentes de Anthero preferimos crer que elle mente.

De D. Maria passa Anthero para Theodomiros Pacheco, "o parisiense Theodomiros — absolutamente neurasthenico. Theodomiros saltou da tipografia em movimento, estendeu-me a ponta dos dedos.

— Tu, na selva?

O saguão inteiro olhava-o.

— E tu?

— Venho conter-me. Haverá neste albergue travesseiros?

E subiu sem esperar resposta, seguido dos criados, das malas e do nosso espanto".

O Anthero, o Theodomiros, e todos os mais, plagiam os famosos personagens elegantes do Eça. São Fradiques e Jacinthos, mas Jacinthos de torrinha, cheirando a patchuli e a certa pomada de lima que disfarça as ondas revelis do pixaim. Se Eça de Queiroz resuscitasse e visse estas edições clandestinas dos seus herois, surradas e pulhas como árias de Verdi em mau realejo, talvez que se arrependesse de os ter creado...

Afinal Anthero depõe a penna, e a passa-a a um José Bento, secretario dos Oleps, outro evadido da galeria eciana, o qual diz pouco, e no fim confessa: "ha muito tempo que deixei de saber escrever". Modestia pura. O lapidar da phrase demonstra que esse Bento escreve academicamente bem. Mas José Bento pára, e volta a coçar-se Anthero em nova carta á ingleza, continuando a ministrar provas cabaes de sua agudeza. "Havia estações de movimento, com trens de animaes e trens de carga sobre os trilhos". Como na primeira descobriu que as crianças correm, aqui reafirma os dotes de observador notando que os trens andam sobre os trilhos. O achado é realmente feliz, e não acudiria a nenhum dos Antheros conhecidos, nem ao de Quental, nem ao de Figueiredo, homens de espirito, aliás.

Proseguindo, Anthero descreve o typo do Theodomiros parisiense. Pobre Paris! Se possue a arte de conformar assim os rastacueros que por lá enxameiam merece bem ser arrazada pelos obuzes allemães! Sua impressão da paisagem "era literaria ou mundana". Theodomiros é um pobre patarata nascido de paes boiadeiros, ali pelas cercanias de Uberaba; foi amamentado por mamam preta, e desasnado pelas creolinhas da casa. Mas esqueceu a paisagem da sua terra. Foi a Paris e esqueceu a paisagem... Voltou **chien**. Esperava encontrar no trajecto do Rio a Caldas, a "jungle", com araras e macacos, indios o negros. Vendo as terras cultivadas, espantou-se, e o espanto fel-o "comparar e lembrar".

Ante o mar de cafeeiros lembrou-se... dos prados inglezes, e do poeta Walt Whitman. Achou-se, em seguida, "idiota e ainda mais idiota o poeta". Esqueceu, porém de comparar. Deixou essa parte ao leitor a quem logo adiante elle proprio fornece os termos necessarios. Como? O parisiense de ao pé de Uberaba vê, por entremelo dos cafesaes, uma plantação curiosa: "arvores cujas folhas de verde pallido,

em forma de gommos, se ligavam formando as valvulas de conchas, onde se derramava uma cor de vinho”.

Perguntou que era aquillo a um não-parisiense visinho de banco, e este respondeu com muita seriedade, serem jaboticabeiras. Pasmou Anthero. “Aquelles cachos como de uvas, aquella belleza cem vezes maior que a das vinhas, aquelle offertorio de parras bebedas de summo roxo eram as productoras de uma fructa que elle não comera senão em criança, por não ser elegante...” Não comera senão em criança por não ser elegante! Não é elegante comer jaboticabas depois dos 21 annos de idade... Como Paris binoculisa os nossos pobres “elegantes”? Sabe o leitor que “arvores” eram aquellas? Mamoneiros. Está achado o termo da comparação. A edição **princeps** dos elegantes de Eça está para a edição clandestina destes Fradiques de raposinhos, como a jaboticaba de Sabará para a mamona do Anthero. Uma regala; a outra purga.

Não teria fim, se as fossemos enfileirando, as ratices innumeraveis dos epistolographos de Caldas, ratices, pulhices, e até imbecilidades como esta de Anthero para Godofredo de Alencar: “Os jogadores estavam frios como algodão gelado”.

Não param, não esmorecem, sobem n’um **crescendo** pela escala ricinal acima até os ultimos extremos drasticos. Surgem outros epistolographos, uma Generala Alvear, uma Vilar, uma Nenem Araujo, um Pedro Glotonosk, todos moldados pela mesma matriz, foragidos todos da copa e da cosinha das Cartas de Fradique Mendes, e circumvagando todos em redor da figura de Theodomiro, o parisiense — Jacintho Galião da Gambôa.

O sr. João do Rio foi perverso em excesso. Até aqui editores de cartas alheias escolhiam sempre as que davam melhor ideia dos respectivos autores. O sr. João do Rio operou ás avessas. Escolheu justamente as que deixam delles uma peor impressão, tanto no que diz respeito á forma quanto ao toca ao fundo. E formou com ellas uma galeria dolorosa de imbecis, cretinizados pela preocupação simiesca de plagiar attitudes alheias.

E o fez com tamanha habilidade, escolheu tão bem os epistolographos e as cartas mais typicas, que o volume dá a impressão de ter sido escripto inteirinho por um só autor, um Theodomiro Mamona esparramadamente ridiculo.

FARIAS BRITO E A REACÇÃO ESPIRITUALISTA — Almeida Magalhães—Typ.
Rev. dos Tribunaes — Rio 1918.

O sr. Almeida Magalhães ventila neste livro todos os nossos movimentinhos philosophicos, reflexos que são das correntes predominantes no velho mundo. E analysa com mais vagar o ultimo delles, determinada pela obra de Farias Brito, obra onde ha muita coisa de original, sendo, portanto, merecedora do apreço cada vez maior que lhe dão os raros estudiosos da philosophia.

Confessa ter achado em Farias o seu mestre, o systematisador de suas ideias. O criterio director, a interpretação dos phenomenos naturaes, o conjuncto de hypotheses, em summa, que constitue uma philosophia, não o encontrou elle, satisfatorio para as exigencias particularissimas do seu espirito, em nenhuma das psilosophias anteriormente versadas. Encontrou-o aqui, no estudo do “Mundo interior”, do philosopho patricio. Esse facto revela bastantemente o valor da

obra de Farias, a qual já faz proselytos em concurrencia com os directores classicos do pensamento humano. O livro do sr. A. Magalhães é o escripto em linguagem clara, escoimada de rebuscados tolos; merece leitura ponderada de quantos podem furtar ao tumulto da vida uma hora silenciosa, de calma e de meditação.

NA VIDA — Rufino Fialho — Manuel
Bandeira, editor — Rio 1918.

Romance de costumes, em tom de confidencia, dando a impressão de ter sido decalcado sobre a realidade. O heroe narra os seus amor — não é propriamente amor o termo, em giria ha uma expressão arriera que nomeia com mais propriedade a cousa — com uma decahida nacional, Otilia, e no decurso da obra vae definindo o caracter frouxo do amante, preso á rapariga não sabe elle porque, e o caracter bem feminino della, voluvel, caprichoso, incerto, amigo de judiar. E' livro que se lê com interesse crescente, e denuncia no autor o estofo dum verdadeiro romancista, dotado de muita observação, e sempre planando sobre a realidade crúa em altura que lhe não permite perdela de vistas. E' o seu primeiro romance este. Promette outro, **Vingança**, em elaboração. Se cuidar da forma, com o apuro a que nos habituaram os mestres, Rufino Fialho com meia duzia de romances desta ordem abrirá na pleiada pouco numerosa dos nossos romancistas um lugar de bastante relevo.

PROTECCIONISMO OU LIVRE CAMBIO?

— Isaltino Costa — 2.^a edição — Casa
Duprat — S. Paulo — 1918.

O sr. Isaltino Costa defende o Proteccionismo. Entretanto, não ha quem o não condemne ao adquirir uma caixa de phosphoros por cem réis, sabendo que podia tel-a por vinte se não fosse o proteccionismo. Condemnado assim, praticamente, diariamente, a todos os instantes, pelos milhões e milhões de victimas que faz, o proteccionismo é condemnado ainda pela sciencia. Diz Novicow — e isto vale não por dizel-o o Novicow, mas pela ideia que suas expressões encerram:

“A lucta economica sob a forma de concurrencia é o nervo, a razão de ser do desenvolvimento da riqueza publica. A concurrencia mental, pelo gráu de tensão a que leva os espiritos, é a vida, o progresso, é a possibilidade de triumpho da lucta pela existencia, é a conservação da individualidade nacional. Ora, pôr o indigena ao abrigo da concurrencia mental, por meio das barreiras de proteccionismo, é contrariar a sua evolução biologica. Longe de fortifical-o, enfraquece-o.”

O proteccionismo é isso: destruição da concurrencia, protecção ao incapaz. A consequencia economica é ficar o paiz inteiro com uma sobrecarga de preços no lombo para que se gozem de gordas fortunas a meia duzia dos protegidos.

O proteccionismo protege, não o povo, não o paiz, mas apenas a minoria feliz dos industriaes bastante habéis para conseguir dos congressos as leis **pro domo sua**, e na imprensa o malabarismo de argumentos que faz do branco preto e embrulha o idiota do consumidor. Esta é que é a verdade núa e crúa.

A EDUCAÇÃO POPULAR — Firmino Costa. Conferencia realisada em Bello Horizonte — Imprensa Official — 1918.

O prof. Firmino Costa, director do Grupo Escolar de Lavras, já conhecido dos nossos leitores pelo excellente "Vocabulario Analogico", que vem publicando nesta Revista, aborda o problema da educação popular com uma firmeza de idéas e uma clareza de vistas dignas de nota. Diz que "debalde procuram descobrir em outros pontos os problemas nacionaes. Ha um unico problema nacional — é a educação do povo. Quem faz a nação, relevae-me dizer-vos, é unicamente a educação popular. Educae o povo, e elle organisara a vida nacional. O entusiasmo radiante de heroismo dos bandeirantes pôde desentranhar da terra mineira thesouros maravilhosos, mas elles não conseguiram crear um povo, porque lhes faltou a escola. O longo reinado de Pedro II, ennobrecido de virtudes e saber, foi incapaz de formar um povo, porque se esqueceu da diffusão do ensino publico. A Republica, com todas as suas brilhantes reformas, com todo o seu progresso material, com o estabelecimento de tantos cursos superiores, em vão tenta realisar seus dourados sonhos de democracia e de riqueza sem dedicar-se corajosamente á educação do povo!"

Nada mais certo, nada mais sensato, e, infelizmente, nada menos comprehendido pelos nossos dirigentes...

VIDA RUSTICA — Carlos da Fonseca, Officinas do Estado de S. Paulo, S. Paulo — 1918.

O Autor classifica no genero conto as composições enfeixadas neste livro. Entretanto lhes caberia melhor a denominação de chronicas da vida rural. São de facto chronicas. Confundem-se geralmente os dois generos, e muito chronista por ahi, dos mais perfeitamente caracterisados, jura que é contista. O verdadeiro conto não passa de uma narração incisiva e bem travada em todas as suas partes de modo a dar relevo a um facto, comico ou tragico. Antigamente definiam-no como a narrativa agradavel de coisas imaginarias. Com o advento do naturalismo elle ampliou o quadro e admittiu dentro mais coisas do que o permittia a concepção antiga. Inda assim exige como essencial a narrativa em progressão na qual tudo tenda para o desenlace final, imprevisto e suggestivo. O conto nunca deixará de ser anecdotico. E' mister que o leitor, acabada a leitura, possa recontal-o a terceiro, isto é, apresentar rapidamente o esqueleto, o arcabouço anecdotico. Dos nossos contistas poucos seguem esta orientação. Deixam-se arrastar pelo devaneio, afrouxam a contextura da obra por meio de repetidas digressões, ou de excessivas minucias descriptivas, inuteis para o effeito final. São, em summa, em vez de contistas, chronistas. A **Vida Rustica** está neste caso. Considerada como um livro de chronicas da vida de roça é uma obra accetavel e digna de leitura, apesar do vicio que todos notam do preciosismo do estylo. Revendo muita leitura, e estudos de autores classicos, o Sr. C. F. sacrifica a expressão que mais claramente traduziria a sua ideia, pelo gozo de revelar conhecimentos da lingua. Exemplo:

"As avesinhas imbeles ahi haviam feito o ninho, acarreando cisco e úsnéas, musgo e lichens, julgando-o ao abrigo das cobras e jaguatiricas; ahi, no incubo, a mãesinha acarrara com a mais fagueira es-

perança". Se o A. tem em vista demonstrar o muito que assimilou na leitura dos classicos, está bem, alcançou plenamente o objectivo. Se, porém, pretende fazer obra d'arte, e dar ao leitor a sensação do que descreve, terá que mudar de technica. A simplicidade não é uma volta para traz; é um progresso. Ha a simplicidade dos que não sabem a lingua — simplicidade do simplorio; e ha a dos que a sabem a fundo — é a simplicidade do erudito, a simplicidade de Machado de Assis, de Renan, de Anatole France. Esta representa o grau maximo a que pode ascender um estylo.

Como as qualidades que revela neste livro, o Sr. C. F., se der mais esse passo á frente, terá pisado a Chanaan do verdadeiro equilibrio de expressão.

M. L.

Livros recebidos, e em leitura: **Amor, vence!** de Claudio Selva; **Annita Garibaldi**, de Annibal Mattos; **o Conde de Bagnuoli**, de J. N. Jaguaribe; **Terra Convalescente**, de Mansueto Bernardi e outros.

ANNUARIO DO ENSINO DO ESTADO DE S. PAULO, publicação organizada pela Directoria Geral da Instrução Publica, com autorisação do Governo do Estado — 2 volumes, 1917.

São dois grossos volumes, de cerca de quatrocentas paginas cada um. Rompendo com a velha praxe de publicar todos os annos uma secca relação de escolas e professores, os organizadores deste Anuario resolveram, e muito bem, addicionar-lhe as mais completas informações sobre o ensino neste Estado. E tão bem o realisaram, que o leitor, ao manusear o primeiro volume, tem uma idéa bem clara sobre o que se tem feito em S. Paulo, relativamente ao ensino.

Eis como o dr. Oscar Thompson, director da Instrução Publica, apresenta o seu trabalho no relatorio que abre as suas paginas:

O actual Anuario apparece com uma feição inteiramente diversa da dos anteriores. A nossa aspiração é fazer escola nova. Não nos prendemos mais a questões que julgamos estudadas e resolvidas, sem, contudo, descuidarmos totalmente dellas, mas procuraremos divulgar em os nossos estabelecimentos de ensino o objectivo da escola nova e da pedagogia social. Escola nova, para nós, é a formação do homem, sob o ponto de vista intellectual, sentimental e politico; é o desenvolvimento integral desse trinomio psychico; é o estudo individual de cada alumno; é, tambem, o ensino individual de cada um delles, muito embora em classes; é a adaptação do programma a cada typo de educando; é a verificação das lacunas do ensino do professor pelas sabbatinas e exames; é o emprego de processos especiaes para a correcção de deficiencias mentaes; é a educação physica e a educação profissional, caminhando, parallelamente, com o desenvolvimento mental da criança; é a preparação para a vida

pratica; é a transformação do ambiente escolar num perenne campo de experiencia social; é a escola de intensa vida civica, do cultivo da iniciativa individual, do estudo vocacional, da diffusão dos preceitos de hygiene e, principalmente, dos ensinamentos da puericultura; é, em summa, a escola brasileira, no meio brasileiro, com um só labaro: — formar brasileiros, orgulhosos de sua terra e de sua gente.

O leitor, habituado ás bellas promessas dos programmas e plataformas, feitas apenas para serem lidas — perguntará deconfiado, se tambem estas ficarão irrealisadas. Mas as paginas seguintes restituir-lhe-ão a confiança. Com effeito, muito já tem avançado o ensino no Estado de S. Paulo. Na capital e no interior, não se ministra apenas o ensino commum, de leitura, escripta e conhecimentos geraes, — mas dá-se á criança tambem ensino agricola, a que já se entregam com enthusiasmo, 125 grupos escolares; ensino civico, com a realisação de numerosas conferencias sobre os factos nacionaes commemorados durante o anno; ensino profissional, em seis escolas officiaes que têm tido cerca de dois mil alumnos; educação dos filhos dos immigrants e delles proprios; inspecção medica frequente; educação physica, etc.

Nesta rapida noticia bibliographica não podemos examinar tudo quanto ha apreciavel neste Anuario. Na verdade, elle constitue um magnifico attestado do esforço e da competencia dos nossos professores. Se já é muito o que foi feito, entretanto muito ha ainda a fazer. E que os professores paulistas não esmoreçam. A causa da instrucção, num paiz como o nosso, é das que mais devem apaixonar as almas entusiastas. Talvez esteja ahi, na cruzada contra o analphabetismo, o verdadeiro e mais proficuo nacionalismo... — P.

REVISTA DAS REVISTAS

BRASIL — Revista Americana, Rio, Junho. — Publica a conferencia de Helio Lobo sobre "A defesa da nacionalidade na historia colonial brasileira", já reproduzida, em grande parte, na "Revista do Brasil" de Abril deste anno. — Januario Gaffrée continua o seu estudo sobre Spinoza. — Inicia um excellente ensaio de Araujo Jorge sobre a Historia diplomatica do Brasil hollandez. — Carneiro Leão occupa-se com o novo academico, sr. Ataulpho de Paiva, apreciando o recente livro deste "Justiça e Assistencia". — **Revista Jurídica**, Rio, Julho. — Abre com um interessante estudo do dr. Spencer Vampré sobre Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente). Em S. Paulo, diz o A., Pimenta Bueno não possui um monumento, e nem sequer dá nome a uma rua ou praça na cidade natal, onde até estrangeiros se relembram nessas pallidas e insignificantes homenagens! Com seu genro, dr. Oliveira Borges, de quem muito haurimos para esta ligeira biographia, assistiu Pimenta Bueno os funeraes do Marquez de Sapucahy, seu dedicado amigo. Quando houve o disparo das peças, o Marquez se voltou e disse: "Eis em que consiste a gloria dos politicos do Brasil! Amanhan ninguem mais se lembrará do Sapucahy, tão modesto quanto sabio e cheio de serviços á Patria. A gloria politica é muito semelhante ao fumo dessas peças". — Outros trabalhos juridicos dos srs. Antonio Drummond, Justo Mendes de Moraes, Aprigio Garcia e Balthazar da Silveira. — **Revista Academica**, da Faculdade de Direito do Recife, Anno XXV. — O sr. Clovis Bevilacqua escreve sobre o ensaio do sr. Theodoro Figueira de Almeida, intitulado "Missão americana". Labor pesado, diz o A. será o da reconstrucção economica, moral e politica de alguns povos. Esta ha de ser naturalmente no sentido liberal. Tudo faz crer que a democracisação do mundo será um dos resultados desta guerra formidavel. Esta empreza caberá, naturalmente, a cada povo. Será, porém, necessaria a cooperação de todos para a remodelação do Direito Internacional, que a guerra inutilisou. As bases dessa remodelação são necessariamente as idéas liberaes já definitivamente adquiridas antes do cataclisma que as desmantelou. Mas o espirito que a deve dirigir ha de ser differente do que prevaleceu nas conferencias de Haya de 1889 e 1907. Nessas conferencias o que se procurou fazer foi disciplinar a guerra, contel-a dentro de limites que na primeira oportunidade se abateram. A futura codificação do Direito Internacional deve ter em vista organizar a paz, defender a liberdade, assegurar o direito e diffcultar quanto possivel a guerra." — O sr. Joaquim Amazonas occupa-se com o ensino do direito no Chile e na Argentina. Outros trabalhos dos srs. Joaquim Pimenta, e Adolpho Cirne. — **Revista da Escola Normal de S. Carlos**, Junho. — E' um excellente attestado do zelo e da competencia dos

professores daquelle estabelecimento. Pelos seus artigos se pôde bem avaliar do adiantamento intellectual dos professores de S. Paulo, que não recuam diante de tentativas arrojadas como essa, de manter no Interior uma revista de pedagogia e ensino. Eis o summario deste numero: Historia da Instrucção e da Educação no Brasil, interessante estudo do sr. Carlos da Silveira. — Hereditariedade e educação, pelo sr. João de Toledo. — A geometria, pelo sr. F. Penteado. — Arte e seu objecto, pelo sr. Raphael Falco. O A. intelligentemente fugiu á difficuldade de definir o que seja Arte, procurando antes tornar comprehensivel o assumpto, por considerações em torno delle. — Transmutação de valores, por Waldomiro Caleiro. Num estylo que trahe bastante a influencia de Nietzsche, diz o A: "Abramos lucta a todas as transgressões da fidelidade e dos nobres sentimentos. E comecemos, ante de mais nada, por sermos fieis e sinceros nós mesmos. Ensaaiemos, na pratica desses principios, a formação da classe directora do Brasil de amanha. Sejam propugnadores do aristocratismo antigo, da cultura elevada e intensa das mais nobres faculdades". — **A Escola Primaria**, Rio, Agosto. — O sr. Escragnolle Doria relembra o lançamento da pedra fundamental da Escola Normal do Rio de Janeiro, a 2 de dezembro de 1876. O edificio nunca foi por diante, e a pedra fundamental delle ficou enterrada na Rua da Relação, onde ergueram depois a policia central. — O sr. F. Cabrita indaga: que é util a toda a gente saber? Entende que o que é util a toda a gente é saber ler. E se é utilissimo ensinar a ler, é utilissimo tambem ensinar a amar a leitura. — O sr. M. Bomfim escreve sobre os exames de admissão á Escola Normal do Rio, mostrando a necessidade de tornal-os sufficientes, serios e rigorosos, afim de que os julgamentos possam ser considerados competentes e justos. Publica uma excellente conferencia do sr. Afranio Peixoto sobre o ensino da linguagem. O leitor encontrará adiante um pequeno trecho deste trabalho. — **Revista dos Cursos**, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, N.º 4. — Estudos technicos, alguns illustrados, dos srs. Victor de Brito, Carlos Wallau, Martim Gomes, Ulysses Nonohay, Gonçalves Vianna, Fabio Barros, Luiz Guedes, Ney Cabral e Aristides Marques da Cunha. Este occupa-se com a Molestia de Chagas. Agora, que o Governo da Republica, diz o A., attendendo ao brado levantado por Miguel Pereira, vem, com o inicio do serviço de saneamento rural, juntar mais um beneficio a tantos outros que tem prestado ao paiz, será a trypanozomiasse americana mais um mal a combater, que figurará ao lado da malaria e da ankylostomiasse, os dois grandes devastadores dos nossos sertões, e então melhor resaltará o valor da obra benemerita de Carlos Chagas que, com o estudo completo da molestia, indicou os meios de que devemos lançar mão no combate da terrivel molestia do barbeiro. — **Revista Academica**, Coritiba, Julho. — O sr. Placido Silva escreve sobre a Conjuração mineira. — O sr. J. Pinheiro trata dos diamantes. — O sr. M. de Paiva Ramos inicia um estudo sobre o alcoolismo.

PORTUGAL — *Atlantida*, Lisboa, n.º 32, Junho. — O sr. Jayme de Magalhães Lima subscreve um trabalho intitulado "Filhos criados", em que trata das condições da familia e da casa portugueza. — O sr. Coelho de Carvalho escreve sobre a Soberania. — O sr. Corrêa da Costa prosegue o seu estudo sobre Fialho d'Almeida. — O sr. João Gomes de Oliveira fornece interessantes informações sobre as Colonias escolares na Belgica. — Novellas dos srs. Aquilino Ribeiro, Eugenio Vieira, João de Barros, Aldo Delfino e Arnaldo Pereira e versos dos srs. Vicente Arnoso, Carlos de Ouro Preto, Basilio de Magalhães, Mario

Salgueiro. — **A Águia**, Porto, Maio e Junho. — O sr. Alfredo Coelho de Magalhães escreve sobre a obra vicentina no ensino secundario. — O sr. Celso Vieira subscreve um trabalho sob a epigraphe "Déa Palmaris", em que mostra a necessidade de no Brasil se cuidar da protecção ás arvores. O sr. Alberto Amado occupa-se com os charutos de Havana. Ao contrario do que se suppõe, o A. não refere impressões pessoais que por ventura tivesse colhido em Havana, mas faz considerações em torno do assumpto. Um trecho: "Charutos de Havana! que seria da humanidade se um dia deixasseis de existir? Quantas palestras animadas, leves, graciosas, não tem despertado vosso aroma lucifero e suavemente excitante? Quantas obras de arte não foram concebidas das espiraes azuladas da vossa combustão? — O sr. A. Arroio continua a traduzir alguns trabalhos literarios francezes, publicados depois da guerra. — Outros artigos e versos de Angelo Ribeiro, Jayme Cortezão, Virgilio Corrêa, e Affonso Cordeiro.

ARGENTINA — Revista Argentina de Ciencias Politicas, Buenos Aires, Julho. — O sr. L. S. Rowe, professor da Universidade de Pennsylvania escreve sobre o ambiente da democracia. Apesar de havermos entrado no conflicto mundial ha pouco mais de um anno, diz o A., o effeito d'elle sobre a nossa vida nacional é já evidente. Está servindo para esclarecer os nossos ideaes e elevar os nossos principios e acção civica, mostrando-nos quanto devemos ainda caminhar, para que tenhamos traduzido em factos as aspirações basicas democraticas do nosso povo. Devemos despir-nos do espirito de intolerancia que tão á miudo se manifesta em diversas regiões do paiz; devemos eliminar os preconceitos de raça; devemos realizar um esforço ainda maior para fazer com que a hospitalidade das nossas costas tenham um significado muito mais profundo do que até hoje; devemos pôr o immigrante em contacto vital com as melhores influencias da nossa vida nacional: protegelo contra a exploração e convencel-o de que lhe é mais conveniente obter logo a cidadania americana. Assim, a posição de mentor espiritual que os Estados Unidos adquiriram durante a presente luta se tornará ainda mais notavel, elevando-o á posição de salvaguarda da civilisação. — O sr. Eduardo Maglione occupa-se com a função do Estado depois da guerra. Não é difficil predizer, diz o A., que na jornada em que vae entrar o mundo, finda a guerra, se tiver que escolher entre a theoria que considera o Estado como um ente passivo, destinado a facilitar a cada cidadão o exercicio do seu direito e liberdade — conceito individualista, e a theoria que o considera chamado a substituir a personalidade humana e a identificar-se com ella, — theoria socialista, — o mundo ha de se determinar por esta ultima. — Outros trabalhos interessantes: Os direitos civis da mulher, pelo sr. E. del Valle Iberlucéa, e Juan A. Figueiroa: Exercicio da acção social por accionistas de sociedades anonymas, pelo sr. M. G. Mendez. — **Revista de Economia Argentina**, Buenos Aires, 1.º numero, Agosto. — Em nosso ultimo numero salientámos que a Republica Argentina possui magnificas revistas de cultura geral e de especialidades. A **Revista de Filosofia** é uma dellas; a de **Ciencias Politicas** outra, para não citar senão essas. Agora chega-nos o primeiro numero da **Revista de Economia Argentina**, de que são directores os srs. A. E. Bunge, Diaz Arana, Ruiz Guiñazú, Luiz Gondra e E. Uriburu. Em mais de 200 paginas, esta revista traz interessante materia. O sr. Manuel Carles escreve sobre Geographia Economica Nacional; o sr. Carlos Velarde occupa-se com a nacionalisação das minas de combustiveis no Mexico e na Republica Argentina, mostrando-se contrario ao projecto que a esse respeito foi

apresentado ao Congresso Argentino. Livre cambio, proteccionismo e prohibicionismo é o assumpto sobre que discorre o sr. Roberto Doman, que acha necessario proteger-se a industria argentina, afim de que, á semelhança da Allemanha que, adoptando leis proteccionistas, conseguiu em trinta annos um desenvolvimento industrial formidavel, possa tambem a industria argentina progredir e ampliar-se. O sr. Rodolfo Lértora trata da cédula hypothecaria como papel de credito. E o sr. Alexandre Bunge escreve sobre os gastos de transporte. Além desses trabalhos esta revista contem resumos estatisticos sobre o movimento economico da Argentina, comprehendendo: população, producção, gado, transportes, commercio exterior, dados financeiros.

FRANÇA — La Grande Revue, Paris, Junho. — O sr. Jean Giraudoux inicia um trabalho literario de impressões da America do Norte. — O sr. Martial Tenes escreve sobre o centenario de Gounod. O A. refere varias notas sobre algumas obras de Gounod: Fauste, Mireille, Romeo et Juliette, Gallia, Redemption, Mors et Vita. A proposito do Fausto, o A. relembra a entrevista dada pelo famoso Carvalho sobre a origem dessa operã. Carvalho, director do Theatre Lyrique pretendia ser elle quem inspirou a Gounod a idéa do Fausto. Na noite da primeira representação de La Reine Topaze, em dezembro de 1856, Carvalho teria dito a Gounod: — "Porque não me traz V. uma peça para o Theatro Lyrico? — Eu bem o queria, teria respondido Gounod, mas compôr o que? Dê-me um assumpto. — Pois bem, faça-me um Fausto. — Um Fausto?! E' nisso que eu penso ha muitos annos." O A. entende, porém, que quem suggeriu a Gounod a composição do Fausto foi Jules Barbier, numa conversa que teve com Gounod em casa de Emile Augier, em 1855. — O sr. Albert Thierry prosegue na publicação dos seus Carnets de guerra. — O sr. Louis Deshayes escreve sobre a organização do mercado de trabalho. — Outros artigos: Quatro licções do anno 1918 sobre a guerra; O principio das nacionalidades, por Israel Zangwill; As realidades da guerra, por R. Groc; Entente e Polonia, por Alfredo Guignard; Robespierre e a politica nacional, por A. Mathiez; O alto commando militar e o poder civil em tempo de guerra, pelo Capitão Z.; A cidade dos orphams, por J. Joteyko. — **La Revue Hebdomadaire**, Paris, 22 e 27 Junho, 6 e 13 de Julho. — O sr. Jean Amade escreve sobre a lingua hespanhola depois da guerra. O A. mostra a necessidade da França volver a sua attenção mais seriamente para o ensino da lingua hespanhola, observando que depois da guerra o mercado economico mais importante será talvez a America Latina, e que os allemães já se aprestam para essa luta. A proposito mostra que ha na Hespanha cerca de 80 mil allemães espalhados pelas principaes cidades, que não se contentam de fazer uma propaganda de todos os instantes e sob todas as formas e processos em beneficio do seu paiz, mas preparam tambem o terreno para as rivalidades futuras, pretendendo conquistar o mercado hespanhol. — O sr. Georges Beaume, refere reminiscencias literarias. Quando quiz iniciar-se na literatura em Paris, lembrou-se de consultar Emilio Zola, que ainda não conhecia, mas cuja acção acompanhava da sua provincia. Eis a resposta que lhe deu o chefe do naturalismo: "Meu caro confrade: não acredite na protecção. Não percaes o vosso tempo em fazer ler os vossos manuscritos por confrades que suppondes mais ou menos poderosos. Dessa maneira não chegareis a nada, sobretudo estando á duzentas leguas dos editores. Ninguém tem o poder de promover o successo de um principiante. Este é que se deve fazer a si mesmo. Enviae o vosso manuscrito a um editor, Charpentier, Ollendorf, ou qualquer outro, e elle será

lido, será editado se o merecer. O caminho largo, é o unico que vae direito, e o unico possivel. Pessoalmente, eu nunca pude fazer acceitar por um jornal um artigo de um amigo. Todos os manuscriptos que me têm sido enviados têm dormido inutilmente em minhas gavetas. Minha convicção é que eu vos retardaria, nada mais. Mais tarde me agradecereis estes conselhos viris. Coragem! **Emile Zola.**" — Outros trabalhos interessantes: Um historiographo saxão em terra invadida, pelo sr. A. Chuquet; O pensamento de Gambetta, por E. Aegerter; Cavallerie, por R. Malcor; De Fenelon a Rousseau, por R. Lote; De Reims a Montdidier, por J. Brunhes. — **Mercure de France**, Paris, Junho. — Rachilde escreve Oscar Wilde e Lord Alfred Douglas, a proposito de um livro recente deste com o titulo "Oscar Wilde e eu." Alguns pontos de vista hespanhões sobre a guerra, é a epigraphe de um trabalho sem assignatura. — O sr. Aurelien Digéon escreve sobre Emerson é o character inglez. — Outros trabalhos de Alphonse Meterier, Claude Cahun, Eugene Montfort. — **Revue Bleue**, Paris, 1, 8, 15 e 22 de Junho, 6 e 13 Julho. — O sr. A. Millerand escreve sobre o esforço naval britannico. — O sr. George Renard escreve sobre a crise da mão de obra. "As pazes incompletas", "A crise do slavismo" e "A crise bulgara", taes são as epigraphes dos artigos do sr. Paul Louis. — O sr. Jean Vignaud occupa-se com o novo immortal René Boylesve (A proposito deste, o sr. Paul Souday, no "Temps", extranhou a sua eleição para a Academia Franceza, mostrando que além de ter um estylo incolôr e morno, commette numerosos erros de francez). — **Revue Scientifique**, Paris, 1, 8, 15 e 22 Junho, 6 e 13 de Julho. — Extracto do seu sumario: A continuidade, por Oliver J. Lodge; a bacteriologia das chagas de guerra, por A. Sartory e G. Blaque; A alterabilidade do alluminium, por J. Escard; Os succedaneos do trigo no pão de munição, por M. Balland; Moral e biologia, por R. Anthony; O papel economico das colonias francezas durante e depois da guerra, por R. Chaudeau; A previsão do tempo, por S. Rouch; Os cyclos de azoto, por Marcel Guichard.

ITALIA — **Rassegna Nazionale**, Roma, 1 e 16 de Junho e 1.º de Julho. — O sr. Antonio Zardo escreve sobre Orazio Bacci, mostrando o que foi a sua obra. — C. Seassaro e Ille Ego escrevem sobre a paz. — Giuseppe Gallico occupa-se com a critica e as suas novas tendencias, a proposito das idéas de G. A. Borgese. — O sr. Carlo Ferranti continua a narrar as impressões do mar das Antilhas á Africa Oriental. — Em outro trabalho, o sr. Cesare Seassaro occupa-se com o "De Monarchia" de Dante e a hodierna philosophia do direito. O sr. G. Brognoligo refere-se ás Memorias de alguns mortos na guerra. — Outros trabalhos: Uma geração que passa, de A. Ciantelli; A obra de um jurista italiano na Inglaterra, por Gino Bassi; Em torno da conservação e da formação da pequena sociedade, por Paolo Manassei. — **Rivista delle Nazioni Latine**, Florença, 16 de Junho e 1 de Julho. — Julien Luchaire escreve sobre a moral internacional, que na sua opinião, começa agora a esboçar-se, do que é um signal positivo a indignação universal suscitada pela invasão da Belgica. — Jules Chopin occupa-se com os tcheques e os austriacos. — Angelo Crespi com a questão irlan-deza. — M. Wilmotte com o ultimo romance do sr. Paul Margueritte, "Jouir". — Um largo estudo de E. Bouvier sobre as condições industriaes e sociaes após a guerra, a proposito de uma memoria publicada pela Fundação Garton, de Londres e Paris, sobre a situação industrial e social depois da guerra. — Outros trabalho: As creanças servias na França, por C. Petit-Dutaillis; A Mesopotania, por R. Blanchard; o presidente Wilson na literatura franceza, por M. Wilmotte. — **Vita e**

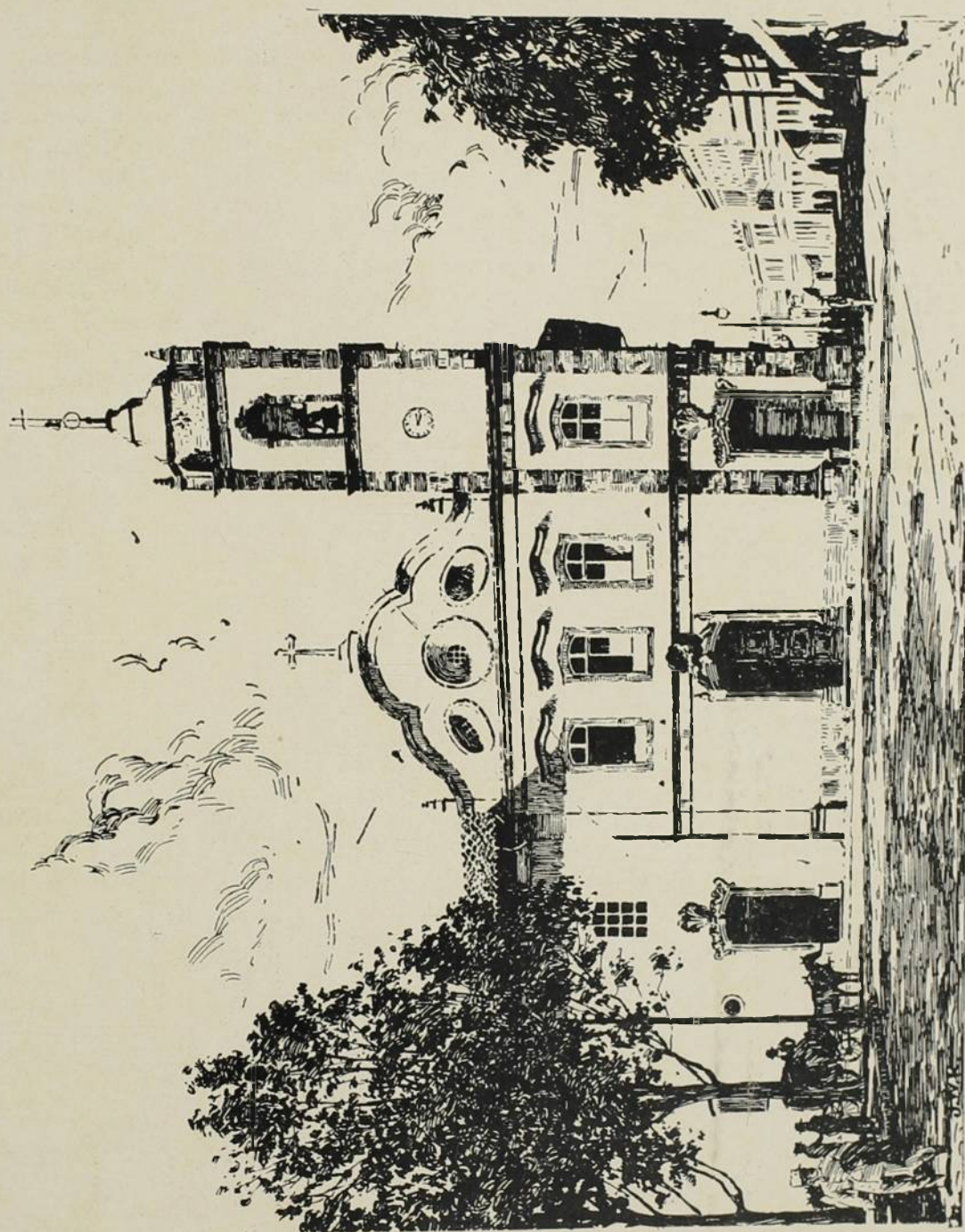
Pensiero, Milão, 20 de Junho. — Abre com um artigo de Miles Christiano sobre "a arma da victoria", que o articulista pensa ser a oração: "A arma da victoria é a confiança na victoria, é a certeza de que ella não faltará a quem a espera de Deus". — O P. Bellino Canova occupa-se com o P. Angelo Secchi, no primeiro centenario do seu nascimento. — Giuseppe Grondona escreve sobre a arte de Mauricio Denis.

HESPAÑHA — La Revista Quincenal, Barcelona, 10 e 25 Abril, 10 e 25 de maio e 10 de Junho. — A condessa de Pardo Bazan escreve sobre André Chenier. — Mauricio Legendre occupa-se com o sentimento religioso na Hespanha dos nossos dias segundo Miguel de Unamuno. — José Anton y Gomez occupa-se com Luthero e o lutheranismo, a proposito do quarto centenario da Reforma protestante. — Juan de Hinojosa subscreve um estudo sobre Ferdinando Brunetiére. — Outro artigo sobre Miguel Unamuno: de Narciso Legendre sobre a religião do illustre escriptor hespanhol. — Francisco Carbonell escreve sobre a Ukraina. — Alberto de Segovia trata da montanha como thema de pintura. — F. Gonzalez Rigobert escreve sobre a critica theatral em nossos dias. Dando o seu depoimento no inquerito aberto por esta revista sobre "a Hespanha e a sociedade das nações", diz Miguel de Unamuno que, no seu entender, a sociedade das nações tem de ser uma verdadeira sociedade das nações e não dos governos e menos ainda dos soberanos. Não admittirá, portanto, tratados secretos entre os governos e os soberanos. Estes não poderão ter a faculdade de declarar a guerra e a paz. Seria assim uma especie de grande republica universal, uma vasta confederação democratica, na qual deve tomar parte a Hespanha. E' desta opinião a grande maioria dos publicistas consultados pela Revista. — **Estudios Franciscanos**, Barcelona, ns. 129, 130, 131 e 133. — Trabalhos principaes: Frederico Mistral pelo sr. P. Ubaldo de Alençon; Estudos sobre a civilisação bysantina.

HOLLANDE — La Revue de Hollande, Haya, Maio e Junho. Uma bella revista, em francez, formato grande, com vinhetas finissimas em todos os artigos. Nestes dois numeros, quasi exclusivamente trabalhos de fantasia: de Marc Henry, Pierre Drieu La Rochelle, Marie Metz-Konnig, Henri van Booven; versos de Fagus, Henriette Charasson, Abel Leger. Conclue um romance, "Le petit Johannés", de Frederik van Eeden, traduzido do hallandez.

P. J.

S. PAULO ANTIGO



LARGO DE S. BENTO, EM 1906
(desenho de Wasth Rodrigues)

RESENHA DO MEZ.

RUY BARBOSA

Realisou-se, no Rio de Janeiro, a 13 do corrente, a festa do jubileu de Ruy Barbosa. Foi uma verdadeira consagração, a consagração nacional a que o eminente brasileiro já fez jus, nesses cinquenta annos de vida gloriosa.

O sr. Coelho Netto, escolhido para saudal-o por ocasião da missa campal, celebrada no campo de São Christovam, fez um bello discurso, do qual reproduzimos o seguinte trecho:

"Bem inspirados andaram os promotores desta apothese fazendo-a sahir da egreja, como uma procissão. E onde devia ella começar senão no principio, que é Deus? A Deus pois e A'quella que foi a lampada em que se accendeu a chamma vigilante que illuminou, illumina e ha de illuminar os tempos, depois das palavras rituaes dos sagrados ministros, recordando ás nossas almas o mysterio evangelico, a voz do povo, que me levanta para que eu fale, como um stylita, do alto de uma columna feita de corações.

E que hei de eu dizer da minha humildade de pó á Grandeza sobre todas omnipotente, á Generosidade sobre todas munifica, ao Amor sobre todos sublime, á Luz que irradiou no patibulo em cujos extremos como que estão figurados os quatro pontos cardaes, significando que aquelle sacrificio se reflectia em misericordia em todos os cantos da terra?

Que hei de eu dizer senão palavras de religiosa gratidão por nos haver Elle dado a fortuna de um Homem em que se condensa, como em um symbolo, toda a nossa grandeza? Concen-

tremo-nos e elevemos os corações em hostias, pondo nelle o nosso conhecimento. *Sursum corda!* Esse inclyto varão, cujo nome é uma claridade a envolver o nosso Brasil que, com elle, tanto brilhou em Haya e onde quer que appareça, aureolado do mesmo esplendor, ha de fulgurar, quem nol-o deu senão o doador generoso que tanto regula o lentejo de uma gota d'agua marejada na rocha como a marcha dos astros maravilhosos, fazendo, com o mesmo carinho, sorrir uma criança no berço e desabrochar uma rosa no hastil como, com força suave, levanta um continente dos mares e com um gesto brando subverte um mundo. A vós, Senhor, Pae das gerações da terra, creador da Vida, Silencio e Rumor, Inercia e Movimento, eterno e sempre perfeito, a vós, Senhor, os nossos votos mais gratos por nos haverdes dado o Homem forte que, elle só, como um novo Atlante, sustenta nos hombros toda uma Patria levantando-a tão alto que o mundo todo a vê e, vendo-a, admira-a enlevado na sua belleza.

Tudo aquillo de que carece um povo para ser forte e glorioso dá-nos esse Homem no qual reunistes tanta somma de genio como nos astros prodigalizes esplendor. Para que engrandecesse o Brasil que delle se honra e que hoje lhe testemunha e grandiosamente o seu amor o cerebro lhe repartistes em outras tantas províncias quantas são as que formam o principado do Genio e de tão alto lhe desatastes a palavra torrencial como desataes das montanhas as aguas fecundadoras. E essa palavra, rolando sobre um leito de ouro e de diamante, que é o estylo olympico do apurado artista, corre translucida e sonora, aqui mansa, apenas murmurando, além revolta, estrondosa, acachoadada e fêrvida, logo em seguida espraia-se clara e lisa, para de novo crescer, galgando rochas e despenhar-se tumultuosamente em vortilhões, com estrondo, e, no arrojado impeto que leva, arranca mancenilhas pelas raizes, esborronda alicerces de presidios, esborra velharias, arrastando na violenta cor-

renteza tudo que é balseiro putrido, troncos carcomidos, vasa, residuos de-
leterios até, de novo, tranquillizar-se
defluindo limpida, espelhando o céu e
as verdes arvores floridas, regando co-
piosamente a terra e abeberando aos
que a buscam sedentos de justiça.

A penna que lhe destes, Senhor, é
o sceptro com que elle governa, aqui
e além, a nação verbal fundada pelos
trovadores sobre a leira latina e que
teve reis como Camões, Vieira, Bernar-
des e, mais proximamente, esse esfor-
çado batalhador: Camillo.

Baixastes sobre elle em linguas de
fogo como sobre os apóstolos no Ce-
naculo e elle foi e é o jurista, foi e é
o tribuno, o didacta, o economista, o
diplomata, o publicista, o Poeta, em-
fim, na acceção que deu Carlyle a
este titulo de nobreza espiritual...
e... mas não tentarei contar os raios
do sol: a sua claridade ahí está.

Precisaveis, Senhor, de um repre-
sentante do vosso poder entre nós, qui-
zestes dar-nos uma prova da vossa
grandeza e realisastes em um homem
o milagre da multiplicação da capaci-
dade e em que homem puzestes tanto?
num gigante! Eil-o ahí. Não ostenta
a pujança de um carvalho, não se im-
põe pelo vulto, pela força, pela fronde
como o cedro: é debil, vale tanto como
a palhinha triga. E trigo é.

E por que trigo? por ser forte. O
trigo alimenta duas vezes: sustenta o
corpo, se é pão; fortalece a alma, se
é hostia: é a energia que nos revig-
ora na terra e é a Fé que nos eleva
em vôo ao céu. Come-se o pão e o
trigo nutre; communga-se a hostia e
o trigo salva.

O cedro é arvore, o carvalho é ar-
vore, o jequitibá é arvore, o trigo é
uma graminea flebil — dir-se-á um
pallido raio de sol sahido da terra ou-
tomníca, um fio de luz á flor dos
campos. E é sol porque nos aquece e
é sol porque nos conforta — aquece-
nos dando-nos vitalidade ao sangue e
conforta-nos quando o recebemos na
communhão.

Que vale a arvore com a sua appa-
rencia robusta, grossa, frondosa, espa-
lhada em raizes? é lenho que o tempo
pue, que o caruncho carcome, que o
fogo reduz a cinzas; e o trigo? pri-
meiro nos alimenta na vida, leva-nos
depois da morte á Eternidade e é o
pão de todo o sempre.

Que exercitos prevalecerão diante
das forças infernaes? Que adamanti-
nas armas resistirão aos bôtes dos de-
monios? Para tão temerosos inimigos,
que só os anjos podem combater, deu
o Senhor um escudo ao homem: a hos-
tia. Pequenininho é elle, uma moeda de
resgate, e oppõe-se a todo o inferno;
delgado, resiste a todos os botes; fria-
vel, não cede aos ferros igneos das
legiões, e é trigo. Assim a fragilidade
é força quando nella assiste o espirito
divino. Tal é esse Homem.

Vivo, como o temos, é o pão da sa-
bedoria, igual áquelle que Jesus re-
partiu com os discipulos na ceia e o

seu espirito será, no futuro dos nossos
filhos, a hostia na qual se achará, não
Deus, que a hostia é terrena, mas toda
a Patria e, cada uma das particulas
dessa hostia, assim como o sol se re-
flecte no oceano e na mais pequenina
gota d'agua e Deus se incorpora in-
tegro na minima parcella do pão sem
levêdo, conterá o genio do Homem do
qual hoje commemoramos meio seculo
de esplendor.

E se contra nós se levantarem for-
ças aggressivas, se nos investirem pre-
tendendo lesar-nos na terra ou na
Honra com essa hostia, cheia do teu
espirito, se hão de abroquelar os ho-
mens e com ella defenderão o terri-
torio, que descreves, a alma nacional
que tanto exaltas, a lingua que, repu-
les, as tradições que veneras, o teu
culto, emfim, que é a Patria e tudo
que lhe diz respeito.

Pão igual áquelle com que Lycurgo
nutria os lacedemonios, elle foi o sus-
tento sadio dos batalhadores das for-
mosas campanhas da abolição e da
Republica e foi com elle que se ali-
mentaram os que se mantiveram na
trincheira, affrontando canhões e hayo-
netas quando esteve a pique de ser
ultrajada a Honra da Nação.

Trigo abundante, que reproduz, ma-
ravilhosamente, o milagre dos seis
pães que, multiplicados e saciando a
fome dos numerosos ouvintes de
Jesus, ainda deram sóbras para en-
cher doze cestos, porque quanto mais
se distribue mais cresce na ucha aon-
de todos vão provar as suas taleigas.

E jamais tornou alguem de mãos
vasias: o que vae por justiça volta
acobertado; ao que o busca por uma
duvida deixa-o esclarecido; o que o
procura como mestre traz a lição e o
encanto de o ter ouvido; o que nelle
prefere o artista encontra a magnifi-
cencia; o sabedor encolhe-se em timi-
dez, a ouvil-o e pasma do que lhe elle
diz e mostra no desconhecido; o phi-
lologo regressa do seu convivio com
um thesouro de notas; o pobrezinho
despede-se abençoando-o e sorrindo por
o ter achado com uma criança ás ca-
valleiras no joelho, ás úpas.

Tudo dá generosamente, a tudo res-
ponde como um oraculo e, como dis-
pende á larga, receia-se, por vezes,
que venha a faltar miga na despesa
prodigiosa. Subito, porém, occorre uma
necessidade e lá vae ter o pedinte.
Abre-se a arca e transborda o trigo
em maior cópia do que sahiu em ko-
mores do celeiro que o providente is-
raelita abarrotava para attender aos
sete annos da fome que assolou o
Egypto.

Eis o que faz o trigo fragil, quando
cheio de genio, que é força que se
multiplica.

Hoje começa o teu tríduo com esta
festa ao sol, diante de Deus e dos
homens.

Sê louvado e bem dito, Homem tri-
go, Homem omnipotente, raio de sol
na terra, esplendor e aureóla da Pa-
tria.

Ruy Barbosa respondeu num formoso discurso, do qual, por carencia de espaço, só podemos reproduzir o seguinte:

... Os que, para coroar o meio século de uma existencia agitada e tempestuosa, as vicissitudes e contrastes quasi incessantes de uma carreira sempre combatida e ameaçada, as variações da fortuna de um nome tão discutido, tão negado, tão maltratado, puderam achar uma fórmula capaz de congregar aqui todas as opiniões e escolas, todas as situações e partidos, todas as épocas e regimem; os que, para honrar a mediocridade laboriosa de um dos menos felizes, bem como dos mais assíduos obreiros do pensamento, descobriram meio de associar numa vasta solidariedade os maiores valores da nossa cultura, as summidades mais altas da nossa politica, os mais variados e cabaes expoentes da nossa sociedade; os que, para envolver esta sagração do objecto das suas affeições numa orchestra intellectual, invocaram a musica, o canto e a magia da palavra do inspirado orador que acaba de falar — esse engenho, so apologista de um merecimento, obra, em boa parte, das mãos carinhosas que o exalçam, das imaginações creadoras que o desmesuram, parece não terem advertido que a resistencia do homem ao alvoroço, ao enleio, ao choque das emoções desmarcadas, tem o seu limite, e que, além d'elle, o prazer, a felicidade, a gratidão não encontram outra linguagem senão a do espanto, a da mudez, a do recolhimento. Todos os accentos sensíveis ao ouvido externo se extinguiram. Só no intimo da alma vibram as vozes interiores.

Mas, quando se começa a escutar as vozes interiores, Deus está presente. Vossa fé o evocou, erguendo este altar, chamando estes sacerdotes, e levando, sobre o azul desta abobada infinita, ao sol quasi do pino do meio dia, entre as turbas prostradas em adoração, a hostia consagrada. Que homem se atreveria mais a falar em si mesmo diante deste espectáculo divino? A pedra de ara, ainda estremece ao milagre da transsubstanciação, visível aos crentes. O sussurro das preces ainda se vae exalando lentamente na atmospheria. Os corações ainda estão de joelhos. A mesa do sacrificio incruento ainda está posta. O Pae de todos nós, que, pouco ha, baixava ao meio de seus filhos, ainda se não ausentou dentre elles. A impressão da sua visita ainda palpita no ambiente. A sua imagem cresce nos raios solares, enchendo o espaço, o mundo, o infinito. Nenhuma grandeza creada lhe póde tomar a claridade. Não ha lugar a pauegyricos humanos. Onde Elle se mostrou, onde surgiu, onde se apercebe, não existe mais

nada senão Elle, Elle o que só é grande, Elle o que só é sabio, Elle o que só é justo, Elle o que só é bom, Elle o que só é bello, Elle o que só é forte, Elle o que só é glorioso.

Toda a minha vida não vale nada em comparação deste unico momento, onde se depara a bemaventurança de vos poder trazer, como synthese extrema de quasi quatorze lustros de experiencia dos homens e das cousas, este inabalavel testemunho de que só nelle reside a nascença de toda a gloria e de toda a força, de todo o bem e de toda a belleza, de toda a verdade e de toda a sciencia, de toda a justiça e de toda a grandeza.

Nunca, nunca essa evidencia recresceu tanto á vista das suas creaturas como nestes dias de inaudito negrume, quando a humanidade, crucificada pelo moderno paganismo, experimenta o martyrio de Jesus no lenho das tribulações em que o sangue e o suor de agonia do Redemptor se misturam com o suor e o sangue de seus filhos dilacerados. E' outra creação, que emerge do chaos, a creação de uma humanidade nova, uma humanidade que terá bebido verdadeiramente o calice da amargura, para chegar, afinal, realmente, ao christianismo, reconciliada, por fim, com elle uma civilização, que d'elle se divorciara, pondo na soberba e no odio, na violencia e na guerra, a flor da sua sciencia e das suas artes, da sua organização e do seu ensino, da sua riqueza e dos seus inventos, das suas maravilhas e dos seus progressos. A restituição dos Santos Lugares, do berço e do tumulo de Jesus, á christandade, pela victoria das armas britannicas na Palestina, é a expressão material da volta da christandade ao regaço de Christo.

... Bemdita seja, Senhor, a mão, que tantas graças em mim tem derramado. Vós me destes progenitores immaculados, que buscaram ensinar-me a não errar os vossos caminhos. Liberalizaste-me cincoenta annos de actividade ao serviço de meu paiz. Mais de quarenta me permittistes de união com uma companheira, que tem sido a vida de minha vida, a alma de minha alma, a flor sempre viva da vossa bondade no meu lar. Já me deixastes ver a segunda geração de uma descendencia que me não deslustra. Ao cabo de tantas dadivas me vejo agora cercado, tão assignaladamente, pela bemquerença dos meus concidadãos. E, sobre essa profusão de beneficios, ainda me cabe a dita, sem preço, de vêr, no esboçar-se da victoria dos povos contra os despotas, na confissão de valor dos pequenos pelos grandes Estados, na próxima União das Nações, o amanhecer desses ideaes de legalidade e direito, de tolerancia e democracia, de paz e fraternidade que os vossos Evangelhos nos entremosttram ha mais de mil e novecentos an-

nos. E' muito, Senhor, para quem tão pouco merece; e, por mais dura que me tenha sido a carga de trabalho, por mais que me haja custado o amargor dos trabalhos, nada me resta, nada se apura do seu escasso credito, comparado á divida infinita, de que a vossa misericordia me acabrunha.

Mas, Senhor, se a quem nada tem com que pagar, ainda será licita a ousadia de pedir (e tal é, para convosco, a condição de todas as creaturas) das que hoje, daqui, do alto desta solemnidade, cujo esplendor só a vós pôde ser tributado, juntemos todas as nossas orações ás que ha quatro annos se elevam aos vossos pés, de todos os cantos do planeta, soluços e vida, pela regeneração da vossa obra inenarravel, desnaturada hoje totalmente com a renascença do antigo paganismo na politica antichristian, que banii a moral, o direito e a verdade, substituidas pelo interesse, pela servidão e pela mentira.

Da victoria do bem não duvidei já-mais, porque nunca me vacillou a crença na vossa justiça. Os bombardadores dos vossos templos, os enxovalhadores do vosso culto, os iconoclastas da Cruz e dos Santos, os que canhoneiam os vossos santuarios no dia sacratissimo da vossa paixão, os carneiros de crianças, velhos, doentes e feridos, os estupradores de virgens, matronas e monjas, os incendiarios de cidades, os exterminadores de populações, os fuziladores de meninos, enfermeiras e sacerdotes, os pilhantes dos thesouros da civilisação, accumulados em bibliothecas, monumentos e edificios sagrados blasphemam de vós, ás escâncaras, do alto do throno do seu latrocínio truculento, qualificando como "aliado incondicional" do seu nefando systema de crimes o Pae Eterno de toda a bondade e de toda a doçura, de toda a pureza e de toda a virtude.

Este escandalo dos escandalos deve ter sido necessario, nos arcanos da vossa Providencia, pois que vós o consentistes, para ultima condemnação do materialismo, em que homens e nações estavam mergulhados. Mas já vos podemos render graças por ver que já vos começaes a condoer das vossas creaturas. Já se divisa o dedo supremo escrevendo nos acontecimentos a vossa infallivel sentença. Condemnae ou perdoae consoante a vossa vontade e sabedoria. Mas não deixeis que se alongue mais o holocausto dos innocentes, dos justos e dos martyres. Valei, Deus de compaixão e brandura, Deus de benignidade e equidade, á Belgica exangue, á França assolada, á esquartejada Polonia, á Servia e ao Montenegro despojados, a lares arrazados, á Armenia dessangrada, lacerada, agonizante. Reanimai-as, Senhor do Céu e da Terra, da vida e da morte. A voz do gigante da America do Norte a Europa está presentindo o

nascer de um mundo novo. A's nacionalidades sepultadas no captiveiro dos Hohenzollern, no captiveiro dos Habsburgs, no captiveiro dos Romanoffs e dos Lenine, no captiveiro dos kaisers e dos sultões, no captiveiro dos tyrannos do imperialismo e dos tyrannos da anarchia, despertam nos seus tumulos de bayonetas, alçando o collo para o arbitro da resurreição dos corpos e almas. Não abandoneis, Senhor, deixai correr sobre o planeta o sopro da vossa justiça. Então os mares se escurmarão dos piratas. Então os continentes desinfectação dos salteadores de Estados. Então os thronos se limparão de verdugos. Então da diplomacia se espantarão as trevas, a cujo abrigo se conspira entre os monarchas e as castas a desgraça das nações. Então da politica internacional se exterminará o espirito de conquista, o espirito de reacção, o espirito de neutralidade. Do chão embebido no martyrio dos herões, ao ambiente ozonado pelo halito do creador, crescerá bracejando pelo orbe inteiro a arvore da paz, e, á sua sombra, a terra que assumiu, por excellencia, o nome da vossa cruz, e tem o cruzeiro no seu firmamento, poderá merecer a invocação, com que a baptisaram. Se os Governos do paiz cobrarem o sentimento dos seus deveres. Se os seus cidadãos adquirirem a consciencia dos seus direitos. Se os homens de estudos mudarem de costumes. Se a sua politica se regenerar dos seus peccados mortaes. Se as suas leis começarem a ser observadas. Se o seu povo se assenhorar dos seus recursos, exercitar as suas forças, recuperar a sua autoridade, e tomar nas suas proprias mãos o seu destino. Para que nos não deshonremos, e percamos trahindo os vossos mandamentos. Para que nos conselhos das nações nos não caiba apenas um assento de complacencia. Para que na elaboração da humanidade porvindoura não entremos como elemento negativo. E' o que do intimo do meu coração, vos rogam esses meus cincoenta annos de fé e esperanza, de aspirações e desenganos, de lides e revezes, de culpas e arrependimentos. E' o que vos supplica esta multidão, esta mocidade, este auditorio innumeravel. Nos seus clamores, nos seus silencios, nos seus applausos. E' o que vos exhortarão, umas após outras as gerações da nossa descendencia, até vos merecerem, um dia, a benção de lhes attenderdes. Pai nosso que estaes no céo, rei dos reis, mestre dos mestres, juiz dos juizes, santo dos santos, summa essencia de toda a perfeição e divindade.

Na festa realisada na Bibliotheca Nacional, saudado pelo sr. Constancio Alves, Ruy Barbosa pronunciou o seguinte discurso, que reproduzimos na integra:

Minhas senhoras, meus senhores:

Já me vae tomando a canseira de repetir que não mereço tanto. Já me envergonho de tantas vezes insistir em que não sei como agradeça. Já entra a pesar-me a monotonia de redizer que estas commoções ultrapassaram os limites de resistencia da minha sensibilidade. Já começo a recear não me acreditem, quando me declaro acabrunhado, enleado, condemnado á mudez por taes, por tamanhos choques quando principiam a travar-me, na taça da felicidade, os laivos de amarugem de seu ditoso e na doçura da gratidão a angustia de a sentir represa, e anhelar, sem remedio, ao seu excesso.

Mas que hei de eu dizer-vos, senão o que passa n'alma? Que hei-de fazer eu, senão desabafar do anseio, abrindo-vos o meu interior, e dando-vos a palpar a debilidade, que me opprime? Como hei-de responder a tanto affecto, a extremos taes, a não ser com a lhanura da verdade repetida?

Após a solennidade religiosa de hontem a solennidade intellectual de hoje. Alli a evocação das creanças do meu berço, as bençãos da religião de meus maiores. Aqui o reviver do meu passado, o renascer do melhor dos meus annos, o rebrilhar da primeira alegria dos meus estudos, o correr da evolução das minhas faculdades, o abotoar da primeira floração no meu entendimento, o amadurecer das primicias do meu trabalho, o sorrir, o arder, o cantar da vida que recresce, que estua, que trasvasa na cabeça e no peito; o fragar, o irromper, o explodir, o chammejar das paixões, das idéas, das lutas; o subir a encosta ascendente da vida com o sol que se levanta, estendendo os raios até ao todo do caminho esmaltado de ouro; e pois... depois o encetar da vertente que descende; o cavar da experiencia entre agruras e cardos, entre espinhos e rochas, na ladeira apressada, as sombras e neves que augmentam, os degelos, as torrentes, os penedos erradios, que vão arrastando, esmagando, matando sonhos, illusões, projectos, vontades... até essas regiões com que não quer escurentar a luminosa irradiação destas horas festivas; e tudo, tudo isso assomando, emergindo, cambiando amavelmente colorido e aviventado com as tintas, o relevo, a acção, o encanto de um pincel e uma palheta, que devem ter sido outr'ora de alguma fada, mas são hoje de Constancio Alves, escriptor de raça, em quem o espirito, a distincção, o estylo, o bom senso, o tacto dos mestres da prosa moderna se casam com a paciencia, a curiosidade, a penetração, o indefesso labor e os hábitos meditativos de um benedictino. Ainda agora o acaba elle de mostrar fazendo, ao que parece, com os thesouros do morro do Castello o milagre de que me attribue o merecimento com os thesouros do Collegio dos Jesuitas.

Não, ninguém poderia encarnar aqui melhor a intellectualidade bahiana, e

a brasileira, do que esse typo de qualidades generosas, desinteressadas e brilhantes, que uma camada exterior de simplicidade e melancolia occulta aos que lhe não procurarem, sob a crosta e negligencia e timidez, as riquezas escondidas.

A BAHIA DE HOJE

Tal a nossa Bahia de hoje, a amada Bahia nossa cujo nome não me aflora aos labios, sem que o coração me reveja lagrimas de saudade e ternura, a heroica titanica de José Bonifacio, em cujo regaço a natureza accumulou thesouros de uma opulencia incomparavel entre as suas irmans; sub-solo unico na pompa dos seus veios, bêtas, jazidas e viveiros em quasi todos os ramos da producção mineral; gente de escól no talento, na palavra, no brio; mas, por sobre todas essas prendas, a tristeza, o pesadume, o desalento de um valor que se não conhece a si mesmo, como esses fidalgos de antigas linhagens decalidas, em quem a espada ainda tinha debaixo da capa, mas já não sabia saltar da bainha ao rosto dos atrevidos, nem conter os desdems da nobreza de aventureiros.

Da terra natal ausente ninguém me poderia trazer mais sentida, mais viva, mais cabal impressão do que esse amigo sem jaça, modelo de fidelidade e desinveja, de benevolencia e zelo, cuja abundancia não negaça os frutos do seu prestimo, e ainda se turba em os liberalisar de graça, como se desejasse excusar-se de os dar sem retorno, mãos e braços abertos.

Assim, senhores, quando elle, ha pouco, aqui se ergueu, com essa doçura sua de maneiras, hesitante, retrahido, e da bocca lhe entrou a deslisar, em veia continua, murmurante, animada, essa palavra crystallina como limpha nascidica, rolando no fio da corrente piscas e grãos de ouro, tive nitidamente a visão de nossa terra commum: pareceu-me, e ainda me parece vê-la assentada na montanha, acenando-nos de longe, sorrindo-nos do anil do céu, resplandecendo com as estrellas da sua corôa, e banhando as plantas nas ondas que alvejam desmanchadas á orla dos seus mares.

O "DIARIO DA BAHIA"

Deus meu! Deus meu! Que allucinação maviosa! que volver ao tempo decorrido! Como estou vendo aquelle nosso convivio de jornalistas, e a nossa camaradagem brilhante de escriptores liberaes e o nosso labutar de toda manhan e de toda a tarde no "Diario da Bahia"! e a eleição directa! e o programma das reformas! e a liberdade religiosa! e os primeiros clangores da emancipação dos escravos! e as sortidas, os encontros, as escaramuças as longas opposições na campanha quotidiana da imprensa!

Tudo passou. Pelo sacrario daquella casa, archivo de mais de cincoenta annos da nossa historia, se enroscaram as chammas da guerra civil, e os incendios de um bombardeio consumiram aquellas collecções veneraveis. Folhas da nossa vida, algumas das quaes se terão, talvez, salvado, mas as mais dellas se calcinaram, e desappareceram, com a sensação em nós outros, de que era a nossa carne mesma, os nossos nervos, a nossa veia, o nosso pensamento o que se abraçava e sumia na estúpida conflagração.

Mas o quadro agora se dilata, se espalha, se agita em torno dessa aparição querida. Ao appello da "Bahia Illustrada", ao de "O Imparcial", ao da "Noite", ao do jornalismo bahiano a decahida Rainha do Norte se lembrou dos seus melhores dias. Ao espectáculo do movimento que a reanima e lhe enche as mãos de flores, a bocca de cantos, a fronte de altivez, tem-se a vista da sua ascensão no horizonte, do seu ingresso a este recinto, da sua transfiguração no orador, no prosador miraculoso que ouvistes, no filho por tantos titulos digno de a encarnar, onde quer que se enuncie em seu nome. A' volta do seu circulo de luz desfila o Brasil todo em demonstração de inaudita solidariedade. Este recinto não as comporta. Enchem as ruas. Por toda a parte se renovam. Seria a apothese de um individuo? Impossivel. E' a nação que se reconhece a si mesma nas idéas, nas aspirações, nos sentimentos que caracterizam a existencia, a acção publica desse homem. Insensato seria elle, se o não visse. Mas uma parte bem consoladora lhe resta de tudo isso: a de averiguar, dest'arte, que, após cincoenta annos de exposição de sua alma á sua patria, o coração della, ao menos momentaneamente, coincide e se consubstancia com o seu. Que bemaventurança poderá igualar a deste momento de transfusão e identidade? Que doçura se lograria alcançar, na vida terrena, comparavel á de sentir um homem, embora por instantes, bater no seu peito o coração da patria, e palpitar no coração da patria o seu proprio coração?

JUBILEU CIVICO

Eis por que, senhores, me foi mui agradável a surpresa de ver nos convites para esta solennidade, qualificado como civico, e não como literario, o jubileu, que se está solennizando. Já, na minha carta á Academia Brasileira, alguma coisa adiantára eu neste sentido.

AS LETRAS E OS MOVIMENTOS SOCIAES

Muito podem as letras e artes, senhores, mas nunca inspirar e conseguir movimentos verdadeiramente nacionaes, como se pretende, e não muito sem motivo, me parece, que este seja.

Ainda quando se trate, realmente, de gigantes das letras, o lustre dellas não basta, para levantar nações e determinar asserções de solidariedade collectiva tão amplas, tão calorosas e tão synchronisadas como as desta natureza. Voltaire não teria obtido a glorificação nacional, que o sagrou em vida, se o seu genio não se houvesse assignalado, em tão estrondosas causas, pela justiça e pela humanidade, como algumas, nas quaes a sua penna varou a golpes mortaes o antigo regimen. Victor Hugo não teria tido no seu jubileu a apothese nacional, que teve, se o autor de tantas obras immortaes no dominio das letras não fosse, ao mesmo tempo, o proscripto de 2 de Dezembro, o repulsor intransigente da amnistia napoleonica, o inimigo irreconciliavel do segundo imperio, o advogado eloquente do povo, da Republica e da liberdade em tantas batalhas parlamentares e tantos pleitos judiciais, que inflammaram a nação, e repercutiram no mundo. Entretanto, um e outro eram dois genios de grandeza descommunal nas mais elevadas e bellas espheras da arte litteraria, ambos engrandeceram cada qual o seu seculo e a cada um lhe podiam ter dado, se não lhe deram, o nome.

Mas qual é, na minha existencia, o acto da sua consagração essencial ás letras? Onde o trabalho, que assegure á minha vida o caracter de predominante ou eminentemente litteraria. Não conheço. Traços litterarios lhe não mingnam, mas em productos ligeiros e accidentaes, como o "Elogio do Poeta", a respeito de Castro Alves; a oração do centenario do marquez de Pombal; o ensaio acerca de Swift; a critica do livro de Balfour; o discurso do Lyceu de Artes e Officios, sobre o desenho applicado á arte industrial; o discurso do Collegio Anchieta; o discurso do Instituto dos Advogados; o parecer e a réplica ácerca doCodigo Civil; umas duas tentativas de versão homometrica da poesia inimitavel de Leopardi; a adaptação do livro de Calkins e alguns artigos esparsos de jornaes, litterarios pelo feito ou pelo assumpto.

Que mais? Não sei, ou de prompto me não lembra. Tudo o mais é politica, é administração, é direito, são questões moraes, questões religiosas, questões sociaes, projectos, reformas, organizações legislativas. Tudo o mais demonstra que esses cincoenta annos me não correram na contemplação do bello, nos laboratorios de arte, no culto das letras pelas letras. Tudo o mais está evidenciando que a minha vida toda se desdobra nos comicios e nos tribunaes, na imprensa militante ou na tribuna parlamentar, em opposições ou revoluções, em combate a regimens estabelecidos e organização de novos regimens. O que ella tem sido, a datar do seu primeiro dia, a datar do brinde politico a José Bonifacio, em 13 de Agosto de 1868, é uma vida inteira de acção, peleja ou apostolado.

RETROSPECTO DE LUTAS

Era ella, porventura, outra coisa, quando, logo em 1869, alcei o estandarte abolicionista numa conferencia popular, redigi o "Radical Paulistano", organ do Partido Radical, e estabeleci na Loja America, para os seus membros, tres annos antes da lei de 28 de Setembro, a emancipação dos nascituros? Era ella outra coisa, quando por sete ou oito annos, a começar de 1872, redigi, com outros, o "Diario da Bahia"; quando, em 1889, redigi o "Diario de Noticias", em 1892 o "Jornal do Brasil", durante o governo Campos Salles a "Imprensa", que fundei, e, sob o marechal Hermes, outra vez o "Diario de Noticias", então restabelecido? Era ella outra coisa, quando escrevi "O papa e o concilio"; quando escrevi "O estado de sitio"; quando escrevi "Os actos inconstitucionaes"? Era outra, quando desde 1869, ainda estudante, dei o grito contra a propriedade servil no centro dos seus interesses, em São Paulo, onde ninguem lhe ousava bulir, e depois acompanhei sempre, na vanguarda mais exposta dos seus lidadores, o abolicionismo, até o seu triumpho? Era ella outra coisa, quando, em 1889, levantei, no Congresso Liberal, a bandeira da Federação; quando em 1907, destrocei, na Conferencia da Paz, o principio da gradação das soberanias; quando, em 1916, na embaixada a Buenos Aires, chamei a America ao seu posto na luta pela civilização christã? Era ella outra coisa, quando, sob o ministerio Saraiva, fiz a lei da eleição directa, pela qual, já em 1874, entrara na lica com o meu discurso do theatro São João; quando, sob o Ministerio Dantas, formulei o projecto de emancipação dos sexagenarios, e, em seguida, como relator das comissões reunidas, justificando essa reforma, lavrei o parecer dessas comissões, na Camara dos Deputados? Era ella, acaso, outra coisa, quando, naquella casa do parlamento, lhe submetti, em 1882, o projecto, obra exclusivamente minha, de organização dos tres ramos do ensino, ou quando, em 1890, no governo provisório, organizava a constituição actual, decretava a lei Torrens, iniciava a criação do Tribunal de Contas e criava o imposto em ouro? Seria ella, ainda, outra coisa, quando em 1875 hostilisava eu a conscrição; quando em 1876, me batia contra a politica de perseguição dos bispos, quando, em 1890, elaborava e decreto de separação entre a Igreja e o Estado; quando, em 1891, me oppunha ao sophisma, que deu ao vice-presidente da Republica a presidencia definitiva; quando, em 1892, lutava, no Supremo Tribunal, pelo direito dos desterrados de Cucuihy; quando, em 1894, lançava do exilio as "Cartas da Inglaterra"; quando, em 1895, me oppunha á amnistia inversa, á forçada aposentadoria dos magistrados, ao attentado contra os lentes da Escola Po-

lytechnica? Seria outra coisa, quando, em 1909 e 1910, declarei, mantive e venci a campanha civilista, e tracei na minha plataforma eleitoral o programma do governo a que era candidato? Quando, no quadriennio de 1910 a 1914, combati, sem treguas a dictadura militar; quando, em 1917, obtive, no Senado, que se reduzisse a alguns Estados o sitio já votado, na outra Camara, para todo o Brasil? Como, pois, converter em litteraria uma vida caracterisada toda ella, ininterruptamente, nos seus periodos successivos, por esses actos de continuo batalhar?

Os organs de publicidade que redigi eram todos elles de politica militante; os livros, que escrevi, trabalhos de actividade pugnaz; as situações em que me distingui, situações de energia offensiva ou defensiva. Propugnei ou adversei governos; golpeei ou escudei instituições; abalei até á morte um regimen e collaborei decisiva e capitalmente no erigir do outro. Pelejei contra ministros e governos, contra prepotencias e abusos, contra oligarchias e tyrannos. Ensinei, com a doutrina e o exemplo, mas ainda mais com o exemplo que com a doutrina, o culto e a pratica da legalidade, as normas e o uso da resistencia constitucional, o desprezo e horror da oppressão, o valor e a efficiencia da justiça, o amor e o exercicio da liberdade.

Uma existencia vivida assim nos campos de batalha, tecida assim, toda ella, dos fios da acção combatente não se desnatura da sua substancia, não se desintegra dos seus elementos organicos, para se apresentar desvestida e transmutada naquillo de que ella tem menos, na méra existencia de um homem de letras. Como quer que se encare, boa ou má, é a de um missionario, é a de um soldado, é a de um constructor. As letras nella entram apenas como a fórma da palavra, que reveste o pensamento, como a eloquencia, que dobra o poder das idéas, como a belleza apparente que reflecte a belleza interior, como a condição de asseio que lhe dá clareza ás opiniões, que as dota de elegancia, que as faz intelligíveis e amáveis.

Foi sempre assim que me encaram todos, affectos ou desaffectedos, inimigos ou amigos, entusiastas ou detractores. Não é de outro modo que me considera o maravilhoso escriptor, em cujo discurso, com as illusões de uma velha e incansavel amizade, se representa a minha effigie, hoje aqui inaugurada, como "lição aos moços", como imagem de "um vulto da historia nacional", se allude a versos meus, que se lhe antolharam ao orador "como flores irrompentes dos intersticios de uma velha fortaleza", e se nota, accentuando o singular aspecto destas commemorações jubilaes, o "silencio das dissidencias, admiravel em torno de um homem de combate, que ainda não embainhou a espada."

Nem de outra sorte poderia ter assumido a Bahia a iniciativa deste busto, offertado á Bibliotheca Nacional e hoje aqui inaugurado, a Bahia, que sempre honrou em mim o homem talhado para a luta politica, para a tribuna parlamentar, para a construção da obra legislativa, enviando-me, já desde o imperio, duas vezes, á Camara dos Deputados depois de me eleger numa Assembléa Provincial, e honrando-me, sem intervallo, ha vinte e oito annos, desde o primeiro do actual regimen, com o mandato de senador, sem concorrentes, sem dissidios, mediante o consenso de todas as parcialidades, numa unanimidade permanente.

BUSTOS E ESTATUAS

A honra do busto é mais uma caricia, um extremo, um affectuosissimo requinte desses com que não se corrigem de me amimalhar os meus caros conterraneos. Irmãos somos, como naturaes do mesmo berço; e, entre irmãos, o reconhecimento vive de se sentir, não de se amostrar. Não se hão de magoar elles, pois, de que eu me dê a buscar, na linguagem, meios de corresponder á intenção carinhosa do brinde e a commoção d'alma com que o recebi. Commoção pela origem do preito e pela doçura do pensamento que o inspirou. Porque, senhores, perdoai-me a indiscreção de aqui o dizer: de bustos e estatuas não sou lá grande entusiasta.

Essa petrificação ou mineralisação de um vulto humano não me fala á alma. Um homem em metal ou pedra me parece duas vezes morto. Muito pode valer a estatua pelo merecimento da obra prima. Mas então o seu logar adequado será no museu. Perdida nos salões das bibliothecas, ou isolada, entre a multidão, no vazio das praças, a mim se me afigura uma especie de consagração do esquecimento. Liquidada assim por uma vez, com o estatuido a conta da sua admiração, os contemporaneos descansam no sentimento de uma divida extincta.

Se eu pudesse ter, á minha escolha, um monumento verdadeiro do transito da minha mediocridade pela terra, o que me agradaria recommendar, seria uma ferramenta de trabalho, com o nome do operario e a inscripção daquillo de São Paulo na primeira aos corinthios: "Abundantus illis omnibus laborari".

Essas palavras, na sua simplicidade, falaria de uma vida laboriosa a outros obreiros, dando-lhes a impressão de continuidade entre as gerações successivas dessa passagem definitiva que separa um dos trabalhadores do pensamento através do outro mundo.

O bronze é duro; o marmore é frio; o ouro, pomposo. Nenhum tem a emanção do espirito, que o escopro do estatuario mal pôde communicar á immobildade e rigeza de uma attitudo fixada ou de uma expressão perpetua

na pedra ou no metal. A estatuaria teve o seu tempo e o seu meio na antiguidade: porque a antiguidade era imaginativa e supersticiosa. O lar tinha os seus penates; e os vultos dos poetas e legisladores, dos heroes e bemfeitores do povo, confundidos com os dos nunes e semi-deu-ses, eram os penates da cidade, offerecidos á veneração publica na ágora e nos mercados, nas thermas e no forum, nos gymnasios e theatros. Nas multidões de hoje em dia se gastou e extinguiu esse culto das virtudes e glorias de exhibição, talhadas no marmore ou vazadas no bronze. As turbas de agora passam descuriosas e irreverentes, sem levantar os olhos, pelas imagens dos grandes homens, alçados nos seus pedestaes de granito; e a impressão da sorte dessas personagens, condemnadas, numa exposição eterna, á distracção dos transeuntes, é a dum supplicio da indifferença, imposto aos glorificados.

Bemaventurados os que a si mesmo se estatuarão em actos memoraveis, e, sem deixarem os seus retratos á posteridade, esquecida ou desdenhosa, vivem a sua vida posthuma desinteressadamente pelos beneficios que lhe herdaram.

Estou, senhores, quasi exausto pelo esforço e pelas emoções destes dias, transbordantes dos cincoenta annos de existencia, que nelles se tem condensado, graças ao intimo concurso de todas as vozes, com que uma nação pôde affirmar a sua unanimidade, e cercar dos mais vivos, dos mais copiosos, dos mais raros testemunhos da sua benevolencia um só de seus filhos.

AGRADECIMENTO

Necessario me seria, entretanto, dizer mais, e muito mais, ainda para não deixar sem cumprimento deveres dos mais instantes, dos mais gratos e dos mais solennes, para agradecer á justiça e honra, com que sublima esta festa, occupando a sua presidencia, exercida com a gravidade extraordinaria da sua pessoa, o intemerato arminho do seu nome, e a austera eloquencia da sua palavra, pelo sr. ministro Pires e Albuquerque; para agradecer ao sr. ministro Pedro Lessa a intervenção aqui do seu prestigio singular, o brilho da sua preciosa carta, a indulgencia das apreciações de uma penna mais affeita ás sentenças que aos louvores; para agradecer ao dr. Eduardo Ramos os toques de sua vara magica de consummado artista, com que reviveu e dissimulou em accentos da sua voz melodiosa alguns dos meus peccadilhos de mocidade; para agradecer a um dos nossos maiores poetas, Alberto de Oliveira, as inspiradas notas do seu alaude; para agradecer á Escola Polytechnica e ao seu venerando orador as vibrações entusiasticas da sua saudação; para agradecer ao presidente da grande commissão, o dr. Miguel Calmon, incansavel e desinteressado lavrador no campo das idéas uteis, no-

me que dia a dia cresce na consideração nacional e a quem o futuro, estou certo, reserva os mais altos destinos; para agradecer, enfim, á 'Bahia Illustrada', a quem já deve tanto a Bahia, a sua contribuição inicial, a sua contribuição capital para esta homenagem, que tanto me eleva, quanto me esmaga.

AS BIBLIOTHECAS NA GUERRA

A grandiosa bibliotheca escolhida para ella tem direito a descansar dos rumores, que ora lhe estão perturbando a tranquillidade. Mas não se dirá que nos disterremos, sem lhe rendermos também as graças pela hospedagem. Actualmente as bibliothecas também estão na guerra, como as escolas, os museus e as cathedraes. Não professam neutralidade; porque, onde se envolva risco da propria conservação, a neutralidade seria suicidio. A Bibliotheca de Louvain e a sua Universidade arderam na catastrophe belga, arderam no cataclysmo europeu. Arderam com os seus quinhentos annos de existencia arderam com os seus trezentos mil volumes, arderam com as suas maravilhosas collecções de incunabulos, arderam com os seus incalculaveis thesouros manuscritos, de gravuras, de preciosidades historicas e literarias inestimaveis. Todas as universidades e bibliothecas do occidente estão hoje envolvidas na aggressão teutonica. Todas as bibliothecas do occidente se acham ameaçadas de incendio pelo incendio da de Louvain. A nossa Bibliotheca Nacional não se poderia considerar, pois, isenta, se a resistencia dos alliados não estivesse guardando, não estivesse defendendo, não estivesse amurando, na Europa, o Brasil contra a occupação do seu territorio pelos barbaros da Europa central.

Assim que, senhores, se os silenciosos habitantes desta casa, essas testemunhas immortaes da civilisação christã, aqui reunidas, assumissem voz, seria para se juntarem num só clamor, e enchendo de um só hymno estes paços da sciencia desde o seu vestibulo até os seus tectos e abobadas, contra os que associam á destruição de templos o incendio de bibliothecas. Os templos fallaram hontem pela missa campal. Falem hoje, aqui, as bibliothecas, levantando, num brado unisono, o tumulto da exultação dos intellectuaes brasileiros pela victoria das armas alliadas, grito de guerra santa que das crianças, dos jovens, das nações, das escolas, dos jovens das faculdades por toda a extensão da nossa cultura deve subir todos os dias ao Criador num cantico universal".

Todos os jornaes publicaram estudos ou artigos sobre o eminente brasileiro.

Num editorial, diz o *Estado de S. Paulo*:

Pela sua cultura, pelos seus trabalhos, pela sua abnegação, pela sua esplendorosa genialidade, elle é a maior figura do Brasil contemporaneo. Orador, a sua eloquencia não tem par: escriptor, o seu estylo é incomparavel, possuindo as qualidades de um grande estylo: pureza, graça, formosura e vigor; erudito, o seu saber é salomônico; estadista, as suas leis são perfectas; homem, o seu character é puro. E tanto elle cresceu na gratidão e na estima da patria, e tão grande avultará no futuro, que se um dia a nossa raça passar, como andam a predizer agourentos prophetas, bastará o seu vulto para justificar na historia a excellencia e grandeza de estirpe.

No mesmo jornal, referindo-se ao paralelo que geralmente se faz entre Ruy Barbosa e Cicero, o sr. Plinio Barreto vê nisso um equivoco ou uma irreflexão:

Quem lucra mais com a vizinhança ou com o parentesco, quem ganha e se eleva com a comparação não é Ruy: é Cicero. Eguaes talvez na eloquencia, na abundancia sonora da phrase, na prodigiosa fecundidade da produção e na malleabilidade inverosimel do espirito, amorosos ambos dos mesmos ideaes de liberdade e justiça, apartam-se, entretanto, no mais, sobretudo, na contextura moral, por traços differenciaes profundamente accentuados. Ruy vem repartindo a sua actividade entre a vida profissional e a vida politica desde a adolescencia longinqua, sem uma pausa, sem um descanso, nas boas e nas más horas, dentro e fóra do paiz, nas culminancias do poder e na tristeza dos exilios, como se o seu coração houvesse acertado o rhytmo, desde o principio, pelo coração da Patria e não pudésse funcionar sem a corrente que deste se habituou a receber. Cicero só começou a sua vida politica bem tarde, por volta dos quarenta annos, e, cioso da sua tranquillidade como da sua gloria, tudo fez para conciliar o maximo esplendor da sua reputação com o minimo de incommodos pessoas. As attitúdes que tomou foram-lhe impostas mais pela conveniencia do que pelas convicções e a sua vaidade, habilmente explorada pelos outros, mais que a sua fortaleza natural, foi que o conservou, até o fim, prisioneiro das suas doutrinas liberaes.

Não se conhecem na sua vida, rasgos de altivez e coragem pessoal, a não ser um só, o que teve no momento da morte, que, pelo numero e pela significação, possam ser equiparados aos que, sem numero e com a mais alta significação, pontuam de luz, como as estrellas pontuam o céu, a vida de

Ruy. Por amor á existencia abandonou Roma deixando de proferir a segunda Philippica, amedrontado com as ameaças de Antonio e de seus sequazes, enquanto Ruy, avisado, na campanha civilista, de que a sua vida corria risco em certo lugar se para alli fosse, parte sem hesitar, e de animo firme e eloquencia redobrada, faz recuar envergonhados os seus inimigos. Enquanto Cicero, esquecendo-se da sua dignidade de antigo consular e da aureola que o seu genio lhe conquistou para o nome, não se péja de ir ao palacio, onde Cesar guarda Cleopatra, sua concubina teuda e manteuda, fazer a corte, como qualquer pedinte, á imperial cortezan, Ruy, em pleno dominio da illegalidade, no mais terrivel eclipse constitucional, que jámais perturbou o paiz, vae ao Senado, onde a sua voz retumba sem eco, e tem a coragem de verberar, em termos que a satyra de Juvenal invejaria, as nupcias ridiculas do potentado paspalhão.

Para firmar ainda mais a superioridade de Ruy sobre Cicero basta confrontar o procedimento de cada um nas phases mais bellas da sua carreira politica. Na de Cicero, segundo a opinião dos seus apologistas mais habéis, como Boissier, foi a campanha contra Antonio. O grande tribuno e os seus amigos tomaram a defesa do principio liberal democratico que o borracho insolente e audaz ameaçava com o seu despotismo. Na de Ruy foi a campanha civilista, revivescencia multiseular da mesma luta entre aquelle principio e o espirito de tyrannia, sempre vivo nos temperamentos cesarianos. Em ambos os casos, no de Cicero e no de Ruy, o mesmo ideal de liberdade movia os dois campeões. Nenhum podia ceder, portanto, sem trahir a causa nem entrar em composição com o adversario sem perder na sua dignidade e na sua honra. Ruy é sabido que não cedeu nem admittiu composição com o inimigo. Golpeado por todos os lados, ficou no campo, de pé, quasi só, mesmo depois que os companheiros da manhan gloriosa procuraram na sombra da noite, ao cabo da luta, uma accommodação disfarçada com as hostes contrarias...

Elle não combatia os homens: combatia os principios perniciosos que elles encarnavam. Ora, o procedimento de Cicero não foi esse. A luta com Antonio elle a desenvolveu com ardor e firmeza, mas, por fim, deu-lhe o aspecto de uma luta pessoal, quasi mesquinha, em que a questão de principios foi posta inteiramente de lado. Se o seu odio ao despotismo fosse tão sincero, como era, por exemplo, em Bruto que não trepidou, por amor á liberdade, em sacrificar todos os sentimentos delicados que o deviam prender a Cesar para assassinal-o, nem teria tido os desfallecimentos que o saltaram, varias vezes, durante a luta, nem teria cahido na adulação abjecta a Octavio em que enxovalhou os seus cabellos

brancos, provocando dos companheiros palavras acres de censura.

No *Correio da Manhan* escreve o sr. Assis Chateaubriand:

A historia do Brasil, sestas tres decadas, é muito a historia de Ruy Barbosa. Seria impossivel escapar á evidencia da hegemonia exercida por este heróe carlyleano nas correntes evolutivas do pensamento politico nacional. A argilla humana não é igual em todos, e é preciso distingui-la pela sua qualidade, reconhecendo, ao lado da baça e opaca, a transparente e crystallina, que fórma o perfil dos super-homens. Através de todas as vicissitudes, esta alma guardou intangivel a sua vehemencia e a sua flamma; e se a vontade de crystal tolerou syncopes na continuidade do tom vital, entretanto, as syntheses da crença, da fé e do sentimento, os imperativos liberaes, permaneceram inabalaveis. Onde se esperou uma explosão da dynamite, o estrondo do petardo nunca falhou. O grande rio corre sempre caudaloso, porque as suas aguas brotam de fontes vivas, ao invéz de certas correntes que minguam e engrossam com as neves do inverno e as chuvas da primavera.

A obra do jurista será o esqueleto de Ruy Barbosa. O que irá illuminar as gerações vindouras será a grande fogueira liberal, em cuja chamma palpita o sangue do politico, que nunca soube ser partidario, porque tinha uma personalidade indomavel; a fibra de agitador de debates, derramado em gestos largos, de intrepidez e de abnegação, donde faiscam raios de belleza, cheio de seiva animal, com a alma ora raivosa, ora doce, mas sempre a alma, posta no movimento mais banal e na attitudde mais simples. Um dos segredos da força de Ruy Barbosa é que elle é uma carne devorada pela matilha das paixões, escravizado por ellas, que lhe accendem todas as iras celestes e humanas. E' preciso ser um apaixonado e poder encarnicar as suas paixões, para se dar ao sacrificio da luta. O sceptico nos valores humanos não peleja.

Por tudo isso, Ruy Barbosa é infinitamente occidental. Elle ama o movimento, numa terra disciplinada pelo espirito de immobildade asiatica, com que os homens vão lentamente matando a vida e o germen das suas mais altas esperanças, graças a uma inaptidão para o combate, que é acabrunhadora. Neste paul onde a sua poesia tem o dom sagrado de ainda cravejar estrellas, Ruy Barbosa préga a resurreição das almas, crê no espirito de justiça, no sopro de liberdade, embebido da fé civica, da fé moral, estremecendo o seu grupo, a sua cidade, enraizado e absorvido nelles. Flor dos cidadãos, chamariam os romanos a este homem que deu á intelligencia, numa

nação onde ella é uma mercadoria dispensavel, um tal lustre, que se pôde dizer ninguem a elevou, nesta terra, a uma dignidade tão augusta.

A vida de Ruy Barbosa é bem um espectáculo shakespeareano, e assim contemplada, é uma obra prima de força natural, de dilaceramentos d'alma, fendida de gritos, de relampagos, de assobios, de crepitações de incendios, que o Campeador ateia e sopra, com os pulmões robustos, a labareda, purificando e vivificando esta materia servil e corrompida, que elle tem tantas vezes denegrido e divinizado, como ella o tem desprezado e glorificado, e indo sempre um irresistivelmente para o outro, como a torrente para o mar.

Aliás, Ruy Barbosa é bem brasileiro, como Jesus Christo e a onça mosqueada...

Occupando-se com a oratoria de Ruy Barbosa, diz, no mesmo jornal, o sr. José Maria Bello:

Na lyra pentacordia da sua intelligencia creadora, nenhum som mais alto do que o da oratoria. Constitue esta, em verdade, a essencia do seu estylo. A eloquencia natural, o enthusiasmo intimo, a força da expressão, a opulencia das imagens, a harmonia das longas phrases, fazem de Ruy Barbosa, sobre todas as coisas que elle possa ser, um grande orador. Como Cicero, como Bossuet, como Macaulay, elle nasceu com o dom divino da eloquencia. O habito, desde cedo adquirido, dos comicios populares e da tribuna parlamentar, levou-o a cultivar carinhosamente as tendencias innatas do seu genio. Um constructor de systemas philosophicos, Spencer, por exemplo, traduz nitidamente o seu pensamento. Só este lhe importa; a phrase é uma servidora humilde da idéa, não tendo vida propria. Um analysta frio e penetrante, moralista como La Bruyère ou psychologo como Sthendal, diz o que deseja em phrases seccas e periodos curtos; a sobriedade e a precisão constituem os meritos singulares do seu estylo. Para um artista torturado, um ourives da palavra, como Flaubert, as coisas só vivem pela belleza da fórma. Um orador tem que ser mais do que todos elles. A sua palavra precisa de viver pelo pensamento e pelo estylo; não pôde ser abstracta como a do philosopho, nem marmorea e impessoal como a do artista. Elle não fala apenas para o raciocinio de eruditos ou para o requinte dos iniciados; dirige-se ás multidões, quer tocar-lhes os sentimentos, convencer, apaixonar, fazer vibrar, e as multidões em toda a parte se levam mais pela emoção que o orador lhes communica, pela pompa e brilho das phrases, do que pela logica do pensamento e frieza da verdade. As antitheses, as imagens, as metaphoras, as ampliações

rhetoricas, os exemplos concretos, os resumos fortes, tornam-se as armas singulares do orador. Por tudo isto, diz Taine, falando sobre Macaulay, quando os oradores chegam a escrever são os mais poderosos escriptores: "popularizam a philosophia, elevam o auditorio, engrandecem a intelligencia humana."

Em elevado grão, possui Ruy Barbosa todas essas virtudes. Ninguem já-mais tentou o officio com tão brilhante ferramenta. Antes de tudo, é um temperamento apaixonado e sincero e, por isto mesmo, ingenuo. Ha nesta natureza, apparentemente tranquillã, de velho politico e velho erudito, conhecedor dos homens e das suas falhas e miserias moraes, forças selvagens, ainda não domadas pela disciplina da cultura e pelo scepticismo do mundo. Elle tem a alma dos batalhadores e dos apostolos, eternamente joven e ardente; crê na liberdade, no direito, na justiça, na civilização, com a mesma sinceridade e a mesma vehemencia com que crê em Deus. A eloquencia do seu estylo é a imagem viva da sua paixão intima. Não o vereis duvidar, sorrir, florear ironias tranquillãs; encontrão-eis sempre nas attitudes extremas de enthusiasmos e iras sagradas. Toca nos seus ideaes politicos, duvida, um instante, da sua grandeza, e espera o temporal desfeito. Foi o que fez a campanha civilista, como anteriormente, a campanha abolicionista, a federação monarchica, a luta contra Floriano. Nada mais antipathico para esse velho liberal, educado nas sabias lições inglezas, do que o militarismo sul-americano. A sua clarividencia previa no governo do marechal Hermes todos os horrores do caudilhismo e da dictadura militar. Não haveria mais conveniencias partidarias e humanas que lhe pudessem conter o tumultuar das paixões patrioticas. Releio os discursos e as conferencias do Theatro Lyrico, da Bahia, de S. Paulo, de Campinas, de Santos, de Bello Horizonte, de Ouro Preto, de Juiz de Fora, a Plataforma do *Polytheama Bahiano* e os manifestos á Nação, e invoco o testemunho dos meus proprios sentidos para convencer-me de que este monumento phantastico, de belleza, força e heroismo civico, é obra exclusiva de um ancião.

O sr. Humberto de Campos, no *Imparcial*, escreve:

Alludindo uma vez á individualidade de Ruy Barbosa, eu disse que, para estudal-a, não se requeria apenas um critico, mas os sabios da Encyclopedia. A analyse da sua personalidade, que se estende na historia politica e litteraria do Brasil por toda a extensão de meio seculo, fez-me invocar, então, o tumulo de Alyatte, levantado religiosamente por todas as gentes da Lydia. Nesse momento, entretanto, eu me illu-

dia a mim mesmo, suppondo que a sua obra, literaria e social, estivesse concluida. A mim, me parecia que as creaturas humanas, como as arvores, tinham um limite para o seu crescimento na terra. O baobab de duzentos annos é tão alto como o que viveu quatro seculos. Attingida uma altura determinada pela seiva, o carvalho muda de folhas, mas não sóbe mais longe. A mão de Deus, espalmada no céu, andava a medir, na minha 'magnação, a toda a hora, a estatura dos troncos e dos homens.

Effectivamente, afigurava-se-me impossivel que Ruy Barbosa, como escriptor, e como politico, pudesse ir ainda mais alto. E, no entanto, o escriptor, e o politico, ainda se desdobraram no conceito da patria e do mundo. Como os diamantes que adquirem maior fogo na proporção da sua antiguidade, a sua penna despede novo brilho, novas scintellas de belleza, na proporção de sua actividade. O seu discurso aos atiradores bahianos, proferido ha cinco mezes, é a pedra de maior pureza e scintillação que já se poliu em lingua portugueza. A descripção, nelle, das riquezas mineraes da Bahia, é um thesouro de Crésio, um manto de Salomão, uma arca de Sardanapalo. Cada periodo é uma lamina de ouro incrustada de pedraria. Dir-se-ia que as jazidas subterraneas haviam subido á superficie do sólo, para desabotoarem em flôres de fogo, de todos os côrtes, de todas as cambiantes, pelas imperceptiveis ondulações de uma planicie...

E o homem politico subiu, desdobrou-se, multiplicou-se como o homem de pensamento. O seu pé, como o de Pedro Ermita, fez sahir soldados da Civilização até da profundeza dos tumulos. O Brasil, ha dois annos, era o Chaos. As energias, desordenadas, tumultuosas, desatadas de disciplina, mantinham-no, deante dos povos, na mais perigosa das indecisões. E foi Ruy Barbosa que, com a sua palavra de illuminado, desvendou os horizontes, arregimentou as intelligencias, disciplinou as vontades, orientando a nação, uniforme e serena, para o mais glorioso dos destinos!

Ainda no *Imparcial* escreve o sr. João Ribeiro:

Tanto quanto pode ser, o Brasil reconhece hoje em Ruy Barbosa o seu grande homem. Mas, estamos certos de que o futuro ainda o fará maior. São morredouros, ephemeris e frageis os queixumes e reluctancias que elle desperta; e cairão pelo caminho como folhas otomnicas e inuteis, ao passo que a grande arvore crescerá ainda, desafiando os seculos.

A geração mais nova de hoje, mal informada, ignora talvez a acção continua e decisiva d'esse grande fautor

da nossa historia. Apraz-lhe colher alguns ditos iniquos em que é fertil a maledicencia vulgar e um delles, o principal e o mais grave, é que Ruy Barbosa nada fez e nada faz de praticamente util á nossa vida, e que toda a sua efficiencia se derrama em superfluidades verbaes e em frivolidades rhetoricas.

Oh a incommensuravel injustiça!

Mas, felizmente, é coisa impossivel escamotear a verdade. As nossas conquistas liberaes, todas ellas, de que gozamos na inconsciencia de herdeiros ingratos e dissipados, de onde vieram? Comemos e gastamos ainda hoje do seu herculeo trabalho, da sua paixão ao serviço de todas as idéas, da sua alma cheia de vehemencia em favor das nossas liberdades.

As construcções moraes parecem invisiveis e não trazem no flanco as placas commemorativas.

Elle foi uma das clavas imponderaveis que destruíram a escravidão e varreram para sempre a terrivel lepra. Desde 85, sob o ministerio Dantas, fulminava os defensores do escravismo, e por toda a parte, no seio do partido, na tribuna parlamentar e na praça publica, dirigia a formidavel agitação que terminou pelo abolicionismo. Então, a mocidade estava com elle, como estavam os "escravos evadidos" perseguidos pela ferocidade dos legisladores.

"Eu quizera saber se ha neste auditorio um covarde bastante vil para obedecer a tal lei. De mim, vos digo, eu aborreceria os meus filhos e rejeitaria de minha alma a cara companheira de minha vida, se elles e ella não fossem os primeiros a estender sobre a cabeça do perseguido as azas tutelares dessa sympathia omnipotente de que têm o segredo as mulheres e os anjos."

E afinal ruiu o reducto da escravidão e bastar-lhe-ia essa victoria, de que foi um dos grandes capitães, para lhe encher de louros a cabeça. Mas, a abolição que foi o termo do idealismo para Nabuco, Joaquim Serra, Luiz Gama, Patrocínio, foi para Ruy Barbosa apenas a primeira, ainda que enorme, victoria liberal.

Eis como se expressa no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, o sr. Victor Vianna:

O jornalista foi estupendo. Nós, mais moços, que nunca o lemos no desenrolar das acções, só podemos avaliar a sua influencia, o seu fulgor pela reconstituição historica. Lendo nas collecções os artigos de jornal do sr. Ruy Barbosa é que se pôde ter a impressão de sua variada cultura e seus grandes dotes de artista. Ha, nos seus artigos, trabalhos de todos os generos: satyras, polemicas, doutrinas, epo-

péas, poemas, comparações historicas, critica literaria, historia anecdotica, resurreições historicas, analyses technicas de todas as modalidades de sciencias sociaes e de administração publica.

Mas nesses artigos, como nos grandes livros e nos longos discursos, todos esses generos se misturam ao mesmo tempo. E é esse o segredo de sua formidavel eloquencia. Por isso só elle pôde falar durante tres, quatro horas, sem fatigar o auditorio. O auditorio não se cansa, porque não ha monotonia. A sua arte é esplendida e excepcional. Nas maiores dissertações passa da satyra á doutrina, da citação de cifras ás anecdotas suggestivas, das descripções pictoricas, dignas dos maiores factos da historia, ás allusões pessoases, dos periodos classicos, onde o velho vocabulario quinhentista apparece com tonalidades novas, ás sciens populares e ao *argot* do dia. Não ha no mundo escriptor e orador que assim maneje qualquer lingua.

Comparando a sua acção á de Evaristo da Veiga, diz o sr. Osorio Duque Estrada no *Imparcial*:

Ao lado da Regencia, para cuja ascensão havia concorrido, foi Evaristo o braço direito que a dirigiu e defendeu, lutando corajoso e patrioticamente contra os inimigos da ordem, e fazendo vibrar por muito tempo o recinto e as galerias da Camara, em longos e repetidos applausos á eloquencia mascula e arrebatadora do genial orador; de modo que, relendo os annaes parlamentares da época, sente-se ainda, depois de tantos annos, a gravidade da situação e a elevada estatura moral do grande vulto que ajudou a organizar e a salvar a nossa nacionalidade.

Bastou que elle faltasse, para que occurresse logo a queda de Feijó, como havia de occorrer, meio seculo depois, com Deodoro, privado tambem da assistencia e dos conselhos do seu grande companheiro de jornada.

O papel de Evaristo, na imprensa e na tribuna do Parlamento, como promotor do glorioso momento da abdicção e defensor do liberalismo constitucional, lembra em muitos pontos o de Ruy Barbosa, nos ultimos dias do antigo regimen e durante toda a phase republicana. A "*Aurora Fluminense*" e o "*Diario de Noticias*", são os dois mais altos e mais brilhantes pinaculos da nossa natureza intellectual e moral.

Em ambos se denuncia o parentesco intimo dos dois grandes espiritos que a mesma sêde de liberalismo irmanou, collocando-os a par das figuras maximas dos contemporaneos de que se podem legitimamente orgulhar os mais adiantados paizes do mundo.

De um e outro se pôde dizer o mesmo que de Alexandre Herculano dizia, ha quarenta e um annos, o genial orador de quem commemoramos hoje, o glorioso jubileu literario:

— "Sua vida foi querer o bem, amar a verdade, vingar a justiça".

Da amplitude luminosa deste programma nasceu a radiante aureola de immortalidade que distingue os dois grandes vultos, eternamente abençoados de Evaristo e de Ruy Barbosa.

Numa conferencia realisada em Campinas, o sr. Antão de Moraes cita algumas anecdotas sobre o grande brasileiro:

Na biographia que Nazareth de Menezes escreveu sobre o excelso patricio, trabalho muito imperfeito, mas em todo o caso o melhor dos dois ou tres que existem, deparou-se-me interessante declaração do professor Antonio Gentil Ibirapitanga, o qual, mencionando dentre os seus alumnos os que mais aproveitaram o ensino pelo methodo Castilho, certificou:

"A respeito de grammatica pelo methodo fiz experiencias com o filho do dr. João Barbosa de Oliveira; esse menino de cinco annos de idade é o maior talento que conheço em trinta annos de magisterio; em quinze dias fez analyse grammatical, distinguu as differentes partes da oração e conjugou todos os verbos regulares.

Para uma criança de cinco annos, é phenomenal!

Seus estudos de humanidades foram feitos no collegio do emerito educador, o barão de Macahubas.

Da passagem de Ruy Barbosa por esse estabelecimento de ensino, Urbano Duarte nos dá noticia em curiosa chronica:

"No collegio do dr. Abilio, na Bahia", diz elle, "eu fui contemporaneo de Ruy Barbosa, de Benicio de Abreu, de Aristides Milton e de outros notaveis talentos que hoje fazem bonita figura.

Ruy Barbosa sempre foi lá considerado "menino genial". Obtinha approvações distinctas, era escolhido para fazer discursos nas solennidades do collegio. O dr. Abilio o intitulava — "minha perola".

Além de magnifico estudante, Ruy se comportava perfeitamente. Jamais soffreu castigo, ou simples reprehensões.

Certo dia, porém, Ruy Barbosa teve uma "intincancia" com o padre Fiuza, professor de latim.

Discordando sobre a traducção de uma phrase de Tito Livio, o pequeno Ruy, mui zangado e vermelhinho, atira o livro ao chão e retira-se da sala.

O padre Fiuza, "deu parte".

O dr. Abilio magnou-se muito com a primeira jaça de sua "perola". Era

de seu dever castigal-o, afim de não desmoralisar o padre Fiuza, antigo professor do collegio e seu amigo pessoal.

Chamou o Ruy, particularmente, e pediu-lhe apresentasse desculpas ao seu mestre de latim, solicitando-lhe perdão.

O menino Ruy saltou de indignação. E retorquin:

— Nunca! Padre Fiuza não sabe latim!... Se elle quizer chegar ás boas commigo ha de confessar que errou. Senão, não.

— Menino, tenha juizo... responde o velho Abilio, com sorriso paternal e bondoso. — Fiuza conhece o latim como Cicero. Elle é um Tito Livio bahiano, de corôa e baculo.

— Está enganado: não vae além de "hora horae", "res rei" e "qui, quae, quod".

— Com que então, concluiu o dr. Abilio, — você não quer pedir perdão ao padre Fiuza?

— Não, não pego!

— Metto-o na cafúa!

— Metta!

— Suspendo-lhe a sobremesa!

— Suspenda!

— Mando-o ficar em "pé em cima do banco", durante o jantar, em presença de todo o collegio.

— Mande.

O immortal educador bahiano começou a sentir-se agastado, ao ver o orgulho e a firmeza do jovem Ruy.

E, á hora do jantar, ordenou-lhe que ficasse em pé, em cima do banco. Elle obedeceu promptamente.

Que escandalo para a meninada!... Oh! o Ruy Barbosa de pé em cima do banco.

Vinha o mundo abaixo.

Aquelle estudante modelo, a soffrer um castigo proprio dos peraltas e galopins!

De sorte que, dahi por diante, quando mandavam algum vadio trepar ao banco, elle só fazia era rir-se sem a menor vergonha, dizendo:

— O Ruy já esteve tambem..."

Desse jovial testemunho, que acabaes de ouvir, consta que Ruy era sempre o escolhido para discursos nas solennidades do collegio. E já então, nesses primeiros balbucios da tribuna, se revelava o formidavel orador que viria a ser.

Moniz Barreto, o celebre repentista bahiano, tendo ouvido a criança admiravel, improvisou-lhe algumas estrophes de saudação, das quaes vos recordo a seguinte:

"Admira numa criança
O engenho, o criterio, o tino,
Que possue este menino
Para pensar e dizer!
Não, não me illudo na minha
Rem firmada propheta:
Um gigante da Bahia
Na tribuna elle ha de ser."

Entretanto, nessa rara criança não se prelibava apenas a fibra de um grande orador. Tambem a chispa de um notavel poeta fulgurou por instantes na aurora dessa intelligencia.

O "Gymnasio Bahiano", assim se cognominava o collegio do barão de Macahubas, á guisa do que se praticava em Portugal, costumava preparar o "outeiro literario".

Ruy Barbosa, então com 13 annos, subindo um dia ao "outeiro" recitou uns versos de sua lavra, — a informação é da "Bahia Illustrada", — e entre esses, um bellissimo:

"Só não morre a virtude e a intelligencia".

Moniz Barreto, que estava presente "transfigurado pelo sentimento" em face dos talentos prematuros daquelles 13 annos, que hoje são a gloria de um povo", improvisou inspirado soneto, aproveitando o verso de Ruy para remate do terceto final:

Morre no prado a flôr; a ave nos ares
Ao tiro morre do arcabuz certo;
Morre do dia o esplendido luzeiro;
Morrem as vagas nos quietos mares:

Morrem os gostos; morrem os prazeres;
Morre, occulto na terra, o vil dinheiro;
De encontro ao peito, que as apara,
[inteiro.
Morrem as setas dos crueis azares:

Morre a chamma do amor: morre a
[amizade;
Na virgem morre a candida innocencia;
Morre a pompa, o poder: morre a
[beldade;

E', — de morte — synonymo a exis-
[tencia;
No mundo é só perenne a san verdade:
"Só não morre a virtude, a intelligencia".

Infelizmente, neste particular, mallograram-se as esperanças. Ruy, vingados tão promissoramente esses passageiros ensaios da infancia, jámais cultivou a poesia. Se nella, entretanto, se tivera especializado, diz Araripe Junior — critico pouco sympathico — seria um Pope.

Do "Gymnasio Bahiano" sahiu com todos os preparatorios feitos, dois annos antes de completar a idade legal para a matricula nos cursos superiores.

Esse interregno foi proficuamente aproveitado na repetição das materias estudadas, e, principalmente, no aperfeçoamento das linguas estrangeiras e no estudo dos classicos portuguezes.

Attingidos os seus dezesets annos, ponde, enfim, o jovem estudante, precisamente aos cinco de Novembro, data de seu natalicio, partir para Recife, afim de se matricular na Faculdade de Direito.

Seu extremosíssimo pae extravasou, em sentidas endeixas, toda a dôr dessa separação:

Filho, bem vês—meu rosto asserenou. A fé voltou! serás á patria, aos paes Trophéu modesto, cidadão severo... Eu creio e espero! já não choro mais!

Em Ribeirão Preto, neste Estado, fez uma conferencia o sr. Heitor de Moraes, que dissertou sobre "Ruy Barbosa, o sementeiro do ideal". Referindo-se á acção do grande brasileiro na campanha civilista disse o conferencista:

Essa voz formidável retumbou no paiz, conclamando á reacção todas as suas forças vivas, não contagiadas ainda pela horrível lepra do adhesionismo, da rapacidade e do medo. Doutrinou nas escolas; arengou nos comícios; ecoou no seio vedado das casernas, e no coração longinquo dos sertões; evangelizou todas as virtudes civicas; estigmatizou todas as torpezas politicas; esvurmou todas as putrilagens cancerosas do organismo republicano; esclareceu as consciencias; fortaleceu os espiritos; convenceu; persuadiu; fanatisou um povo inteiro. Essa voz desassombrada e invencível passou por todo o Brasil, como uma rajada ao mando divino, ao mesmo tempo flagellando e exaltando, abatendo os salteadores da bolsa do povo, os deformadores do caracter nacional, e erguendo de pé, para a resistencia, em defesa da Republica, os brasileiros que ainda não enxovalharam este nome, que ainda não prostituíram o seu pudor, que não estão ainda dispostos a vender a sua liberdade, nem a se agachar, de cócoras, ante o rebenque de marechaes aventureiros.

Alma feita de bronze, cerebro feito de sol, Ruy Barbosa era, então, o patriotismo vivo, transfigurado na omnipotencia do verbo, a percorrer o paiz, acordando a consciencia popular, com as vibrações do alarma inflamado e sonoro da verdade republicana. Esse verbo relampagueante desencadeou, por toda a vastidão do territorio nacional, tempestades de genio, vingadoras, fulminando as maritacacas do cynismo e da calumnia, nos escusos desvãos, onde conspiram, de consciencia açamada, contra a Patria.

Da grandeza do abalo produzido, da subita revolução operada, por esse estupendo movimento da opinião nacional, nos costumes politicos, que até então nos degradavam, aos olhos dos estrangeiros, ninguém daria melhor impressão do que o proprio chefe da gloriosa campanha, neste periodo conciso e modelar: — "Sobre a extensão das consciencias, ainda ha pouco fria, inerte, abandonada, nua, marulha

agora o oceano de uma opinião, uma vontade, uma soberania, a alma revivente da nação. Aguas do nosso genésis, por sobre as quaes se libra o espirito de Deus. Como ao "fiat" dos livros sagrados, vimos de repente surgir aqui toda uma criação inesperada. A palavra baixou ao seio do nosso chaos, e delle sahiu a idéa, a harmonia, a solidariedade. Eramos fraqueza, dispersão, inercia. Somos hoje força, collectividade, resolução."

Aonde foi buscar, onde encontrou, de onde hauriu esse velho liberal, esse grande cidadão, antagonista do candidato militar, força tamanha, capaz de operar tão surpreendente resultado? Buscou-a, encontrou-a, hauriu-a Ruy, na sua inextinguível fé patriótica, no robusto vigor das suas idéas liberaes, no milagroso poder do seu idealismo politico.

E' a seguinte a carta escripta pelo illustre brasileiro ao sr. Alberto de Oliveira, solicitando que se não realisasse na Academia de Letras a homenagem projectada, por motivo do jubileu:

"Rio, 24 de Julho de 1918. — Meu caro sr. Alberto de Oliveira. Sendo muito irregular a minha leitura dos jornaes, leitura a que os continuos trabalhos de minha vida me não permitem entregar-me senão rapidamente, só hoje, pelo cartão de convite para a sessão de amanhã, me chegou a noticia da sua proposta á Academia de celebrar, aos 12 de Agosto vindouro, o meu jubileu literario.

Não sei que ahi agradecer, se a honra da sua estima, se o carinho do seu affecto, revelados nesse acto, ambos em gráu tão superior a tudo quanto me seria licito sonhar.

Mas, meu amigo, exprimindo-lhe o meu reconhecimento, rogo-lhe me permita oppôr, com todas as veras da minha alma, á sua idéa o meu voto afincado, empenhando com o benevolo autor do alvitre, tudo o que eu no seu animo possa valer para que, cedendo ás minhas instancias, o retire, e assim, exima a Academia de um constrangimento, a que ella, por cortezia dos seus membros ou preito da collectividade ao cargo do seu presidente, poderia, talvez, ser induzida.

Ainda que vingasse elevar-se acima de todas as demais considerações para deliberar e resolver como um tribunal de justiça, não se a embaraçando com a dignidade, que exerce no seu seio, se a sua decisão homologasse a proposta, não se lograria ella eximir da nota de suspeita, correndo o risco de parecer que não honrava senão a si mesma, na homenagem tributada a sua representação social.

Não se afigura de leve monta este inconveniente; nem me parece que a

Academia obrasse com prudencia, estabelecendo um precedente, que dados os nossos costumes, a poderia derivar, mais tarde, ao terreno das manifestações de ordem pessoal, cada vez mais faceis, repetidas e desconsideradas.

Permitta-me o meu amigo e, com elle, os seus confrades, accrescentar, sem falsa modestia, que a minha consciencia mesma protesta contra essa dignificação por exaggerada, e, como tal, injusta destoante da austeridade natural dos actos academicos, pouco vantajosa no conceito publico, dos verdadeiros interesses de tão elevada corporação.

Sempre estimei em pouco o valor litterario, e, de sciencia certa, sei que o meu vem a ser nenhum. Nunca o cultivei. Se alguma coisa delle acaso cheguei a passar por ter, não terá sido senão por accidente. Tudo a que, neste genero do merecimento, aspirei algum dia, se limitava a saber falar e escrever com mediana grammatica a nossa lingua. Mas nisso mesmo começo agora a ter motivos para crêr que punha a mira longe em demasia.

Nada mais contestavel, pois, do que a minha valia em letras. Mas tambem da minha baixa cotação nessa escala não me entristeço, porque nenhuma cotação pretendi nunca. A valia moral, esta sim, é que eu busquei sempre, e por ella é que sempre me esforcei, advogando sempre causas justas, sustentando sempre idéas nobres, oppondo-me sempre ás instituições msá, aos governos maus, á má politica, collocando sempre os meus deveres acima dos meus interesses, e servindo sempre á minha patria, no interior e no estrangeiro, com exemplos que a não envergonham. Mas em fazer o que se deve nenhum merito pode haver, e, quando o houvesse, não tocava ás academias julgal-o ou premial-o.

Não fui consultado sobre o pensamento, que entre amigos meus surdiu ultimamente, de celebrarem o meu jubileu, do meu ingresso publico á vida intellectual. Se me ouvissem, não teriam exteriorisado essa idéa, com a qual não estou de accôrdo.

Taes commemorações não sabem senão aos nomes historicos, ás celebidades inconcussas, aos merecimentos supremos: e ainda nesses limites, mórmente em terra como a nossa, a boa regra mandaria aguardar a derradeira consagração, a que não vem senão depois que a morte serenou em torno as paixões contemporaneas. Ora não ha, entre nós, reputação mais discutida, mais contestada, mais atacada que a minha, não mingando entre os graduadores litterarios quem me arraste desde as vertiginosas alturas de genio e sabio até as baixuras infimas de alphabeto e burro. A verdade, certamente, não está no primeiro nem provavelmente coincidirá tambem com

o ultimo destes extremos. Mas assim divergem as opiniões.

A maior graça, pois, com que me poderiam obsequiar os meus amigos, e a que lhes imploro de todo o coração, por amor de tudo o que lhes seja mais caro, é que deixem em exercicios findos essa lisonjeira invenção da sua bondade, poudando-me ao alvoroço e rumor de homenagens com que o meu sentimento actual das coisas mal se accommodaria.

O maior jubileu que eu poderia ambicionar já está consummado só com isto de ao cabo de uma carreira quinquagenaria, ter ainda alguns amigos tão extremados no bem querer que concebessem e ousassem tal iniciativa. Nelles todos me abraço, e abraçando-os fio que me não contrariem em tão ardente desejo.

Já lhe devo muito, meu bom collega. Mas viria a dever-lhe o dobro, se perante elles quizesse ajudar-me advogando, neste assumpto, a causa dos melhores interesses do seu amigo — RUY BARBOSA."

ALCOOLISMO E LOUCURA

E' um dever inilludivel da classe medica chamar a attenção dos legisladores, sejam municipaes, estaduais ou federaes, para a questão do alcoolismo e pedir leis que abrandem a acção deletéria dessa praga social. Muito se tem já escripto e batido sobre esse thema. O que nos leva a falar ainda sobre o assumpto é o pernicioso des-caso com que os legisladores o têm encarado, talvez de medo da questão politica que dali possa surgir. A palavra da Sociedade de Medicina não é, portanto, uma simples suggestão; é antes um clamor.

De 7.500 individuos presos no Rio de Janeiro por delictos diversos e infracções policiaes, 6.000 são alcoolistas; de 4.500 tuberculosos, 2.500 entregavam-se ao vicio da bebedice; de 2.000 suicidas, 1.000 eram bebedores de alcool.

Uma lei que decretasse dois annos de isolamento no hospital para o alcoolista que lá fosse recolhido pela segunda vez, em consequencia de excessos alcoolicos, daria seguramente algum resultado. Os réincidentes, depois da segunda entrada, teriam não dois, mas sim tres an-

nos de isolamento. Está bem visto que o isolamento deverá ser attenuado, com trabalho adequado ao paciente, isolamento racional, emfim. Qual o empecilho á promulgação de semelhante lei? Nenhum. Della só resultariam beneficios.

Tenho visto a regeneração completa de alcoolistas depois da primeira entrada no isolamento. E' esse o motivo por que a lei só deverá attingir os pacientes da segunda entrada em diante.

Essa lei só poderá ser decretada pelos poderes federaes quando se fizer a reforma do Codigo Penal, reforma indispensavel, porquanto o Codigo actual commina pena para o individuo que se embriagar e, ao mesmo tempo, attenua a pena ao que commetter um delicto em estado de embriaguez.

O isolamento, assim forçado, teria effeito preventivo bem sensivel para uma certa classe de alcoolistas.

O total de alcoolistas recolhidos ao Hospicio, em 12 annos, subiu a 362. ou 12 o/o dos tres mil pacientes recolhidos nesse espaço de tempo. A estatistica, sem explicação, dá uma falsa idéa da perniciosa acção do alcool; ella está muito áquem da realidade. Esse numero (362) só se refere aos que soffreram a acção directa, immediata do alcool. Os que estão no Hospicio a pagar peccados dos paes são em muito maior numero. A acção indirecta do alcool é muito mais vasta do que a acção directa. A prova é simples: um alcoolista pode produzir dois, quatro ou mais loucos. A embriaguez é uma das fontes de degeneração hereditaria.

Conheci um chefe de familia que abusava do alcool, embora nunca chegasse propriamente até a loucura mantinha-se, porém, constantemente afinado em alto diapasão. Examinei e tratei mais tarde de quatro loucos descendentes delle. Conheci outro chefe de familia que não se embriagava, mas usava

sempre de vinho á mesa, como accessorio das refeições; vi depois entre seus filhos dois alcoolistas epileptoides e uma hysterica. Tenho sob minhas vistas, no Hospicio, um louco incuravel, filho de um homem que, ha 20 annos, foi por mim tratado de delirio alcoolico. Tenho muitos outros casos identicos a esses, mas seria fastidioso enumeral-os; são repetições do mesmo facto. Demais, o calculo não seria completo, pois a maioria do povo está convencida de que só é alcoolista aquelle que se embriaga. Se faz uso continuado de bebidas, como accessorio da alimentação, ainda que se torne "rubro" e alegre depois do jantar, o individuo não é considerado alcoolista. Essa intuição inteiramente erronea falseia o resultado das indagações sobre os antecedentes dos alienados, e assim a estatistica ficará sempre áquem da realidade.

Poucos medicos haverá que não tenham visto epilepticos nascidos de paes alcoolistas. O facto é tão commum que nos dispensa de trazer provas. Por outro lado, ha individuos que só têm ataques epilepticos quando usam de bebidas alcoolicas: na abstinencia, na vida hygienica, nenhum phenomeno revelam dessa nevrose.

Pelo pouco que acabei de referir pôde-se bem ver que 50 o/o dos alienados devem sua desgraça á acção directa ou indirecta do alcool. Só isso justifica plenamente a entrada do assumpto em discussão nesta sociedade. (Dr. Franco da Rocha — Conferencia na Sociedade de Medicina e Cirurgia, S. Paulo).

O ENSINO DA LINGUAGEM

Antes de aprender a ler, a escrever, a contar, na escola primaria, começa a criança a se educar, isto é, a aprender e adquirir habitos, maneiras, disciplina e isto tudo além da observação, com o exercicio oral em todas as classes, systematizadas na de linguagem.

Este exercício em que se obriga á elocução as crianças pelas respostas e talvez pequenas narrações do visto, ouvido, ou acontecido e testemunhado, permite a rectificação dos erros de prosadia e de syntaxe.

Ordinariamente, de ter ouvido mal a criança, se origina a sua má pronuncia, cuja corrigenda será então opportuna. Os erros de syntaxe, de concordancia, de formas verbaes, de impropriedade de termos, occorrem simultaneamente á correcção.

Faz-se implicitamente o estudo da grammatica, o unico que devera ser feito na aula primaria, talvez se não o unico que se não devera deixar de adquirir durante a vida, aquella que subsiste através della, integrado pela educação na personalidade.

Eu sei que risco gravissimo corro em assim me exprimir. Portuguezes e brasileiros, somos um povo de grammaticos. Nenhuma disciplina terá tantos compendios, nem mais alumnos, insontes e adultos desocupados. Ficamos com este prejuizo da tradição, que veio da latinidade da decadencia, — quando não havia mais Ciceros e chegara a vez dos Quintilianos —, que atravessou as edades e chegou ao seculo XVI, quando Erasmo o definiu humoristicamente: “não ha burro que se envergonhe de ignorar a grammatica”. Pois bem, mau grado da tradição classica, a pedagogia moderna não é parcial da grammatica, ao menos dessa grammatica formal, disciplina e compendio, aturado e decorado nas classes.

Num aphorismo condensou Herder essa discussão: “a grammatica deve ser aprendida pela lingua e não a lingua pela grammatica”. porque, explicou-o mais tarde Herbert Spencer, philosopho e pedagogo, “a grammatica feita após a lingua, deve ser ensinada depois da lingua”.

Por isso, a famosa “Commissão dos Dez”, que deu leis á pedagogia americana, declarando que “se póde falar e escrever bem sem especial instrução grammatical, estudo valioso para a educação do pensamento, mas

só indirectamente util á escripta e á expressão”, justificou a Alexandre Bain, quando baniu a grammatica da aula primaria, onde não tem proveito, emquanto Whitney, desta vez um philologo e um grammatico, lho situou o ensino no curso secundario, porque “é preciso primeiro saber reflectir para corrigir um erro, applicando as regras de grammatica, a não se exercitar nesse habito de reflexão”. E E. White, autor seguido de pedagogia e educador profissional, chega até o extremo de dizer que a noção das vantagens obtidas no estudo da grammatica só apparese na idade adulta... E’ a razão por que, desde o nosso Julio Ribeiro, a grammatica portugueza mudou de definição, e já não se presume mais de arte de ensinar a falar e escrever correctamente a lingua nacional. Com Whitney, e approvação de Ruy Barbosa, ella ficou apenas no que é — e não é pouco — uma exposição methodica dos factos da linguagem portugueza...

As crianças na aula primaria não precisam saber de nenhuma exposição methodica dos factos da linguagem portugueza; dispensam de bom grado, portanto, as grammaticas e os grammaticos. O que não dispensam, e lhes é absolutamente necessario para falarem e escreverem correctamente o portuguez, é a rectificação prosodica e syntaxica, constante, quotidiana, exercitada sem trégua, que acabará por se incorporar como educação, da expressão graphica ou articulada, grammatica educativa, em contraposição á outra, grammatica instructiva ou formal, que apenas generaliza nas regras os casos sabidos e põe nomes complicados e pedantes ás palavras e casos mais vulgares. Aliás a aula primaria continuará a ensinar a lingua materna, como no lar domestico ella é aprendida pelas crianças, a quem os membros corrigem as expressões viciosas e communicam maneiras certas de dizer todas as coisas da vida.

... A leitura será o grande meio de aprendizagem da lingua, além da

linguagem oral. A differença entre as duas está em que só se diz o que se quer, e como se pode; lê-se o que não se espera e em termos que, ás vezes, desconhecemos de geito que o rol de vocabulos e expressões é muitissimo mais abundante. Depois, na palavra falada, para evitar a emphase ha emprego de phrases curtas, repetições, certa frouxidão do discurso, que é a naturalidade mesma da conversação; na leitura aprende-se a lingua mais cuidada, tersa, elegante, onde as formas grammaticaes se exhibem nos suas variedades mais formosas, para os effeitos de estylo mais impressionantes.

Além de ler, ha saber ler. E' o mais difficil de ensinar, porque é o que ordinariamente, nem mesmo os mestres aprenderam. Muito pouco sabemos ler.

... A arte da dicção é a mais encantadora das artes: não ha pintura, esculptura, poesia, canto ou musica que se compare em agrado a uma bocca bonita, servida por bom parecer e lindo gesto, quando diga com bella voz e todas as inflexões do sentimento, uma tirada, discurso, ou poema, em que um grande artista infundiu o seu genio. Parecem condições excessivas? Ainda com restricções, dizer bem é uma grande vantagem: não ha prenda social mais apreciada. A professora que a possue tem metade do seu exito na carreira, os discipulos metade do seu esforço no encanto de ouvil-a. E não será isto somenos. A escola será agradavel como um palco e o alumno espectador, que representará por sua vez. Creio que estareis todos de accordo que as crianças têm para o mister muito mais facilidade do que a nós adultos se nos afigura. Ainda que esses exercicios não lhes dessem mais do que desembaraço, seria ainda assim prenda educativa apreciavel.

A leitura expressiva, unica leitura aliás que devia existir, é já hoje, embora imperfeita, o maior elemento de ensino da linguagem: nas nossas escolas é ainda, entretanto, ape-

nas um esboço daquillo que pode e deve dar como resultado.

Essa leitura realizada dará logar pela analyse ao proveito connexo, que é permittir o conhecimento do seu mecanismo intimo, como as crianças fazem com os brinquedos, — depois de se divertirem com elles, desarmam-nos, para verem como são feitos.

Essa analyse grammatical e logica devia ser simplificada, na technologia, tornado uniforme e modesto todo o verbalismo dos grammaticos, que constitue pena maior do que a conservação dos factos que elles querem ensinar.

Depois de falar e ler, é pela escripta que se conclue a aprendizagem da lingua. Não ha aprendizagem mecanica que deve ser simultanea com o ensino da leitura e a que introduz as crianças nesse labyrintho orthographico, que é, sem duvida, o segundo e grande martyrio da arte de aprender a escrever, mas o ensino tecnico da expressão escripta ou graphica.

Pelo dictado, principalmente, se apuram os ensinamentos calligraphicos e orthographicos; nada direi delle para não repisar vulgaridades. O interesse desta parte de nossa palestra está na composição. Belgas e suissos não lhe conferem importancia, preferindo os exercicios oraes multiplicados; americanos são muito dados a elles, mas restringem os themas a motivos fornecidos para as composições. Aqui têm elles alguma razão, porque nada mais absurdo do que exigir das crianças descrições e narrativas para as quaes não têm dados sufficientes. Lembra White, muito a proposito, o caso do lendario oleiro do Egypto, que desejava fazer tijolos sem barro. As crianças diante de taes exigencias declaram que não Bernardes, excusando-os: "não podem pintar cá fóra, as sabem o que dizer. Diria por elles, o Padre Manoel idéas que não têm lá dentro".

Deve, pois, o professor fornecer os elementos da composição. Estes

podem ser desde as gravuras de cores, muito em uso nas escodas americanas, ensinando primeiro a observá-las e depois a interpretação dellas, até objectos reaes, flores, fructos, insectos, aves, salas de classe, jardins publicos conhecidos, passeios feitos em commum, com o que se terá menos em vista uma composição literaria do que prova o exercicio de observação, proveito muito mais util, porque educativo. Estou mesmo que estes exercicios seriam antes averbados sob essa rubrica, do que considerados propriamente como ensino de linguagem.

Aliás se todas as classes podem ser implicitamente aulas de linguagem, dada a rectificação dos erros de elocução e o exercicio de dicção correcta, não é muito que os themas de composição ensinem mais do que isto, a observação, que é preciosissima prenda a educar. Nós temos todos por falta disso, enormes falhas na educação. Raros sabemos observar e boa observação é metade do exito na vida.

Uma criança a quem se dá por descrever uma laranja, por exemplo, já as comeu muitas, talvez sem nunca attentar em tudo o que a constitue, fôrma, côr, utriculos de essencia da casca, brancura fôfa do endocarpo, adherente em umas, solto em outras, gommos, semente, grumos de sumo, gosto acidulo e doce do succo... Além de tudo o que pôde occorrer de idéas associadas para completar a composição. Aprenderão a observar e narrar o observado. Nessa narração menos se procurará o concerto literario, do que a exactidão dos conceitos se não a fôrma geral da descripção: erros de syntaxe, repetições de termos, abuso de palavras escusadas, o que já é cuidar da linguagem.

Por isso mesmo as descripções com mero escôpo literario, sem objecto, logar ou acção observado, aculada até a imaginação para preencher o vazio do papel, constituem um erro e um deploravel attestado da insensatez do educador.

Não seria melhor não pretender tanto e ordenar exercicios de redacção, capazes de moverem composição facil, sobre themas ordinarios da vida — cartas, pedidos, pequenas scenas ou descripções de objectos muito conhecidos, procurada a expressão exacta e a fiel manifestação do pensamento?

Melhor vale suscitar a sensibilidade de cada qual, obrigando-o sinceramente a figurar na composição, com a sua original e inconfundivel manifestação pessoal: criança ou homem feito que se possa manifestar sinceramente no papel, nas suas idéas e sentimentos proprios, fará obra interessante e, talvez, obra prima. (Afranio Peixoto — Conferencia realisada na Bibliotheca Nacional).

ALCINDO GUANABARA

Falleceu no dia 19 do corrente mez, no Rio de Janeiro, um dos mais brilhantes jornalistas brasileiros, — o sr. Alcindo Guanabara. Ha cerca de cinco annos, porém, se afastára do jornalismo, para consagrar-se inteiramente á politica, sendo eleito senador pelo Districto Federal.

“Tendo começado muito moço a sua vida publica, diz o “Jornal do Commercio” do Rio, o sr. Alcindo Guanabara conviveu com as ultimas gerações romanticas e dellas recebeu o enthusiasmo desordenado, a febre do trabalho, mas a ignorancia da previdencia pessoal. Era um nababo de talento e de dinheiro. Escreveu para fazer quarenta ou cinquenta volumes; ganhou tres ou quatro fortunas. Morreu, deixando tres ou quatro livros e a familia pobre.”

O sr. Alcindo Guanabara principiou cedo a sua vida publica e, moço, adquiriu um aspecto solenne, devido ás suas barbas, aos seus oculos e á sua sobrecasaca. Os humoristas o comparavam a um cypreste. O sr. José do Patrocinio o chamou de *animal de sangue frio*. A sua frieza era, entretanto, apenas apparente. A sua imaginação era ardente, o seu coração vibratil e o

seu entusiasmo continuo, e communicativo. Toda a sua obra de jornalismo é feita de critica, de opinião, de ardor e de combate.

O sr. Alcindo Guanabara nasceu em Magé, Estado do Rio, a 19 de Julho de 1865.

Era filho de Manoel José da Silva Guanabara e de d. Julia de Almeida da Silva Guanabara, professores.

Estudou preparatorios no Collegio Paixão em Petropolis, prestando exames no antigo Pedro II. Menino e adolescente, começou a collaborar em jornaes de Petropolis, entre os quaes o *Avante*.

Frequentou a Escola de Medicina, na qual não passou do 1.º ou 2.º anno. Entrou depois para a *Cidade do Rio*. Era muito joven, tinha então 18 annos. Patrocínio deu-lhe o encargo de fazer a *mala* de S. Paulo. Um dia houve uma *parede* da redacção. Patrocínio, sempre atrapalhado no meio de suas generosidades, não pagava o pessoal, que resolvera então como pretexto deixar de dar o jornal nuns dias em que elle se retirara do Rio. Serpa Junior, gerente, estava afflicto. A' hora marcada o joven Alcindo subiu as escadas da redacção, quando Serpa o chamou.

— Não vá trabalhar, menino, hoje não ha jornal!

— Porque?

— Porque a redacção fez parede!

— Isso não tem importancia! respondeu o joven redactor da mala de S. Paulo.

Serpa Junior sorriu. Alcindo subiu a redacção e fez todo o jornal. Artigos de fundo, écos, secção humoristica, criticas, ataques!

No dia seguinte, foi grande a manifestação. Os collegas entusiasmados deram um banquete ao joven estreante que demonstrara valer tanto como todos elles juntos. Passou então a escrever chronicas politicas. Escrevia sobre finanças ao pontô de despertar a attenção do Imperador e do Conselheiro Belisario, começando tambem a propaganda abolicionista.

Retirando-se da *Gazeta da Tarde* foi dirigir as *Novidades* e o *Correio do Povo*. Foi dos mais sizudos e documentados abolicionistas. Não queria, porém, a abolição simples, sem outra preocupação do que a reforma liberal. Chamou sempre attenção para os problemas economicos que a abolição envolvia e pediu, um conjuncto de medidas que garantissem tanto os antigos proprietarios como os futuros libertos. Por isso, os abolicionistas, que não queriam saber das consequencias economicas da abolição, o chamaram então de escravocrata.

Era, entretanto, tão liberal e abolicionista quanto elles. Foi companheiro de Silva Jardim e contribuiu para a revolução republicana, da qual fez parte activa. Assim, proclamada a Republica, foi eleito deputado á Constituinte, na qual logo se impoz como uma das primeiras figuras. Oppoz-se com os elementos historicos á eleição do Marechal Deodoro á presidencia da Republica e apoiou a candidatura do sr. Prudente de Moraes. Agiu então muito como jornalista e parlamentar e entrou no movimento que derubou o dictador.

O Marechal Floriano, do qual foi dos mais dedicados partidarios, o nomeou Superintendente geral da immigração na Europa. Pouco antes tinha sido redactor do *Jornal do Commercio*.

Voltando ao Brasil, foi eleito deputado. Era no Governo do sr. Prudente de Moraes. O sr. Glicerio era o chefe do P. R. F., que fundou um grande diario, *A Republica*, do qual o sr. Alcindo Guanabara escreveu vehemente artigo contra o sr. Prudente de Moraes e recebeu grandes manifestações do partido chamado então de jacobino. Accusado de cumplicidade no attentado de 5 de Novembro, foi preso e esteve com outros congressistas varios mezes detido em Fernando de Noronha.

Voltando, fundou a *Tribuna*, desenvolvendo grande opposição ao Governo que terminava. Com os antigos elementos do P. R. F. foi na

Camara um dos *leaders* da *Concentração Republicana*, que depois apoiou a politica financeira dos srs. Campos Salles e Murtinho.

Como membro da Comissão de Finanças e redactor da *Tribuna*, foi dos principaes sustentaculos dessa politica, relatando as questões importantes do *funding-loan* e da redução de despesas e defendendo essas medidas no seu jornal.

Sahindo da *Tribuna*, entrou pouco depois para o *Paiz*, onde foi redactor-chefe, advogando as providencias que depois se converteram no Convenio de Taubaté.

Deixando o *Paiz*, fundou a *Imprensa*, onde suggeriu a candidatura do sr. Marechal Hermes da Fonseca e a sustentou. A *Imprensa* suspendeu a publicação ha uns seis annos e desde então o jornalista abandonou o trabalho quotidiano de jornal.

Nesse trabalho não houve ninguém que o excedesse. Não só era um *virtuose*, um tecnico que sabia como ninguém a arte de direcção, da paginação, do noticiario; era tambem um articulista incomparavel.

Os seus artigos de grande estylo eram maravilhas de fórma e de fundo, diz ainda o "Jornal do Commercio". Elegancia e vigor de expressão, erudição copiosa, economia, saneamento. Fazia aos poucos, ao discutir finanças, economia, saneamento, administração, alta politica, hygiene social, verdadeiras monographias onde os mais aridos assumptos se esgotavam em séries alternadas de artigos. Mas nos seus bons tempos do *Correio do Povo*, da *Republica*, da *Tribuna*, do *Paiz*, da *Imprensa*, não se contentava sómente com esses artigos de alta escola. Fazia quotidianamente secções humoristicas, critica literaria, écos, critica dramatica, critica social.

Era membro da Academia Brasileira onde occupava a cadeira que tinha por patrono Joaquim Caetano da Silva. Deixa poucos livros: "A presidencia Campos Salles", "Dis-

ursos fóra da Camara" e Conferencias.

UMA CARTA DE D. LUIZ DE BRAGANÇA

O sr. D. Luiz de Bragança, que presentemente combate no exercito inglez como tenente ajudante do general sir Douglas Haig, escreveu a um amigo de S. Paulo a seguinte carta em que manifesta idéas interessantes sobre a guerra:

"Ville Marie Thérèse — Cannes, 15 de Junho de 1918.

Presado amigo — Com muito atrazo respondo á sua affectuosa carta de 5 de Abril.

O que me diz da crise economica — e moral — que lavra na nossa Patria não é, de certo, reconfortante. Mas creio assim mesmo que a situação do Brasil neste momento não é peor do que a das maiores potencias do mundo. Por ora só pensamos nos horrores da guerra, mas os horrores da paz hão de fazer depressa esquecer os primeiros. O menos que se possa prever é a ruina completa das principaes bases da civilização moderna e um salto no desconhecido que, para a geração presente, supponho, nada terá de agradável. Creio, aliás, que nas convulsões que nos parecem inevitaveis o Novo Mundo soffrerá menos do que o Velho.

Que lhe dizer da situação militar?

A lucta vae-se tornando cada dia mais horrivel. Como motivos de esperanza temos d'um lado a superioridade crescente da aviação alliada e de outro o valor innegavel dos primeiros contingentes norte-americanos.

Essa gente está fazendo maravilhas e é bem possivel que um dia o Mundo lhes deva o triumpho da boa causa.

A minha saude continua a melhorar bastante. Mantenho os progressos feitos e espero outros, em Vernet-les-Bains, para onde seguimos no fim deste mez. Aceite os

meus parabens pelos mil votos desinteressados que apoiaram a sua candidatura, queira transmittir á sua exma. sra. as nossas mais affectuosas lembranças e creia-me sempre seu fiel amigo

Luiz de Orleans Bragança."

JORGE WASHINGTON

A proposito da data de 4 de Julho, em que se commemorou a figura de Jorge Washington, publicou-se a seguinte carta, muito interessante, escripta em 1902 pelo conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira ao fallecido dr. Cesario Alvim, e na qual se traça um perfil do grande estadista americano:

"Meu caro Alvim — Rio, 2 de Dezembro de 1902 — Em cumprimento do que te prometti, remetto-te uma pequena lata encerrando uns punhados de terra e uma pedrinha, tirados do antigo tumulto do general G. Washington, em Mont-Vernon.

Para mim são objectos sacratissimos, porque estiveram largos annos em contacto com os restos mortaes do heróe e absorveram em si alguma coisa desses restos.

A antiguidade teria sagrado o general um semi-deus. Romulo e Theseu, um porque fundou Roma, outro Athenas, foram enumerados entre os semi-deuses. Pois bem: vê a obra de Washington: fez a independencia de sua patria — é producto quasi exclusivo do seu genio e da sua tenacidade: as colonias, no correr da luta, como que desanimavam e acceitavam a situação politica mais tarde conferida ao Canadá; foi o principal collaborador e o inspirador da Constituição Federal de 1787, a mais bella concepção da razão practica, como a qualificou Lord Chat-tan no Parlamento inglez. Sapientissima para o povo para quem fôra formulada, mas absolutamente inapplicavel ás raças latinas — do que dão prova decisiva, deslumbrante, os ensaios das imitações servis ("ó imitatores, servum pecus!") e ridiculas dos povos latinos das duas Americas; ensinou, durante oito annos de governo, a sua Nação a entendel-a e praticar, e fundou a cidade que tem o seu nome, á margem do patrio rio, o Potomac, hoje uma das mais formosas cidades do mundo.

Que heróe antigo ou moderno fez tanto? Não é só isso. G. Washington é o verdadeiro fundador da liberdade politica nos tempos modernos. A Revolução Franceza bebeu as suas melhores e mais generosas inspirações na Revolução Americana.

Um dia, em S. Claude, procurando lisonjear o general Lafayette, Napoleão lhe dizia: "General, assististes ás grandes batalhas na America". "Sire, lhe respondeu o general, não eram grandes batalhas; eram pequenos recontros, mas de que dependia a liberdade do mundo".

Washington é, porventura, o representante mais completo, mais perfeito e mais energico da personalidade humana. Tinha uma energia indomavel e indefesa na realisação do seu pensamento — alguma coisa que lembrava a obstinação e tenacidade de Catão, o Velho, de Fabio, o "Cunctator". As suas faculdades intellectuaes, fortes, poderosas, solidas, admiravelmente equilibradas, davam-lhe este poder de genio que os antigos denominavam — "sabedoria" — isto é, a capacidade de achar para as maiores difficuldades da vida particular e para as mais intrincadas complicações do governo do Estado a solução a mais justa, a mais pratica e util. Ninguém possuía, como elle, este dom.

Era modesto, desta modestia simples, sincera dos homens verdadeiramente superiores, que têm no fundo da consciencia a intelligencia clara e profunda da fraqueza humana. Quando veiu, em 1788, tomar posse da presidencia, foi recebido á margem do Hudson, em frente de Nova York, em uma galeota dourada, armada de velas de purpura, tripolada por treze marinheiros representando os treze Estados que então formavam a União. Ao mover-se a galeota e em todo o decurso da travessia atroavam os ares os canhões da Armada nacional e dos navios de guerra estrangeiros ancorados no rio; subiram ás vergas os marinheiros das embarcações mercantes nacionaes e estrangeiras e levantaram estrandosas acclamações. Cinco dias depois o general, escrevendo a um amigo de Alexandria e alludindo áquellas manifestações, dizia: "No seio da galeota senti minha alma sosso-brar num sentimento de profunda humildade, porque me julguei incapaz de corresponder a tão grandes esperanças."

E as virtudes immaculadas, tanto de homem particular, como de homem publico, que illuminavam

de raios divinos o parecer da nobre figura do fundador da grande Nação? Poz sempre ao serviço do dever em todas conjunturas da vida a vontade de ferro, que foi um dos grandes poderes de sua alma.

E' difficil encontrar na Historia um homem de patriotismo mais energico, mais profundo e intelligente. Só teve uma paixão — o amor da patria. E que abnegação! Vencedor, triumphante, fundador da Nação, reunindo em sua pessoa a confiança unanime, absoluta, cega, de seus compatriotas, armado pelos acontecimentos, pela victoria e por suas virtudes de faculdades illimitadas, chefe de um Exercito heroico e que lhe era fidelissimo, elle penetra na sala das deliberações do Congresso de Annapolis, despe-se do poder formidavel de que estava revestido e o entrega a homens inermes, fortes apenas pelo character representativo de que se achavam investidos. E lhes disse: "Ao retirar-me deste recinto estarei restituído á minha condição de simples homem privado."

Que heroe antigo ou moderno deu prova tão eloquente e decisiva da pureza de suas intenções e de respeito á liberdade da patria? Com effeito, na grande personalidade de Washington, a historia nos offerece porventura o primeiro exemplo de um heroe feliz, vencedor, sem o mais leve resíduo de ambição pessoal.

Elle é o heroe dos heroes. Alexandre tinha mais graça e sedução. Annibal mais estrategia e tactica. Cesar mais elegancia e eloquencia. Frederico o Grande mais rapidez e acção. Napoleão mais brilho e flamma. Mas elle foi maior do que todos elles, porque tinha em gráu mais elevado do que elles, porque tinha em gráu mais elevado do que elles o respeito dos direitos do homem, um sentimento profundo de humanidade, um patriotismo mais puro, sincero e energico, e muito mais sabedoria no governo do Estado.

Durante a minha permanencia nos Estados Unidos, tive oportunidade para observar que o povo americano vota ao grande homem um culto intenso, ardente uma verdadeira adoração. A memoria do general plana pelas cidades, pelos campos, pelas fabricas e officinas como uma bençã celeste. E' ella, na realidade, o vinculo que reúne aquellas numerosas e variegadas populações em uma unidade, em um só e grande povo — mais talvez que as suas instituições politicas.

Fiz tambem a minha peregrinação a Mont-Vernon, a essa Meka dos americanos. Mont-Vernon é a fazenda em que viveu e morreu o general. Está situada á margem direita do Potomac, numa pequena eminencia. O edificio tem alguma cousa de grandioso, mas, pela architectura e dependencias, lembra algumas das nossas grandes fazendas. Mantem-se integra com as suas terras, como a possuia o grande cidadão. Pertence aos Estados e é administrada por uma comissão de senhoras da alta sociedade da Capital Federal, de que dista quinze milhas. Conservam-na com a mobilia, alfaias e objectos de uso domestico do tempo do heroe. Lá vi a cama e o colchão, em que morreu, a mala com que fez a campanha da Independencia, grande, de couro crú, muito usada, com a data de 1775 na tampa; a casaca e os calções com que tomou posse do governo em 1788; ainda muitos volumes na livraria com a assignatura "George Washington", numa letra forte e corrida. Numa das paredes está presa, horizontalmente, a espingarda de caça do general; é uma arma de pedra, de meia coronha; ao lado pende um polvorinho de chifre, já muito poido, como os de que usam os nossos patricios.

Num pequeno campo que fórma os fundos para o lado do rio e numa explanada para onde dá a frente, ha um grande numero de arvores grossas e frondosas, carvalhos, acacias, magnolias, quasi todas plantadas pela mão do heroe.

Washington era um dos maiores fazendeiros da Virginia; possuia cerca de 400 escravos, os quaes tratava com a maior humanidade. Cultivava principalmente trigo e fumo. Mostraram-me uma barrica vasia, de conduzir farinha: tinha impressas a fogo estas letras — G. W.

Administrava e dirigia a fazenda com zelo, ordem e rigor, que eram proprios do seu character. Respeitava religiosamente os limites dos vizinhos mas não consentia que lhe usurpassem um palmo de terra.

Nessa bella e magnifica mansão viveu Washington os seus ultimos dias, cercado do respeito, estima e admiração de nacionaes e estrangeiros. Ahi lhe fez uma visita, em 1798, Luiz Felipe, que depois foi rei de França; retirou-se tocado de respeito pela simplicidade e grandeza moral do homem.

Estava na condição privada, mas na realidade era o mais alto re-

presentante do poder e da vontade de sua patria. Foi elle, na sua condição privada, que promoveu a formação e a reunião do Congresso de Philadelphia, que elaborou e decretou a Constituição Federal, ainda vigente; e fel-o por cartas particulares aos governadores dos Estados. Póde se dizer que foi elle quem convocou aquella celebre assembléa.

Depois de ter consummado com o mais feliz exito tantas e tão prodigiosas obras, repousou, á sombra de suas arvores, tranquillo, com a serenidade de quem cumpriu nobremente o seu dever. Não é esta a imagem da maior felicidade do patriota?

Quinet disse delle que foi o mais feliz e o mais honrado dos heroes. E com estas palavras encerro estas descosidas linhas. Tudo ahi ficado e não é sinão a repetição de coisas já sabidas; mas em uma conversa, ainda escripta como esta, é agradável revolver a memoria das coisas passadas, principalmente para nós que vivemos em um tempo em que os grandes ideaes da humanidade são tomados ou como sonhos de louco, "aegri somnia", ou como refinamentos de consummada hypocrisia.

Devo finalmente dizer-te que amo entreter-te de Washington, hoje, 2 de Dezembro, anniversario do nosso compatriota, que, pela sua admiravel estrutura moral, por seu patriotismo feroz e pela sabedoria e justiça com que exerceu as funções de chefe do Estado constitucional, a historia ha de collocar entre os soberanos mais illustres e benemeritos do seculo em que floresceu. Do amigo velho e collega obrigado — Lafayette.

REVISTAS E JORNAES

A AVENIDA

Atravessamos uma phase de megalomania, de luxo, de ostentação, que não corresponde á pobreza do nosso meio social e á gravidade da hora presente. O cortejo diario da Avenida, a frequencia cada vez maior dos cinematographos e sorveterias elegantes, a corrupção crescente dos costumes, são symptomas sérios de um estado d'alma colectivo, quasi alarmante.

Em todas as grandes cidades ha vadios, basbaques e intrigas de ruas. E' duvidoso, todavia, que em qualquer dellas, mesmo na Lisboa, que

a mordacidade de Eça, Ramalho e Fialho eternizaram, elles proliferem com abundancia igual á do Rio. Dir-se-ia que todos esses homens e senhoras, que enchem a cidade, nadam em ouro e que, na ociosidade, acaso, ganha pelo longo trabalho ou pelas riquezas herdadas, vêm descontar displicentemente as horas seculares dos ricos sem espirito, que o tédio corrompe e mata. A intriga, a maledicencia, a ironia grossa, que é, em regra, a arma dos impotentes e dos vencidos, tornam-se desportos obrigatorios. Mas, entre nós, as coisas tomam um aspecto ainda mais triste. Percorrei aos sabbados, por exemplo, as calçadas da Avenida. Encontrareis nos mesmos logares, nos mesmos grupos, as mesmas figuras de todo o anno, mas vereis, tambem, entre os velhos e impenitentes habituados das esquinas e das confeitarias, physionomias novas, neophitos, que se lançam e se insinuam na singular sociedade. Notareis ainda que esses homens que maldizem das mulheres, que conhecem a vida intima de todo o mundo, não são simples *moços bonitos*, que vivam de expediente, ao Deus dará, como ha, ou póde haver em todas as cidades. São muitas vezes, cidadãos classificados, de profissões e responsabilidades definidas. Dirigentes, politicos, intellectuaes, advogados, medicos, homens de commercio e de negocios, todos elles se nivelam e se confundem na mesma vadiagem, no mesmo prazer malsão do vituperio e da perfidia. Deparaeis aqui com um juiz, que abandonou os autos e a defesa dos interesses individuaes e sociaes confiados ao seu estudo sereno, para vir exhibir os seus fraques do Almeida Rabello, na convicção ingenua da propria elegancia; alli, com um diplomata, que deixou a sua legação e veio para a montra da Avenida expôr a respeitabilidade das suas funções ás camaradagens faceis e ás insinuações mesquinhas; além, com um politico, um deputado, que negou numero na Camara, sem consciencia das responsabilida-

des de que o mandato popular o investiu; mais além, com um funcionario publico, que fugiu da sua repartição e dos seus deveres, e, ainda, com um jornalista, alguém que deseja ser director ou guia da opinião.

Esses homens constituem a elite do paiz. São de algum modo, consciente ou inconscientemente, os arbitros da nossa sociedade. O seu exemplo tem uma repercussão muito mais longa do que queremos julgar. Uma sociedade em que os seus homens representativos não sabem guardar o devido decoro, difficilmente se organizará dentro da ordem. Ha uma sublevação geral de todas as hierarchias; rompem-se as barreiras, encurtam-se as distancias, esquecem-se as conveniencias, perturbando-se assim o jogo harmonico da sua entrosagem. Não ha ninguém, ainda o mais aspero moralista, que pretenda maldizer e condemnar a vida mundana. Seria um Catão ridiculo e anachronico. Ao lado dos deveres e dos sacrificios que a vida cria e exige de todos nós, desabrocha ella tambem em flôres, cujo perfume o homem ou a mulher de espirito procura aspirar com intelligencia e intimo encanto. Para o proprio rythmo e utilidade da vida, as horas de descanso e recreio devem succeder ás horas de trabalho e fadiga. A vida mundana, que se leva nas grandes cidades, adoça e requinta os costumes, tempera os sentimentos, entretem habitos de elegancia e de disciplina intima, aguça o espirito, abre a intelligencia, empresta á existencia humana uma graça nova e tentadora.

Esta vida, entretanto, não se póde fazer nas ruas. O salão é a sua moldura natural e unica. Não póde ser tambem esta confusão democratica que se estabelece nos logradouros publicos, onde os valores pessoaes se aplanam e as distincções nascidas do character, do talento, de posição, de nascimento ou do proprio dinheiro, desaparecem. A pobreza geral da nossa sociedade e a ancia cada vez mais intensa de exhibição concorrem em partes eguaes

para o desenvolvimento da vida de rua. A Avenida tornou-se um grande salão, ou, antes, uma vitrina, em que cada qual vem exhibir as roupas novas, tantas vezes vendidas a credito pelos alfaiates e modistas complacentes... O decôro pessoal tem forçosamente que descer neste contacto diario com todo o mundo; o gosto que se depravar, em holocausto aos elogios e lisonjas faceis; a lingua que se bastardar, pelo uso diario da gíria e do calão; a sensibilidade que se embotar, pelo commercio com toda a especie de gente. Creio que a todos nós falta a consciencia nitida deste mal que, dia a dia, se alastra, ameaçando as tradições de virtudes domesticas da nossa sociedade. Da mesma maneira que os homens não se sentem deprimidos quando se egualam aos vadios e maldizentes costumeiros das grandes cidades, as senhoras não desconfiam que a sua passagem diaria pela Avenida e a sua exhibição incansada nas casas de chá e cinematographos as diminuam no conceito do outro sexo.

Não ha nenhum exagero nessas observações de quem não guarda a menor pretensão a professor de moral, e gosta, tambem, de fazer, de vez em quando, a sua hora instructiva de Avenida... Basta percorrer a grande via urbana um sabba-do á tarde, para sentir-lhes a verdade. A guerra nos bate ás portas. a fome nos ameaça, as difficuldades da vida augmentam para todo o mundo. Entretanto, a visão da cidade é quasi um delirio. Na inconsciencia do dia de amanha, esquecidos de todos os deveres, procuramos anciosamente os prazeres faceis. Qualquer um de nós, depois de duas horas de Avenida, começa de duvidar se o Rio é, realmente, a capital de um paiz envolvido numa guerra formidavel, que ainda ameaça dias tremendos, porque lhe parocerá, antes, uma cidade de aventureiros, onde ninguém quer lançar amarras. Mais tarde, no silencio e no isolamento do seu gabinete, longe da agitação e das tentações da rua,

perguntará a si mesmo se não será possível uma reacção, e se esta não deveria partir, justamente, desses homens e dessas senhoras, que têm nomes a zelar, responsabilidades próprias, deveres para com as gerações vindouras, que precisam de fazer uma patria grande, livre e forte... (José Maria Bello — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

O MAIS SERIO PROBLEMA DA GUERRA

A questão mais séria da guerra actual, porque terá de pesar gravemente sobre todos os belligerantes, e reflectir immediatamente sobre os paizes neutros, é a questão financeira.

Qualquer que seja o resultado da luta, este aspecto apparece carregado de côres sombrias. O grupo de nações vencidas, isto é, o dos imperios centraes — pois não podemos ter duvida sobre esse desenlace — ficará literalmente esmagado sob o peso de responsabilidades e compromissos superiores ás suas forças economicas actuaes, e talvez mesmo superiores á sua capacidade de recuperação. A reedição, em grosso, da tragedia paraguaya, não está fóra do dominio das possibilidades.

O grupo vencedor, isto é, os aliados ("facile credimus quod volumus") por mais estricto que procure ser na imposição ao inimigo das restaurações e reparações, justo castigo de seus crimes, não ficará por isso menos gravado com um "onus" temeroso, que constitue a preocupação dominante de seus estadistas; preocupação que mal conseguem disfarçar, apesar do natural empenho em subtrahir-a á attenção publica.

A divida publica das nações belligerantes vae crescendo em proporções assustadoras. Comparados com os seus compromissos antes da guerra, a sua divida de guerra, no

fim de 1917 era a seguinte, em moeda brasileira:

	Divida anterior á guerra	Divida de guerra até fins de 1917
Gran Bretanha	13.800.000:000\$000	96.000.000:000\$000
França	25.440.000:000\$000	60.920.000:000\$000
Russia	20.400.000:000\$000	80.640.000:000\$000
Italia	11.200.000:000\$000	24.000.000:000\$000
Allemanha	4.640.000:000\$000	97.120.000:000\$000
Austria	10.560.000:000\$000	40.730.000:000\$000
Hungria	5.360.000:000\$000	15.120.000:000\$000

Destes algarismos se vê que a divida dos principaes paizes belligerantes antes da guerra sommava 92 milhões de contos, e que até o fim do anno passado essa divida tinha soffrido um accrescimo de 416 milhões de contos! Adicionem-se a estes algarismos as despesas deste anno e os formidaveis gastos dos Estados Unidos, e se terá a medida da extensão das consequencias do crime allemão sobre o presente e o futuro das nações.

A riqueza dos principaes paizes belligerantes e sua renda eram assim estimadas em 1914:

1914	Riqueza nacional	Renda
Gran Bretanha	320.000.000:000\$000	42.000.000:000\$000
França	280.000.000:000\$000	24.000.000:000\$000
Russia	200.000.000:000\$000	24.000.000:000\$000
Italia	100.000.000:000\$000	16.000.000:000\$000
Allemanha	348.000.000:000\$000	42.000.000:000\$000
Austria-Hungria	160.000.000:000\$000	22.000.000:000\$000

A carga de impostos necessarios para custear os serviços da divida de guerra já excede, pois, para alguns belligerantes, a sua capacidade tributaria anterior á conflagração. E' necessario ainda considerar que essa capacidade está sensivelmente diminuida pela destruição de riqueza que a guerra tem trazido a todas as nações nella envolvidas, principalmente á França, Russia e Italia, e pela morte ou invalidez de milhões de homens dentre os mais fortes e jovens de cada paiz.

Se a guerra continuar por mais um ou dois annos, o problema financeiro se apresentará provavelmente insolúvel. O processo do empréstimo, que ainda está fornecendo aos Estados Unidos grandes sommas, é um recurso contingente, tem seus limites, que parecem attingidos em alguns paizes belligerantes, onde a sua productividade é cada vez menor. A inflação de bilhetes de banco ou do thesouro já está ul-

trapassando na Europa as raias da prudencia. E tudo indica que essas emissões se alargarão, impostas por um necessidade inelutavel, aggravando consideravelmente a situação depois da guerra.

Deante destas condições universaes, chegou-nos a vez de considerar quasi lisonjeiras as nossas finanças, e de encarar com mais desassombro a nossa futura situação economica.

A vida, individual ou nacional, não é mais do que um jogo de relatividades. Desde que se corrija no paiz o desnivelamento de valores, que traz perturbada a vida nacional, poderemos alimentar a esperanza de ver o Brasil entre os primeiros logares na lista das nações financeira e economicamente prosperas, e então terá chegado a nossa época. (*O Imparcial*, Rio de Janeiro).

COLLECCIONADORES

Quem disse que o colleccionar é viver, não formulou o programma de vida do genero humano, mas falou por milhares de creaturas para as quaes viver é colleccionar.

Os que desconhecem a delicia e só envergam o ridiculo dessa paixão absorvente, chamam-lhe mania. Seja qual fôr o nome que lhe dêem, ella offerece a quantos obedecem á sua tyrannia de supremo interesse da existencia, tudo o que a existencia offerece de bom e de máu: triumphos ineffaveis e decepções mortaes, sortes grandes inverosimeis e caiporismos inacreditaveis, todas as anciedades da esperanza e os encantos e desencantos da realidade, raivas, invejas, desesperos e colheiradas de mel. Enganam-se os que veem no colleccionador um animal de sangue frio, immovel á margem da vida fugitiva e palpitante, pachorrentamente guardando em armarios, cofres, estantes e pastas: rollhas de garrafa ou figurinhas de Tanagra, cordas de enforcado ou esmaltes, leques ou botões, cachimbos, medalhas, pentes, livros, estampas.

Esse homem, que parece desti-

tudo de tudo quanto é humano, revela, na sua especialização de colleccionador, os mesmos vícios e virtudes que encontramos no mundo, e que produzem o heroísmo dos santos, a grandeza dos heróis, as descobertas dos sabios, a ferocidade dos sicarios e a safadez dos canallas. Moedas velhas, fóra da circulação, custaram a seus possuidores sacrificios que seriam demasiados para a conquista da bemaventurança. Por um pedaço de pergaminho, com garatujas illegiveis, um homem é capaz de perder fortuna e amigos, viajar como um raio ou chorar como um bobo e dar até em ladrão.

“Não ha mulher que valha um papyro alexandrino”, disse o excellent Sylvestre Bonnard, com a sua autoridade de membro do Instituto.

Outros sabios pensam de modo diverso, e assim causam perplexidade afflictiva a quem deseja basear as suas opiniões no estudo dos bons autores. Não é para esse roda-pé discutir assumpto de tamanha gravidade. O que póde dizer com segurança é que aquelle erudito encontra quem o apoie. Não perguntem se Anatole France pensa como a personagem que inventou. Sabem todos que a sua curiosidade ama os papyros, mas não se detêm nessas antiguidades.

Os que limitam o seu amor aos rôlos veneraveis que o passado nos ligou — julgariam mais sensata uma guerra de Troia que tivesse por causa um manuscripto eterno em vez de uma ephemera formosura feminina. Não é que desconheçam o ciúme e o sabor da vingança. Elles que se batem, em leilão, pela posse de um livro, com lances heroicos que valem punhaladas, comprehendem que alguém morra ou mate pelo objecto amado, comtanto que seja a bengala de Voltaire ou um sapato de Napoleão. Mas Helena...

Helena ou qualquer outra poderá roubar horas e povoar os sonhos de um colleccionador que se respeita de possuir qualquer preciosidade digna de uma vitrine ou de um palmo de parede.

Para alcançar o quadro, para conquistar o *bibelot* — um homem austero — deixa vergonhas para o lado, e não hesita em perder a sua respeitabilidade. Sujeitou-se a isso um sabio de incontestavel sisudez a quem a paixão dos quadros levava á loucura. Ora esse veneravel ancião, conselheiro acatado e professor de uma escola superior, viu certo dia, ao passar pela rua, na sala de uma casa em que os seus discipulos poderiam entrar com timidez e precauções um quadro que logo o enfeitiçou como não poderia enfeitiçá-lo a dona do objecto. O amator resolveu fazer uma imprudencia que o Conselheiro não approvou. Mas o Conselheiro perdeu a partida e lá foi arrastado, suspirando, tremendo e protestando, para onde o outro o levava.

Não conheça dessa historia senão o principio e o fim, a fascinação produzida pelo quadro e a sua collocação na galeria do velho medico. E se mais soubesse nada diria. Direi sómente que não foi esse o unico peccado commettido pelo Conselheiro, por imposição do colleccionador.

Amigo intimo de outro colleccionador ficou perdido de amores por uma téla que, além de ser bella, lhe falava da terra distante. Propoz ao amigo compral-a e não viu o seu desejo attendido. Desanimado de obter licitamente o que a sua paixão ambicionava, resolveu satisfazel-a por outro modo.

Seduziu um criado do dono do quadro. Prometteu pagar-lhe o furto, liberalmente, e dar-lhe passagem para fugir á acção da lei. Dias depois, o quadro estava em seu poder. Não foi para a galeria. Viveu largos annos fechado num quarto. Ia namoral-o alli, com mil cuidados, o seu detentor. Mais tarde, em papel de testamento, o amator confessava o seu crime e procurava sanear o mal que fizera, restituindo o que tirara. Não conheci pessoalmente o heroe respeitavel dessas aventuras. Mas não ignoro a sua historia. Li algumas de suas paginas. Vi o seu retrato e ainda tenho na memoria

a sua figura grave, que mais prestigiosa se mostrava no negrume de uma beca de lente, avivada por fitões e commendas. Vendo-o na solennidade dessa pintura, ninguém diria que o retratado seria capaz de um deslize, e por que? Por causa de alguns palmos de panno pintado. E, no entanto, o que elle não poderia absolutamente fazer, por motivos que parecem da maior importancia, — fez para contentamento de sua mania indomavel de possuir pedaços de téla cobertos de côres: frequentar logares onde a virtude não entra trahir um amigo, ser mandante de um furto.

Está ahi o bastante para uma tragedia pungente. Shakespeare não pediria mais para o arranjo de uma obra prima. E outras tragedias, com humilhações, fomes, viagens e homicídios, seria facil extrahir de outras vidas. Collecçãoar é, pois, viver, e tão intensamente como podem viver os que não colleccionam: com sobresaltos, remorsos, ciumes, riscos, despezas, padecimentos misturados com algumas alegrias. A guerra, que destrue bibliothecas e museus, não matou com os seus projectis a paixão dos colleccionadores. Indifferente ás balas, movida pela sua eterna curiosidade a que se juntarão o patriotismo e o humanitarismo, está percorrendo agora os campos de batalha, recolhendo ao sacco reliquias para o futuro, que serão estudadas e catalogadas e irão dormir em armarios tranquillos depois de terem voado, zunido, amedrontado e matado por montes e valles.

Juntem-se ás armas os despojos de mortos e feridos, proclamações, cartões postaes, retratos, cançonetas, etc., e imaginem que riquezas o presente angustioso não está preparando para estudo num porvir mais sosegado.

Neste porvir, que antevemos na faina de folhear catalogos, discutir authenticidades, desconfiar de fraudes, — haverá, como houve hontem, ranger de dentes e jubilos indiseveis. (Constancio Alves — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

NOTAS

Pretendiamos, como noticiámos, consagrar o presente numero, exclusivamente, ao problema do saneamento e hygiene do Brasil. Como, porém, alguns trabalhos nos chegaram com certo atrazo, resolvemos publical-os separadamente, em cada numero da Revista.

Neste fasciculo collaboram os drs. Afranio Peixoto e Carlos Chagas. Nos proximos, publicaremos os trabalhos dos drs. Arthur Neiva, Belisario Penna, Victor da Silva Freire, Miguel Calmon e ainda outro do dr. Afranio Peixoto.

*

Abriu-se no dia 12 do corrente, na Escola Nacional de Bellas Artes, no Rio de Janeiro, o "Salão" deste anno.

Como já fez com os anteriores Salões, a *Revista do Brasil* publicará em breve uma chronica artistica analysando as obras expostas, muitas das quaes serão reproduzidas em nossas paginas.

*

Deverá ser recebido em Outubro proximo, na Academia Brasileira, o sr. dr. Aloysio de Castro, que será saudado pelo sr. dr. Pedro Lessa.

Com a morte de Alcindo Guanabara, ha mais uma vaga na Academia. O saudoso jornalista foi um dos 40 fundadores da Academia, em 1897, dos quaes restam sómente 17, que são, por ordem de idade: Carlos de Laet, Ruy Barbosa, Silva Ramos, Inglez de Souza, Filinto de Almeida, Alberto de Oliveira, Clovis Bevilacqua, Affonso Celso, Luiz Murat, Domicio da Gama, Coelho Netto, Olavo Bilac, Rodrigo Octavio, Medeiros e Albuquerque, Oliveira Lima, Graça Aranha e Magalhães de Azeredo.

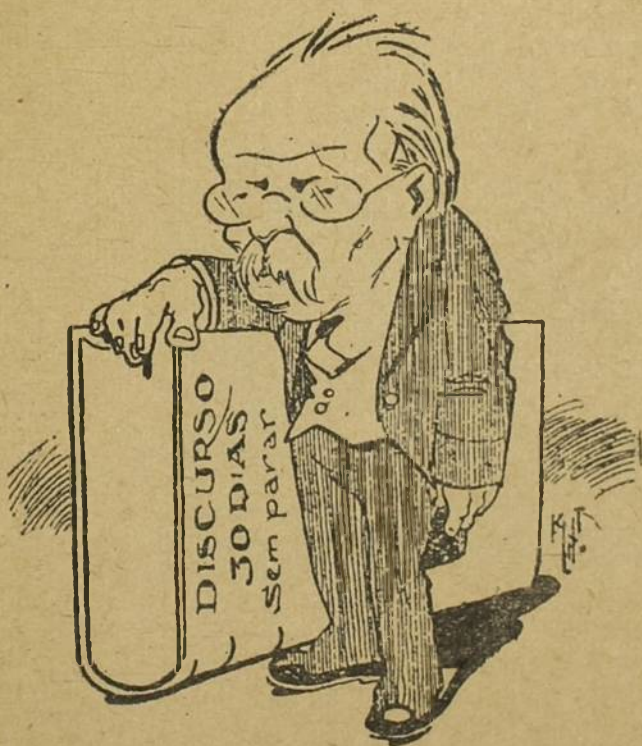
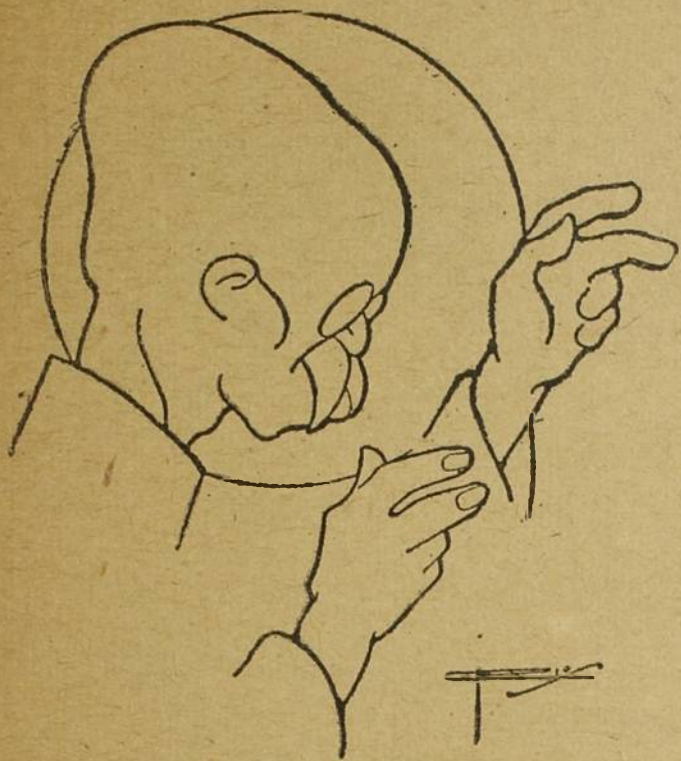
Não tendo sido ainda substituidos o barão Homem de Mello e Emilio de Menezes, que morreram neste anno, ficam abertas presentemente tres vagas. Damos a seguir a relação dos demais academicos, com a designação do anno em que foram eleitos:

João Ribeiro, 1898; Augusto de Lima, 1903; Mario de Alencar, 1905; Vicente de Carvalho, 1909; Afranio Peixoto, Paulo Barreto, Pedro Lessa e Dantas Barreto, 1910; Felix Pacheco e Lauro Muller, 1912; Alcides Maya, 1913; Antonio Austregesilo, 1914; Goulart de Andrade e Osorio Duque-Estrada, 1915; Miguel Couto e Ataulpho de Paiva, 1916; Luiz Guimarães Filho, Alfredo Pujol e Aloysio de Castro, 1917; Helio Lobo, 1918.

Alcindo, que morre com 53 annos, era agora o 19.º academico, por ordem de idade. O decano é Carlos de Laet, que está com 70 annos, e o mais moço Helio Lobo, que tem 34 annos.

A Academia tem tido até hoje 73 membros, dos quaes 36 morreram e 37 estão vivos.

AS CARICATURAS DO MEZ

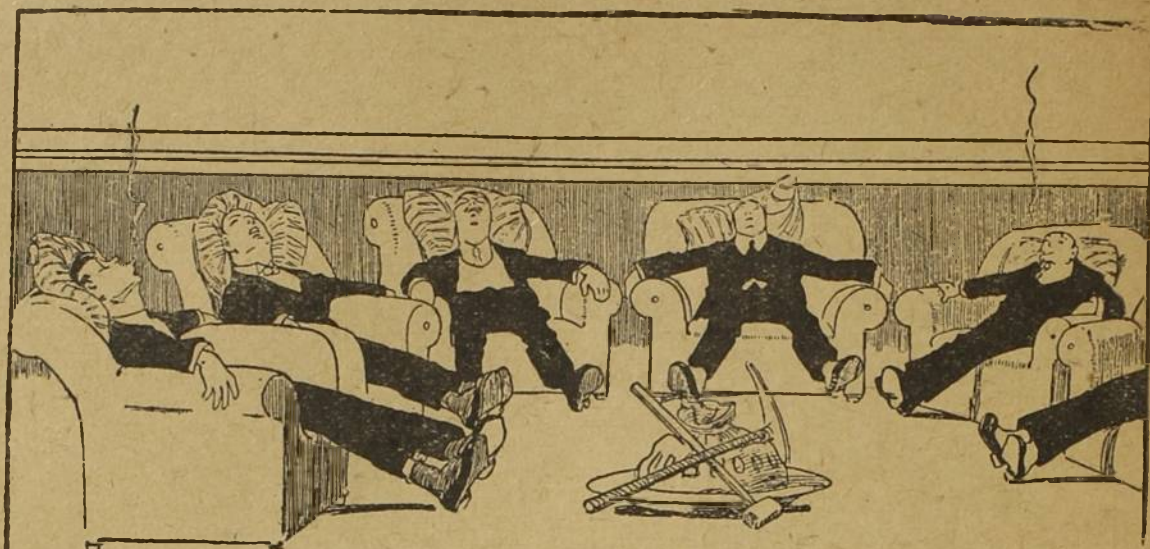


RUY BARBOSA

atravéz de alguns caricaturistas nacionaes: Luiz, J. Carlos, Madeira, Kalisto.

(D. Quixote, Rio)

A CAMARA... ARDENTE



Discute-se acaloradamente o Código... do Trabalho.

(Kalixto — D. Quixote, Rio)



O Sammy acrescentou uma letra na frase celebre.

(J. Carlos — Careta, Rio)



— Sou burocrata do Commissariado da Alimentação. Accenda o cigarro no meu charuto e não continue a dizer que o fogo está pela hora da morte, e que o meu cargo é inutil.

(J. Carlos — Careta, Rio)

INDICE GERAL DO VOLUME VIII

N. 29 — 25 de Maio de 1918

As novas possibilidades das zonas calidas, por Monteiro Lobato	3
O café durante e depois da guerra, por V. da Silva Freire	9
Euclydes da Cunha naturalista, por E. Roquette-Pinto	20
Diziam que..., (sonetos), por Olavo Bilac., da Academia Brasileira.	39
A literatura da escravidão, por Amadeu Amaral . . .	43
Camillo e Guerra Junqueiro, por Adalgiso Pereira. .	61
Do Archivo de José de Alencar (cartas ineditas). . .	65
Notas de Sciencia, por E. Roquette-Pinto	70
Resenha do mez	76

N. 30 — 25 de Junho de 1918

Os adversarios do café, por V. da Silva Freire. . . .	105
Terra de Santa Cruz, por Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira	116
Poesias, por Goffredo Telles.	131
A philosophia de W. James, por José Maria Bello. .	134
Um algum de Elisa Lynch, por A. E. Taunay. . . .	143
Meu parente (conto), por Godofredo Rangel. . . .	152
Clarinha das rendas (novella), por Mario Sette . .	160
Notas de Sciencia, por E. Roquette-Pinto	168
Do Archivo de José de Alencar, (cartas ineditas). .	172
Bibliographia	176
Resenha do mez	185

N. 31 — 25 de Julho de 1918

As pequenas communidades mineiras, por F. J. Oliveira Vianna	219
--	-----

Magia sympathica , por Alberto Faria.	234
Alguns autographos , por Antonio Salles.	242
Vocabulario analogico , por Firmino Costa	250
Guerra e alimentação nacional , por V. da Silva Freire.	259
Clarinha das rendas (novella), por Mario Sette	286
Os inimigos da caça , por F. Badaró.	296
Almas itinerantes , por V. Mello Franco.	302
O destacamento (conto), por Godofredo Rangel	307
Notas de Sciencia , por E. Roquette-Pinto	317
Bibliographia	324
Revista das revistas	331
Resenha do mez	335

N. 32 — 25 de Agosto de 1918

A antiga e a nova medicina: a hygiene , por Afranio Peixoto, da Faculdade de Medicina do Rio.	353
A doença do "barbeiro" , pelo dr. Carlos Chagas, director do Inst. "Oswaldo Cruz".	362
Poesias , por Mario de Alencar, da Academia Brasileira	387
Luizinha , por Vicente de Carvalho, da Academia Brasileira	392
Viajando , por Martim Francisco	406
O bebedouro , de Rodolpho Theophilo	426
Poema de Cava , por Alberto Faria	432
Alguns autographos , por Antonio Salles	439
D. Pedro II e a construcção de um instituto de physiologia no Brasil , por Miguel Osorio de Almeida	452
Notas de Sciencia , por E. Roquette-Pinto	463
Bibliographia	466
Revista das revistas	473
Resenha do mez	479

INDICE ANALYTICO

A

Academia Brasileira: discursos de Ataulpho de Paiva e Medeiros e Albuquerque, 197.
Affonso Arinos: por José Maria Bello, 91.
Alencar: cartas do seu archivo, 65, 172.
Alcoolismo: e loucura, pelo dr. Franco da Rocha, 494.

Alcindo Guanabara: biographia, 498.

Almas itinerantes: por V. de Mello Franco, 302.

Analogico: Vocabulario, por Firmino Costa, 250.

Autographos: commentados por Antonio Salles, 242, 439.

B

Barbeiro: a doença do, pelo dr.

Carlos Chagas, (com illustrações), 362.

Bebedouro, conto de Rodolpho Theophilo, 426.

Bello Horizonte: por. J. A. Nogueira, 97.

Brasil: e a guerra, discurso de Pedro Lessa, 78; o seu saneamento, discursos de Afranio Peixoto e Miguel Pereira, 78; a geographia no, por V. Vianna, 81; Os seus feriados, por João do Norte, 209; hulha branca e negra no, 202; os seus primeiros chronistas, por Medeiros e Albuquerque, 116; A sua navegação a vapor, quando se iniciou, por J. Carlos de Carvalho, 344; a cultura dos seus poetas, por Antonio Torres, 343.

Bibliographia: *O Brasil*, da Rev. Commercio e Industria, 77; *Vultos do meu caminho*, por J. Pinto da Silva; *Gente Alegre*, por E. Kemp; *A cinza das horas*, por Manuel Bandeira; *Mundos*, por Augusto Amado; *Sons*, de Rocha Ferreira; *Pan*, por Augusto Andrade; *Oasis*, por Lindolpho Xavier; *Pela educação nacional*, por José Augusto; *No silencio*, por Borges Netto; *Visões, scenas e perfis*, por Adelino Magalhães; *Patria redi-viva*, por Heitor de Moraes; *Valor*, por C. Wagner, trad. de Othoniel Motta; *Pratica das acções civeis*, por Almachio Diniz; *Garrett e Castilho*, por Latino Coelho, 176; *Proposiciones relativas al porvenir de la filosofia*, por José Ingenieros; *Alma contemporanea*, por Sud Mennucci; *Campo de ruinas*, por Augusto de Castro; *Leivas da minha terra*, por Esequiel de Campos; *Tratado da propriedade litteraria e artistica*, pelo Visconde de Carnaxide; *Vida americana*, por Alberto Amado; *Os ultimos*, pelo Visconde de Villa Moura; *Medalhas e brazões*, por Mario de Lima; *Audencias de luz*, pelo mesmo; *Nas trincheiras da Flandres*, por Au-

gusto Casimiro; *Pasa el ideal!...*, por José Fabio Garnier; *Primeira conferencia nacional de pecuaria*, por Antonino da Silva Neves; *O problema do ar e da ventilação*, pelo eng. Ranulpho Pinheiro Lima, 324; *Correspondencia de uma estação de cura*, por João do Rio, 465; *Farias Brito e a reacção espiri-tualista*, por Almeida Magalhães, 468; *Na Vida*, de Rufino Fialho, 469; *Proteccionismo ou livre cambio?*, por Isaltino Costa, 469; *A educação popular*, por Firmino Costa, 470; *Vida rustica*, por Carlos da Fonseca, 470; *Anuario do Ensino do Estado de S. Paulo*, 471.

C

Caça: os seus inimigos, por F. Badaró, 296.

Café: durante e depois da guerra, por V. da Silva Freire, 9; a sua lavoura no futuro, pelo dr. L. P. Barretto, 346; os seus adversarios naturaes, transitorios e systematicos, por V. da Silva Freire, 105.

Caricaturas: Maio, 103; Junho, 217; Julho, 350; Agosto, 509.

Camillo: e Guerra Junqueiro, historia de um plagio, por Adalgiso Pereira, 61.

Clarinha das rendas: novella, por Mario Sette, 160, 186.

Colleccionadores: por Constancio Alves, 506.

Comedia: Luizinha, por Vicente de Carvalho, 392.

Comunidades mineiras: por F. J. Oliveira Vianna, 219.

Contos e fantasias: Meu parente, por Godofredo Rangel, 152; Carinha das rendas, por Mario Sette, 160, 286; O destacamento, por Godofredo Rangel, 307; O bebedouro, de Rodolpho Theophilo, 426.

D

D'Annunzio: a sua infancia, 100.

Destacamento: conto por Godofredo Rangel, 307.

Diplomacia secreta: os seus males, por A. Chateaubriand, 209.
Diziam que..., sonetos de Olavo Bilac, 39.

E

Eiró: Paulo, por Amadeu Amaral, 92.
Eieitoral: palavras de philosophia, por L. P. Barretto, 207.
Elisa Lynch: um album de, por A. E. Taunay, 143.
Emilio de Menezes: apreciações de Amadeu Amaral, Antonio Torres, J. Oiticica, M. Mello, J. Luso, 185.
Engenheiro: a missão do, por Miguel Calmon, 341.
Escravidão: a literatura da, por Amadeu Amaral, 43.
Escriptores brasileiros: mortos recentemente, por Tristão da Cunha, 211.
Euclydes da Cunha: naturalista, por E. Roquette Pinto, 20.
Equador: A confederação do, por Pedro Lessa, 338.

F

Ferriados: no Brasil, por João do Norte, 209.

G

Guerra: e o café, por V. da Silva Freire, 9; e a alimentação nacional, pelo mesmo, 259; o seu mais sério problema, 505; a attitude do Brasil perante ella, por Pedro Lessa, 78.

Geographia: no Brasil, por V. Vianna, 82.

H

Historico: Museu, por Max Fleiuss, 340.
Hygiene: por Afranio Peixoto, 353.
Hulha: branca, no Brasil, por Gonçalves Barbosa, 202; negra, no Brasil, pelo mesmo, 204.

J

Jornaes: no Japão, 102.
Junqueiro: e Camillo, 71.

L

Lessa: Pedro, por Celso Vieira, 90.
Leproso, paiz, por Placido Barbosa, 97.
Linguagem: o seu ensino, por Afranio Peixoto, 495.
Literatura: da escravidão, por Amadeu Amaral, 43.
Loucura: e alcoolismo, pelo dr. Franco da Rocha, 494.
Luiz de Bragança: uma carta de D., 500.
Lynch: Um album de Elisa, por A. E. Taunay, 143.

M

Medicina: a antiga e a nova, por Afranio Peixoto, 353.
Meu parente: conto, por Godofredo Rangel, 152.
Menezes: Emilio, apreciações de Amadeu Amaral, Antonio Torres, J. Oiticica, Miguel Mello e João Luso, 185.
Movimento artistico: a exposição de Antonio Rocco, por N., 190.
Mulher forte: as suas qualidades, 101.
Museu: nacional, o seu jubileu, 168; historico, 201; a funcção dos, por Mauricio de Medeiros, 214.

N

Nacionalista: a politica, por José Maria Bello, 205.
Navegação: a vapor no Brasil, quando se iniciou, por J. Carlos de Carvalho, 344.
Notas de Sciencia: por E. Roquette-Pinto, — Technologia scientifica, Os "Gotha", os Cogumelos na pathologia, 70; Um jubileu scientifico, A questão do tempo, O calor solar,

168; Duas conferencias, a ventilação pulmonar, O problema do ar, Impressões digitaes, dos selvagens, 317; Os signaes da hora no Rio de Janeiro; Notas sobre o desenvolvimento mental das creanças, 463.

P

Peixoto: Carlos, um discurso de, 92.

Pintura: por N., 190.

Poetas: no Brasil, a sua cultura, por Antonio Torres, 343.

Poema: de Cava, por Alberto Faria, 432.

Politica: nacionalista, por José Maria Bello, 205.

Poesias: de Olavo Bilac, 39; de Goffredo Telles, 131; de Mario de Alencar, 387.

Philosophia: eleitoral, por L. P. Barretto, 207; de W. James, por José Maria Bello, 134.

Physiologia: D. Pedro II e a construcção de um instituto de, por Miguel Osorio de Almeida, 452.

Plagio: de Guerra Junqueiro, por Adalgiso Pereira, 71.

R

Revista das revistas: 331, 473.

Revista do Brasil: a transferencia do activo e passivo da sociedade anonyma; carta do sr. Ricardo Severo, 215.

Resenha do mez: 76, 185, 335, 479.

Rocco: Antonio, a sua exposição, com illustrações, 190.

Ruy Barbosa: o seu jubileu oratorio, 335, 479; o seu primeiro discurso, 337; discurso do sr. Coelho Netto, 479; resposta de Ruy Barbosa, 481; discurso na Bibliotheca nacional, 483; a

sua carta á Academia Brasileira, 493; O que sobre elle escreveram: Plinio Barreto, 487, A. Chateaubriand, 488, J. M. Bello, 489, Humberto de Campos, 489, João Ribeiro, 490, V. Vianna, 490, O. Duque-Estrada, 491, Antão de Moraes, 491, Heitor de Moraes, 493.

S

Saneamento: e hygiene, as novas possibilidades das zonas calidas, por Monteiro Lobato, 3; do Brasil, discursos de Afranio Peixoto e Miguel Pereira, 78.

Santa Cruz: a terra de, conferencia de Medeiros e Albuquerque, 116.

S. Paulo: antigo, por A. E. Tannay, 94; quadros de Wasth Rodrigues, 347.

Sciencia: notas de, por E. Roquette-Pinto. Vide **Notas**.

T

Tarzan: o homem macaco, 210.

Terra de Santa Cruz: conferencia de Medeiros e Albuquerque, 116.

Theatro: portuguez, por Julio Dantas, 99.

V

Viajando: por Martin Francisco, 406.

Viagens: os livros de, por João Ribeiro, 345.

Vocabulario: analogico, por Firmo Costa, 250.

W

Washington: por Lafayette Rodrigues Pereira, 501.

W. James: a sua philosophia, 134.

INDICE DOS AUTORES

- Adalgiso Pereira, 61.
A. Chateaubriand, 488.
A. E. Taunay, 95, 143.
Afranio Peixoto, 78.
Alberto Faria, 234.
Amadeu Amaral, 43, 92, 186.
Antão de Moraes, 491.
Antonio Salles, 242, 439.
Antonio Torres, 187, 343.
Ataulpho de Paiva, 197.

Carlos Chagas, 362.
Celso Vieira, 90.
Coelho Netto, 479.
Constancio Alves, 506.

F. Badaró, 296.
Firmino Costa, 250.
Franco da Rocha, 494.

Godofredo Rangel, 152, 307.
Goffredo Telles, 131.
Gonçalves Barbosa, 202, 204.

Heitor de Moraes, 493.
Humberto de Campos, 489.
J. A. Nogueira, 97.
João Ribeiro, 345, 490.
João Luso, 189.
João do Norte, 209.
José Maria Bello, 91, 134, 205, 489.
José Carlos de Carvalho, 344.
José Oiticica, 188.

Julio Dantas, 99.

L. P. Barretto, 88, 207, 346.
Lafayette Rodrigues Pereira, 501.

Mario de Alencar, 387.
Mario Sette, 160, 286.
Martim Francisco, 406.
Max Fleiuss, 340.
Medeiros e Albuquerque, 116, 199.
Miguel Calmon, 341.
Miguel Mello, 93, 189, 336.
Miguel Osorio de Almeida, 452.
Miguel Pereira, 80.
Monteiro Lobato, 3.

Olavo Bilac, 39.
Osorio Duque-Estrada, 491.

Pedro Lessa, 78, 338.
Placido Barbosa, 98.
Plinio Barreto, 487.

Rodolpho Theofilo, 426.
Roquette-Pinto, 70, 168, 317, 463.
Ruy Barbosa, 337, 481, 483, 493.

Tristão da Cunha, 211.
Vicente de Carvalho, 392.
V. da Silva Freire, 9, 105, 259.
V. Mello Franco, 302.
Victor Vianna, 82, 490.

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

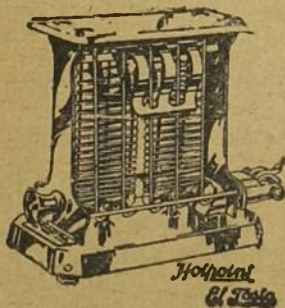
Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

SÃO PAULO

Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escriptorio: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA-Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escriptorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titu-
los — Escriptorio: Travessa do
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 End. Tel. "Anglicus"

■ ■ ■ ■ ■ Armazens de mercadorias e depósitos de carvão ■ ■ ■ ■ ■
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edimburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".
Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartu-
chos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::
:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundi-
ções e fabricas, drogas e productos chimicos para indus-
trias, louça sanitaria, etc.

Descaroçadores de ALGODÃO

Manuaes :

De 12 serras
De 16 serras
De 18 serras
De 20 serras

A motor :

De 40 serras
De 50 serras
De 60 serras
De 70 serras

PRENSAS de enfardar algodão

Não comprem! — sem primeiro pedir informações, gravuras e preços á

Comp. Industrial "Martins Barros"

(Fabricantes e importadores de todo o genero de machinas para a lavoura e industria)

RUA DA BOA VISTA, 46 — Caixa, 6 — S. PAULO

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o início de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.

Urupês

2.a edição

Contos por Monteiro Lobato. — Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wasth Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, « O meu conto de Maupassant », « Pollice verso », Bucolica, O mata-pau, Bocca-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

Sacy-Perêre

Resultado de um inquerito. — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada volume: 4\$000 réis; pelo correio, 4\$500

Edição popular dos URUPÊS, em papel de Jornal: 2\$000; pelo correio, 2\$ 00

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL

Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

Um autographo do Sr. Pedro Lessa

O que, acima de tudo, faz
da Revista de Brasil uma
das leituras mais attractivas e
mais úteis, não é o indiscutível
merito dos seus collaboradores, ou a
excellencia das suas produções; é a
variedade dos seus artigos. Diante de
um numero do Revista de Brasil
o leitor, qualquer que seja a sua
profissão, tem sempre alguma escripta
que lhe interessa ás predilecções
habituaes, ou ás preoccupações do
momento.

Pedro Lessa

BELLI & CO.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"

Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Gallesi, Ribeiro, Western, Union, Watkin's & Appendix
(21 th. Ed. Scotts' 1905)

MATRIZ: São Paulo-Rua Libero Badaró, 109 - 111

FILIAES: Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69

Santos-Praça da Republica, 23

Genova-Piazza Scuole Pie, 10

New York - Brodway, 98

SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adeantamentos. Aceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

Loteria de São Paulo

EM 6 DE SETEMBRO

60:000\$000

Por 16\$000

Vigesimos a 800 réis

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ	MANDIOCA
ARROZ	MILHO
ASSUCAR	FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura**

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

**GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences**

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

**Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.**

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO